As crônicas das irmãs bruxas I

JESSICA SPOTSWOOD

Enfeitiçadas



ARQUEIRO

EnfeiTiçAdaS

O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Título original: *Born Wicked*

Copyright © 2012 por Jessica Spotswood
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com G.P. Putnam's Sons, uma divisão do Penguin Young Readers Group, membro do Penguin Group (USA) Inc.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Ban
preparo de originais: Melissa Lopes Leite
revisão: Carolina Rodrigues, Rafaella Lemos e Renata Dib
diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Elizabeth Wood
adaptação de capa: Miriam Lerner
imagem de capa: Alexandra Sophie
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S749e Spotswood, Jessica
Enfeitiçadas [recurso eletrônico] / Jessica Spotswood [tradução de Ana Ban]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital Tradução de: Born wicked Formato: ePub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-231-4 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ban, Ana. II. Título.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3
13-06445

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Em memória de minha avó, Helen Emanuel, que me fez acreditar

que todas as minhas histórias eram fascinantes.

capítulo

1

Nossa mãe também era bruxa, mas ela sabia esconder melhor do que eu.

Sinto saudade dela.

Nem um único dia se passa sem que eu deseje sua orientação. Principalmente em relação às minhas irmãs.

Tess corre na minha frente, dirigindo-se para o roseiral – nosso santuário, o único lugar em que nos sentimos seguras. As sapatilhas dela escorregam nas pedras do calçamento, o capuz de sua capa cinza cai e revela os cachos louros. Olho para trás, na direção de casa. Uma menina sair de casa sem capa é contra as restrições dos Irmãos, e correr não é um comportamento digno de uma dama. Mas não podemos ser vistas de casa por causa das cercas vivas altas. Tess está à salvo.

Por enquanto.

Ela espera adiante, chutando as folhas mortas embaixo de um bordo.

– Detesto o outono – reclama ela, e morde o lábio com dentes perolados. – Parece tão triste.

– Eu gosto – replico.

Há algo de revigorante no ar fresco de setembro, no céu azul seco, na mistura de cor de laranja, vermelho-escarlate e dourado. A Fraternidade provavelmente iria proibir o outono se pudesse. É lindo demais. Sensual demais.

Tess aponta para a trepadeira que sobe pela treliça. As pétalas das flores estão marrons e se desfazem, o caule se inclina na direção do chão.

– Veja, está morrendo – diz ela, tristonha.

Percebo sua intenção um segundo antes de ela agir.

– Tess! – solto um berro estridente.

É tarde demais. Ela aperta os olhos cinzentos e, no momento seguinte, é verão.

Tess está avançada nos feitiços para uma menina de 12 anos; é muito mais avançada do que eu quando tinha sua idade. As flores mortas se revigoram: inteiras, brancas e exuberantes. Folhinhas verdes brotam nos carvalhos. Peônias e lírios magníficos se agitam em direção ao céu, glorificando-se em sua ressurreição.

– Teresa Elizabeth Cahill! – chamo, contrariada. – Faça voltar ao que era.

Ela abre um sorriso encantador e saltita adiante para sentir o cheiro dos lírios alaranjados.

– Só alguns minutos. Fica mais bonito assim.

– Tess.

Meu tom não dá margem para nenhuma discussão.

– Afinal, de que adianta tudo isso se não podemos usar para deixar as coisas mais bonitas?

Até onde sei, “tudo isso” não serve para muita coisa. Ignoro a pergunta de Tess.

– Agora! Antes que a senhora O’Hare ou John saiam de casa.

Tess balbucia um feitiço *reverto* sem abrir a boca. Concluo que fez isso para o meu bem. Diferentemente de mim, ela não precisa falar em voz alta para lançar um encanto.

As flores murcham na trepadeira, as folhas se esfarelam sob os nossos pés, as marias-sem-vergonha se despedaçam. Tess não parece nada feliz com isso, mas pelo menos me ouve. Já é mais do que posso dizer sobre Maura.

Passos ecoam nas pedras do calçamento atrás de nós. É a marcha apressada e pesada de um homem. Dou meia-volta para encarar o intruso. Tess chega mais perto e contenho o ímpeto de abraçá-la. Ela é pequena para a idade, mas eu a faria ficar assim para sempre se pudesse. Uma criança estranha e bonita está mais segura do que uma mulher estranha e bonita.

John O’Hare, nosso cocheiro e pau para toda obra, dá a volta na cerca viva.

– Seu pai está chamando, senhorita Cate – bufa ele, com as bochechas barbadas e vermelhas. – Ele está no escritório.

Dou um sorriso educado e enfio uma mecha solta de cabelo embaixo do capuz.

– Obrigada.

Espero até que ele vá embora. Então me viro, puxo a capa de Tess de modo a cobrir seus cachos e me abaixo para tirar a poeira de sua barra de renda esfarrapada.

Meu coração bate forte. Se ele tivesse aparecido dois minutos antes, se tivesse sido o Pai ou os Irmãos em uma visita surpresa, como iríamos explicar que este canto do jardim estava ganhando vida nova?

Não teríamos como explicar. Era magia, pura e simplesmente.

– É melhor ir ver o que o Pai quer – digo a Tess.

Tento parecer animada, mas o chamado inesperado me deixa preocupada. Só faz alguns dias que ele voltou de Nova Londres. Será que tem planos de nos abandonar em breve, mais uma vez? O tempo que ele passa em casa fica mais curto a cada ano.

Tess olha melancólica para o caminho calçado com pedras que atravessa o roseiral.

– Então, hoje não vai ter treinamento?

– Depois da sua exibição? Não. – Balanço a cabeça. – Você sabe muito bem disso.

– Ninguém poderia nos ver, Cate. Estávamos atrás das cercas vivas. Teríamos escutado, assim como escutamos John se aproximando.

Lanço-lhe um olhar de reprovação.

– Nada de magia ao ar livre, a não ser no roseiral. Foi o que a Mãe me ensinou. Ela criou as regras para nos manter em segurança.

– É, acho que sim.

Tess suspira. Seus ombros magros desabam, e odeio o fato de ter tirado essa pequena alegria dela. Quando eu tinha sua idade, gostava de correr pelos jardins, e imagino que também fosse descuidada com minha magia. Mas eu tinha a Mãe para cuidar de mim. Agora preciso assumir essa função com Tess e Maura e ignorar a garota rebelde que ainda vive no meu coração, implorando para sair.

Vou na frente enquanto andamos até a casa, então entramos pela porta da cozinha e penduramos as capas nos ganchos de madeira. A Sra. O'Hare está debruçada por cima de uma panela borbulhante com seu cozido de peixe horroroso, cantarolando um trecho de uma antiga canção de igreja, balançando a cabeça de cabelo encaracolado e grisalho ao ritmo da música. Ela sorri e faz um gesto na direção da pilha de cenouras na mesa. Tess lava as mãos e começa a picá-las. Ela adora ficar na cozinha cortando, misturando e medindo. Isso não é apropriado para meninas da nossa posição, mas há muito tempo a Sra. O'Hare desistiu de pensar no que é ou não apropriado em relação a nós.

A porta pesada do escritório do Pai está um pouquinho aberta. Consigo vê-lo na mesa de trabalho, com os ombros caídos de exaustão, como se o que ele mais desejasse fosse uma soneca. Mas há uma pilha de volumes grossos encadernados em couro na sua mesa, e não tenho dúvida de que, assim que o nosso assunto estiver concluído, vai retornar a eles imediatamente. E quando terminá-los, há vários outros nas prateleiras, prontos para ocupar seu lugar. Ele é um homem de negócios, sim, mas, em primeiro lugar – e mais importante –, é um estudioso.

Bato na porta e espero autorização para entrar.

– John disse que queria falar comigo.

– Entre, Cate. A senhora Corbett e eu achamos que você devia dar sua opinião a respeito do nosso novo arranjo, já que ele afeta vocês, meninas.

O Pai faz um gesto na direção do canto da sala, onde a Sra. Corbett está sentada feito uma aranha gorda no sofá vermelho de plush, tecendo suas pequenas tramoias.

– Novo arranjo? – repito, e me aproximo da mesa dele.

A Sra. Corbett demonstrava pouquíssimo interesse em nós antes de a Mãe

morrer, mas, desde então, não para de fazer sugestões caridosas. Sua última ideia foi me enviar para uma escola de convento administrada pelas Irmãs. Tive que coagir o Pai e modificar sua memória para que não me obrigasse a ir. Ele só se lembra de achar que não seria prudente me mandar para lá tão pouco tempo depois de perder a Mãe.

Invadir a mente dele foi a coisa mais perigosa que já fiz. Mas foi necessário. Como eu poderia manter a promessa de cuidar das minhas irmãs se estivesse em Nova Londres? Fica a dois dias de viagem.

– Eu acho que... quer dizer, a senhora Corbett sugeriu... – O Pai protela até não poder mais, mas finalmente chega ao ponto – uma governanta! Seria perfeito.

Ah, não.

– Para quê? – pergunto.

O rosto fino do Pai fica corado.

– Para a educação de vocês. Voltarei a Nova Londres semana que vem e passarei a maior parte do outono fora. Isso é tempo demais para vocês, meninas, ficarem longe das suas lições.

Meu coração se aperta. Horas roubadas aqui e ali para corrigir nossa pronúncia em francês e as traduções de latim são o único tempo que passamos com ele ultimamente. Agora não teremos nem isso. Aprendi a não contar com o Pai anos antes, mas não é assim com Tess. Ela vai ficar arrasada.

Tiro a poeira do abajur no canto da mesa dele e digo:

– Maura e eu podemos ensinar Tess enquanto você estiver viajando. Eu não me incomodo.

O Pai, com muito tato, não menciona o fato de que o latim de Tess é infinitamente melhor do que o meu.

– Se essa fosse a única... quer dizer... você está com 16 anos agora, Cate, e...

Ele olha impotente para a Sra. Corbett, que fica mais do que contente em se intrometer.

– A educação de uma moça envolve mais do que línguas estrangeiras. Uma governanta poderia dar um pouco de refinamento a vocês, meninas – declara ela, e me examina de cima a baixo.

Cerro os punhos. Sei qual é a minha aparência: vestido azul-marinho de gola alta sem nenhum babado ou enfeite, as botas gastas que uso para trabalhar no jardim, o cabelo preso em uma trança que cai pelas minhas costas. Não me beneficia nem um pouco. Mas é melhor ser considerada desmazelada do que atrair atenção demais.

– Nós vamos à cidade toda semana para nossa aula de piano – lembro ao Pai.

A Sra. Corbett dá um sorriso amarelo e seus olhos desaparecem em meio às

dobras de gordura em seu rosto.

– Acredito que seu pai esteja pensando em mais do que aulas de piano, querida.

Eu deveria baixar os olhos, como uma boa garota, mas não faço isso. Aquele "querida" adocicado e familiar demais me irrita. Endireito os ombros, levanto o queixo e olho bem nos seus olhinhos reluzentes cor de avelã.

– Como em quê, por exemplo?

– Posso ser sincera com você, senhorita Cate?

– Por favor – respondo, com uma ponta de ironia na voz.

– Você está em uma idade em que já deveria estar pensando no futuro. No seu e no da senhorita Maura. A sua cerimônia de intenção ocorrerá em breve. Não vai demorar muito para que precise fazer sua escolha: casar-se e formar uma família, queira o Senhor, ou juntar-se à Irmandade.

Fico mexendo nas franjas douradas da cúpula do abajur, com as bochechas coradas.

– Sei muito bem quais são minhas opções – rebato.

Como se fosse possível esquecer. Parece que passo metade dos meus dias lutando contra o medo, recusando-me a permitir que o pânico crescente me domine.

– Bom, talvez não esteja sabendo que vocês, meninas, estão ficando faladas. Dizem que são... excêntricas. Intelectuais. A senhorita Maura ainda mais do que você. Ela está sempre com o nariz enfiado em um livro, não é mesmo? Sempre entrando e saindo daquela livraria. Vocês duas não fazem visitas nem recebem ninguém em casa. É compreensível, sem ter mãe para orientá-las. – A Sra. Corbett olha com tristeza para o Pai. – Mas lamentável. Achei que era minha obrigação de amiga dizer a seu pai o que andei escutando.

Claro que sim. Como é enxerida, metida...

Excêntricas, foi o que ela disse. Será que as megeras da cidade andam fazendo fofoca a nosso respeito? E se a Fraternidade ficou sabendo? O Pai é um estudioso de latim de certo renome e é respeitado pelos Irmãos. Antes da morte da Mãe, antes de herdar a empresa do tio em Nova Londres, ele dava aulas na escola de meninos da cidade. Mas isso não basta para assegurar a reputação das filhas. Hoje em dia, ninguém está acima de qualquer suspeita.

Achei que nos manter isoladas seria mais seguro. Talvez eu tenha feito tudo da maneira errada.

Fico de queixo caído, mas o Pai toma meu silêncio como consentimento e continua:

– A senhora Corbett conhece uma moça que daria conta do recado. Ela é fluente em francês, é boa em pintura, música...

Sua voz prossegue em um discurso monótono, mas paro de ouvir. Nossa governanta será exímia em todas as coisas bonitinhas e inúteis que as jovens damas da nossa posição supostamente devem dominar.

E ela vai morar aqui. Bem aqui na nossa casa.

– Então, ela já foi contratada? – indago por entre os dentes.

– Irmã Elena estará aqui na segunda-feira pela manhã – responde a Sra. Corbett, sorrindo.

Irmã? É pior do que eu pensava. As Irmãs são o braço feminino da Fraternidade, só que não possuem nenhum poder: não têm palavra em disputas legais, não criam adendos aos códigos de moral nem julgam os casos de garotas acusadas de bruxaria. Vivem isoladas em conventos nas cidades e dedicam a vida ao serviço do Senhor, educando meninas nos internatos de elite, ocasionalmente trabalhando como governantas. Nunca conheci uma integrante da ordem, mas as vi passando pela cidade em suas carruagens fechadas, todas vestidas de preto. Sempre parecem frágeis e sem alegria. A filha da Sra. Corbett, Regina, teve uma Irmã como governanta antes de se casar.

Será essa a intenção do Pai? Será que essa governanta é especialista em arrumar casamento para meninas incorrigíveis, como Maura e eu?

Eu me viro para ele, com acusações nos lábios. Não disse que queria minha opinião? Mas já tomou sua decisão! Ou outra pessoa a tomou por ele.

O Pai vê a irritação no meu rosto e murcha igual às pobres flores da trepadeira no jardim.

Maldição! Não posso discutir com ele. Desde que a Mãe morreu, não sobrou muito dele com que discutir.

– Se a decisão já foi tomada, precisamos aproveitá-la da melhor maneira possível. Tenho certeza de que ela é adorável. Obrigada por pensar em nós, Pai.

Lanço a ele meu sorriso mais encantador, cheio de dedicação filial. Está vendo? Consigo ser tão doce quanto a torta de morango de Tess quando quero.

O Pai retribui o sorriso com incerteza.

– Não há de quê. Só quero o melhor para vocês, meninas. Quer dar a notícia às suas irmãs ou devo contar a elas no jantar?

Ah... Foi por *isso* que ele mandou me chamar. Nunca teve a intenção de pedir minha opinião. Era só fingimento, porque ele não tem coragem de contar a elas pessoalmente! Assim, quando Maura tiver um chilique e Tess ficar de mau humor, ele vai poder se reconfortar com a ideia de que "*Cate concordou que era melhor assim*". Como se eu tivesse algum poder de decisão nesse assunto.

– Não, não. Eu digo a elas. – É melhor serem grosseiras comigo do que com o Pai. – Vou fazer isso agora mesmo. Tenha um bom dia, senhora Corbett.

A Sra. Corbett tira fiapos invisíveis de sua saia de lã.

– Tenha um bom dia, senhorita Cate.

Faço uma mesura e fecho a porta atrás de mim, amaldiçoando a alma sombria daquela mulher. Ela não faz ideia do perigo em que acaba de nos meter.

Maura está no banco perto da janela, toda encolhida, com uma colcha de retalhos nos ombros, lendo um romance gótico. Esses livros são proibidos, é claro, mas ela tem uma pilha deles escondida debaixo de uma tábua solta do assoalho do armário. Eram da Mãe.

Vou entrando sem bater. Ela fecha o livro, usando o indicador para marcar a página, e me encara desconfiada com seus olhos de safira.

– Já ouviu falar em bater na porta? – pergunta ela. – É a última moda entre as pessoas educadas.

– Ah, sim, sei que você é uma grande adepta das boas maneiras – digo, e dou risada.

– O que foi? – Ela se senta ereta e um pé descalço desponta por baixo da saia azul-marinho. – Fale logo. Preciso descobrir o que acontece com a coitada desta garota. Ela está prestes a ser violentada por um duque.

Reviro os olhos. Belo material de leitura para uma jovem dama. Se o Pai soubesse disso, até ele iria se opor. Mas temos coisas mais importantes com que nos preocupar no momento.

– O Pai resolveu contratar uma governanta. Uma integrante das Irmãs.

Maura dobra o canto da página e larga o livro.

Não é uma sentença de morte certa. Mas vai fazer com que as coisas fiquem mais difíceis, principalmente se ela for do tipo carola e tagarela. Já é bem difícil guardar segredo do Pai, da família O’Hare e de Lily, a nossa aia. Colocar mais uma pessoa em casa, alguém que passará o tempo todo avaliando nossa conduta, vai gerar muitas complicações.

– O Pai que decidiu? – Maura quer saber. – Até parece que ele iria tomar a iniciativa de elaborar um plano assim.

Ela batuca com os dedos na janela. Do lado de fora, a Sra. Corbett está entrando na carruagem, com o vento soprando sua capa. Ela parece um corvo enorme e gordo.

Eu tinha pensado a mesma coisa sobre o Pai, mas não gosto de ouvir Maura falar assim.

– Ah, por favor, não faça essa cara. Sabe que é verdade. – Ela afasta as cortinas de algodão para podermos ver melhor. – Acha que ela quer se casar com ele?

– *Casar* com ele?

O Pai jamais voltaria a se casar.

– Viúvos voltam a se casar, Cate. Principalmente viúvos com três filhas. Acontece o tempo todo nos meus livros. Ela seria uma madrasta dos infernos, não é?

Maura chega mais para o lado e abre espaço para mim. Nós duas espiamos a Sra. Corbett.

– Acho que o Pai não parece nem um pouco interessado – comento.

– Claro que não. O Pai não se interessa por nada além dos livros e dos negócios dele. Ele nunca está aqui. Nós é que teríamos que aturá-la, como faremos com esta governanta.

Maura franze o nariz.

Aguardo a explosão que está por vir. Tess e eu somos aquarela em comparação à tinta a óleo pesada que Maura é, com seu cabelo cor de fogo e seu temperamento igualmente esquentado. Ela é impetuosa. Intratável. Fica irritada com facilidade.

– Talvez não seja tão ruim. Quem sabe uma governanta não consiga animar um pouco as coisas? – diz ela por fim.

Eu me sobressalto e fico encarando-a como se tivesse nascido mais uma cabeça em seu pescoço.

– Você quer uma governanta? Morando aqui? Quando sugiro que vá praticar suas lições de piano, você quase me arranca a cabeça, mas daria as boas-vindas a uma desconhecida qualquer cuja única função é mandar em nós?

– Bom, estou cansada de ver você fazendo isso – resmunga Maura. – Já tenho 15 anos, Cate. Não preciso mais que você fique cuidando de mim. Não sou um bebê igual a Tess. Aliás, nem *Tess* é mais um bebê.

Pego as sapatilhas de veludo azul que ela jogou de qualquer jeito ao lado da cama.

– Eu sei.

– Sabe? Age como se não soubesse.

Maura balbucia alguma coisa sem abrir a boca e a sapatilha na minha mão de repente se transforma em uma aranha. Começa a rastejar pelo meu pulso e subir pelo meu braço. Fico paralisada, mas apenas por um instante.

Não sou uma menina fraca e fresca, que tem medo de coisas que se arrastam na escuridão.

Maura me curou disso. Minha magia se tornou evidente aos 11 anos, mas a dela só se manifestou quando tinha 12, e então explodiu da noite para o dia. Ela ficou desnorteada. Depois que a Mãe morreu, ficou impossível. Estávamos de luto – mal saíamos, a não ser para as cerimônias religiosas –, mas ela não era cuidadosa o suficiente em casa. Eu vivia apavorada com a possibilidade de um

dos vários criados flagrá-la ou, que o Senhor nos livre, de que o Pai a pegasse. Brigávamos o tempo todo por causa de seu descuido. Depois de nossas discussões, fantasmas horripilantes saltavam do meu armário, aranhas subiam na minha cama e faziam teias no meu cabelo. Cobras se enrolavam nos meus tornozelos e lambiam meus pés com sua língua bifurcada.

Aprendi rapidamente a escapar dessas coisas com o pensamento. E a nunca, jamais, demonstrar meu medo. A Mãe nos ensinou que todo o poder de uma bruxa está na mente. Não podemos transformar a matéria, mas apenas a maneira como as pessoas veem as coisas e, em casos muito raros, o modo como se lembram delas.

– *Commuto* – digo, e a aranha volta a ser uma sapatilha.

Jogo-a na pilha com as outras, na frente do guarda-roupa de Tess.

– Você não está morta de tédio, Cate? Eu estou. Se não tivesse os meus romances, eu ia me jogar no rio. – Os olhos de Maura se arregalam quando ela fica em pé e se espreguiça. O tecido de seu corpete se estica. Ela precisa de vestidos novos para acomodar suas recém-adquiridas curvas. – Que tipo de vida levamos aqui, vagando pela casa feito fantasmas? Você nunca anseia por *mais*?

Se anseio? Faz anos que deixei de pensar no que quero. Não tem muita importância. Eu não queria que a Mãe morresse; eu não queria que o Pai se transformasse em uma sombra de seu velho eu; não queria a responsabilidade de tomar conta das minhas irmãs. Eu certamente nunca quis ser bruxa, para começo de conversa.

O Universo nunca levou meus desejos em consideração.

Maura ainda acha que pode fazer com que o mundo se renda à sua vontade. Ela vai aprender.

Uma lembrança vem à tona: eu correndo pelo jardim, perseguida por um menino louro com olhos verdes travessos. Eu deixava ele me pegar e me fazer cócegas até eu perder o fôlego. A maneira como ele olhava para mim, com a testa queimada de sol quase tocando a minha, seu corpo me apertando contra a grama. Como ele dava risada e rolava para longe, com as bochechas vermelhas como o cabelo de Maura... – e de repente ficou claro que estávamos crescidos demais para aquele tipo de brincadeira.

Mordo o lábio – um hábito nada feminino, eu sei, e que Tess pegou de mim.

– O que quer fazer? O que impeço você de fazer? Tomar o chá da tarde na casa da senhora Ishida? Sair para fazer compras com Rose Collier e Cristina Winfield?

– Não. Não sei. Talvez! – retruca Maura, e começa a andar de um lado para outro.

Meu Senhor. Se essas parecem ser opções atraentes, ela está se sentindo mais

solitária do que eu imaginava.

– Ninguém a impede de fazer amigas. Você pode convidar as meninas da cidade para tomar um chá quando quiser.

– Até parece que elas viriam! Elas mal nos conhecem, e nós nos vestimos feito mendigas. Além do mais, você é mais velha, teria que ser a anfitriã, mas prefere ser uma eremita.

Eu me afundo na cama de Maura e aliso a colcha amarela que a Mãe costurou durante uma de suas longas convalescenças. Maura está certa; eu não ia gostar de ficar jogando conversa fora com as meninas sorridentes e acanhadas da cidade. Mas eu poderia fazer isso. Por ela. Para nos manter em segurança.

– É isso que você realmente deseja?

Ela gira o globo antigo que o Pai lhe deu em seu último aniversário.

– Não sei. Quero mais do que temos agora, disso eu sei. Precisamos começar a pensar no nosso futuro, não acha? Como vamos encontrar alguém para casar se nunca saímos de casa?

– Do jeito que você fala, parece que somos reclusas – argumento. – Nós saímos de casa, sim.

– Para ir a cerimônias religiosas e ter aulas de piano. – Maura gira o globo mais rápido, até ele se transformar em um borrão verde-azulado de lugares que nunca vamos visitar. – Para você está tudo muito bem. Vai se casar com Paul, ter filhos e morar na casa ao lado para sempre. Como não vai morrer de tédio é o que não sei, mas pelo menos já está arranjada. Mas e quanto a mim?

Ignoro a provocação.

– Não tem nada arranjado. Ele nem se deu ao trabalho de vir para casa e me visitar, nem uma vez. – Ajeito os travesseiros dela em uma fileira organizada e os afofo com mais força do que o necessário. – Talvez tenha se apaixonado por alguma garota da cidade.

– Nada disso. – Maura lança um sorriso torto para mim. – Ficaríamos sabendo. A senhora McLeod contaria para todo mundo.

O Sr. McLeod é inválido, está confinado à cama, e Paul é o único filho, a alegria da mãe. Os mimos dela o deixam louco. No início, fiquei surpresa de ele ter ido para a universidade. Suas notas na escola nunca foram boas; o Pai teve que lhe dar aulas particulares. Agora desconfio de que ele só quisesse fugir daquela casa horrível. Mesmo assim, não é desculpa para não fazer uma visita. Faz quatro anos que ele não vem para casa. Não veio para o Natal. Nem para o enterro da Mãe.

– Bom, você vai descobrir na semana que vem, não é? – Maura se coloca na frente do espelho e passa o velho pente de casco de tartaruga da Mãe nos cachos. – Está nervosa?

– Não – eu minto. – É só o Paul. Além do mais, estou zangada com ele.

– Vai ter que superar isso. Até porque não há uma fila de homens lá fora loucos para se casar com você. – Maura me avalia, largada na cama dela, toda bagunçada. – Você precisa pedir à governanta que lhe encomende um vestido novo. Algo que esteja na moda. Não pode permitir que ele a veja desse jeito.

– Paul não vai se incomodar.

Será? O menino com quem eu cresci não iria se incomodar.

Preciso colocar meu orgulho de lado e tentar agradá-lo. É isso que uma garota prática faria.

– Olhe só para você! – exclama Maura.

Ela me puxa e me faz ficar em pé ao seu lado. Algumas mechas do cabelo estão fugindo da trança e há uma mancha de tinta na minha manga. Mas, mesmo no meu melhor estado, não posso me comparar a ela. Maura sempre foi a beldade da família. Meu cabelo é liso e louro, com o mínimo traço de ruivo; não tenho os cachos lindos e cheios de brilho de Maura, e meus olhos são de um cinza sem graça, iguais aos do Pai. Pior ainda, meu queixo pontudo passa a impressão de teimosia. Mas este é um segredo mal guardado: as pessoas o descobrem depois de conversarem cinco minutos comigo.

– Sua aparência está horrível – diz ela com toda a franqueza. – Mas poderia ficar linda caso se esforçasse. Você devia se esforçar, Cate. Daqui a seis meses vai ter que se casar com *alguém*. Não pode ficar aqui e nos proteger para sempre.

Faltam seis meses para eu completar 17 anos... mas só faltam três para que eu precise anunciar um noivado. O pensamento acaba com a minha tranquilidade.

Maura tem razão. Ela está dizendo a mesma coisa que a Sra. Corbett: não da mesma maneira e não pelos mesmos motivos. Mas, se a Mãe estivesse viva, Maura e eu frequentaríamos chás, receberíamos e faríamos visitas, mostrando-nos como moças disponíveis para casar. Posterguei isso tudo, com medo de não ser bem-sucedida, de chamar atenção para nós. Mas pelo jeito esperei demais, e o atraso teve o efeito exatamente oposto ao que eu queria.

Não podemos dar motivo aos Irmãos para desconfiarem de nós.

– Acho que devemos dar uma chance à governanta. Seremos cuidadosas – promete Maura.

– Ela vai morar aqui. Nunca vai permitir que você leia seus romances, que Tess continue seus estudos nem que eu passe o dia todo no jardim. – Meu coração fica apertado com esse pensamento. A jardinagem é a única liberdade a que me permiti. Se a governanta me obrigar a ficar dentro de casa o dia inteiro, pintando cestas de frutas, vou enlouquecer. – Se ela perceber o que nós somos...

Maura dá um sorriso debochado e torce seus cachos em um coque frouxo.

– Se ela causar problemas, vamos alterar a memória dela. Não é isso que as

bruxas más fazem?

Eu me viro de maneira brusca para ficar de frente para ela.

– Não tem graça nenhuma.

Minhas irmãs não sabem que sou capaz de fazer magia mental. É uma coisa absolutamente rara e considerada o tipo mais obscuro de magia que existe. A Mãe era a única que sabia, e até ela ficou horrorizada.

Maura prende o cabelo no lugar com grampos.

– Eu só estava brincando.

– Bom, não brinque. Não é correto entrar na mente das pessoas e bagunçar as coisas! É invasivo demais. É...

Eu me detenho antes de dizer *perverso*.

Mas Maura fica olhando fixo para mim pelo espelho, como se soubesse o que estou pensando.

– Nós somos bruxas, Cate. Nascemos assim. A magia não é algo vergonhoso, por mais que os Irmãos queiram nos convencer disso. É um dom. Eu gostaria que você aceitasse esse fato.

capítulo

2

Eu sei o que os Irmãos diriam: a magia não é um dom do Senhor, é coisa do demônio. Mulheres capazes de fazer magia ou são loucas ou perversas. Estão destinadas a um hospício, na melhor das hipóteses, ou a um navio-prisão – se não a um túmulo precoce.

– Parece mais uma maldição – desabafo, então suspiro e ajeito os grampos de cabelo na penteadeira dela.

– Para você! – Maura bate forte com a mão no tampo da penteadeira, fazendo os frascos de vidro tremerem e espalhando os grampos de novo. Os olhos azuis queimam em seu rosto pálido. – Porque tenta fingir que ela não existe. Se dependesse de você, não usaríamos magia nunca. Devíamos aprender tudo o que pudermos e treinar o máximo possível. É nosso direito de nascença.

– Então, treinaríamos magia de manhã e receberíamos as esposas e as filhas dos Irmãos para o chá da tarde? Não acha que essas coisas são um tantinho incompatíveis?

– Por quê? Por que não podemos ter as duas coisas? – Maura põe as mãos na cintura. – Não são os Irmãos que nos impedem, Cate. É você.

Eu recuo, ofendida, e quase derrubo o globo. Uso as mãos para firmá-lo em seu pedestal.

– Estou protegendo vocês.

– Não. Está nos *sufocando*.

– Acha que eu gosto disso? – questiono, e jogo as mãos para o alto. – Estou tentando mantê-las em segurança. Preciso impedir que terminem como Brenna Elliott!

Maura afunda no banco; seu cabelo é tão vermelho quanto os bordos que ladeiam a entrada.

– Brenna Elliott é uma tonta.

Não é tão simples assim, e Maura sabe muito bem disso.

– Será que é? Ou será que foi apenas descuidada? De qualquer modo, acabaram com ela.

Maura ergue uma sobrancelha, cética.

– Ela já era esquisita antes.

– Esquisita ou não, não merecia o que fizeram com ela naquele lugar – rebato.

Brenna Elliott me faz ter pesadelos. É uma menina da nossa cidade, da minha idade. Era comum vê-la caminhando pela rua, conversando profundamente

consigo mesma, cantarolando sem abrir a boca. Mas era uma garota bonita e neta do Irmão Elliott, e todos perdoavam sua excentricidade – até o momento em que ela tentou avisar seu tio Jack que ele ia morrer, um dia antes de isso acontecer. Depois que ele faleceu (bem quando ela havia mencionado, em um acidente de carruagem), seu próprio pai a entregou. Ela foi acusada de bruxaria e despachada para Harwood. Menos de um ano depois, cortou os pulsos. Quando o avô ficou sabendo, afirmou que ela havia sido mentalmente incapaz a vida toda, que sua conversa maluca era resultado de doença, não de bruxaria. Ele a levou para casa para se recuperar. Nas primeiras semanas, tiveram que lhe dar comida feito um bebê e ela se recusava a falar com qualquer pessoa. Até hoje, mal sai de casa.

Agarro o braço de Maura.

– Não sou mandona porque gosto. Estou tentando protegê-las. Não quero que você seja despachada para Harwood. Não vou ficar de braços cruzados para ver Tess com cicatrizes nos pulsos e sem vida nos olhos!

– Shhh! – Maura sibila e faz um gesto para que eu me cale. – O Pai vai escutar.

Não consigo me conter. A ideia de minhas irmãs serem mandadas para longe para sofrer por causa de minha falta de zelo me aterroriza.

Prefiro que elas achem que sou uma megera.

– Vou sair – anuncio. – Vá contar a Tess a respeito da governanta, já que está tão contente com isso.

Desço a escada de madeira com passos pesados, cheia de preocupação. Espero que Tess tenha a sensatez de ver a ameaça que esta mulher de fora pode representar. Se pelo menos eu pudesse ter certeza de que as minhas irmãs teriam mais cuidado, que seriam mais vigilantes em relação ao que pode acontecer conosco...

Prometi à Mãe que iria cuidar delas. Foi em mim que ela confiou: não na Sra. Corbett, não na Sra. O’Hare, nem mesmo no Pai. A segurança delas é responsabilidade minha agora. Mas as duas não facilitam as coisas. Praticam magia sempre que lhes dou as costas, sempre que acham que ninguém vai ver. Elas se divertem com atividades e livros nada convencionais. Ultimamente, Maura anda se rebelando contra minhas regras, brigando comigo por qualquer coisinha.

Faço tudo que posso, mas, de um jeito ou de outro, sempre é demais, ou de menos, ou errado.

A cozinha cheira a canela e maçã. Uma torta esfria no peitoril largo da janela; o vapor escapa da cruz entalhada no meio da massa dourada e embaça o vidro.

Pego minha capa no gancho ao lado da porta e saio apressada. O ar é doce e acre ao mesmo tempo, uma mistura de fumaça das chaminés e das folhas mortas

que cobrem o chão. Meu lugar favorito está logo à frente: um banco no roseiral, embaixo da estátua de Atena. Ali, rodeada pelas cercas vivas altas, ninguém nos vê de casa (a não ser da janela que fica no canto direito do meu quarto).

Sei disso – já conferi.

Desabo no mármore frio e jogo o capuz para trás. Meus olhos são atraídos por uma rosa se desfazendo, com as beiradas amarronzadas e as pétalas espalhadas ao redor do caule. Fixo o olhar.

Novo, penso. *Novo*.

Ela não revive. Não se altera em nenhum aspecto.

Mas sinto a magia em mim. Está ali, em cada respiração, em cada batimento cardíaco irritado, com seus fios diáfanos pulsando e apertando meu peito. Ela provoca, bajula, implora para se soltar. Sempre acontece quando uma forte emoção toma conta de mim. Principalmente depois de eu me conter e não fazer magia durante alguns dias.

Tento mais uma vez: *Novo.*

Nada. Deixo meu corpo cair para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, o queixo aninhado nas mãos. Sou uma bruxa inútil. Tess mal completou 12 anos e é capaz de alterar o jardim inteiro sem dizer uma palavra. Ela provavelmente seria capaz de fazer isso de olhos fechados. Tenho 16 anos e nem consigo fazer um simples encanto silencioso.

Não quero ser bruxa. Eu pararia de usar a magia por completo se pudesse, mas é impossível. Já tentei uma vez, há dois anos.

Foi no inverno depois que a Mãe morreu e a Sra. Corbett e algumas esposas dos Irmãos vieram nos visitar. Elas ficavam repetindo como lamentavam a partida da coitada da minha mãe. Foi de enfurecer. Não conheciam a Mãe nem um pouco; ela nunca gostou de nenhuma delas. Eram só ovelhinhas enxeridas e barulhentas.

Assim que pensei em uma ovelha, a magia ganhou força e ali estava: uma bela criatura peluda no canto da sala, bem ao lado da Sra. Corbett. Chegou até a encostar o focinho na manga dela. Ela se sobressaltou, e eu estava crente de que tinha visto o animal. Já me preparava para os gritos estridentes começarem, pronta para ser presa e arrastada para Harwood.

Maura me salvou com um feitiço *evanesco*. Ela mandou a ovelha embora num passe de mágica.

A Sra. Corbett não chegou a ver a criatura. Nenhuma delas viu.

Depois disso, nunca mais tentei conter a magia. Pratico de maneira muito esporádica e relutante, para evitar que eu perca o controle. Mas sigo as regras que a Mãe estabeleceu para nós. Só podemos usar magia no roseiral. Só podemos falar dela em voz muito baixa e atrás de portas fechadas. Nunca

podemos nos esquecer de como pode ser perigosa, nem de como pode ser perversa nas mãos daqueles que não têm escrúpulos. A Mãe me disse essas coisas várias vezes, sentada neste mesmo banco em que estou agora, enquanto eu a escutava a seus pés, esparramada na grama.

Eu gostaria que a Mãe estivesse aqui. Preciso dela. Não só para nos dizer como manter a magia em segredo do Pai, dos Irmãos, da governanta e de todos os vizinhos, mas para nos ensinar como ser bruxas e damas e a crescer sem perder as nossas melhores e mais verdadeiras partes.

Mas a Mãe não está aqui, e eu estou. É minha responsabilidade descobrir o que fazer para recuperar nossa reputação. Vou fazer visitas às esposas dos Irmãos. Comprar roupas da moda. Sorrir, assentir e dar risada. Vou fazer tudo que estiver a meu alcance para me assegurar de que a nova governanta acredite que somos meninas comuns e de cabeça vazia, que não representam ameaça a ninguém.

Eu não desmoronei quando a Mãe morreu. Não posso desmoronar agora.

– *Novo* – sussurro, e espio por entre os dedos.

Desta vez, a rosa se metamorfoseia em um botão viçoso.

O jardim fica escuro, com as estátuas se avultando fantasmagóricas atrás de mim. Eu me levanto, relutante, e me dirijo para casa. É uma casa antiga de madeira que os avós do Pai construíram quando se estabeleceram aqui. Maura gostaria de morar em uma casa nova na cidade, que tivesse torre e sacada no alto e beirais em cima das portas, mas eu gosto da nossa casa do jeito que ela é: robusta e segura. Se a tinta branca está descascando um pouco, se uma das persianas do segundo andar está meio torta, se faltam algumas telhas no telhado inclinado desde a grande tempestade de agosto passado... bom, John tem estado ocupado. O jovem Carruthers largou o emprego no meio do verão. Quem se importa se parece um pouco que o lugar está caindo aos pedaços? Ninguém nos visita mesmo.

Assim que faço a curva para entrar no jardim propriamente dito, dou um encontrão em alguém.

Recuo aos tropeções, surpresa. É raro encontrar alguém por aqui, a não ser John, nosso faz-tudo. Eu gosto que seja assim. Tess se sente à vontade na cozinha; Maura prefere a companhia dos livros em vez das flores; o Pai raramente sai do escritório, exceto para jantar ou para dormir. O jardim é *meu.*

Sinto uma pontada de irritação com este intruso.

Ele estende o braço para me segurar e um livro cai da sua mão, e é assim que o reconheço: Finn Belastra. Claro que ele estaria com o nariz enfiado em um livro, apesar de eu não saber como ele consegue ler à luz do crepúsculo. Deve ter olhos de gato.

– Desculpe, senhorita Cahill.

Finn ajeita os óculos com o dedo indicador. Ele tem sardas salpicadas feito canela pelas bochechas. E o rosto dele... ele cresceu desde a última vez que o vi. Era um garoto magricela. Agora ele... bom. Não é mais.

– O que está fazendo aqui? – questiono sem nenhuma graciosidade.

E vestido assim? Não sou muito de fazer cerimônia, mas ele está usando uma calça esfarrapada de veludo cotelê marrom, mantida no lugar por um suspensório e uma camisa de trabalho com as mangas arregaçadas até os cotovelos.

Finn tira o chapéu de aba larga. Por baixo dele, seu cabelo grosso é acobreado e espetado para todos os lados.

– Sou o seu novo jardineiro.

Ele deve estar de brincadeira. Mas está carregando um balde cheio de mato.

– Ah.

Não sei o que mais seria apropriado. “Bem-vindo” seria mentira. Não precisamos de mais gente de fora pela casa. Depois que a Mãe morreu, convenci o Pai de que iríamos conseguir nos virar apenas com a Sra. O’Hare, John e Lily. O Pai concordou em deixar as decisões relativas à administração da casa comigo, mas fez questão de contratar uma sucessão de jardineiros. Seu plano mais recente é construir um gazebo perto do lago, com vista para o cemitério.

A Mãe adorava o jardim. O Pai nunca disse nada, mas acho que o mantém bem-cuidado por causa dela. Ele próprio nunca o visita.

– Você *sabe* cuidar de um jardim? – pergunto, sem me preocupar em esconder o tom de dúvida na minha voz.

Não consigo pensar em ninguém que tenha menos habilidade para a tarefa. Os outros jardineiros eram garotos fortes de fazendas próximas, não filhos de livreiro pálidos e intelectuais.

– Estou aprendendo – responde Finn, e estende o livro.

É uma enciclopédia de plantas. Isso não inspira muita confiança.

Eu tenho ajudado, tirando ervas daninhas, plantando bulbos. Gosto de fazer isso. Além do mais, não preciso de um livro para me orientar. Observei a Mãe e John durante anos. Espero que Finn não venha me dar sermões a respeito de novos métodos de irrigação e condições ideais de solo. Ele era o sabichão mais insuportável da escola dominical.

Finn balança o balde pela alça. Seus antebraços são magros, musculosos.

– Seu pai ficou sabendo que eu estava procurando trabalho e fez a gentileza de me oferecer um aqui. Estamos com algumas dificuldades na livraria.

É bem a cara do Pai ter o coração mole, pelo menos no que diz respeito aos livros dele. Nunca o ouvi fazer qualquer objeção à caça às bruxas dos Irmãos, mas fica furioso quando fala da censura que eles impõem.

Enfio as mãos nos bolsos da capa.

– Vocês... a livraria vai fechar? – indago.

– Por enquanto, não.

Finn endireita os ombros, que devem ter ficado bem mais largos desde a última vez que o vi – ou que prestei atenção, pelo menos. Quanto tempo faz desde que realmente olhei para ele? Ele ficou bem bonito; isso não pode ter acontecido da noite para o dia.

– Que bom! Isso é bom – comento.

Finn parece surpreso com o fato de eu me importar, mas a Mãe adorava a livraria. Ela lia muito, assim como Maura e Tess. Assim como o Pai.

Tenho a sensação de que devo dizer mais alguma coisa.

– Bom, não mate as minhas flores – resmungo, e passo a mão em uma roseira em um gesto de proteção.

Finn dá risada.

– Vou fazer o melhor possível. Tenha um bom dia, senhorita Cahill.

– Tenha um bom dia, *senhor Belastra* – respondo, debochada.

Meu humor não melhora no jantar.

O cozido de peixe da Sra. O'Hare é horrível como eu esperava: salgado e mal temperado. Ela é uma excelente arrumadeira, mas não cozinha bem. Espalho manteiga em fatias grossas de pão e ignoro a tigela à minha frente. Tess fica olhando a tigela do Pai e, um momento depois, ele declara que está uma maravilha.

Franzo a testa para Tess até Maura me chutar por baixo da mesa.

Devolvo o chute com mais força e ela pula na cadeira. O pão na minha boca se transforma em cinzas ardidas. Engasgo e estendo a mão para pegar o copo de água.

– Tudo bem, Cate? – pergunta o Pai, erguendo os olhos de seu cozido de peixe milagroso.

– Tudo – declaro.

Maura lança um sorriso angelical para mim. Ela sabe que não vou revidar com magia, nunca faço isso, mas preciso me segurar para não me debruçar por cima da mesa e lhe dar um tapa.

– Acredito que todas vocês estejam sabendo da governanta – diz o Pai.

Ele está sentado na cabeceira da mesa de mogno com Tess e Maura de um lado e eu do outro. Por direito, sou a senhora da casa agora e deveria me sentar na outra cabeceira, mas ainda considero aquele o lugar da Mãe.

Tess e Maura fazem que sim com a cabeça, e o Pai prossegue:

– Ela vai chegar na segunda-feira. Ficarei até quinta para providenciar sua

acomodação, mas depois passarei várias semanas viajando. Talvez não consiga retornar antes da Festa de Todos os Santos.

Tess larga a colher, que cai na mesa com estrépito.

– Isso significa mais de um mês! E o nosso Ovídio?

Eles estavam lendo *As metamorfoses* juntos. É um livro proibido pelos Irmãos: muitos deuses estranhos e idas e vindas. Mas o Pai tem um exemplar escondido.

Bate uma tristeza. Depois que a Mãe morreu, depois que ficou óbvio que ele não teria filhos homens, o Pai começou a ler com Tess e a ensinar a ela as línguas antigas que ele ama. Ela devora as lições dele feito um gatinho faminto, emocionada com qualquer migalha de conhecimento ou sobra de afeição que lhe joga.

O Pai olha para um espaço vazio na parede.

– Lamento muito por ter que adiar nossas lições.

Não lamenta, não. Maura tem razão: as únicas coisas com que o Pai se importa agora são seus livros e seus negócios. A raiva cresce dentro de mim. Será que ele em algum momento percebe quanto Tess o adora? Ele não está aqui para ver como ela anda cabisbaixa pela casa depois que ele vai embora. Sobra para mim animá-la, distraí-la com aulas de magia no jardim e representações teatrais de improviso. Sempre sobra para mim.

– Será que a governanta vai nos ensinar alguma coisa interessante? – pergunta Tess. – Ou só coisas idiotas como desenho e francês?

O Pai pigarreia antes de continuar:

– É... imagino que seja a segunda opção. O currículo de vocês não vai incluir nada que não tenha sido aprovado pela Fraternidade. Sei que não estão acostumadas com isso, mas desenho e francês são habilidades úteis para mocinhas, Teresa.

Tess suspira e fica mexendo a colher no prato. Ela já é fluente em francês, latim e grego. O pai tinha prometido ensinar-lhe alemão.

– O senhor não vai se sentir sozinho? – Maura vai até o aparador e serve uma taça de Porto para o Pai do *decanter* de cristal. – Vai passar tanto tempo fora de casa...

O Pai tosse. Será que anda tossindo mais ultimamente? Ele diz que é só a mudança de estação, mas seu rosto parece tão cansado quanto seus olhos.

– Vou ficar bem ocupado. Reuniões o dia todo.

– Mas não gostaria de ter companhia? Alguém com quem fazer as refeições? – Maura lança um sorriso reluzente e cativante para ele. Ela fica muito parecida com a Mãe quando sorri. – Anda trabalhando demais. Eu posso ir junto e cuidar do senhor. Adoraria conhecer Nova Londres.

Tess e eu giramos na cadeira. Maura tem que saber que ele nunca vai concordar com isso. Ele não sabe o que fazer conosco em casa, muito menos em Nova Londres.

– Não, não, vou ficar bem. E eu não teria tempo para cuidar de você da maneira adequada. Nova Londres não é lugar para uma mocinha sem dama de companhia. É muito melhor que fique aqui com suas irmãs. – O Pai toma uma colherada de sopa, alheio à maneira como o rosto de Maura assume uma expressão desolada. – Agora, vamos falar sobre a governanta. A Irmã Elena recebeu ótimas recomendações da senhora Corbett. Ela foi governanta de Regina.

E Regina se casou muito bem. O Pai não diz isso, mas a ideia paira no ar, pesada como a névoa da noite. Será que é isso que quer para nós? Regina Corbett é uma moça bobinha e sorridente, e seu marido é religioso, rico e tem prestígio. Certamente será convidado para a Fraternidade na próxima vez que tiverem uma vaga. Sempre há doze membros no conselho da cidade, que variam em idade – do ancião Irmão Elliott, avô de Brenna, até o Irmão Malcolm, que tem 20 anos, é bonito e se casou no último outono.

O Irmão Ishida, chefe do conselho local, faz um relatório ao Conselho Nacional em Nova Londres duas vezes por ano. Em geral, no entanto, o Conselho não se envolve nos assuntos das cidadezinhas. Está mais preocupado com a ameaça premente de mais uma guerra com a Indochina, que colonizou a metade ocidental da América, ou com a Espanha, que colonizou o sul. Precisamos tomar cuidado com o Irmão Ishida e o conselho de Chatham. Se soubessem o que nós somos, toda a sua bondade paternal iria desaparecer em um piscar de olhos. Jovens e velhos estão unidos em seu fervor de manter a Nova Inglaterra a salvo das bruxas.

Eu não iria me casar com um membro da Fraternidade nem por todo o dinheiro dos cofres dos Irmãos.

– Eu me lembro da governanta de Regina – diz Maura. Ela está rasgando o pão em pedacinhos em vez de comê-lo. – Ela é jovem. E muito bonita.

Vasculho a memória, mas não consigo encontrar um rosto. Devemos ter visto a governanta nas cerimônias religiosas e cruzado com ela de vez em quando na rua, mas ela só ficou na cidade três meses antes de Regina se casar.

– Encontrei o novo integrante da criadagem – anuncio. – Finn Belastra.

– Ah, sim. – O Pai balança a cabeça afirmativamente. – Passei pela livraria outro dia e conversei com a mãe dele. Marianne me disse que os Irmãos espantaram metade dos clientes deles. Têm a esperança de encontrar alguma coisa proibida e mandar fechar a livraria, imagino. É uma pena termos chegado a este ponto, em que as pessoas têm medo de livros!

Nem mencione o fato de as pessoas terem medo de *garotas*. Eu o interrompo antes que comece a tagarelar.

– É verdade, mas por acaso Finn sabe mesmo cuidar de um jardim?

– Ele é um rapaz muito inteligente. Teria aproveitado muito bem o ensino universitário – afirma o Pai, sem realmente responder à minha pergunta.

Ele fica falando sobre como o rapaz teria ido para a universidade se o pai não tivesse morrido, e que foi uma pena, e tenho certeza de que Finn ficaria muito contente em saber que sua mãe anda falando de sua vida para a cidade toda.

Dou respostas educadas enquanto o Pai retoma seu discurso a respeito da importância do estudo. Acho que a intenção dele é nos incentivar em relação à governanta, mas sou a única que está escutando. Maura pôs um livro discretamente no colo. Tess se distrai ao fazer a chama de uma vela do suporte da parede bruxulear. Olho feio para ela, e ela para com um sorriso cheio de culpa. Balanço a cabeça e empurro a torta de maçã para longe, sem apetite.

Depois do jantar, estamos livres para fazer o que bem entendermos. Quando o Pai está viajando, de vez em quando convencemos a Sra. O'Hare a se juntar a nós para algumas partidas. Costumamos jogar xadrez ou damas, apesar de Tess ganhar sempre nos dois e Maura ser uma péssima perdedora. Na noite de hoje, o Pai se recolhe em seu escritório. Maura sobe para seu quarto sem mal trocar uma palavra com ninguém. Com isso, sobramos Tess e eu.

Sigo minha irmãzinha até a sala. Ela se acomoda ao piano e seus dedos deslizam com toda a graça sobre as teclas. Ela é a única de nós que tem paciência para desenvolver uma habilidade de verdade.

Chuto as sapatilhas para longe e me deito no sofá botonê cor de creme. A sonata de Tess invade a minha alma. Ela costumava tocar antigas baladas folclóricas animadas, e Maura cantava e tocava seu bandolim. Empurrávamos a mobília para os cantos e a Sra. O'Hare se juntava a nós e dançava pela sala. Agora as canções antigas estão proibidas, junto com a dança, o teatro e qualquer outra coisa que traga à tona os velhos tempos antes dos Irmãos, quando eram as bruxas que estavam no poder.

Os dedos de Tess vacilam e param.

– Você ainda está brava comigo? – pergunta ela.

– Não. Sim, estou – respondo, confusa.

Se eu não discipliná-la, quem vai fazer isso? O Pai não sabe sobre a magia, e não pode descobrir. A Mãe tinha certeza de que ele não era forte o bastante para lidar com isso. Ela mencionou a tosse que parecia deixá-lo mais frágil a cada ano. Mas é mais do que isso, apesar de ela não ter conseguido dizer com todas as letras. O Pai reclama da censura dos Irmãos e esconde livros em compartimentos secretos por toda a casa, mas esse é um tipo fácil de rebeldia. Não acho que a

Mãe acreditasse que ele tivesse força suficiente para se opor a eles quando o assunto em questão fosse algo realmente importante. Como nós.

Ela o amava mesmo assim, mas, sinceramente, não vejo como aquilo podia ser considerado um casamento.

Eu me sento e abraço os joelhos contra o peito.

– Você não pode fazer magia em qualquer lugar, Tess. Sabe muito bem que eu não seria capaz de suportar se algo acontecesse com você.

Tess parece muito pequena com sua jardineira de saia cor-de-rosa e o cabelo penteado em duas tranças que se estendem até a cintura. Agora que está com 12 anos, anda me incomodando para que eu permita que ela prenda o cabelo e use saias mais compridas. Suponho que a governanta vai me aconselhar a permitir isso. Não posso impedir que ela cresça.

– Eu sei – diz ela. – Eu também não suportaria se acontecesse algo com você.

Olho para os retratos em cima da lareira. Há um do Pai com os pais dele quando era pequeno, com um cachorrinho adormecido a seus pés. Ao lado, há um quadro de nós cinco: o Pai, a Mãe, Maura, Tess e eu. Tess ainda era bebê, com o cabelo louro-claro brotando feito penugem de dente-de-leão por toda a cabeça. A Mãe olha para ela cheia de amor, uma Madona com o bebê aninhado nos braços. Ela perdeu um bebê entre Maura e Tess: o primeiro de cinco enterrados no cemitério da família.

– Essa governanta... ela vai morar aqui, fazer as refeições conosco, observar cada passo nosso. Mesmo que você ache que é para ajudar alguém... o Pai, ou até eu, ou Maura...

Tess gira na banqueta a fim de ficar de frente para mim. Ela indaga:

– Isso é por causa do que aconteceu no culto religioso na semana passada?

– Não, mas esse é um exemplo perfeito.

Quando estávamos saindo da igreja no domingo passado, alguém pisou na saia de Maura. O vestido dela rasgou (bem no meio do corpete, que estava de fato apertado), mostrando o corselete dela para quem quisesse ver. Teria sido constrangedor se Tess não tivesse pensado rápido e lançado um feitiço *renovo*.

– Maura seria humilhada – argumenta Tess.

– Um pouco de humilhação pública não iria matá-la. Nós a colocaríamos na carruagem, fora de vista, e ninguém mais se lembraria do acontecido depois de alguns dias. Se alguém tivesse visto o que você fez...

– Iriam pensar que, em primeiro lugar, nunca chegou a rasgar – insiste Tess. – Fui muito rápida. Teriam achado que seus olhos estavam lhe pregando uma peça.

– Teriam mesmo? – Não estou tão certa disso. – Os Irmãos andam de olho em tudo que sugere magia e não iam achar que tivesse sido você, mas sim Maura. Sua intenção foi ajudar, eu sei, mas a situação podia ter acabado muito mal.

Tess fica mexendo na manga da camisa.

– Eu sei – sussurra.

– Brenna Elliott. Gwen Foucart. Betsy Reed. Marguerite Dolamore.

Listo os nomes como as tabelas de multiplicação que o Pai nos ensinou. São quatro meninas presas pelos Irmãos no último ano. Gwen e Betsy foram sentenciadas a trabalhos forçados no navio-prisão próximo ao litoral de Nova Londres. As condições lá são pavorosas: trabalho estafante e pouquíssima comida. Ouvi dizer que há ratazanas, doenças, e as garotas geralmente não sobrevivem. Mas Marguerite... ninguém sabe o que aconteceu com ela. Ela desapareceu antes do julgamento, levada no meio da noite.

– Você preferia que fosse Maura? Ou você? – continuo.

Sou dura com ela. Tenho que ser.

– Não. Não, nunca. – As bochechas rosadas de Tess perdem toda a cor. – Não vou mais fazer isso.

– E também vai tomar mais cuidado em casa? Não vai mais fazer magia na hora do jantar?

– Não. Só que... eu queria poder contar a verdade ao Pai. Talvez assim ele ficasse mais em casa. Cuidaria melhor de nós. Desse jeito, nunca vou chegar a lugar nenhum com as minhas lições.

Fico olhando fixo para as florzinhas douradas do tapete. Há tanta esperança na voz de Tess... Ela quer um pai normal, alguém em quem possa confiar para protegê-la.

Mas nós não somos garotas normais. Se o Pai soubesse que entrei na mente dele, fiz com que tomasse certas decisões e ainda destruí sabe-se lá que outras memórias no processo, será que algum dia iria me perdoar?

Quero acreditar que sim, que ele iria compreender. Mas não me deu nenhuma razão para acreditar que lutaria por nós.

Isso só significa que preciso lutar em dobro. Apoio o queixo nos joelhos.

– Não sabemos o que ele faria, Tess. Não podemos arriscar.

Os dedos pálidos de Tess se agitam no colo.

– Não entendo por que ela não confiou nele – ela acaba falando. – Queria que tivesse confiado. Eu queria que a Mãe estivesse aqui.

Ela volta para o piano e encontra um pouco de consolo em sua sonata. Pego a correspondência da mesinha de chá. Há algumas contas para o Pai, uma carta da irmã dele e, para minha surpresa, uma carta sem selo, em escrita rebuscada e desconhecida, endereçada à Srta. Catherine Cahill. Quem escreveria para mim? Deixei de escrever para meus parentes paternos, e a Mãe não tem parentes vivos.

Cara Cate,
Você não me conhece, mas sua mãe e eu já fomos muito amigas. Agora que Anna se foi, eu deveria estar aí para guiar você na ausência dela. Mas não posso lhe dar ajuda nenhuma, a não ser esta: procure o diário de sua mãe. Lá vai encontrar as respostas que procura. Vocês três correm grande perigo.
Com carinho,
Z. R.

A carta desliza dos meus dedos e cai no chão. Tess continua tocando, alheia ao meu pavor.

Não conheço Z. R., mas ela nos conhece. Será que sabe de nossos segredos?

capítulo

3

Para mim, nunca foi fácil ficar quieta na escola dominical. Em uma de minhas lembranças mais antigas, estou me remexendo para lá e para cá nos bancos de madeira. Desconfio que os Irmãos mandaram que fossem construídos assim de propósito, para que não nos sentíssemos confortáveis demais.

Chama-se escola dominical, mas acontece duas vezes por semana: no domingo, antes do culto, e na noite de quarta-feira. São duas classes distintas: uma para crianças com menos de 10 anos, na sala de aula no fim do corredor, para ensinar-lhes orações básicas e as diretrizes das crenças da Fraternidade; outra para meninas de 11 a 17 anos, para nos ensinar como somos perversas.

O ar aqui é sufocante, apesar de o vento soprar frio e fresco através das folhas das árvores lá fora. Os Irmãos nunca abrem uma janela. O Senhor nos livre de nos distrairmos, mesmo que seja por algo tão inofensivo quanto a brisa de setembro roçando nossa pele.

O Irmão Ishida, chefe do conselho local da Fraternidade, é o professor de hoje. Ele não é um homem muito alto, talvez seja só da minha altura, mas sobre o púlpito ele se avulta sobre todas nós. Seu rosto é rígido e a boca está eternamente voltada para baixo, como se ele tivesse se acostumado a fazer cara feia a vida toda.

– Submissão – anuncia ele. – Vocês devem se submeter à nossa liderança. A Fraternidade irá conduzi-las pelo caminho correto e mantê-las inocentes em relação aos males do mundo. Sabemos que vocês *querem* ser boas moças. Sabemos que é apenas a fragilidade feminina que faz com que se desviem. Nós as perdoamos por isso. – A voz dele é cheia de compaixão paternal, mas seus olhos demonstram desprezo ao passarem por nós. – Iremos protegê-las de sua própria teimosia e vaidade. Devem se submeter à nossa ordem da mesma maneira que nos submetemos ao Senhor. Devem pôr seu amor e sua fé em nós da mesma maneira que colocamos a nossa n’Ele.

Maura e eu trocamos olhares de desdém. Amor e fé – até parece.

Na época da Bisavó, a Fraternidade queimava garotas como nós. Claro que temos defeitos, mas eles também têm.

– Jamais iremos levá-las ao pecado e à tentação. De fato, faremos todo o possível para mantê-las afastadas disso. Quando as bruxas estavam no poder, elas não incentivavam as garotas a ocupar seu lugar de direito no lar. Não tinham a menor preocupação em proteger a virtude das meninas. Faziam com que as

mulheres imitassem os homens, usando roupas nada recatadas, cuidando de negócios e até deixando o casamento de lado para viver em uniões nada naturais com outras mulheres. – O Irmão Ishida faz uma pausa para um tremor de repulsa. – Por causa da perversidade delas, foram depostas. Foi pela vontade do Senhor que a Fraternidade tomou seu lugar como governante legítima da Nova Inglaterra.

Fico olhando fixo para o banco de madeira à minha frente, para os cachos louros que se derramam sobre o pescoço de Elinor Evans. Será que o Irmão Ishida está certo? Há quase 120 anos, em 1780, multidões enfurecidas, agitadas pela retórica do Irmão William Richmond, queimaram templos por todo o litoral – geralmente com as bruxas dentro deles. No final, a magia delas não foi suficiente para subjugar seus súditos: não com as bruxas em número tão inferior. O Grande Templo das Filhas de Perséfone, em Nova Londres, foi o último a sucumbir. A maior parte das bruxas foi assassinada; as poucas que sobraram se esconderam.

A voz do Irmão Ishida se eleva, seu rosto fica vermelho, seus olhos negros brilham.

– Nossas regras foram feitas para *protegê-las de si mesmas*. As bruxas eram teimosas e luxuriosas. Perversões daquilo que as mulheres devem ser. O Senhor nos ajude se algum dia elas voltarem a se erguer! Nunca podemos nos esquecer do mal que se perpetuou, da maneira como nossas meninas foram corrompidas e como usavam magia mental em seus oponentes. Aquelas mulheres transformavam seus inimigos em cascas vazias.

Eu posso desdenhar (e desdenho) de muita coisa que o Irmão Ishida ensina, mas não posso desmentir esse trecho feio da história. A Mãe confirmou a veracidade disso. Quando os primeiros integrantes da Fraternidade chegaram à América em busca de liberdade religiosa, tinham permissão para praticar em paz. Mas, à medida que foram ficando mais numerosos, eles e seus seguidores começaram a se posicionar contra as bruxas e foram sistematicamente levados a esquecer suas objeções. Quando as bruxas perderam o poder, os Irmãos descobriram hospícios cheios dos inimigos delas, com seus ocupantes reduzidos a estados infantilizados ou até mesmo à catatonia.

Elinor Evans estremece e ergue a mão. É uma garota gorducha e quieta de 13 anos, cujo pai é o chocolateiro da cidade.

– Será que podemos repassar mais uma vez os sinais de magia mental, senhor?

O Irmão Ishida sorri. A verdadeira magia mental é tão rara quanto dentes em galinhas, mas os irmãos gostam de fazer com que tenhamos muito medo dela.

– Claro que podemos. Dor de cabeça. A sensação de que alguém está puxando o seu cabelo, só que por dentro. E sua memória fica toda nebulosa. – Os olhos do

Irmão Ishida percorrem todo o grupo de garotas. – Mas, se a bruxa for bastante poderosa, não haverá sintomas. Talvez você nunca saiba que ela invadiu sua mente e destruiu uma lembrança. As bruxas são muito inteligentes e muito perversas. É por isso que precisamos caçá-las e detê-las, Elinor, para que não contaminem meninas boas como você.

– Obrigada, senhor – diz Elinor, e ergue o queixo duplo com orgulho.

– Não há de quê. Estamos quase chegando ao fim da aula. Vamos repassar algumas das diretrizes básicas da feminilidade. Senhorita Dolamore! Qual é o propósito mais elevado de uma mulher?

Gabrielle Dolamore se encolhe toda no assento. Sua irmã Marguerite foi levada no mês passado e, desde então, os Irmãos estão prestando muita atenção em Gabby. Ela é uma menina miúda de 14 anos, com bracinhos e perninhas de passarinho.

– Ter filhos e dar apoio ao marido? – sussurra ela.

O Irmão Ishida avança até a beirada do púlpito. É uma figura imponente, todo coberto com a capa escura dos Irmãos.

– Fale mais alto, senhorita Dolamore. Não consigo ouvir.

Gabrielle repete, mais alto.

– Está correto – diz ele. – Senhorita Maura Cahill, a quem deve obediência?

Ao meu lado, Maura se retesa.

– À Fraternidade. Ao meu pai. E, um dia, ao meu marido – responde ela com a voz firme.

– Está correto. E o que devem se esforçar para ser, meninas? Respondam todas juntas!

– Puras de coração, meigas de espírito, castas de virtude – entoamos.

– Isso mesmo. Bom trabalho, garotas. Isso conclui nossa lição. Limpamos a mente e abrimos o coração ao Senhor.

– Limpamos a mente e abrimos o coração ao Senhor – repetimos.

– Podem ir em paz para servir ao Senhor – conclui ele.

Baixamos a cabeça.

– Sentimo-nos agradecidas.

De fato, fico grata por ter terminado. Eu me levanto e arqueio as costas enquanto esperamos as crianças e os adultos se juntarem a nós para o culto. Algumas das meninas passeiam para cima e para baixo na nave, outras se juntam em grupinhos e dão risadinhas. Dou uma cotovelada em Maura, que está olhando fixo para as costas do Irmão Ishida, como se ele fosse um bezerro de duas cabeças.

– *Perversões daquilo que as mulheres devem ser* – imita Maura. – Porque amavam outras mulheres? Ou porque se recusavam a ser submissas à autoridade

de um homem?

Ela tem razão. Os Irmãos dizem que uma mulher ter um relacionamento romântico com outra é um enorme pecado. Mas, em outros lugares com mais liberdade, como em Dubai, mulheres vivem abertamente com outras mulheres – e homens com outros homens. Não é comum, mas não é ilegal.

– Eu o desprezo – declara Maura por entre os dentes, e seu rosto bonito fica distorcido pelo ódio.

– Maura – digo em tom de aviso, e ponho a mão em seu braço.

Viro-me para ver se alguém está perto o suficiente para ouvir. Felizmente, não há ninguém no banco atrás de nós.

Mas Sachiko Ishida está passando pela nossa fileira de braços dados com Rose Collier.

– Você tem que ver os chapéus novos da Cidade do México. São tão bonitos! Todos decorados com penas e flores – fala Sachi bem alto. – Mas o Pai diz que são extravagantes demais. Só foram feitos para chamar atenção, sabe como é. São a mesma coisa que passar blush no rosto. Apenas damas de moral baixa fazem *isso*.

– Ouvi dizer que as garotas de Dubai usam blusas separadas da saia – completa Rose com um sussurro escandalizado. – E às vezes calças, igual a homens!

Sachi engole em seco.

– Mas que coisa indecente! Eu nunca chegaria assim tão longe. O Pai diz que é apenas minha fragilidade feminina que me faz desejar coisas bonitas. – Ela percebe que estou olhando e dá uma piscadela. – Preciso orar mais para me livrar do pecado.

Será que ela está de brincadeira? Nunca vi o menor indício de que Sachi tivesse senso de humor. Ela é a queridinha do papai, um modelo de bom comportamento e a mais popular entre as meninas da cidade. Seu aniversário de 16 anos foi há algumas semanas, e ele ofereceu uma festa grandiosa no jardim, com jogo de croquet e bolo de chocolate. Nós não fomos convidadas.

Seguro um suspiro. Daria tudo para compartilhar as liberdades das garotas árabes. Elas têm direito de herdar propriedades e frequentar a universidade; até receberam o direito de votar. Mas nunca ouvimos falar de bruxas que vivessem por lá. Nunca ouvimos falar de bruxas em *lugar nenhum*. Parece que a maior parte das bruxas do mundo foi atraída para a Nova Inglaterra pela promessa de liberdade – e, no espaço de poucas gerações, todas foram mortas.

Mesmo que as bruxas tivessem permissão para viver abertamente em outros lugares, não há como sair da Nova Inglaterra. As garotas têm mais liberdade nas colônias espanholas ao sul, mas as fronteiras estão fechadas.

Todas as fronteiras estão fechadas para tudo, à exceção de negócios oficiais da Fraternidade e comércio. Imigrantes clandestinos são castigados com a mesma rigidez que as próprias bruxas.

Fugir é impossível. Temos que ficar aqui e resolver nossos problemas. Enfio a mão no bolso e meus dedos roçam o recado amassado de Z. R. Faz quase uma semana que recebi a carta, mas não estou mais próxima de descobrir a identidade da remetente. Não consegui encontrar o diário da Mãe, e na correspondência dela não há menção de ninguém cujo nome comece com Z.

Quem é Z. R.? E de que tipo de perigo ela quer me alertar?

Todas as pessoas de Chatham e das fazendas ao redor estão aqui, enfiadas na igreja de madeira; os cultos são obrigatórios, menos para quem está muito doente. Mesmo quando ficou óbvio que a Mãe estava morrendo (e depois, quando a casa estava no mais profundo luto), não tivemos nenhuma folga. O Irmão Ishida quis que oferecêssemos nosso pesar ao Senhor. Ele jurou que isso nos traria maior consolo. Eu, pessoalmente, não encontrei muita verdade nisso.

Observo meus vizinhos. Os Irmãos estão sentados juntos nos dois primeiros bancos. Suas famílias se sentam atrás, no lugar de honra. Devemos fugir de vícios mundanos como o orgulho e a inveja, mas ser casada com um dos Irmãos é uma espécie de selo de aprovação. As esposas deles são mulheres meigas com o olhar voltado para baixo, mas se vestem bem. Suas saias rodadas se abrem como um leque a seu redor, e as anáguas de tafetá farfalham quando elas se movem. Mangas bufantes se erguem em cada ombro: sentinelas vigiando seus pensamentos para não permitir que nada de vergonhoso se embrenhe ali. E as filhas deles! São retratos pomposos de meninice em tons fortes de amarelo e roxo, de rosa e esmeralda, com o cabelo arrumado no novo estilo *pompadour* em vez dos coques simples que minhas irmãs e eu preferimos.

Uma risadinha presa chama minha atenção. O irmão Malcolm interrompe seu sermão sobre caridade e faz uma careta perante a prova de que nem todos estão totalmente concentrados.

É Rory Elliott. Por um momento, ela sorri por causa de toda essa atenção e joga o cabelo preto comprido para o lado. Então baixa os olhos, recatada, com as bochechas coradas de um rosa igual ao do vestido, e se aproxima de Nils Winfield. Ela pode se dar ao luxo de ser escandalosa porque está prometida a Nils – e o pai dele é o Irmão Winfield.

Os olhos de todas as outras pessoas são desviados dela quando o Irmão Malcolm retoma o sermão. “O Senhor...” blá-blá-blá. Observo Rory e vejo como Sachi Ishida dá uma cotovelada forte nas costelas dela, que solta uma exclamação silenciosa nada feminina, mas cruza as mãos no colo, apruma as

costas e volta a atenção para o Irmão Malcolm. Sachi sorri, e fico imaginando – não pela primeira vez – por que a queridinha da cidade escolheu se juntar a uma garota assim. A mãe de Rory nunca sai de casa. Dizem que é alcoólatra e não sabe quem é o verdadeiro pai de Rory. O marido dela, Jack Elliott, deu seu nome à garota, mas, desde que morreu naquele acidente de carruagem, a família Elliott não quer saber de Rory nem de sua mãe.

Sachi me flagra observando-a. Volto a erguer os olhos para o púlpito, onde o Irmão Malcolm está terminando o sermão.

– Limpamos a mente e abrimos o coração ao Senhor – entoa ele.

– Limpamos a mente e abrimos o coração ao Senhor – ecoa a congregação.

Repito as palavras junto com todo mundo. A Mãe nos ensinou a dizer as orações antes de dormirmos e antes das refeições quando éramos pequenas, mas parecia mais uma questão de hábito do que de fé. Qualquer crença real que eu tivesse no Senhor morreu com a minha mãe.

– Vão em paz. Sirvam o Senhor – recitam os irmãos.

– Sentimo-nos agradecidos.

Nossos vizinhos vão saindo devagar, conversando entre si, trocando notícias. Minha vontade é empurrá-los para longe do meu caminho, dar cotoveladas em suas barrigas moles. Quero ir para casa.

Em vez disso, aliso a saia e espero minha vez de deixar o banco.

A Sra. Corbett está ao lado do Pai, falando sem parar a respeito da governanta. Observo os dois, com a previsão de Maura tinindo nos meus ouvidos. Não é possível que a velha megera esteja mesmo tentando conquistar o Pai. Ele não passa tempo suficiente em casa para ser marido de ninguém. E não precisamos de uma nova mãe – nem queremos uma.

O Pai se esforça e dá um sorriso. Ele era bonito antes, mas o luto perpétuo deixou marcas. Há fios prateados espalhados por sua cabeleira loura e seu rosto é tristonho como o de um cachorro bassê.

– Então deve ficar para o jantar – sugere ele.

Certamente diz isso só por educação.

A Sra. Corbett dá um sorriso afetado. Pelo menos, acho que essa é a intenção dela. Sua boca se retorce em uma expressão um tanto apavorante.

A Sra. Ishida aparece na extremidade do nosso banco.

– Senhorita Cahill! Vou oferecer um chazinho na próxima quarta-feira à tarde e gostaria que se juntasse a nós. A senhorita Maura também, é claro.

O convite para o chá da Sra. Ishida é o mais cobiçado da cidade. Nunca fomos chamadas antes. A Sra. Corbett ergue os olhos com um gesto brusco, com a língua entre os dentes, como uma cobra que experimenta o ar.

Junto as mãos e olho recatada para o piso de madeira.

– É muita gentileza sua pensar em nós. Seria um prazer.

– Adorável – diz a Sra. Ishida. – Esperamos vocês na quarta-feira, então.

Fico imaginando o que teria despertado esse interesse repentino em nós. Olho para Sachi, que cochicha com Rory; as duas cabeças escuras bem juntinhas. Os olhos dela espiam os meus rapidamente, quase soltando faíscas. Será que ela convenceu a mãe a nos convidar?

– É bom para as mocinhas saírem de casa e terem companhia. Não vão fazer os contatos certos ficando reclusas, estudando Cícero – sussurra a Sra. Corbett. – Talvez a Irmã Elena possa ajudá-las a organizar um chá. Precisam receber visitas à tarde.

Ah, não. Se começarmos a frequentar esses eventos, vamos ser obrigadas a retribuir os convites. Para todos os efeitos, eu sou a dona da casa, mas nunca se exigiu de mim que cumprisse essa função. A ideia de ter vizinhas correndo à solta pela casa, metendo o nariz na nossa vida, me deixa apavorada. Não sei como servir chá e bolos e travar conversas educadas. Quando atingi a idade para acompanhá-la nas visitas, a Mãe já estava doente demais, e depois passamos um ano de luto. Sobre o que as pessoas educadas conversam? Não é sobre livros de magia nem sobre mitologia grega. Muito menos sobre jardinagem.

Por mais que eu não queira reconhecer, talvez essa governanta seja útil, no final das contas.

Finalmente, conseguimos abrir caminho pela nave lotada de gente e saímos da igreja. Acima de nós, nuvens de algodão deslizam pelo céu cor de anil. Galhos balançam com a brisa e fazem as folhas darem piruetas até atingirem o chão. Em ambos os lados do caminho calçado, florescem crisântemos brancos. O jardim está precisando de uma limpeza.

A igreja com sua torre branca domina a praça principal da cidade. A cela no porão e a câmara do conselho dos Irmãos servem como prisão e tribunal respectivamente. Toda a cidade de Chatham se estende a partir daqui: o mercado, a papelaria, a loja de chocolates, a livraria Belastras, o ateliê de costura, o boticário, o açougue, a padaria e algumas dezenas de residências. A maior parte dos habitantes de Chatham vive em fazendas nos arredores, onde se plantam batatas e milho, aveia e feno, maçãs e mirtilos.

O Pai escapou das garras mortais da Sra. Corbett e conversa com Marianne Belastra, a mãe de Finn. É uma mulher magra com fios grisalhos no cabelo cor de ferrugem. Ela tem as sardas de Finn (ou ao contrário, suponho), que está ao lado dela e agita a cabeça afirmativamente, todo entusiasmado, concordando com algo que o Pai diz. A irmã dele, Clara, puxa a manga de seu paletó. Ela tem a idade de Tess, mas é alta e desajeitada, com mãos e pés enormes que parecem

desproporcionais em relação ao resto do corpo. Sua saia não tem o comprimento adequado; um pedacinho da anágua aparece por baixo.

– Bom dia, senhorita Cahill – diz uma voz profunda atrás de mim.

Eu me viro. Faz séculos que não escuto aquele rugido seco, mas eu o reconheceria em qualquer lugar.

Como foi possível não tê-lo visto na igreja? Deve ter chegado no último minuto e se sentado atrás de nós.

Eu sabia que Paul logo estaria em casa; todo mundo na cidade sabe disso. Faz semanas que a Sra. McLeod não fala de outra coisa. Ele deve ter chegado alguns dias mais cedo para lhe fazer uma surpresa. Mesmo assim, não posso evitar de ficar olhando fixo para ele. Parece tão mais velho. Um homem de 19 anos, não um menino de 15. Está mais alto (mal bato no nariz dele agora) e tem bigode e barba cortados curtinhos, um tom mais escuro do que o cabelo louro. Parece um cavalheiro e tanto com sua sobrecasaca, bem relaxado e indolente embaixo de um bordo.

– Senhor McLeod, finalmente voltou para casa – digo. – Como vai?

Faço uma mesura e desejo estar usando um vestido mais bonito. Verde-maçã fica lindo em Maura, mas não cai muito bem em mim. Por que não vesti o brocado lilás?

– Muito bem, obrigado. E a senhorita?

Ele troca o peso de um pé para outro. Será que está tão nervoso quanto eu? Seus olhos verdes estão tão fixos no meu rosto que não posso deixar de corar sob aquele exame.

– Muito bem.

Ainda estou irritada com ele.

– A Mãe e eu estamos indo embora. Será que poderíamos acompanhá-la até sua casa? – pergunta ele.

Nenhum cavalheiro jamais se ofereceu para me acompanhar até em casa. Eu deveria me sentir agradecida. Como Maura observou, tão prestativa, Paul é minha melhor chance de encontrar um marido. Se eu não me comprometer logo, o Pai vai se envolver; ou, pior, os Irmãos vão escolher para mim. Podem escolher qualquer um: um viúvo velho solitário ou um devoto na lista dos novos membros da Fraternidade. Eu não poderia opinar sobre a questão.

Ainda assim, Paul nem se deu ao trabalho de voltar para casa para o enterro da Mãe. Garotas não têm permissão de receber cartas de homens a menos que estejam prometidas, mas ele certamente poderia ter escrito para mim se quisesse, em vez de mandar aquela nota seca de condolências ao Pai. Se ele pensasse em mim – se sentisse o mínimo de saudade –, teria escrito. Éramos melhores amigos até o dia em que ele partiu. Este homem na minha frente agora é um

desconhecido.

E eu não sou a Cate despreocupada que ele deixou para trás. Voltar a vê-lo faz com que eu sinta saudade daquela menina. Ela não percebia quanto tinha a perder. Dava mais risada e se preocupava bem menos.

– Deixe-me dizer às minhas irmãs que vou com vocês – comunico.

Maura cumprimenta Paul com entusiasmo e Tess dá um sorriso tímido. Quando aviso que os McLeod vão me levar para casa, Maura fica olhando feio para mim por abandoná-la com Tess à educação enfadonha dos nossos vizinhos. Não posso deixar de dar um sorrisinho debochado. Talvez assim ela tenha uma chance de fazer as amizades que tanto deseja.

Paul me ajuda a subir na carruagem dos McLeod, e me acomodo no assento de couro ao lado de sua mãe. Paul se senta à nossa frente. A Sra. McLeod ajeita o cobertor sobre os joelhos, toda nervosa, tremendo, quando o par de baios começa a avançar. A carruagem aberta deve ser coisa de Paul. Sua mãe é conhecida por ter medo de pegar friagem.

– Bom dia, senhora McLeod – digo. – Como vai?

Ela me lança um sorriso azedo enquanto relata suas dores e mal-estares mais recentes. Paul é o queridinho dela; não acho que ela iria gostar de qualquer garota a que ele desse atenção, mas sempre me considerou especialmente irritante. Desconfio que eu seja ousada demais.

– Como foi a sua temporada de aprendiz? – pergunto.

– Paul se tornou o braço direito do senhor Jones. E foi um aluno e tanto na universidade – ela se gaba. – Conte a ela, filho.

– Até que fui bem, considerando todo o tempo que passei na biblioteca.

Paul baixa a cabeça. Aposto que passou pouquíssimo tempo na biblioteca em comparação ao tempo que passou andando pela cidade e farreando.

– Ele é modesto – afirma a Sra. McLeod.

– Nova Londres é grandiosa. Construções se erguem o dia todo, todos os dias, a não ser aos domingos. Novas fábricas, novos armazéns perto do porto, novas casas para os homens que fazem fortuna com as fábricas. Todas as casas têm luminárias a gás agora. Algumas possuem até toaletes internos!

– Imagine só! – exclama a senhora McLeod, sem fôlego.

– As ruas são uma loucura. Trens vêm e vão o dia todo, trazendo operários do interior em busca de trabalho. Navios chegam ao porto com produtos e pessoas da Europa ou de lugares distantes como Dubai. A cidade está abarrotada. Famílias inteiras vivem apertadas em apartamentos de três cômodos em cima de lojas e tabernas. Esta é uma época fantástica para ser arquiteto.

Não consigo nem imaginar. A única realidade que conheço é a daqui de Chatham. Nunca saí do Maine. Nunca fui além do litoral.

– Tabernas? Não creio que os Irmãos aprovem isso.

Paul dá uma risadinha.

– Eles as fecham com a mesma rapidez com que elas abrem. Há cartazes em todo lugar para nos alertar a não beber nem jogar. – Ele estica os braços por cima da cabeça e não posso deixar de notar como seu terno tem bom caimento. – Estabelecem a regulamentação dos clubes de cavalheiros com mãos de ferro, Jones diz, mas ele me levou ao dele e não dava para acreditar na...

– Paul. Tenho certeza de que a senhorita Cahill não deseja escutar suas histórias escandalosas. – A Sra. McLeod acomoda os pés sobre a garrafa de água quente no piso da carruagem. – Não está com frio, querida?

Eu adoraria escutar histórias escandalosas, mas é claro que não posso admitir. Em vez disso, Paul e eu garantimos a ela que estamos bem acomodados. Respiro bem fundo quando passamos por um pomar com as árvores carregadas de maçãs vermelhas maduras. Do outro lado da alameda, as árvores estão nuas, as frutas já foram colhidas. O ar doce tem cheiro de lar, de outono. Fico imaginando qual deve ser o cheiro de Nova Londres: de fumaça por causa de tantas fábricas? De esgoto por causa de tanta gente e de tantos cavalos?

– E agora, voltou para ficar? – pergunto a Paul.

– Veremos. Senti saudade daqui.

Os olhos verdes dele se demoram nos meus até eu me pegar enrubescendo mais uma vez.

– Não tem sido a mesma coisa sem Paul, não é mesmo, senhora McLeod? – comento com leveza para desviar a atenção.

Ela fica bem contente em enumerar todas as maneiras como a falta do filho se manifesta, como a casa tem andado silenciosa e cheia de tédio, como ela está planejando um jantar para comemorar o retorno dele.

– É claro que você virá, não é? Você, Maura e seu pai – sugere Paul.

– Claro que sim – garanto.

Este é um convite que posso aceitar sem problemas. Os McLeod são nossos vizinhos mais próximos. Quando era pequena, eu entrava e saía da casa deles quase tanto quanto da minha. Sorrio ao me lembrar do tempo em que Paul me desafiava a me equilibrar em cima do muro que dava a volta no chiqueiro dos McLeod. Eu caí, torci o tornozelo e depois desmaiei de dor e de medo. Paul me carregou até em casa, apavorado com a possibilidade de ter me matado. Depois de se assegurar de que eu estava bem, ficou caçoando de mim por ser tão menininha. Passou meses caindo no chão fingindo que desmaiava.

Eu devia ter uns 10 anos na época. A Mãe se recuperava do terceiro bebê que nascia morto, Edward Aaron. A Sra. O’Hare insistiu em me dar banho e colocar uma atadura no meu tornozelo antes que eu tivesse permissão para entrar no

quarto da Mãe. Lembro-me de seu rosto pálido e triste e das sombras roxas sob os olhos inchados. Ela me disse que logo eu precisaria começar a me comportar como uma dama; mostrei a língua para ela e ela deu risada.

A carruagem para diante de nossa casa e Paul salta.

– Volto já, Mãe – diz ele, e me ajuda a descer, pondo minha mão na dobra de seu cotovelo.

Ele se detém bem em frente à nossa porta de entrada e me encara sério.

– Cate, fiquei muito triste ao saber de sua mãe. Ela era uma pessoa ótima – diz ele.

– Obrigada. – Fito a floreira ao lado do terraço. – Apreciamos sua nota de condolências.

– Não foi o bastante. Eu quis voltar, mas estava no início do semestre...

Sim, o momento foi inconveniente. A morte da minha mãe não foi razão suficiente para perder algumas aulas. Não fez diferença o fato de minha mãe lhe dar escondido os doces que a dele proibia. Quando ela estava bem para sair de casa, ele costumava dar cambalhotas por todo o jardim para animá-la e, quando não estava, ele fazia caretas horrorosas para ela pela janela. Era meu melhor amigo e também cresceu com ela, mas não pôde se dar ao trabalho de passar uma semana que fosse em casa por ela.

– Você não conseguiria voltar a tempo para o funeral. Eu sei. Tudo bem – digo, mas não olho em seus olhos, e minha afirmação parece vazia.

Será que ele vai notar?

– Tudo bem, nada. Eu queria dar apoio para sua família... para você... mas... – Ergo os olhos quando ele vacila e ele se inclina mais para perto de mim. Seu cheiro é apimentado, como o de folhas de pinheiro. – Não pude vir para casa. E foi por questões financeiras. Tive orgulho demais para escrever isso na época, e minha mãe iria me matar por lhe contar isso agora. O dinheiro anda curto.

– Ah – balbucio, feito uma idiota.

Nunca precisei me preocupar com dinheiro, nem por um minuto. Sempre parti do princípio de que nosso bom nome é todo o dinheiro de que preciso.

– Você deve ter ficado imaginando por que nunca vim passar as Festas em casa.

Ele me lança um sorrisinho estranho, como se esperasse que eu tivesse pensado nisso.

– Sua mãe disse para todo mundo que você estava com seus primos em Providence.

Achei que ele tivesse feito novos amigos na cidade e houvesse se esquecido de mim.

– Não tínhamos dinheiro nem para isso. Eu teria falido se Jones não tivesse

me oferecido alojamento. Tenho uma dívida enorme para com ele.

Agora me sinto culpada, por todos os meus pensamentos nada generosos.

– Você devia ter me contado. Poderia ter escrito.

– Eu quis escrever. – Paul sorri. – Queria contar tudo a você. Mas por saber que seu pai ia ler primeiro... não senti muita vontade.

– Até parece que eu não iria conseguir contornar o Pai – bufo, afrontada.

Paul ri e dá um passo se aproximando mais... muito mais do que é apropriado. Apenas centímetros nos separam; sinto o calor de seu corpo quase tocando o meu.

– Senti saudade de você.

Também senti saudade dele. Mas era inevitável que nossa amizade se transformasse quando ficássemos mais velhos, e talvez a separação forçada tenha sido boa. Depois que a Mãe morreu, quando Maura se rebelou, manter a magia em segredo foi difícil. Escondê-la de Paul teria sido quase impossível.

– Você consegue me perdoar? Sei que deve ter ficado chateada.

Baixo a cabeça.

– Não, eu...

– Eu conheço você. Vamos lá. Confesse que ficou brava como uma vespa.

Dou um sorriso acanhado.

– Como um ninho inteiro de vespas. Fiquei magoada por você não estar aqui.

Paul pega minha mão. O sorriso desaparece do meu rosto.

– Me desculpa. De verdade – diz ele.

– Paul! – chama a voz queixosa da Sra. McLeod. – Deixe a senhorita Cahill entrar antes que pegue uma friagem!

– De fato, senhorita Cahill, sabemos que flor delicada você é – caçoa Paul.

Reviro os olhos e solto uma gargalhada de desdém nada digna de uma dama.

– De fato.

– Então, você me perdoa?

A mão dele aperta a minha e sinto seu calor, apesar da luva de pelica que separa nossa pele.

– Claro que sim.

Os olhos de Paul examinam os meus.

– Será que posso fazer uma visita amanhã à tarde?

Meu coração bate mais rápido. Como velho amigo? Ou como pretendente em potencial?

Quando perguntei se ele tinha voltado para ficar e ele respondeu *veremos*, o que será que ele quis dizer? Será que tem realmente a intenção de me cortejar? A sensação de pânico que tem me castigado nos últimos meses diminui só um pouco.

De repente, fico muito ciente de que ele continua segurando minha mão.

– Pode. Só que... – franzo o nariz – pode ser que a casa esteja um tanto agitada. Nossa nova governanta chega pela manhã.

– Governanta? – Os olhos de Paul se arregalam. – Que o Senhor a ajude. Por quantas vocês já passaram?

– Esta vai ser a primeira, muito obrigada. O Pai tem sido nosso tutor, mas vai passar a maior parte do outono fora. E como sabe que não nos transformamos em mocinhas extremamente educadas enquanto você esteve fora?

Paul leva minha mão até os lábios, vira do outro lado e dá um beijo na pele nua do meu pulso. Ele já pegou minha mão dezenas de vezes ao longo dos anos, para me ajudar a subir em árvores e em cavalos. Agora é completamente diferente. Fico olhando feito tonta para ele, de queixo caído.

Ele dá uma piscadela e tira o chapéu.

– Porque conheço *você*. Nós nos vemos amanhã, Cate.

capítulo

4

– Ela chegou! – avisa Tess. – Ela chegou!

Ela e Maura saem em disparada pela porta da frente antes que eu possa detê-las. O Pai e eu as seguimos, com mais decoro, mas com a mesma curiosidade. Nossa carruagem vem sacolejando lentamente pela entrada esburacada com a nova governanta. Não estou otimista. Afinal de contas, foi a Sra. Corbett que a recomendou. Aposto que é uma garota de convento, protegida e criada pelas Irmãs para ganhar a vida ensinando meninas chatas e recatadas a se tornarem esposas chatas e recatadas. Espero uma moça toda formal, acostumada a trivialidades sem fim.

Por isso, fico bastante surpresa quando a porta da carruagem se abre de supetão e Irmã Elena salta sem nem mesmo esperar que John ofereça a mão para lhe ajudar. Ela se apressa até o terraço com as anáguas de tafetá farfalhando, avançando como se fosse dona do lugar.

Maura tinha razão. A Irmã Elena é bonita – ou melhor, é linda –, com a pele morena perfeita e cachinhos negros escapando por baixo do capuz. E ela anda na moda (tanto quanto as escrituras dos Irmãos permitem). Seu vestido tem a saia rodada em um tom de rosa-claro que lembra as peônias da Mãe. Uma faixa de seda preta pregueada chama atenção para a cinturinha dela, e sapatilhas de veludo preto enfeitam seus pés.

– Irmã Elena, seja bem-vinda – diz o Pai, e dá um passo à frente. – Estamos felizes por estar aqui conosco. Estas são minhas filhas, Catherine, Maura e Teresa.

– Cate, por favor – corrijo.

– E Tess – corrige minha irmã.

Ela está meio escondida atrás de mim, com a cabeça loura apoiada no meu ombro.

– Certo – diz a governanta. – Se vamos dispensar as formalidades, podem me chamar de Elena. Estou muito contente por conhecer todos vocês. – Ela sorri e seus olhos cor de chocolate se erguem nos cantos. – Tenho certeza de que vamos nos dar muitíssimo bem. Sempre fiquei muito amiga das minhas pupilas.

O Pai parece aliviado, mas fico desconfiada com a ousadia dela. Elena não sabe nada sobre nós, e sua amizade próxima com Regina Corbett não serve de recomendação para *mim*. O Pai pergunta sobre a viagem dela, se a pensão em que passou a noite foi satisfatória, se gostaria de conhecer seu quarto e dar uma

passada no toalete antes de conversarem sobre nosso currículo. Minha paciência começa a fervilhar lentamente.

Elena deve ser apenas alguns anos mais velha do que eu. É integrante das Irmãs, e isso significa que passa a maior parte do tempo enclausurada em Nova Londres. O que pode nos ensinar a respeito do mundo ou sobre arrumar marido?

Recordo as palavras de Paul no dia anterior – "*Que o Senhor a ajude*" – e sorrio.

– Cate? – chama o Pai, e eu me sobressalto; o sorriso louco se esvai do meu rosto. – Pode levar Irmã Elena até o quarto dela?

– Eu levo – Maura se oferece, enquanto pega a valise de couro de Elena e deixa o baú para John carregar. – Vai ficar no quarto em frente ao meu. Tem uma vista linda para o jardim.

– Ah, sim. A senhora Corbett mencionou que a senhorita Cate tem um toque *mágico* para flores.

A língua dela tropeça de leve na palavra, mas olho firme para Elena. Ela me lança um sorriso afável. Talvez seja apenas uma figura de linguagem, mas é uma escolha de palavras bem perigosa.

– Obrigada – agradeço, hesitante. – Gosto mesmo de ficar ao ar livre.

– Minha falecida esposa... – o Pai começa a dizer e então tosse. – Ela passava muito tempo no jardim. Cate herdou o talento da mãe para a jardinagem.

Lanço um olhar assustado para o Pai. Eu não tinha consciência de que ele achava que eu tivesse qualquer talento; esta é a primeira vez que ouço algo assim. Maura leva Elena para dentro, mostra a sala, o escritório do Pai e a sala de jantar antes de conduzi-la até o andar de cima. Maura saltita feito uma criança, ao passo que Elena caminha com tranquilidade, a coluna ereta, passando a mão enluvada pela balaustrada de madeira como se fosse uma rainha. Sigo apressada atrás delas.

– A casa de vocês é adorável – elogia Elena, e faz uma pausa no alto da escada para admirar o quadro da Bisavó.

Ela era uma mulher pequena com cachos louros como os de Tess. Não era bonita: tinha um rosto cadavérico, com tez de leite estragado. Mas era forte. Criou quatro filhos, enterrou dois e fez com que a fazenda continuasse funcionando mesmo depois de uma febre levar seu marido.

Maura joga o cabelo.

– Está caindo aos pedaços. Originalmente, pertenceu aos meus bisavós... Esta aqui é a Bisavó. Ela tem uma cara azeda, não tem? Eu gostaria de me mudar para a cidade, mas o Pai não quer nem ouvir falar disso. A vida aqui no interior é um tédio. Deve lhe parecer terrível depois de toda a animação de Nova Londres.

Em nome do Senhor.

– Não estamos exatamente no interior – retruco. – São só três quilômetros até a cidade. E o Pai nunca vai se mudar, não com o cemitério aqui.

Elena tira de letra a franqueza de Maura.

– Sinto muito pela sua mãe. Imagino que já estejam cansadas de ouvir isso. Perdi meu pai e minha mãe quando tinha 11 anos. As pessoas nunca sabem o que dizer, não é? A senhora Corbett me disse que vocês passaram um ano em luto pesado, o que adiou sua entrada na sociedade. Claro que, com o pai de vocês viajando tanto e sem mãe para apresentá-las, como poderia ser diferente? Mas deve ser bem solitário.

– É, sim – diz Maura de maneira enfática, ao mesmo tempo que falo:

– Nós nos viramos bem.

Subimos a escada, passamos pelo quarto do Pai, pela porta fechada do quarto e da sala de estar da Mãe, pelo meu quarto e pelo de Tess, e finalmente chegamos ao de Elena. Fica bem em frente ao quarto de Maura, do outro lado do corredor.

– Não tem nada de muito grandioso – diz Maura em tom de desculpa, apesar de a Sra. O'Hare e Lily terem passado todo o dia anterior arejando o cômodo e lustrando a mobília de mogno até reluzir.

Elena vai até a janela e empurra a cortina verde para o lado. Além do jardim, os campos se estendem por hectares e mais hectares, o trigo dourado maduro ondula com a brisa.

– A vista é maravilhosa. Que jardim bonito!

Maura coloca a valise de Elena na cama e se joga nela, passando sob o dossel cor-de-rosa.

– Mas vamos ter que dar uma ajeitada na casa, não é mesmo? – insiste Maura, ansiosa para conseguir uma aliada. – Digo, se vamos receber visitas. Cate precisa arrumar um marido logo.

– Maura! – protesto baixinho, morrendo de vergonha.

Será que ela não pode esperar cinco minutos para tocar nesse assunto?

Elena sorri e dentes brancos e simétricos brilham, contrastando com sua pele morena.

– Quando é o seu aniversário, Cate?

– Dia 14 de março – murmuro.

Fico surpresa por a Sra. Corbett não ter contado isso a ela também. Parece que a morcega velha anda bem tagarela.

– Ela tem um pretendente – revela Maura, e eu me seguro para não estrangulá-la.

– Sua cerimônia de intenção está chegando – observa Elena. – Não se preocupe com nada, Cate. Deixe tudo comigo.

Fico olhando para o tapete em tom de rosa-escuro e o ressentimento vai se acumulando dentro de mim mais uma vez. Não sou do tipo que deixa as preocupações para outra pessoa, para começo de conversa. E como posso deixar meu futuro nas mãos de uma desconhecida?

Maura acha que é tudo muito óbvio: vou me casar com Paul. Mas ele não disse se voltou a Chatham para ficar ou se estava apenas fazendo uma visita. E pela maneira como falou de Nova Londres, com tanto fervor... deu para notar que ele gosta de lá. E se ele pedir minha mão em casamento e se mudar?

Como a Mãe achava que eu poderia manter minha promessa quando chegasse à idade de casar? Ela sabia que eu não poderia ficar em casa para sempre.

Preciso encontrar o diário dela. E depressa.

Uma hora depois, estou ajoelhada no assoalho de madeira da sala de estar da Mãe, rodeada pelo conteúdo de sua escrivaninha. Há penas de escrever, cera e pergaminho no chão, espalhados por todos os lados. Uma pilha bem-arrumada de cartas, amarrada com uma fita de veludo, está ao meu lado. Já a li toda... duas vezes. Não existe menção a nenhuma Zuzannah nem Zinnia em lugar nenhum. Quem será a misteriosa Z. R.?

Sei que a Mãe manteve um diário durante aquele último ano; eu interrompia suas anotações nele sempre que entrava em seus aposentos. Nunca consegui encontrá-lo. Mas nunca estive tão determinada a fazer isso quanto estou agora. Preciso da orientação dela. Não apenas em relação à magia, mas em relação ao meu futuro. O que ela queria que eu fizesse?

Vou tateando as gavetas em busca de uma mola ou de uma alavanca que possa revelar um fundo falso. Não há nada. Volto a jogar as coisas nas gavetas, fecho todas e fico parada de pé, frustrada. A própria presença de Elena aqui me incomoda, como sapatos apertados. As preocupações comigo mesma foram adiadas; em vez disso, eu me concentrei em Tess e Maura e na minha promessa. Mas já não posso mais ignorar a realidade. O Pai não contratou Elena para nos ensinar francês e arranjos de flores; ele a contratou para garantir que Maura e eu encontremos um marido.

Os Irmãos têm medo de que as bruxas voltem ao poder algum dia, a Mãe dizia, por isso desprezam a ideia de mulheres fortes. Não temos permissão para estudar nem frequentar a universidade como os homens. Também não podemos ter uma profissão. Mas há algumas exceções notáveis: a parteira da cidade, Sra. Carruthers; a costureira, Ella Kosmoski; e Marianne Belastra – mas a Sra. Belastra só assumiu a administração da livraria depois da morte do marido. As mulheres em geral não recebem permissão para cuidar de negócios.

A Irmandade é tida como uma alternativa ao casamento, e é uma escolha

honrosa. As Irmãs realizam as obras de caridade da Fraternidade: trabalham como governantas e enfermeiras, visitam os doentes e os moribundos, alimentam os pobres. Mas ninguém em Chatham de fato vai para lá há muitos anos. A ideia de passar a vida toda estudando escrituras ou dando aula para meninas órfãs me dá pesadelos. Tenho bastante certeza de que eu iria matar minhas pupilas. Além do mais, viver em um claustro com várias outras mulheres parece sufocante. Tentar manter minha magia em segredo seria arriscado demais.

Não. A Irmandade não é uma opção.

Eu me arrasto para baixo da escrivaninha e passo a mão pela parte inferior do tampo. O diário não pode ter desaparecido. Mas aqui não tem nada. Faço uma careta quando meu sapato prende em um prego no assoalho, então o tiro e examino o estrago que fez na meia. Com certeza a Sra. O'Hare vai me dar outra bronca porque estrago minhas meias mais rápido do que Maura e Tess juntas, e...

Espere.

Recuo bem devagarzinho. A tábua do assoalho mais próxima da parede se inclina sob a palma da minha mão. Puxo o prego que está para fora; ele se solta. Levanto a tábua. Há um espaço vazio embaixo. Enfio o braço até o cotovelo e fico torcendo para não encostar em nada rastejante. Minha mão tateia a madeira empoeirada. Toca algo pequeno, liso e redondo. Puxo o objeto: é só um botão cinza. Deve ter caído ali por acidente. Eu me lembro do vestido a que pertencia: de gola alta, com cada um dos babados debruados de renda preta e uma fileira desses botões nas costas.

Enfio o pequeno objeto em uma gaveta e continuo procurando.

Não há mais nada.

– *Acclaro?* – eu tento, esperançosa, e o poder fervilha dentro de mim.

Enfio meu braço lá dentro de novo, e a ilusão de vazio se esvai quando a ponta dos meus dedos roça em um caderno.

A familiar capa de tecido azul está imunda, mas eu o abraço contra o peito porque é um pedaço dela. Sejam lá quais forem os segredos que contiver, ela vai estar comigo mais uma vez por alguns minutos. A Mãe será capaz de me dizer o que fazer. Ela sempre soube o que fazer.

Agradeço ao Senhor.

– Senhorita Cate?

Ah, esta é exatamente a pose cheia de dignidade em que eu gostaria que a governanta me pegasse: de quatro embaixo da escrivaninha da Mãe, sem um dos sapatos, balançando o traseiro no ar. Pelo menos ela não chegou um momento antes e me pegou produzindo um livro por mágica do nada. Será que ela nunca ouviu falar em bater na porta?

Para piorar a situação ainda mais, dou com a cabeça na escrivaninha quando

me viro para trás.

– Sinto muito por interromper. Eu bati, mas ninguém respondeu – diz Elena, com um sorriso repuxando seus lábios. – O senhor McLeod está aqui para vê-la.

– Eu estava procurando um brinco – minto. – Eu o perdi. Em algum lugar.

– Entendo. Gostaria de alguns minutos para se recompor?

Será que ela está caçoando de mim? Fico ofendida até olhar para mim mesma. Meu corpete está coberto de poeira por eu ter me deitado no chão, o cabelo cai sobre meu rosto e minhas mãos estão cinzentas de sujeira. Não é bem assim que eu quero que um marido em potencial me veja.

Eu me levanto e bato a poeira das mangas em uma tentativa de resguardar algum fiapo de dignidade.

– Sim, acho que vou precisar. Por favor, diga a Paul que já desço.

Na privacidade do meu quarto, pego o diário da Mãe com mãos trêmulas.

Se fosse qualquer outra visita, eu teria fingido estar doente e passaria a tarde lendo. Ninguém jamais imaginaria que eu ficaria dentro de casa por outro motivo que não fosse doença. Estou desesperada para saber que conselhos ela deixou para mim. Eu só tinha 13 anos quando ela morreu; ainda era uma criança. Os três anos até que eu precisasse declarar uma intenção pareciam trinta, principalmente sem ela. Na época, eu não queria escutar nada que ela dissesse sobre casamento e maridos; talvez ela fosse inteligente o bastante para saber disso e então decidiu escrever suas palavras de sabedoria materna. Meus nervos se agitam de ansiedade, como as chaves no cinto da Sra. O'Hare.

Mas é Paul. Não posso despachá-lo. A ideia me incomoda. Apesar de ele ter *me* deixado esperando durante quatro anos.

Pego um dos meus vestidos mais bonitos, cinza-escuro com faixa azul-clara e renda azul na gola. Ajeito o cabelo o melhor que posso e então desço até a sala de estar.

Paul está ali com as pernas compridas esticadas à sua frente. Elena desapareceu – deve ter ido conversar com o Pai a respeito do nosso currículo. Maura e Tess estão bem juntinhas no sofá, tagarelando feito corvos, disparando perguntas a Paul sobre Nova Londres. Ele ocupa mais espaço do que eu me lembrava. Parece muito... masculino, com sua barba, suas botas altas de montaria e o timbre profundo de sua voz, fazendo com que a cadeira de brocado azul de espaldar alto em que está sentado pareça anã. Acho que estou muito acostumada a viver entre mulheres, já que o Pai passa tanto tempo fora. Não que sejamos mulheres muito tranquilas.

Paul se levanta ao me ver e pega minhas mãos.

– Cate – diz ele, e olha para mim com admiração.

Ele já me viu coberta de lama do chiqueiro. Já viu minhas mãos e meu rosto manchados de morangos. Costumávamos rolar na encosta coberta de grama depois do lago até nossas roupas ficarem manchadas de verde. Mas ele nunca olhou para mim desse jeito. De repente, faz com que eu tome consciência de cada centímetro de mim mesma.

– Esse vestido tem a mesma cor dos seus olhos. Você está linda.

Ele declara isso com facilidade e confiança. Como se estivesse acostumado a dizer a garotas que elas são lindas.

Fico corada e me afasto. Não estou habituada a escutar essas coisas e não consigo relacionar muito bem este homem sério e cheio de admiração com o menino sapeca de que eu me lembro.

– Obrigada.

– Tess me disse que seu pai está construindo um gazebo perto do lago. Eu gostaria de ver o progresso.

– Ainda está bem no início. Só ergueram a estrutura ontem.

– Ainda assim. Tenho sentido falta do ar do campo. Quer dar um passeio comigo?

Ah. Na verdade ele não quer ver o gazebo – quer é dar um passeio comigo. *Sozinho*. Paul nunca foi muito sutil mesmo.

– Posso ir junto? – pergunta Tess.

Abro a boca para responder que sim, mas Maura dá uma cotovelada nela. Tess solta um gritinho irritado e, no momento seguinte, Maura está no chão em uma pilha de saias.

– Teresa Elizabeth Cahill! – repreendo. Não sei exatamente o que ela fez, mas tenho certeza de que usou magia. – Nós temos *visita*! – declaro, e aponto com ênfase para Paul.

Ele apenas sorri, com a boca mexendo um pouquinho embaixo do novo bigode. É novo para mim, pelo menos: vai saber há quanto tempo ele o usa.

– Não, não, prossigam – diz ele. – Não sou visita de verdade. Sou praticamente da família.

Maura arqueia as sobrancelhas para mim, mas fico séria.

– Você é visita, *sim*. Não as incentive. E vocês duas deveriam ficar envergonhadas por essa atitude. Estão muito grandes para isso. Tess, peça desculpa.

– Ela que começou – Tess se defende e esfrega a lateral do corpo.

– Porque você agiu feito criancinha – retruca Maura. – Paul não quer dar um passeio com nós três. Ele veio aqui visitar Cate.

Tess dá um belo beliscão em Maura.

– Eu não sou criancinha! Sou mais esperta do que você!

– Vocês duas são um caso perdido. Talvez devam pedir a Elena que lhes ensine a etiqueta adequada para receber visita. – Tomo o braço de Paul e sinto seus músculos se retesarem embaixo da palma da minha mão. – Um passeio seria agradabilíssimo. Por favor. Antes que eu mate essas duas...

Minha ideia é fazer uma saída dramática, mas de algum modo a soleira da porta desaparece e eu piso no vazio. Tropeço para a frente e por pouco não abro a cabeça na mesa do corredor e destruo um vaso antigo de família que foi da Bisavó. Mas Paul me segura. Aliás, ele me segura mais perto do que o necessário.

Ouço um risinho sufocado atrás de mim e dou meia-volta para ver Maura com a mão na boca e os ombros tremendo. Nem Tess consegue segurar um sorriso.

O Senhor me ajude! Minhas irmãs são umas pestes e meu melhor amigo se transformou em um libertino!

Chegamos ao hall de entrada bem quando Elena sai do escritório do Pai.

– Senhorita Cate, deixe-me pegar sua capa. Gostaria que a senhorita Maura a acompanhasse em seu passeio?

– Não, obrigada.

Até parece que já não dei uma centena de passeios sozinha com Paul – no jardim, correndo um atrás do outro no meio do milharal, brincando de esconde-esconde nos arbustos de mirtilos.

Elena nos observa com atenção e eu de repente me dou conta da distância, ou da falta dela, entre o corpo dele e o meu.

– Creio que preciso insistir para que leve uma acompanhante. Posso ir junto se assim desejar.

Ah, céus. Não estou nem um pouco preocupada com a possibilidade de Paul me atacar no jardim.

– Não se esqueça de suas luvas – completa Elena.

Fico corada e me lembro da quentura da boca de Paul na pele fina e delicada da parte de dentro do meu pulso. Talvez ela tenha razão. Nós não somos mais crianças. A maneira como Paul olha para mim... é como se ele também se lembrasse daquele beijo e talvez queira tomar outras liberdades se eu permitir. Nenhum homem jamais me olhou desse jeito. É uma sensação estonteante.

Ainda assim, não gosto nada que Elena me diga o que fazer, muito menos que nos siga e bisbilhote nossa conversa. Já estou bem nervosa do jeito que as coisas estão.

– Onde está Lily? Lily! – chamo.

Nossa aia aparece da cozinha, enxugando as mãos molhadas no avental.

– Senhorita Cate! Eu só estava ajudando a senhora O’Hare a preparar o jan...

– Não se preocupe com isso. Pegue sua capa. O senhor McLeod e eu

precisamos de uma acompanhante para o nosso passeio.

Lily tem grandes olhos castanhos e meigos, como os de uma vaca.

– Sim, senhorita.

Quando estou apropriadamente vestida com minha capa, Paul e eu saímos caminhando pelo jardim, com Lily nos seguindo a uma distância discreta. Gansos voam lá em cima em formações escuras, grasnando no céu granulado.

– Desculpe-me por toda aquela confusão. Minhas irmãs...

– Continuam sendo as mesmas meninas adoráveis de sempre – completa Paul. – Não há necessidade de se desculpar.

– São pestinhas sem educação!

Depois de presenciar o comportamento das duas hoje na frente de Elena e de Paul, estou começando a acreditar que de fato precisamos de uma governanta.

– Elas são animadas – comenta Paul. – Deve ser ótimo ter irmãs. Você tem sorte. Ser filho único é muito solitário.

Não tenho nenhuma lembrança do tempo anterior a Maura, dando seus passinhos hesitantes à minha frente, puxando meu cabelo, enfiando meus brinquedos na boca.

– É mesmo?

– Às vezes. Veja o que acontece com as contas do Pai. Se eu tivesse um irmão para compartilhar o fardo, com quem trocar confidências, seria um alívio.

– Você pode trocar confidências comigo – sugiro. – Somos como irmãos, crescemos juntos, não é?

A boca de Paul se contorce em uma careta.

– É assim que você pensa em mim? Como irmão?

Não sei o que dizer. Eu ainda era criança quando ele foi embora. Já pensei sobre nos casarmos, mas como solução ao problema do meu futuro, não como um devaneio romântico. Tenho lembranças carinhosas do menino que corria atrás de mim pelo jardim, mas o homem à minha frente agora, de barba e bigode, é um desconhecido. Não podemos simplesmente retomar de onde paramos.

– Posso garantir, Cate, que não penso em você como irmã. – Paul para de caminhar. Passa a mão pela barba. Agita os pés. Quando finalmente olha para mim, suas bochechas estão levemente coradas. – Você sempre soube muito bem o que quer, e não vou apressá-la. Temos muito tempo para voltar a nos acostumarmos um com o outro antes de dezembro.

Dezembro? É quando preciso anunciar meu noivado. Será que ele quer dizer...?

Fico encarando-o até Lily se aproximar de nós. Olho tão feio para ela que ela se afasta apressada, balbuciando pedidos de desculpa.

– Sinto muito. Foi ousado da minha parte? – Paul dá um sorriso tristonho. –

Isso aqui não está... não está acontecendo de acordo com os planos. Você disse aquilo sobre sermos como irmãos e não pude suportar a ideia...

– Você tinha um plano?

Lanço um sorriso travesso para ele e passo a mão nas flores da erva-pinheira-de-rosa. Elas têm cabeças de cor vermelho-ferrugem que parecem brócolis e se destacam contra o fundo de arnica.

– Sou tão bobo que tinha. Planejei o que ia dizer no trem.

– No trem? – Fico olhando boquiaberta para ele. – Antes mesmo de me ver outra vez? E se eu tivesse ficado totalmente horrorosa? E se estivesse cheia de espinhas e tivesse queixo duplo?

– Você continuaria sendo a minha Cate. Além do mais, você está linda. Está bem parecida com a sua mãe, sabia?

É o melhor elogio que qualquer um pode me fazer. Desconfio que ele saiba disso. Minha semelhança com a Mãe não é óbvia, como acontece com Maura; meu cabelo tem apenas a mínima sugestão de ruivo e meus olhos são como os do Pai. Mas às vezes vislumbro um quê do nariz fino ou dos ombros determinados dela no espelho.

– Obrigada. Isso significa muito para mim. Mas e se... e se eu tivesse me transformado em uma mulherzinha sem opinião nem nada a dizer além de “sim, senhor” e “como é inteligente, senhor”, do tipo que ri de todas as suas piadas?

Paul dá risada por tanto tempo e tão alto que Lily olha assustada para nós. Acerto uma cotovelada nele.

– Fique quieto!

– Bom, minhas piadas são boas, mas não tão boas quanto essa. Você nunca poderia ser esse tipo de garota.

Paul apoia meu braço no dele e prossegue com a caminhada pelo jardim. Só dessa vez, estou imune ao perfume forte das rosas, do canteiro de mata-lobos tomado por mato.

A única coisa em que consigo pensar é que chegou a hora: o momento que decide meu futuro. Está acontecendo mais rápido do que eu esperava. Não estou pronta. Não sei o que a Mãe gostaria que eu fizesse.

– Não fique com esta expressão tão apavorada. Não estou querendo uma resposta agora. Ainda nem fiz o pedido – diz Paul, e sorri.

– Você é doido.

Mas estou aliviada.

– E você é ainda mais divertida do que eu me lembrava.

Sou mesmo? Não me sinto muito divertida. Talvez ele tenha atribuído a mudança ao fato de eu ter crescido, de ter me tornado uma moça. Talvez seja assim que todas as garotas se sentem: sufocadas e mudas.

– A vida com você nunca será chata, e é exatamente isso que eu quero – continua ele. – Pense no assunto, Cate. É só o que peço. Pode fazer isso?

– Acho que sim. Só que... você não disse quanto tempo vai ficar em Chatham. Vai voltar a Nova Londres em breve?

Paul para diante da nossa pequena fonte: uma estátua de Cupido com água saindo do arco.

– Acabei de voltar. Está tentando se livrar de mim? Há mais alguém... outro pretendente?

– Não – solto antes de pensar.

Por acaso as garotas não devem ser recatadas e misteriosas? Talvez eu deva deixá-lo pensar que tenho meia dúzia de homens à disposição. Mas ele logo descobriria que não é verdade.

– Ah. – Paul se inclina para baixo e seu hálito quente faz cócegas no meu pescoço. Sua voz é rouca como um sussurro: – Você iria sentir a minha falta se eu partisse de novo? É isso?

Dou um passo me afastando dele, muito ciente de estarmos sendo observados por Lily.

– Perguntei se tinha voltado para ficar e você respondeu “Veremos”. O que isso significa?

Minhas palavras saem mais afiadas do que eu pretendia.

– Significa que voltei para ver você. Existem muitas garotas em Nova Londres, Cate, e posso ter enlouquecido um pouco no início. Posso ter feito visitas a algumas delas, até ter acreditado que estava apaixonado. Mas nenhuma delas era você. Então, depois que meu período como aprendiz terminou, resolvi voltar para casa. O que vai acontecer a seguir... suponho que depende de você. Sei que ficou aborrecida comigo. Chegou a sentir saudade de mim? Ainda que só um pouquinho?

Não posso deixar de rir de seu biquinho fingido.

– Claro que senti saudade. Mas eu... – Olho para baixo, acanhada. – Onde pretende morar? Aqui ou em Nova Londres?

– Ah. Entendi. – Paul volta a ficar sério. – Acredito que não haja muito serviço para um arquiteto aqui em Chatham. Jones me ofereceu uma posição como seu assistente. Economizei um pouco e, se nos casarmos, posso conseguir uma casa em uma parte decente da cidade. Minha Cate não iria ser feliz em um apartamentinho apertado sem jardim.

Minha Cate. Isso é ao mesmo tempo doce e surpreendentemente possessivo. Há quanto tempo ele está economizando para alugar uma casa para nós? Quanto tempo faz que pensa na ideia de me pedir em casamento? Parece aquela vez que eu caí da cerca do chiqueiro, quando fiquei totalmente sem ar. Paul desvenda

minha expressão.

– Acho que você iria gostar da cidade depois de se acostumar com ela – diz ele, cheio de esperança.

Olho para as dálias amarelas de pétalas pontudas agrupadas na base da fonte. Eu nunca quis morar na cidade. Mas, se fosse só eu, talvez pudesse me acostumar.

– Não posso abandonar minhas irmãs.

Paul deixa a cabeça pender para o lado, claramente confuso.

– Elas podem nos visitar. Serão sempre bem-vindas.

Ele não compreende. Como poderia?

– As coisas são diferentes agora. Sem a Mãe.

Saio em disparada, caminhando o mais rápido que minhas saias e meu corselete permitem. Se eu não puder me casar com Paul, o que vou fazer? O medo toma conta de mim. Talvez a Mãe sempre tenha achado que eu iria me casar e me mudar para longe. Talvez minha promessa devesse durar apenas enquanto Maura e Tess fossem pequenas. Maura sempre diz que já não precisam mais de mim tanto quanto antes.

Eu gostaria de poder acreditar nisso. O aviso de Z. R. me volta à mente. *Vocês três correm grande perigo.* Mas por quê? Será que alguém mais sabe sobre a nossa bruxaria?

Paul se apressa atrás de mim.

– Sei que isso pode parecer muito repentino, depois de eu ter passado tanto tempo longe. Apenas pense no assunto. Por favor.

Assinto com a cabeça e tento segurar as lágrimas. Isso é ridículo. Agora ele vai pensar que eu sou *mesmo* uma flor delicada.

Serpenteamos pelo jardim na direção do som de marteladas.

Lily segue atrás de nós e vai colhendo um buquê para a mesa da cozinha. Na encosta da colina, Finn Belastra está ajoelhado no esqueleto do gazebo, martelando as tábuas do assoalho no lugar. Ele parece estranho em mangas de camisa, com um martelo na mão em vez de um livro.

– Aquele é Finn Belastra? – pergunta Paul. – O filho do livreiro?

– É, sim. Ele é nosso novo jardineiro. – Ergo a voz. – Senhor Belastra, o gazebo está ficando bonito!

– Está feliz por me ver longe de suas flores, não é mesmo? – brinca Finn. Ele tem os dois dentes da frente separados. Isso deixa seu sorriso muito encantador. Ele estende o braço para uma pilha de papel e os abana para mim. – É tudo uma questão de seguir instruções!

– Belastra! – chama Paul, e o sorriso de Finn desaparece. – É bom vê-lo. É verdade que adotou a horticultura? Ou está planejando roubar o meu serviço?

– O senhor McLeod é arquiteto agora – explico, então faço uma careta ao detectar o tom de orgulho na minha voz.

Estou agindo como se já estivesse comprometida, como se de algum modo as conquistas dele refletissem bem em mim.

Finn se levanta meio desequilibrado para apertar a mão de Paul.

– Bem-vindo de volta, McLeod. Aproveitou bem seus estudos?

Paul dá de ombros.

– Aproveitei o suficiente. Não passei tanto tempo na biblioteca quanto minha mãe ou meus professores gostariam, mas me virei bem. Não como você. Cate, já lhe contei como Belastra era capaz de identificar qualquer ponto no globo? Sempre deixou o resto de nós no chinelo. Os Irmãos costumavam tentar superá-lo, mas também nunca conseguiram. E não só em geografia. O homem é brilhante.

– Você me dá crédito demais – contesta Finn.

Paul balança a cabeça.

– Você era o melhor da turma em todas as matérias. Todos tínhamos inveja.

– Tinham uma maneira bem estranha de demonstrar – balbucia Finn, e volta para suas plantas.

De repente percebo que, apesar de Paul estar sendo espirituoso, eles não gostam muito um do outro.

Paul dá uma risadinha.

– O coitado do Belastra costumava ser muito maltratado. Garotos são criaturas cruéis. Os Irmãos raramente intervinham, mas o seu Pai...! Pelo Senhor, nunca o vi tão irritado. Ele estava dando aula de latim uma vez e nos pegou chutando os livros de Belastra pelo pátio da escola. O sermão que ele deu teria feito até uma pedra se sentir culpada.

– O Pai sabe ser bem eloquente quando quer – comento.

Principalmente em se tratando de livros. Imagino se ele teria demonstrado a metade do fervor se tivesse pegado os meninos chutando Finn.

Paul faz força contra a estrutura do gazebo, como se estivesse testando sua solidez.

– Fico surpreso por você não estar na universidade, Belastra. A vida acadêmica seria ideal para você. Já eu passava a maior parte do tempo circulando pela cidade.

O sorriso de Finn diminui atrás de seus papéis.

– Alguns diriam que isso vai contra o objetivo da universidade.

Fico triste ao me lembrar do Pai falando sobre como Finn daria um ótimo universitário.

– Bom, de todo modo, estou feliz por estar de volta. – Paul lança um olhar

carinhoso para mim. – Vamos até o lago, Cate? Que tal?

As árvores ao redor do lago inclinam as copas douradas, fazendo oferendas coloridas para o céu. Paul pega uma pedrinha e faz com que ela saltite pela superfície espelhada. Conto em voz alta, como costumava fazer quando éramos crianças: dois, quatro, seis, oito pulinhos antes de afundar.

Tento me concentrar na beleza ao nosso redor. Nos gansos que vão grasnando em seu caminho para o sul. Nas recordações de Paul. Mas meus olhos são atraídos pelo cemitério da família do outro lado do lago. Ao fundo, com as lápides lisas gastas pelo tempo e desmoronando, estão os túmulos do Bisavô e das duas menininhas que sucumbiram à febre. A Bisavó está enterrada ao lado do marido. O tio do Pai, de quem ele herdou a empresa de transportes, outra tia e outro tio, e um primo bebê, que morreu quando era bem pequeno; estão todos ali por perto. Depois há o túmulo em que os pais do Pai foram enterrados: o Avô antes de eu nascer e a Avó quando eu era tão pequena que ela é apenas uma memória dos novelos macios que eu enrolava para ela e do cheiro de laranja que ela adorava. Ao lado do túmulo deles está aquele onde a Mãe repousa. *Esposa amada e mãe dedicada.* Há também uma citação. Poesia.

Ao lado do túmulo da Mãe há cinco pequenas lápides enfileiradas. Três irmãos que morreram antes de dar um único suspiro. Um que viveu durante dois meses gloriosos, durante os quais a Mãe ficava cantando pela casa. Então há o último pequeno túmulo: Danielle. Aquela que a parteira implorou à Mãe que não tivesse, pelo bem de sua própria saúde. Aquela que acabou por matá-la.

De todo modo, era apenas mais uma menina.

Não posso deixar de me perguntar por que nós não bastávamos... por que a Mãe estava tão determinada em dar um filho ao Pai. Um filho poderia ter garantido que a casa e os negócios permanecessem na família em vez de passarem para nosso primo Alec. Um irmão poderia ter garantido um belo dote para que nos casássemos bem. Mas nada disso substitui a orientação de uma mãe.

– Cate? Está tudo bem com você? – indaga Paul, olhando para mim com atenção.

Forço um sorriso.

– Ah, acho que eu estava sonhando acordada.

Ele sorri, obviamente depois de chegar à conclusão de que estou pensando no pedido dele.

– Tudo bem. Preciso ir andando. Você sabe como a Mãe detesta me perder de vista – brinca ele, e confere o relógio de bolso.

Era do pai dele; ele o ganhou logo antes de partir. Eu me lembro de como ficou orgulhoso, mostrava para todo mundo. A Mãe disse a ele que todo

cavalheiro deveria ter um.

– Esse seria um benefício de mudar para Nova Londres, sabe? Se ficássemos aqui, a Mãe iria insistir para que morássemos com eles. Ela tem boa intenção, mas iria deixá-la louca com tanta implicância. E ela deixa a casa sempre quente como o Hades.

Dou risada, mas apenas porque esta é a reação esperada. Eu não iria gostar nem um pouco de ser a nora de Agnes McLeod, com ela olhando o tempo todo por cima do meu ombro, comunicando sua desaprovação em sua linguagem corporal. Mas eu faria isso. Se Paul não estivesse tão determinado a se mudar para Nova Londres, eu poderia me casar com ele e morar na fazenda vizinha.

Agora parece impossível. A menos que o diário da Mãe me libere da minha promessa, terei que dizer não, e Paul não vai entender por quê. Tudo estará perdido, e eu vou ter que encontrar outra pessoa para se casar comigo, e rápido, antes que os Irmãos sintam necessidade de se envolver.

A menos que... não. Mando a ideia embora com a mesma velocidade que ela surge. Não vou forçá-lo. Já é bem ruim eu ter que guardar segredos dele. Não vou ter um casamento baseado numa traição.

Franzo a testa para meu reflexo no lago, desejando com todas as forças que eu não fosse uma bruxa.

capítulo

5

Estou prestes a correr para o andar de cima quando Elena salta da sala de estar como um boneco de mola assustador de tão animado. Será que ela estava ali à espreita, esperando que eu entrasse em casa? Espero que não ache que eu vá lhe contar o que aconteceu durante a visita de Paul.

– Podemos dar uma palavrinha, senhorita Cate?

– Eu... Sim, claro que sim.

Ela me conduz de volta à sala de estar e faz um gesto para o sofá. Como se a casa fosse sua, não minha. Ela se senta na cadeira de brocado azul e espaldar alto em que Paul se sentara pouco antes, mas enquanto ele se jogou nela com as pernas estendidas, ela se empoleira toda delicada, com as costas bem eretas, a saia rosada formando uma poça ao redor de seus pés.

– Você aparenta não gostar de falsidades, por isso, vou ser direta – diz ela, e cruza as mãos bem direitinho sobre o colo. – Você é a mais velha. Suas irmãs se espelham em você.

Abro a boca para protestar, mas ela detém minhas palavras com um aceno.

– Elas fazem isso, mesmo que não queiram admitir. Para que meu tempo aqui seja proveitoso, vamos ter que nos entender. Imagino que você não queira uma desconhecida qualquer entrando na sua casa e circulando por aí. Mas é óbvio que seu pai está preocupado com o fato de vocês, meninas, crescerem sem uma influência feminina, e suponho que uma governanta seja melhor do que uma madrasta, não é mesmo?

Pelo Senhor, todo mundo está me pegando de surpresa hoje!

– Minha intenção não é mandar em você nem agir como sua mãe. Eu mal completei 18 anos – confidencia. – Não faria sentido fingir que sou muito mais experiente. Mas, se conseguirmos chegar a um entendimento mútuo, acredito que o tempo que eu passar aqui pode ser benéfico para nós duas.

Eu me inclino para a frente, curiosa.

– Como assim?

– Parece que vocês andam isoladas desde a morte de sua mãe. Maura sente falta de companhia. Posso ser amiga dela. Vamos ser honestas? Meu trabalho aqui não é exatamente ensinar francês a vocês... aliás, soube que Tess já é bem fluente... Minha tarefa é ensiná-las a conversar com pessoas maçantes das quais vocês não gostam. Sejam quais forem suas razões para se manterem afastadas... – ela me encara com um olhar que é mais do que um pouco perturbador – ...

obviamente estão começando a chamar atenção. A senhora Corbett diz que ganharam a reputação de serem intelectuais demais.

Ela faz uma breve pausa, então continua:

– A Fraternidade é bastante firme em relação ao papel das mulheres. Devemos ser vistas, e não ouvidas. Os homens querem esposas meigas e complacentes, não inteligentes e cheias de opinião. Vocês precisam aprender a ser mais agradáveis, Cate. Para sua própria segurança. Posso ajudá-las.

Estreito os olhos.

– A nos transformar em bonequinhas bonitas?

– A se transformarem em mulheres que sabem quando ficar de boca fechada. – A voz de Elena é igual a um chicote, e me encolho como se ela tivesse me acertado. – Já lhe ocorreu que nem todas as mulheres que se recusam a zombar das convenções são desmioladas? Talvez isso signifique que são inteligentes o bastante para passarem despercebidas.

Será que ela quer dizer que essa nossa reputação é minha culpa? Que cuidei mal das coisas porque não sou *inteligente* o suficiente? Mantive minhas irmãs longe de Harwood, longe da Fraternidade e dos informantes abelhudos dos Irmãos. Independentemente do que as megeras da cidade possam dizer sobre nós, considero isso um sucesso.

– Foi isso que fez com Regina Corbett? Ensinou-a a ser menos ameaçadora? – provoco, e dou um sorriso afetado.

Elena não morde a isca.

– Regina não tem um cérebro que valha a pena mencionar. A mãe dela me pagou bem para que ela arranjasse um bom casamento. A jovem não tinha mais nenhuma opção. Você e suas irmãs são um caso diferente. Poderiam se virar muito bem sozinhas.

– O que quer dizer com “se virar muito bem”? – pergunto.

Estou curiosa. A avaliação sincera dela sobre Regina quase faz com que eu goste dela.

– Você também pode se casar se quiser. – *Como a Regina,* o tom dela parece dizer com desprezo. *Como todas as outras tolas de cabeça vazia.* – Parece que tem um pretendente. Ou... há a Irmandade. Vocês três são estudiosas, não é verdade?

– Tess e Maura são.

Meu rosto queima quando me lembro da impaciência do Pai. Eu tinha dificuldade para memorizar todos os deuses e deusas e seus feitos, não sabia escolher qual declinação usar, assassinava a pronúncia. Consigo somar, subtrair e multiplicar números na cabeça com mais rapidez do que ele, mas de que isso adianta além de servir para manter as contas da casa em ordem? As mulheres

não têm direito a ter o próprio dinheiro.

– Bom. – A expressão de Elena é infeliz, e percebo que me sinto mal por tê-la decepcionado. – As Irmãs iriam permitir que você desse prosseguimento à sua educação. As bibliotecas que elas possuem em Nova Londres são maravilhosas. Os jardins também. E elas admiram mulheres cultas.

– Não somos uma família muito religiosa – observo.

Ela dá de ombros com suas enormes mangas bufantes.

– Existem maneiras de contornar isso. Elas me acolheram quando fiquei órfã. Deram-me um lar e educação. Se estiver interessada, tenho certeza de que posso conseguir uma entrevista para você. Ou para Maura. Até mesmo para Tess. Há meninas que entram para o convento aos 10 anos.

Pela maneira como ela descreve a Irmandade, não parece tão impossível. Nós três poderíamos ficar juntas, pelo menos, e cuidar umas das outras. Mas também não teríamos que ser iniciadas e prometer adotar os ensinamentos da Fraternidade? Estudar escrituras e rezar o dia todo, rodeadas por várias garotas religiosas – garotas que certamente iriam nos condenar se descobrissem o que somos?

– Só faz algumas horas que você está aqui. Acredito que decidir nosso futuro agora seja um pouco prematuro.

– Discordo. É bom que garotas de sua idade levem em consideração as opções de que dispõem. O Senhor bem sabe que não são muitas. – Elena revira os olhos, demonstrando óbvia exasperação. Isso me faz imaginar como ela se encaixa com as Irmãs. Por acaso elas não devem ser modelos de feminilidade? Ela não parece ser exatamente do tipo meigo e subserviente. – Você poderia ser feliz em Nova Londres, tenho certeza.

– Você mal me conhece – digo, irritada. – Como sabe do que posso ou não gostar?

– Bom, você não parece muito feliz aqui – diz ela sem rodeios, e eu me encolho.

Chatham não é o problema; adoro meu jardim, nossa casa e os campos verdejantes que a rodeiam. São os Irmãos e o fim do prazo que está chegando para minha declaração de intenção que me incomodam.

– Apenas pense sobre o assunto, Cate. Não tire conclusões apressadas antes de juntar todos os fatos. É possível que outras pessoas também tenham ideias inteligentes, sabia?

Abro a boca para reclamar, para dar uma bronca nela por sua impertinência, mas Elena apenas sorri e se retira da sala.

Não sei muito a respeito das Irmãs. A Mãe estudou na escola do convento delas quando era menina, mas raramente falava sobre isso. Ela conheceu o Pai

quando tinha 16 anos e abandonou a escola um mês depois para se casar com ele. Foi muito rápido, e eu achava que era tudo muito romântico. Agora, por saber como ela confiava pouco nele em relação às coisas realmente importantes, fico imaginando se ela não tinha outras razões para desejar abandonar a Irmandade.

Estou à porta do meu quarto, ansiosa para retornar ao diário da Mãe, quando Maura sobe a escada correndo atrás de mim, agarra meu pulso e me puxa para dentro do quarto dela.

– O que foi? – pergunto, aborrecida.

– O que você achou? – sussurra ela, e fecha a porta.

Vou para cima da cama dela e amasso a colcha. Lily já deve ter passado por ali; Maura nunca arruma a cama.

– A respeito do quê?

Ela se ajeita no banco à janela.

– De Elena, tonta.

– Ah. – Dá para ver pela animação em sua voz que ela gostou da moça. – Ainda é muito cedo para dizer. Eu não sairia contando nenhum de nossos segredos a ela por enquanto.

– Então não devo permitir que ela leia o meu diário? – pergunta Maura, com os olhos arregalados.

Eu me levanto com um gesto brusco, sem me dar conta da piada até que ela começa a rir.

– Você não tem diário nenhum, não é? – digo, e suspiro aliviada.

– Não – esclarece ela. – Pelo Senhor, você é assustada como um gato. Sente-se.

Eu me sento, pego uma de suas almofadas e fico girando-a nas mãos. A palavra *Família* está bordada em letras cor-de-rosa rebuscadas na frente, rodeada de corações e flores. Tenho uma dessas, só que azul.

– Não gosto de ter uma desconhecida por perto – admito.

– É, você já deixou isso bem claro. Mas ela parece simpática, não acha? Não é nem um pouco como eu achava que seria. Eu me lembrava de que ela era bonita, mas você não viu os vestidos dela! Eu a ajudei a desfazer as malas e são todos do mesmo jeito. Todos em brocados elegantes e montes de anáguas de tafetá e seda. Ela tem até – Maura baixa a voz e cora – roupas de baixo de seda. E tem as luvas de pelica mais delicadas para ir à igreja e as sapatilhas verdes de veludo mais lindas que já vi, com rosinhas bordadas! Eu contei a ela que não temos nada novo, e ela disse que ia falar com o Pai a respeito disso, que talvez possamos mandar fazer algo bem rápido, a tempo do chá da senhora Ishida, se

ele estiver disposto a pagar um pouco mais.

– Não precisamos de tudo isso – argumento.

– Precisamos, sim. Só porque você se contenta em ficar andando pelo jardim feito uma... espere. Como foi a visita de Paul? Ele estava flertando com você, não estava? Fico imaginando onde aprendeu isso.

Lembro-me do que Paul disse sobre ter enlouquecido em Nova Londres. Não gosto da ideia de ele flertar com outras garotas e acompanhá-las até em casa depois das cerimônias religiosas. Nem um pouquinho. Mas ele voltou para mim, não foi? Penso em sua voz no meu ouvido, em sua respiração fazendo cócegas no meu pescoço, e abraço a almofada de Maura junto ao peito. Imagino como seria dar um beijo decente. Ou indecente, talvez...

Dou uma risadinha.

– Foi bom ver Paul. Eu estava com saudade dele.

– Ele faz você sorrir – comenta Maura. – Você devia retribuir o flerte. Ele deu alguma indicação? Sabe como é... sobre se casar com você?

– Ele disse que teríamos tempo de sobra para voltar a nos conhecer até dezembro.

– Cate! – grita Maura, pulando em cima de mim e me derrubando de lado; parece um cachorrinho em sua animação. – Por que não veio me contar logo?

– Porque ele não fez um pedido oficial, não ainda. Ele nem falou com o Pai. E porque eu não posso... não sei se posso aceitar.

Minha irmã fica me encarando, com o rosto a dois dedos do meu, os olhos cor de safira arregalados de incompreensão. Há uma cicatriz minúscula no queixo dela, de quando teve catapora.

– Por que não?

– Por que ele vai voltar a Nova Londres. O homem de quem foi aprendiz lhe ofereceu uma posição em sua empresa.

Maura se senta ereta e tira o cabelo do rosto.

– Que sorte! Eu daria meu braço direito para morar em Nova Londres. Você não... Ah, Cate, você não recusou só por causa disso, não é? Sei que você não ia gostar muito da ideia de morar em um apartamentozinho em algum lugar sem árvores nem jardim. Mas há parques na cidade. E, com o tempo, ele iria ganhar dinheiro suficiente para comprar uma casa decente e...

– Ele disse que podemos alugar uma casa. Não é isso. – Fico olhando para a colcha, para os pontos certinhos e regulares da Mãe. – Não posso simplesmente abandonar você e Tess.

Maura me dá um chute.

– Pode, sim. Iríamos visitar vocês, sua boba.

– Mas fica tão longe... Não é apenas na cidade, nem na cidade seguinte; fica a

dois dias inteiros de distância. Eu nunca iria me perdoar se algo acontecesse.

Ficamos em silêncio, e então Maura me empurra com as mãos. Rolo para fora da cama e me levanto desequilibrada, sem jeito.

– Não ouse! – diz ela, por entre os dentes. – Não ouse nos usar como desculpa para não se casar com ele, Cate. Podemos nos cuidar sozinhas.

Aperto os braços ao redor de mim mesma, arrasada. Será que podem mesmo? Eu bem que gostaria de saber.

– Talvez tenhamos precisado de você um pouco, logo depois que a Mãe morreu...

Um pouco? Eu me reteso com a lembrança das noites em que nós três dormíamos em uma cama só, agarradas feito gatinhos. Quando Maura ficou pálida e magra e mal saía do quarto, convenci a Sra. O'Hare a preparar todas as comidas favoritas dela. Depois que ela limpava o prato, como recompensa, eu a levava para praticar magia no jardim. Quando Tess teve escarlatina, eu me recusei a sair de seu lado. Li para ela durante sua convalescença até minha garganta ficar em carne viva. Tentei compensar a ausência da Mãe. Sei que nunca consegui (ninguém seria capaz de fazer isso), mas me esforcei muito.

– Não me importo com o que você prometeu à Mãe – prossegue Maura, franzindo a testa para mim. – Você não é responsável por nós, está entendendo? Se quiser se casar com Paul, é melhor dizer "sim" quando ele pedir sua mão. Ninguém garante que ele vá pedir duas vezes.

O jantar é um acontecimento estranho. A Sra. Corbett está aqui, tagarelando sem parar sobre o casamento vantajoso de Regina. Está absolutamente extasiada com a maravilha da propriedade da filha e com a maneira fantástica com que Regina decorou cada cômodo. Ela olha nossa sala de jantar com claro desgosto. O papel adamascado pesado nas paredes não é trocado desde que o Pai era menino, e o tapete florido começa a mostrar sinais de uso. A mesa e as cadeiras de mogno têm espaldar recurvado, enfeitado com volutas e dragões, no antigo estilo oriental em vez da nova moda árabe. Todas as casas da cidade agora possuem iluminação a gás, mas nós ainda dependemos de velas. O Pai insiste que seja assim.

Ouço o barulho e o chiado da conversa, mas mal absorvo as palavras; em vez disso, me pego observando Elena. Eu gostaria de ser capaz de desvendar as pessoas como Tess faz. Ela é a observadora, é brilhante em enxergar motivos e desejos estampados no rosto das pessoas, nas pausas entre suas palavras. A única coisa que reparo em Elena é sua educação impecável à mesa e seus elogios aduladores à Sra. Corbett.

A sopa está salgada, mas passável; o bacalhau cozido está razoável, apesar de

sem sabor. Mas, quando Lily traz o prato principal, faço uma careta para a travessa de assado cinzento que passou do ponto. Não consigo reclamar com a Sra. O'Hare presente, mas é vergonhoso servir às nossas convidadas uma carne mais dura do que couro de sapato.

Só que, quando dou uma mordida... não está dura. Sirvo-me de um pouco de molho de cebola ralo e aguado: está temperado à perfeição. Depois pego uma garfada de purê de batata que derrete amanteigado na minha boca e fico com medo de experimentar qualquer outra coisa. As vagens molengas, a abóbora no vapor historicamente pavorosa... tenho certeza de que está tudo delicioso.

Fico olhando para a porcelana azul-clara da Bisavó, horrorizada. Tess prometeu! Melhorar o jantar para o prazer do Pai é uma coisa – ainda é perigoso, mas é improvável que ele fosse reparar na discrepância –, mas correr esse risco na frente das visitas...

Olho bem feio para ela, mas ela balança a cabeça de um lado para outro, com os olhos arregalados. Nós duas nos voltamos para Maura. Ela está escutando a conversa entre a Sra. Corbett e Elena, sem olhar para nós de propósito.

Eu me concentro no jantar, lutando contra o encanto até que ele cede. A mordida seguinte exige uma boa quantidade de mastigação, por isso deixo que o encanto volte a tomar conta de mim.

Ninguém que tem a cabeça no lugar iria *escolher* saborear essa comida.

Dou mais uma olhada ao redor da mesa. O Pai come suas batatas com gosto; a Sra. Corbett limpa os lábios delicadamente com o guardanapo. Até Elena come porções pequenas da abóbora. Foi uma atitude arriscada, mas parece que não causou mal nenhum. Dessa vez.

Assim que terminamos de comer a compota de frutas com torta de maçã de Tess, peço licença e digo que estou com dor de cabeça. Maura, que sabe que minha constituição é bem forte, se oferece para me fazer companhia. Eu recuso. Preciso ler o diário da Mãe a sós. Meu coração canta, esperançoso, no peito. Seja quem for minha correspondente misteriosa, ela não teria me mandado procurar o diário a menos que ele contivesse algo que pudesse me ajudar. Houve momentos em que me ressenti da Mãe por me deixar com tanta responsabilidade e tão pouca orientação. Mas ela sempre deve ter tido a intenção de que eu o encontrasse. Eu me sinto uma boba por não ter procurado antes. Talvez assim eu pudesse ter me poupado de muitas preocupações.

A Sra. O'Hare acendeu a lareira no meu quarto para espantar o frio. Chuto as sapatilhas para longe e pego a colcha no pé da cama. A Mãe a costurou especialmente para mim, bordada com lírios azuis, que eram minha flor preferida quando criança.

Eu me jogo no sofazinho violeta desbotado com o diário da Mãe na mão. Peguei algumas coisas da sala de estar dela quando ela morreu: este sofazinho, o tapete com estampa de rosas que está ao lado da minha cama, a pequena aquarela do jardim que ela pintou. Se enfio o rosto no braço do sofazinho e respiro fundo, às vezes ainda acho que sou capaz de sentir o cheiro de água de rosas que ela sempre usava.

O vento de setembro assobia pelas vidraças e a vela dança na mesa, lançando sombras fantasmagóricas nas paredes. Se eu acreditasse em fantasmas, esta noite seria perfeita para uma aparição.

Se o espírito da Mãe pudesse me dar respostas, eu o receberia de bom grado.

Você tem que cuidar das suas irmãs para mim. Faça com que fiquem em segurança. Há tanta coisa que eu queria dizer a você. E agora não tenho tempo, a Mãe se lamentou na última vez que a vi. Ela estava pálida e lutava a cada respiração. Seus olhos cor de safira, tão parecidos com os de Maura, estavam sem brilho, como se parte dela já tivesse partido para o mundo do além.

Prometi que cuidaria, é claro. O que mais eu poderia fazer? Mas foi uma promessa árdua para uma menina de 13 anos.

Abro o diário, ansiosa por orientações. Começa no meu décimo segundo ano. A primeira menção direta a mim aparece depois que minha magia já se manifestou:

> Eu me preocupo com Cate. Não é nada fácil ser mulher, muito menos com poderes como os nossos, e ela é uma criança corajosa e expressiva. Essa combinação será perigosa se ela não aprender a esconder seu verdadeiro eu. Quando estiver um pouco mais velha, vou ensinar-lhe tudo o que sei, para que não sofra a mesma sina de sua madrinha. Preciso ir à cidade assim que puder, antes que minha condição comece a aparecer, e me consultar com Marianne. Talvez ela tenha notícias de Zara.

Desvio os olhos da página por um instante. Sinto minha pulsação na ponta dos dedos à medida que as perguntas vão me inundando.

Zara? Será que Z. R. era minha madrinha? Será que também era bruxa? O que

terá acontecido com ela? Não me lembro dela; não me lembro de a Mãe jamais tê-la mencionado. Mais para a frente, em outra anotação:

> Fui visitar Marianne. Juntas, lemos o registro dos julgamentos. Nem o meu conhecimento sobre a história da magia nem todo o estudo de Marianne conseguem encontrar sentido nas sentenças dos Irmãos. Algumas garotas são condenadas por bruxaria e a passar o resto da vida em Harwood sem quase nenhuma prova, ao passo que outras são inocentadas e simplesmente desaparecem. Temo que tenham sido assassinadas; não encontramos mais vestígios delas depois que deixam Chatham e ouvimos falar de desaparecimentos semelhantes por todo o país. Não consigo encontrar absolutamente nenhuma razão para isso. Acho que nunca mais vou ver Zara. Mas e quanto à pesquisa que ela realizava sobre a profecia? É vital para o nosso futuro e o de todas as bruxas que ainda existem na Nova Inglaterra.

Leio superficialmente os relatos cheios de alegria que a Mãe fez da gravidez, suas esperanças fervorosas e fúteis de que a criança nascesse saudável e fosse menino. Três semanas depois:

> Hoje foi minha última visita à cidade; talvez eu não devesse mais estar sacolejando pelas estradas, mas não posso confiar nem em John nem em Brendan [o Pai!] para devolver o livro de Zara a Marianne. Eu me preocupo com minhas filhas. Que concessões elas

> precisarão fazer para se manter em segurança? E se Emily Carruthers estiver certa e eu não puder sobreviver a este confinamento – quem vai ensiná-las? Cate já é capaz de fazer magia mental, um dom tão raro e assustador que eu não ia querer que ninguém além de Zara ou eu mesma a orientasse em relação a isso. Tentei fazer com que ela tomasse consciência de como pode ser muito, muito errado invadir a mente dos outros. Isso a coloca em grande perigo: em relação aos Irmãos e àqueles que quiserem usá-la como arma.

Mordo o lábio. Então minha madrinha era bruxa... e era capaz de fazer magia mental. Eu me lembro de como a Mãe ficou horrorizada quando descobriu do que eu era capaz. Ela me obrigou a jurar sobre a Bíblia da família (e depois pela vida das minhas irmãs) que eu nunca a usaria a não ser para protegê-las e que nunca contaria para *ninguém* que era capaz de fazer aquilo. A Mãe alegava que esse tipo de magia deixava as mulheres tão sedentas por poder e equivocadas quanto os Irmãos e que foi por *isso*, de acordo com ela, que as bruxas sucumbiram.

Então, dois meses depois:

> Maura descobriu seu poder da noite para o dia. Ela não é tão cuidadosa quanto Cate. Já avisei a ela que ninguém pode vê-la, nem seu pai, nem a Sra. O'Hare. Tentei incutir nela a ideia de que só pode confiar em Cate. Espero que me obedeça. Mas estou cansada demais para ser rígida com a menina. Não tenho o vigor dos confinamentos anteriores. Emily está preocupada com o meu parto, mas eu me preocupo

apenas com minhas meninas. E se Tess também for amaldiçoada com esta magia? Não consigo parar de pensar naquela profecia desgraçada. Emily diz que fui abençoada três vezes com filhas. Como ela sabe pouco a respeito de bênçãos e maldições... Gostaria que Zara estivesse aqui.

Quando chego ao fim, a vela já queimou completamente. Do fogo na lareira só restam cinzas; estou trêmula, encolhida embaixo da colcha. Fiquei tão concentrada que mal registrei o barulho da carruagem da Sra. Corbett se afastando ou de Tess me chamando do outro lado da porta. Eu a ignorei e ela acabou indo embora.

A letra da Mãe vai ficando mais fraca à medida que seu confinamento progride, como se não tivesse mais forças para apertar a pena contra o papel. Ela começa a escrever todos os dias: são anotações meio soltas, cheias de preocupação e dúvida. Ela se aflige sempre que Maura e eu brigamos; apavora-se com a possibilidade de Tess, que só tinha 9 anos na época, também se revelar uma bruxa. Mas não há nada aqui para mim. Nenhuma mensagem para me orientar, nenhuma palavra útil a respeito do que ela gostaria que eu fizesse quando chegasse à idade de escolher.

Finalmente chego à última página, datada do dia anterior à sua morte, depois que o último túmulo pequenino foi escavado na encosta da colina. Sua caligrafia muda aqui: são apenas rabiscos escuros. Há pedaços em que o papel está rasgado, como se ela tivesse usado toda a sua energia para transmitir aquela última mensagem veemente.

Para o meu alívio, está endereçada a mim.

Minha querida e corajosa Cate,
Desculpe-me. Eu não queria sobrecarregá-la enquanto ainda é tão nova, mas parece que, ao contrário, esperei demais. Não lhe ensinei o suficiente a respeito da sua magia – sobre o que você é capaz de fazer e do que deve se proteger.

> Antes de o Grande Templo de Nova Londres cair, o oráculo anunciou uma última profecia. Ela previu que, antes do alvorecer do século XX, um trio de irmãs chegará à idade adulta, todas bruxas. Uma delas, que terá o dom da magia mental, será a bruxa mais poderosa a nascer em muitos séculos: ela terá poder suficiente para mudar o rumo da história, para suscitar o ressurgimento do poder das bruxas ou um segundo Terror.
>
> Cate, estou muito preocupada com você. É raro existirem três bruxas em uma mesma geração. Se Tess também manifestar poder, parece bastante provável que vocês sejam as bruxas da profecia. Vocês serão...

Não. Por favor, Senhor, não.

Escorrego do sofazinho para o chão. Fico deitada ali por um momento, em uma pilha de anáguas, com minha mente parecendo um turbilhão. Isso é loucura. É impossível.

Só que... nós somos três, todas bruxas. Sou capaz de fazer magia mental. Tess vai chegar à idade adulta logo antes da virada do século. Nós nos encaixamos exatamente na descrição.

O Senhor não escuta as súplicas de meninas perversas.

Não me sinto corajosa. Eu me sinto pequena, assustada e furiosa. Carrego um fardo que já é pesado o bastante sem ter que me preocupar com alguma profecia maldita feita há cem anos. Peguei este diário procurando ajuda, orientação; em vez disso, a Mãe jogou mais responsabilidade nos meus ombros.

Mas havia mais coisas. Talvez uma parte de fato seja útil. Algo para me dizer o que devo fazer além de ficar encolhida aqui no canto.

Volto a pegar o diário.

> Vocês serão caçadas por aqueles que as usariam para seus propósitos pessoais. Precisam ter muito, muito

cuidado. Não podem confiar seus segredos a ninguém.

Há mais em jogo, e é ainda pior. Fiquei com medo de escrever tudo aqui, para o caso de cair em mãos erradas. Você deve buscar as respostas. Aqueles que amam o conhecimento por si só vão ajudar. Até que você conheça toda a verdade da profecia, não deve compartilhá-la com ninguém. Sinto muito por não estar presente para protegê-las, mas confio em você para tomar conta de Maura e de Tess por mim.

Com amor, sempre,

Sua Mãe

Jogo o diário para o outro lado do quarto. Ele bate na parede com um barulho gratificante.

É raro eu me permitir ficar irritada com a Mãe. Ela está morta; não pode se defender. Mas agora estou tremendo de tanta raiva. Como ela pôde fazer isso? Como pôde morrer e me deixar aqui para dar conta de tudo sozinha?

Minha magia se eleva, atiçada pela fúria. Faz anos que não perco o controle, desde o episódio com a Sra. Corbett e a ovelha, mas agora sinto a tentação de deixá-la correr solta.

Eu poderia destroçar tudo neste quarto e sentir prazer com a destruição.

Mas não faço isso.

Eu só ia ter que consertar tudo antes que o Pai ou a Sra. O'Hare vissem os estragos.

Fecho os olhos. Respiro fundo várias vezes, como a Mãe me ensinou.

Quando me asseguro de que estou calma, apanho o diário. Volto e releio a última página. É loucura. Talvez a Mãe estivesse delirante quando escreveu. Mesmo que esteja certa, mesmo que essa profecia exista, deve haver outras irmãs bruxas. Outras meninas capazes de fazer magia mental além de mim. E não sou assim *tão* poderosa.

Uma voz desconfortável me importuna. *Como você sabe? Você não sabe do que outras bruxas são capazes,* observa ela de maneira lógica. *Você nem conhece outras bruxas.* Eu sempre soube que devem existir outras além de minhas irmãs

e eu, mas nunca conheci nenhuma. Pelo menos, nunca conheci ninguém que admitisse o que era. Frequentei a escola dominical com Brenna Elliott, Marguerite, Gwen e Betsy. Mas nunca vi nenhum sinal de magia nelas, e a maior parte das alegações dos Irmãos parece bem duvidosa.

O medo deixa a pele do meu braço arrepiada. E se for verdade? E se for mesmo *eu*?

Se eu estivesse destinada a causar o ressurgimento do poder das bruxas e os Irmãos descobrissem, iriam me matar. Imediatamente e sem julgamento. Acreditariam estar fazendo isso pelo bem da Nova Inglaterra. Talvez usassem nós três como exemplo: fariam com que fôssemos queimadas na fogueira ou mandariam nos enforcar na praça principal da cidade, como faziam no tempo da Bisavó. Pararam com isso porque as pessoas normais começaram a contestar tamanha brutalidade. Mas iriam trazer esses métodos de volta para demonstrar sua força, para amedrontar bruxas e garotas normais também, a fim de que se tornassem submissas. Não tenho dúvidas de que eles sejam capazes disso.

Como posso viver com esse peso na cabeça?

Eu me encolho toda, desejando que houvesse outra pessoa que pudesse assumir esse fardo por mim.

A Mãe devia ter escrito mais. Ela não podia me deixar assim, sem me dizer o que *fazer*! Percebo a magia comprimida em meu peito como uma mola enrolada, esperando para se soltar.

– *Acclaro* – sussurro.

Viro as páginas em frenesi, na esperança de que mais palavras apareçam.

Nada acontece. Repito, mais alto, e empurro para longe a onda de pânico que vai crescendo dentro de mim. Examino cada página com atenção, esperando que alguma mensagem surja. Mas não há mais nada nas páginas em branco do começo nem do fim, nenhuma palavra secreta atravessando outras anotações, nada circulado ou sublinhado em código. Absolutamente nada.

Tento sentir algum vestígio da magia dela, mas não capto nada. Será que sua força falhou antes que tivesse tempo de escrever mais?

Tento sem parar. Experimento feitiços diferentes. Fico tentando até ficar exausta e meu poder parecer fraco e distante. Lágrimas começam a embaçar as palavras dela. Enxugo os olhos irritada, jogo o diário na cama, vou até a janela e deixo a colcha cair atrás de mim.

A lua quase cheia me observa através das cortinas salpicadas de lírios. Olho para baixo, na direção da estátua de Atenas no jardim, brilhante ao luar. A deusa da sabedoria e da guerra.

A Mãe não confiou no Pai para lutar por nós. Para dizer a verdade, ela mesma não fez um trabalho muito bom nesse sentido. Ela me deixou com um diário

cheio de alertas enigmáticos e uma responsabilidade que devia ter sido dela.

Vou manter minhas irmãs em segurança. Seja lá o que tenha acontecido com Zara, a amiga da Mãe, seja lá o que tenha acontecido com Brenna Elliott, não vou permitir que aconteça com Maura e Tess. Não enquanto eu viver.

capítulo

6

Estou em pé na plataforma elevada da sala dos fundos da butique da Sra. Kosmoski, apenas de camisola e corselete, enquanto todas me examinam como se eu fosse um animal a ser sacrificado.

– Magra demais, tsc, tsc – diz a Sra. Kosmoski em sinal de desaprovação.

– Isso pode ser resolvido – insiste Elena. – Vamos criar a ilusão de curvas. Enchimento no busto e anquinhas na parte de trás.

A Sra. Kosmoski faz que sim com a cabeça.

– Vai dar mais trabalho. Terei que fazer minhas duas costureiras virarem a noite.

– O que for preciso – declara Elena. – Desde que estejam prontos na próxima quarta-feira. Podemos fazer as meninas virem aqui pela manhã para ajustes de último minuto. Este chá é o equivalente a uma festa de debutante. Elas não podem ir vestidas assim.

A Sra. Kosmoski olha feio para o vestido de gola alta de musselina com raminhos verdes de Maura.

– De fato – concorda ela com a voz seca.

Faz anos que ela discute minhas ordens, sugere cores mais fortes, estampas mais rebuscadas, modelos mais atuais. Sempre fiz questão de ignorar os conselhos dela – até este momento, quando não tenho mais escolha.

Elena conseguiu fazer o Pai gastar dinheiro; nós três vamos ganhar guarda-roupas novos. Ela declarou que todas as nossas coisas velhas são tão antiquadas e desalinhadas que assustam. Tess está contente com a ideia de ser promovida a vestidos mais compridos, de mocinha; só eu não estou em êxtase.

Estou preocupada demais, imaginando se posso ser a bruxa mais poderosa a surgir em séculos.

Elena dá voltas ao meu redor.

– Mas que cinturinha. Cinquenta centímetros, Cate?

Concordo com a cabeça e ela solta um assobio nada feminino.

– A maior parte das garotas mataria por uma cintura assim – comenta.

Do outro lado da sala, Maura está emburrada. Para sua tristeza, ela nunca conseguiu apertar o corselete e chegar a menos que sessenta centímetros.

– Pelo menos não preciso de uma bunda acolchoada! – resmunga ela, e olha feio para mim.

Tess leva a mão à boca para conter risadinhas.

Os lábios da Sra. Kosmoski se estreitam. Para alguém que trabalha com moda e medidas femininas o dia todo, ela é bem pudica.

– Maura! – censura Elena, e toca em um dos cachinhos pretos perfeitos que emolduram seu rosto perfeito em forma de coração. – Por favor. Não usamos palavras assim, nada femininas.

A Sra. Kosmoski tira minhas medidas. É uma mulher alta com a cabeça coberta por um cabelo grosso e escuro, empoleirada em cima de um pescoço de cisne. Seus brincos de pérola balançam para a frente e para trás enquanto ela e Elena conversam.

Deixo que elas me cutuquem e me espetem enquanto observo minhas irmãs cochichando no sofazinho cor-de-rosa. Tess folheia um livro de estampas e a covinha em sua bochecha esquerda aparece quando ela zomba da moda exuberante da Cidade do México.

A butique é feita para ser um oásis feminino, e talvez por isso eu devesse me sentir segura aqui, mas tudo, desde o papel de parede de botões de rosa até as poltronas de veludo cor-de-rosa, fazem meus dentes rangerem. Buquês de rosa se espalham por todas as superfícies disponíveis, perfumando o ar com seu cheiro doce. Acho berrante e opressivo, mas Maura adora. Parece uma criança na loja de chocolates, inquieta com tantas escolhas diante de si.

Elena incentiva isso. E a Sra. Kosmoski acata cada sugestão sua como se fosse a verdade do Evangelho, louca para saber o que as moças estão usando nas ruas de Nova Londres. Por acaso as Irmãs não devem se abster de pecados como vaidade e orgulho? Certamente a adoração de Elena pela moda se encaixa em uma dessas categorias. Hoje ela está usando um vestido lindíssimo de seda cor de pêssego que Maura fica esticando o braço para tocar. Praticamente reluz contra sua pele morena.

– Já terminei, senhorita Cahill – anuncia a Sra. Kosmoski.

O hálito dela tem cheiro de hortelã.

– Com licença, senhora – diz Gabrielle Dolamore, uma das costureiras da Sra. Kosmoski, enfiando a cabeça morena na sala. Ah, que bom. Mais uma pessoa para me ver em minha roupa de baixo. – A senhorita Collier chegou para os ajustes.

Visto a cobertura da camisola, as anáguas e o vestido marrom simples. Antes era de um tom lustroso de chocolate, mas agora está desbotado depois de ter sido lavado muitas vezes e parece mais ter cor de lama. Maura fecha os botões das costas; seus dedos são ágeis e familiares contra minha pele.

– Pare de ser tão mal-humorada – repreende-me ela. – Isso aqui devia ser divertido.

– Estou com dor de cabeça – justifico.

Faz dois dias que a dor não passa, desde que li o diário da Mãe. Ergo a mão e massageio a têmpora direita. Preciso compartilhar esse segredo com alguém, e logo, antes que eu enlouqueça.

A Mãe confiou em Marianne Belastra. Será que posso ousar fazer a mesma coisa? "*Aqueles que amam o conhecimento por si só...*", isso descreve a livreira, mais do que qualquer outra pessoa.

– Pense só no rosto de Paul quando ele a vir com estes vestidos. Vai ficar louco de luxúria – brinca Maura, e seus olhos dançam.

– Quieta! – brigo com ela.

Mas agora não consigo parar de pensar nisso. Paul deve estar acostumado com as garotas da cidade e a moda de lá. De repente, percebo que *realmente* quero que ele me ache bonita. Quero que fique tonto com a minha beleza.

Eu me abaixo e calço as botas, malvestida mais uma vez. Talvez eu *devesse* me casar com ele e me mudar para longe: quanto mais distante, melhor. Se esta profecia for verdadeira, estou colocando minhas irmãs em perigo todos os momentos, todos os dias.

– Olá – diz Rose Collier ao passar por nós a caminho da sala fechada.

Tess praticamente pula em cima do balcão para examinar os rolos de fita.

– Ah! – Maura suspira ao passar a mão em um rolo de seda luxuosa cor de safira.

Eu me jogo em um sofazinho no canto. É impossível me preocupar com vestidos novos com tanta coisa me deixando ansiosa. Mas esse é o meu dilema, não é? Ainda preciso arrumar marido, ainda preciso parecer bonita e adequada, independentemente dos pensamentos terríveis à espreita na minha mente. Então as risadinhas de Rose se erguem pelo ar e atacam meus tímpanos.

– Este violeta ficaria divino em você, Cate – diz Elena, e me entrega uma amostra de cor. – Faria com que seus olhos parecessem cor de lavanda.

Examino o retalho e estremeço.

– Mas é uma cor tão... forte!

– Exatamente – concorda Elena. – Você é uma menina bonita. Por que se esconder nesses vestidos escuros? O que acha? Rosa para a faixa? Todos os seus vestidos deviam ter faixas para marcar a cintura.

Ela está determinada a me envolver nisso.

– Cor-de-rosa, *não* – peço.

Rosa é para garotas desmioladas como Sachi Ishida. Como – eu me encolho quando a risada dela perfura meu crânio mais uma vez – Rose Collier.

– Azul, então. Azul-pavão – insiste Elena, irrefreável.

Os sinos acima da porta da loja tocam e todas erguemos os olhos. São os Irmãos Ishida e Winfield, flanqueados por dois guardas enormes. Meu coração

fica duro feito pedra.

Ao lado do balcão, minhas irmãs chegam mais perto uma da outra. Atrás delas, Gabrielle Dolamore larga um rolo de fita cor-de-rosa. Ele vai se desenrolando lentamente pelo chão e para bem aos pés dos Irmãos.

– Bom dia – cumprimenta Elena. Ela faz uma mesura com o rosto plácido e despreocupado. Suponho que isso se deva à segurança de ser uma Irmã: ela sabe que nunca irão atrás *dela*. – A senhora Kosmoski está nos fundos com uma cliente. Quer que eu vá chamá-la para os senhores?

– Não. – A pausa do Irmão Ishida parece se estender por uma eternidade; há um peso de chumbo nos meus pulmões. – Gabrielle Dolamore, está presa por crimes de bruxaria.

Agradeço ao Senhor. Este é meu primeiro pensamento, nada caridoso, enquanto Gabrielle ainda está soltando um gritinho estrangulado. Os guardas dos Irmãos se aproximam da garota, um de cada lado, e ela recua para cima da prateleira de fitas. Não adianta nada. Eles a viram com brutalidade, agarram seus pulsos e os amarram com uma corda grosseira – como se aquilo fosse detê-la se ela tivesse magia para enfeitiçá-los! Mas faz com que ela pareça muito pequena, impotente contra os dois homens corpulentos, vestidos de preto. Um deles tem o nariz adunco e uma cicatriz serrilhada no queixo e sorri, como se prender garotas perversas significasse um bom dia de trabalho.

– Não. Por favor, não. Eu não fiz nada! – declara Gabrielle, arfando.

– Isso nós vamos determinar – vocifera o Irmão Ishida, e cruza os braços no peito.

– D-do que que eu fui acusada? – pergunta Gabrielle. – Por quem?

– Diz-se “de que” – corrige o Irmão Winfield, de maneira odiosa, como se a gramática importasse em um momento destes. A sensação é a de que eles sugaram todo o oxigênio da sala. Da cidade toda. Minha respiração é superficial e difícil.

– Houve um erro. Eu não fiz nada! – exclama Gabrielle.

Maura e Tess se encolhem juntinhas, segurando firme uma na mão da outra. A Sra. Kosmoski está escorada no batente da porta que dá para a sala fechada, sua postura perfeita foi abandonada. Ela aperta os punhos fechados contra a boca, como se aquela barreira fosse a única coisa que a impedisse de protestar. Mas ela não faz nada para ajudar Gabrielle. Fico imaginando se não desconfiava que isso fosse acontecer desde que prenderam Marguerite.

– Por favor, permitam que eu vá para casa e fique com minha família nesta noite. Comparecerei amanhã ao julgamento. Não tenho nada a esconder. Sou inocente – insiste Gabrielle, com os olhos castanhos brilhando com as lágrimas.

Ela olha ao redor da sala, em busca de rostos que lhe deem segurança, mas

não temos nenhuma a oferecer. Sua inocência é irrelevante – apenas a percepção que os Irmãos têm dela importa.

– Não confiamos na palavra de bruxas – rosna o Irmão Ishida. – Mentirosas e enganadoras, é o que vocês todas são.

– Eu não sou bruxa!

Gabrielle agora está histérica. As lágrimas traçam trilhas úmidas por suas bochechas. Ela luta contra os guardas, com suas botas raspando no piso de madeira quando a arrastam. Um homem segura a porta aberta enquanto o outro empurra Gabrielle para fora. Ela tropeça no tapetinho florido e o guarda o chuta para o lado.

Gabrielle lança um último olhar de súplica desesperada para nós, por cima do ombro. Ninguém se move. Então ela desaparece. Os Irmãos vão atrás feito fantasmas e a porta se fecha com uma batida depois que eles saem. Ficamos lá em um silêncio abismal.

– Peço desculpa pela interrupção, senhoritas – diz a Sra. Kosmoski finalmente. Ela atravessa a sala e ajeita o tapete, mas seus movimentos lépidos não escondem as lágrimas em seus olhos. – Devo dizer que uma boa xícara de chá me faria bem. Angeline, será que pode nos trazer um pouco de chá?

Eu mal a escuto; parece que está falando de um local muito distante. Minhas mãos estão fechadas no colo, minha respiração é ofegante.

Se os Irmãos são assim tão cruéis com uma garota inocente, o que fariam conosco?

Tenho visões das minhas irmãs afundando, lutando, com braços e pernas algemadas, berrando com o cabelo em chamas...

– Cate – chama Elena, e coloca a mão no meu ombro, preocupada. – Está passando mal? Parece um pouco pálida.

Eu me *sinto* pálida. Pálida, covarde e impotente. Nós todas ficamos ali paradas, sem fazer nada. Permitimos que levassem Gabrielle e não erguemos um só dedo para ajudar!

O que poderíamos ter feito? Nada, eu sei... não sem parecer que estávamos simpatizando com uma bruxa. Mesmo assim, isso me irrita. Ela é só uma garotinha assustada de 14 anos...

Se fosse uma de nós, ninguém teria se adiantado para nos defender, da mesma maneira.

A fúria me invade, mais forte do que sais de cheiro. Eu *não* vou permitir que os Irmãos me transformem em um tipo de criatura assustada, que vive sentindo fraqueza.

– De fato me senti um pouco fraca por um minuto. Foi a agitação. Agora estou bem – minto.

Forço um sorriso, sento-me ereta e passo a mão no meu coque.

A Sra. Kosmoski se senta na poltrona ao nosso lado enquanto a filha dela se apressa até o apartamento no andar de cima para preparar um chá. Pelo menos desta vez, a costureira olha para mim com bondade.

– Eu não a culpo, querida. Por mais vezes que se veja a mesma coisa, nunca fica mais fácil – diz ela.

– Faz tempo que ela trabalha para a senhora? – indaga Elena, e para diante de uma seda azul aguada.

– Quase um ano. Ela e minha Angeline têm a mesma idade. Gabby sempre foi uma boa menina. Sempre trabalhou com afinco. Não que eu a esteja defendendo, vejam bem... – A Sra. Kosmoski fica corada, como se de repente tivesse se lembrado de que a bonita e bem-vestida Elena continua sendo a *Irmã* Elena. – É função da Fraternidade distinguir as moças corretas das perversas. Mas a coitada da mãe dela perdeu duas filhas... Marguerite foi presa no mês passado. Foi um caso muito estranho. Não houve julgamento, e a família não obteve nenhuma resposta sobre o porquê de ela ter sido levada.

– Há outros filhos? – pergunta Elena.

– Outra menina – diz a Sra. Kosmoski, e contorna com o dedo os abacaxis e as cerejas entalhadas no braço da poltrona. – Julia tem só 11 anos.

Três irmãs. Será coincidência ou algo mais sinistro? Enumero todas as outras prisões recentes. Na primavera passada, um trio de irmãs foi preso em Vermont. Será que a próxima vai ser a pequena Julia Dolamore?

Tess pega o rolo de fita que Gabrielle derrubou e começa a enrolá-lo de maneira lenta e metódica.

– Obrigada, querida. Não precisa fazer isso – diz a Sra. Kosmoski.

– Eu não me incomodo – responde Tess.

Ela organiza coisas quando está aborrecida. Maura voltou ao balcão e está examinando as estampas de vestidos, mas dá para ver pela maneira como vira as páginas com rapidez que não está mais calma do que Tess.

– Bom, ouso dizer que os Irmãos sabem o que fazem, mas é desconcertante – completa a Sra. Kosmoski, então se levanta e esfrega as mãos, como se as estivesse lavando de toda aquela cena desagradável. – Já escolheram os tecidos?

E não se fala mais sobre o assunto. A Sra. Kosmoski, Elena e Maura retomam a discussão a respeito dos méritos das golas em forma de coração comparadas às quadradas, dos cintos em comparação com as faixas de seda. Não acredito que elas possam continuar agindo como se a questão de tafetá cor-de-rosa ou brocado azul realmente importasse.

Gabrielle é inocente. Eu não sou. Fui perversa e traiçoeira, usei magia mental contra meu próprio pai. As palavras dos Irmãos ressoam na minha cabeça. Eu

sou bruxa. Devia ter sido eu, não ela.

Mas agradeço ao Senhor por não ter sido. Em que tipo de garota esse sentimento me transforma?

Meia hora depois, com nossos assuntos felizmente resolvidos, saímos para o sol frio de setembro. Do outro lado da rua, a porta da loja de chocolates está aberta e o maravilhoso aroma do chocolate amargo paira no ar. Estamos indo à papelaria escolher cartões de visita.

Tess e eu ficamos para trás.

– Está tudo bem com você? – pergunta ela, e seus olhos cinzentos examinam os meus.

Faço um gesto afirmativo com a cabeça. É difícil esconder qualquer coisa da minha irmã menor; é observadora demais. Ela e Maura ficariam furiosas comigo se soubessem que estou guardando segredos delas, independentemente de quais tenham sido as instruções da Mãe. Pelo menos agora posso pôr a culpa da minha inquietação na cena horrível que acabamos de presenciar.

– Estou tão bem quanto poderia estar depois daquela cena. E você?

Tess morde o lábio.

– Coitada da Gabby. Eu gostaria que pudéssemos ter feito algo para... – Ela se detém e sua mão dispara para a boca. – Nossa, o que há de errado com ela?

Brenna Elliott está parada em frente ao portão da casa do avô. Ela entra e então, aparentemente pensando melhor, retorna para a segurança da rua. Repete o movimento vez após outra, como se fosse incapaz de tomar uma decisão, balbuciando alguma coisa sem parar.

Seu capuz caiu e o cabelo castanho comprido é uma massa de nós. Maura e Elena passam bem longe dela. Tess chega a bufar, desconcertada.

– Senhorita Elliott – diz ela, e se aproxima de Brenna com cautela –, está passando mal?

– Tess – sussurro em tom cauteloso.

Ninguém deve nos ver falando com uma louca.

Tess é bondosa demais para se conformar. Este é um dos vários aspectos em que ela é uma pessoa melhor do que eu.

Brenna vira o rosto maltratado para nós. Seus olhos azuis estão assombrados como um cemitério. As mangas do vestido apertam seus pulsos, escondendo as cicatrizes, mas os ombros encurvados e o rosto pálido estão bem visíveis.

– Meu avô está morrendo – explica ela, com um fiapo de voz.

– Eu não sabia que ele estava doente. Sinto muito – diz Tess, e ergue os olhos para a casa do Irmão Elliott.

Não há sinal da carruagem do Dr. Allen na frente, nenhuma atividade que

sugira o agito de um quarto de enfermo nem parentes que chegam para prestar suas últimas homenagens.

– Ele está bem hoje. Vai morrer na semana que vem – prossegue Brenna.

Tess e eu nos entreolhamos, chocadas. Achei que Harwood a tinha curado... ou pelo menos ensinado a ela que não devia andar por aí fazendo previsões pela rua. De repente ela agarra o cabelo e começa a puxar, angustiada.

– Ah, isso é ruim. Muito ruim. Nada bom mesmo.

– Podemos fazer algo? Será que podemos chamar alguém para ajudá-la? – indaga Tess.

– Acho que ela precisa de mais ajuda do que podemos dar – sussurro.

Brenna sempre pareceu viver dentro da própria cabeça, em um mundo de sua própria imaginação. Mas isso... isso é absolutamente apavorante.

– Você! – exclama Brenna e agarra o meu braço. Ela sempre foi alta, esbelta e bonita, tão bonita que as pessoas perdoavam algumas de suas excentricidades. Agora ela parece fraca, como se uma única rajada de vento pudesse derrubá-la. – Você recebeu o bilhete? Tomei muito cuidado com ele. Ela é esperta.

Meu coração quase sai pela boca. Luto contra o ímpeto de me afastar, mas não quero piorar a situação.

– Não sei do que você está falando.

Os olhos azuis de Brenna agora não estão mais mortos; estão frenéticos.

– Boa menina. Nada de perguntas. Não deve fazer perguntas! Eles irão atrás de você.

Ela não usa luvas; suas unhas se enterram no meu braço.

– Está tudo bem – digo, tentando acalmá-la, como faria com Tess depois de um pesadelo. – Vai ficar tudo bem.

– A sua madrinha, ela fez perguntas demais – continua ela. – Os corvos foram buscá-la. – Fico paralisada. O bilhete. Será que Brenna entregou o bilhete de Zara? – É isso que fazem com as garotas perversas. Eles as trancam e jogam a chave fora.

– Está falando de Harwood? – quero saber.

Foi isso que aconteceu com Zara? Será que Brenna a viu lá?

Brenna faz que sim com a cabeça e bate na têmpora com o dedo.

– Sortuda. Não está louca. Por enquanto.

Será que está falando de si mesma ou de Zara? Olho ao redor, apavorada, como se minha madrinha pudesse estar à espreita atrás dos arbustos.

– Algum problema? – pergunta Maura de longe.

Ela e Elena pararam alguns metros adiante.

– Não – respondo, tentando escapar de Brenna. – Estamos indo!

– Não vá! Não pode deixar que a levem. – Brenna baixa o olhar para Tess,

depois retorna a mim. Seus olhos são lagos azuis tristonhos. – Poderosa. Tão poderosa. Você poderia consertar tudo. Mas precisa tomar cuidado.

– Sim. Vamos ser muito cuidadosas – prometo, mas algo dentro de mim de repente murcha.

Primeiro, a profecia. Agora, Brenna. E se ela não estiver louca? E se puder realmente prever o futuro? Não quero ser poderosa. Quero ser normal.

– Você também deve tomar cuidado – sugere Tess com ar preocupado.

Se mais alguém escutar Brenna falando assim, ela vai voltar logo para Harwood.

– Para mim já é tarde demais – declara Brenna, e se joga contra o portão, com o cabelo emaranhado cobrindo o rosto. – Vá embora agora. Estou muito cansada e preciso visitar o meu avô.

Tess pega minha mão e nós nos viramos e caminhamos pela rua, até onde Maura e Elena nos aguardam, na frente da papelaria.

– Mas o que foi aquilo? – indaga Maura.

Ignoro o olhar de Tess e dou de ombros. Então digo:

– Só o Senhor sabe. Ela é louca, não é?

Em casa, troco minhas botas bonitas de abotoar pelas velhas, sujas de lama, e vou para o jardim. O sol desapareceu atrás das nuvens. Não chove, mas está ameaçando. Espero que continue assim mais um pouco. Preciso me animar e fico mais feliz quando minhas mãos estão ocupadas na terra.

Vou até o roseiral... só que já se encontra ocupado. Finn Belastra está sentado no banco (no *meu* banco) embaixo da estátua de Atenas, com um livro aberto no colo, mastigando uma maçã.

– O que está fazendo aqui? – questiono, mal-humorada.

Pode ser gostoso olhar para ele, mas preciso de algumas horas sozinha com as rosas e meus pensamentos.

Ele se sobressalta.

– Desculpe. Eu só estava... – Ele mastiga furiosamente. – Almoçando. Obviamente. Estou atrapalhando? Posso ir para outro lugar.

– Pode. – Isso soa terrível, até para mim. Solto um suspiro. – Não. Eu ia tirar um pouco do mato. Volto mais tarde.

– Ah. – Finn olha para o emaranhado de rosas vermelhas e cor de champanhe. – Não precisa fazer isso. Ando trabalhando no gazebo, mas posso achar um tempo para...

– Não, eu gosto de fazer isso – interrompo. – Quero tirar o mato sozinha.

Finn sorri, mostrando os dentes separados com ar travesso.

– Ah, então você deve ser a minha fadinha.

– Como assim? – pergunto, e coloco uma mecha de cabelo embaixo do capuz.

– Reparei que alguém anda tirando o mato e plantando os bulbos que brotaram. Achei que tivessem uma fadinha de jardim. Imaginei que fosse baixinha. E verde. Você é mais bonita.

Ele fica vermelho por trás das sardas.

– Ah, obrigada – agradeço, e dou risada.

Mal consigo pensar que Finn Belastra seja do tipo que fantasia. Ele sempre parece tão sério...

– Eu devia ter desconfiado – continua Finn. – Seu pai mencionou que uma de vocês era boa com flores.

– Mencionou?

Agora já são duas vezes. Talvez o Pai preste mais atenção do que eu imagino. Não sei bem se devo me sentir grata ou preocupada. Sinceramente, nós aprendemos a contar com a distração dele.

– Bom, então essa sou eu – completo. – Cuidar do jardim me ajuda a clarear a mente.

– Bom, não precisa voltar mais tarde. Não me importo se você precisa esclarecer alguma coisa. Vou terminar de ler o meu livro.

As letras douradas do livro na mão dele chamam minha atenção.

– Espere. *Contos do pirata LeFevre*?

– Até um estudioso precisa de leituras agradáveis para a hora do almoço, senhorita Cahill. Conhece as histórias apavorantes de Marius, o pirata? São bastante divertidas.

– Prefiro as histórias da irmã, Arabella – solto, antes de poder me conter.

Não acredito que Finn Belastra lê histórias de pirata. Achei que ele devia estar se debatendo com algum tipo de filosofia alemã incompreensível.

Finn baixa a voz em um sussurro confidencial:

– Arabella foi minha primeira paixão literária. Eu era louco por ela.

Dou um gritinho e confesso:

– Eu queria ser igualzinha a ela! Lembra quando ela salvou Marius durante o naufrágio? E, quando foi capturada, preferiu caminhar pela prancha a sacrificar sua virtude àquele capitão horroroso. E a vez que ela vestiu as roupas de Marius e travou um duelo com...

Eu me pego fazendo gestos furiosos, imitando uma luta de espadas.

– Com Perry, o soldado que acusou os piratas de não terem código de honra? – completa Finn. – Aquela foi boa.

– Ela obviamente me deixou bem impressionada. Foi um modelo de... de coragem e de criatividade – digo baixinho, e cruzo as mãos atrás das costas.

Finn me observa, curioso.

– Não achei que você gostasse muito de ler.

Fico sem graça.

– O Pai lhe disse isso?

– Não. Achei que... Você compra bons livros para o seu pai, mas reparei que raramente leva algo para si.

Ele tem razão. Não me lembro da última vez que peguei um livro por vontade própria que não fosse um almanaque para ver quando plantar bulbos ou ervas. Mas eu costumava ler. Nunca tanto quanto Tess ou Maura, porém mais do que agora. Passei muitas tardes de verão nos galhos retorcidos da nossa macieira, imersa nos *Contos do pirata LeFevre.*

Maura sempre adorou os contos de fadas e os romances que eram os preferidos da Mãe, mas gosto mais das aventuras da biblioteca do Pai. Eu costumava implorar para que ele as lesse para mim – quanto mais cheios de sangue, melhor. Histórias de reis maldosos, trapaceiros, piratas, naufrágios... Uma vez, convenci Paul a me ajudar a construir uma balsa, e nós a remamos para atravessar o lago. Começou a acumular água no meio e tivemos que nadar até a margem. Cheguei em casa com cara de quem tinha se afogado e dei o maior susto na Sra. O'Hare.

Dou de ombros e aliso a saia.

– Mocinhas não devem ler histórias de piratas.

Finn dá risada e joga a maçã para cima.

– Achei que seu pai acreditasse em dar educação às filhas.

– O Pai acredita na leitura em nome da edificação, não do prazer.

– Bom, então ele e eu vamos ter que concordar em discordar nesse ponto. Para que serve um livro se não dá prazer? – Finn estende seu exemplar com as pontas das páginas amassadas. – Pode ficar com o meu se quiser. Temos uma meia dúzia dele na livraria.

Sinto-me um pouco tentada. Seria gostoso voltar a subir em uma árvore e deixar que minha mente se perdesse em portos estrangeiros e ilhas desertas com Arabella. *Ela* nunca precisou se preocupar em achar um homem para se casar. Todos se jogavam em cima dela – menos quando estava vestida de menino, é claro. Se bem que, uma vez, até vestida de menino!

Infelizmente, moro na Nova Inglaterra, não a bordo do *Calypso.* E preciso, sim, me preocupar com casamento. E com a Fraternidade. E, agora, com essa profecia desgraçada.

– Não, obrigada – agradeço. Passo por Finn e me ajoelho na frente do emaranhado de rosas. – Ainda tenho o meu exemplar. Só não tenho mais tempo de ler.

– Essa foi a coisa mais triste que ouvi hoje – declara Finn, e passa a mão pelo

cabelo desalinhado. – Ler é a fuga perfeita para qualquer coisa que a aflija.

Mas eu não posso fugir.

– Você parece... aborrecida – prossegue ele, cauteloso. – Sinto muito se a incomodei.

– Não estou *incomodada* – retruco, e separo um galho do outro com destreza.

Estou irritada. Por que as garotas nunca podem ficar simplesmente irritadas?

Finn se ajoelha ao meu lado. Ele estende a mão para ajudar e no mesmo instante se espeta com um espinho.

– Ai.

Uma gota de sangue cresce em seu dedo e ele o enfia na boca. Seus lábios são bonitos, vermelhos como uma cereja, e o inferior é um pouco mais cheio do que o superior.

Remexo no bolso da capa e tiro de lá um lenço velho.

– Tome – ofereço, praticamente jogando-o em cima da cabeça dele.

– Obrigado.

Finn pega o lenço e o amarra no indicador. Volta a enfiar a mão nas roseiras.

– Deixe comigo – insisto. – Você não sabe o que está fazendo.

Eu me lembro de quando a Mãe plantou estas roseiras. Não vou permitir que Finn as estrague ao arrancar flores em vez de mato.

Há uma pausa, e fico esperando que ele se retire, cansado de ser atacado por esta garota maluca e rabugenta que adora piratas.

– Mostre o que devo fazer, então – sugere ele com sinceridade no rosto. – Eu sou o jardineiro. Preciso saber fazer isso.

Dou um suspiro. Quero ficar chateada com ele por estar aqui, no meu lugar; por ser um garoto, com toda a liberdade que eu não tenho; por ser o tipo de filho inteligente que o Pai gostaria de ter. Mas ele faz com que isso seja difícil. Ele não é nem um pouco parecido com o pedante presunçoso que eu achava que ele fosse.

E permitiu que eu descarregasse toda a minha raiva em cima dele sem reclamar. Como se soubesse que é disso que preciso. Tenho um pouco de medo do que posso fazer, do que posso dizer, se ele não for embora agora.

– Hoje, não – respondo. – Por favor. Só quero ficar sozinha.

Finn se levanta e recolhe seu livro e sua marmita.

– Claro. Uma outra hora, quem sabe. Tenha uma boa tarde, senhorita Cahill.

capítulo

7

Eu me sinto um peru amarrado para ser assado.

Maura e eu voltamos à butique da Sra. Kosmoski hoje pela manhã para os ajustes de último minuto. Angeline, de olhos vermelhos e arrasada com a perda de Gabrielle (despachada sem julgamento, como tinha acontecido antes com sua irmã), segurava e marcava enquanto sua mãe prendia tudo com alfinetes. Nossos vestidos novos caem muito bem. Estamos perfeitamente na moda – e eu me sinto perfeitamente ridícula, uma garota boba, que parece um bolo de noiva, com meu vestido de um violeta berrante com mangas bufantes enormes. As saias rodadas (quatro metros de brocado) se abrem em forma de sino; a parte de trás é acolchoada e pregueada, igual à parte de baixo de um guarda-chuva. Elena amarrou meu corselete tão apertado que mal consigo respirar, quanto menos reclamar.

Minha mão, envolta em uma luva de pelica cinza que vai até o cotovelo, repousa delicadamente sobre o braço estendido de John. Ele sorri ao me ajudar a descer, ou talvez esteja rindo de mim por trás do bigode. Não estou muito firme sobre minhas botas novas de salto, que peguei ontem no sapateiro.

Maura sai na minha frente, balançando o quadril dentro de seu vestido volumoso azul-violeta. Tem curvas graciosas e boa postura. Está linda: o queixo erguido e cheio de confiança, as bochechas coradas de animação. Seu vestido é debruado de renda preta e possui um cinto preto com fivela combinando, diferentemente da monstruosidade que é a minha faixa em azul-pavão.

A criada da família Ishida nos conduz até a sala de estar. Uma dezena de mulheres está ali tomando chá em xícaras de porcelana pintadas com flores de cerejeira, uma homenagem à origem japonesa dos Ishida. Quando as Filhas de Perséfone fundaram as colônias, aboliram a escravidão e prometeram liberdade religiosa. Bruxas de todos os lugares foram em bando para a Nova Inglaterra. Dois séculos depois, há rostos de todos os tipos pelas ruas, e algumas dezenas de famílias de ascendência japonesa na cidade. Houve alguns momentos feios durante a guerra contra a Indochina, mas isso foi há vinte anos: a família Ishida permanece uma das mais respeitadas. Ainda assim, a Sra. Ishida sempre toma o cuidado de deixar claro que suas origens remontam ao *Japão* para que os vizinhos não confundam um rosto oriental com outro.

– Senhorita Cahill, senhorita Maura, boa tarde! Mas como as duas estão adoráveis! – elogia a Sra. Ishida.

Forço um sorriso e dou uma resposta apropriadamente insípida. A sala já está cheia de esposas e filhas dos Irmãos. A Sra. Ishida nos conduz pelas portas de correr até a sala de jantar, onde Sachi e Rory servem chá e chocolate em uma mesa comprida enfeitada com dálias.

– Senhorita Cahill, senhorita Maura, estamos tão felizes por terem vindo – diz Sachi. Seu rosto delicado de boneca é marcado por olhos amendoados lindíssimos, rodeados por cílios espessos. – Senhorita Cahill, que tom de roxo tão lindo! Nossa, seus olhos parecem quase cor de violeta com esta luz!

– Obrigada – murmuro. – Foi muito gentil da parte da sua mãe nos convidar.

Rory lança um olhar arqueando a sobrancelha para Sachi do outro lado da mesa e Sachi dá risada.

– Ah, foi coisa minha. Mama jamais pensaria nisso. Vi vocês naquele dia na igreja e pensei: nossa, é uma pena não nos conhecermos melhor. Todas temos a mesma idade, vocês não moram tão longe assim e meu pai tem o pai de vocês em alta conta. Devemos ser amigas. Estes vestidos que estão usando são novos?

– Nossa governanta convenceu Papa de que precisávamos de um guarda-roupa novo – diz Maura.

Ergo as sobrancelhas. Não o chamamos de Papa desde que éramos muito pequenas.

– Que sortudas! – comenta Sachi, fazendo biquinho. – Meu papa diz que tenho vestidos demais e me dá um sermão sobre cobiça quando peço mais um.

– Seu vestido é magnífico – elogia Maura.

Na verdade, é espalhafatoso: de tafetá cor de laranja com bolinhas cor-de-rosa, e Sachi usa uma pena cor-de-rosa ridícula espetada no cabelo. Mas ela é tão linda que consegue fazer com que pareça de bom gosto, e não pretensioso.

– Leite ou açúcar? – pergunta Rory.

Ela tem o mesmo cabelo escuro e lustroso de Sachi, mas, de resto, não podiam ser mais diferentes. Enquanto Sachi é mignon, Rory é alta e tem corpo de violão, que se esforça muito em exibir. Hoje está usando um vestido de cetim vermelho com gola em formato de coração, decotado demais para um vestido de dia.

– Não, obrigada, gosto do meu chá puro – respondo.

Sachi entrega a Maura uma xícara de chocolate quente.

– Vocês têm uma governanta nova, não é verdade? Ela é muito terrível? A minha passa o tempo todo querendo que eu estude francês. Como se algum dia eu fosse viajar para a França! Vou ter sorte se, como viagem de lua de mel, eu puder ir à praia.

– Será que devemos esperar notícias do seu noivado? – indaga Maura, e escolhe um biscoitinho de gengibre da bandeja sobre a mesa.

– Ah, ainda vai demorar alguns meses, espero – diz Sachi, despreocupada. –

Vou me casar com meu primo Renjiro, sabe? Meu pai planeja isso desde que eu era pequena. A família dele mora em Guilford. Vamos fazer uma visita em novembro, a caminho da reunião do Conselho Nacional em Nova Londres. Acredito que Renjiro vá pedir minha mão na ocasião.

Maura me olha de soslaio.

– Se minha irmã fizer as jogadas certas, logo vai morar em Nova Londres.

Lanço um olhar homicida para ela, mas já é tarde demais.

– É mesmo? – pergunta Rory em um tom arrastado.

– Você já recebeu um pedido? Vi que o senhor McLeod a acompanhou até em casa depois do culto no domingo – comenta Sachi.

– Estamos apenas voltando a nos conhecer. Éramos muito amigos quando crianças.

Eu me viro para o outro lado em uma tentativa de acabar com aquela conversa e inspiro o perfume das dálias cor-de-rosa. Elas têm exatamente a mesma cor das bolinhas do vestido de Sachi. Fico imaginando se ela fez isso de propósito.

– Bom, vocês não são mais crianças. O senhor McLeod ficou muito bonito. Hummmm – diz Rory, enfiando um biscoito de gengibre inteiro na boca.

Ela é um pouco dentuça, o que lhe dá uma carinha de coelho.

Sachi ri e dá um tapinha nela.

– Não precisa ser recatada, senhorita Cahill. Pode nos contar. Na verdade, não somos tão fofoqueiras como todo mundo pensa.

– Cate está sendo modesta. Ele voltou de Nova Londres especialmente para cortejá-la – confidencia Maura. – É louco por ela. Acredito que vá pedir sua mão a qualquer momento.

Sachi olha para mim com olhos escuros impenetráveis.

– Vai responder que sim?

Sou salva pela chegada de Cristina Winfield. Ela entra saltitante, dá um beijo na bochecha de Rory para cumprimentá-la e logo todas ficam muito ocupadas perguntando a respeito do noivado *dela*, anunciado recentemente.

– Matthew a beijou quando você disse sim? – quer saber Rory.

Maura e eu saímos do caminho e escolhemos tortinhas para acompanhar o chá.

– Não pense que vai escapar com tanta facilidade, senhorita Cahill. Ainda não terminamos com você! – Sachi me avisa.

Vou para a sala de estar. Por que Sachi nos convidou e por que de repente está tão curiosa a respeito dos meus pretendentes? Mal trocamos uma dúzia de palavras durante toda a vida. Ela e Rory são inseparáveis, têm aquele tipo de proximidade que não admite mais ninguém, e todas as outras garotas da cidade querem ser amigas dela – são garotas adequadas, que não precisam de uma

governanta para lhes dizer o que vestir nem como se comportar.

Maura ocupa uma cadeira ao lado de Rose e trava uma conversa animada a respeito da mais nova remessa de sedas da Sra. Kosmoski. Só me resta me empoleirar no sofá listrado de verde e dourado entre a Sra. Ishida e a Sra. Malcolm. Esta tem olheiras escuras, mas não para de falar, toda animada, a respeito de seu bebê. A Sra. Ralston, outra jovem esposa, gaba-se de sua mais nova afilhada.

A palavra desperta algo dentro de mim. Já tive uma madrinha e estou em uma sala com as maiores fofoqueiras da cidade. Coloco a mão na têmpora e estampo um sorriso corajoso nos lábios. Sou a imagem de uma das heroínas tuberculosas que vivem desmaiando dos romances de Maura.

– Quem dera *eu* tivesse uma madrinha – suspiro. A tristeza na minha voz não é inteiramente fingida. – Ajudaria tanto, agora que Maura e eu somos mais velhas. Como a Mãe não está mais aqui...

As sobrancelhas ralas da Sra. Ishida se erguem de súbito, até quase tocar o couro cabeludo.

– Mas você tem. Ou... bom. Tinha.

– Tinha? Eu não me lembro dela.

Examino a sala toda, confusa, como se estivesse esperando que ela saltasse de trás de uma das cortinas adamascadas.

O cabelo louro-acinzentado da Sra. Winfield está tão puxado para trás que ela parece esticada – a menos que este seja o formato natural do rosto dela.

– Acredito que ela tenha se mudado – revela. – Quando você ainda era muito pequena.

– Ah. Mas que pena ela não ter levado a responsabilidade mais a sério – continuo. – Sei que, para *algumas* pessoas, isso tem muita importância.

Se conheço essas mulheres, um pouco que seja, elas não vão conseguir resistir. Todas as esposas dos Irmãos têm pelo menos meia dúzia de afilhadas espalhadas por Chatham. Os pais esperam que, assim, garantam alguma segurança para suas filhinhas, quando elas crescerem e se tornarem mocinhas suspeitas. Na verdade não funciona assim, mas continua sendo uma questão de orgulho para as esposas dos Irmãos. Todas elas correm para ver recém-nascidos, querendo sempre ser as primeiras a visitar uma casa que tenha um bebê novo.

A Sra. Ishida morde a isca.

– A sua querida mãe, que o Senhor a tenha, era tão doce... Tão dedicada à família... Não sei como podia ser amiga daquela mulher.

– E confiar a ela a orientação espiritual de sua filha mais velha! – intervém a Sra. Winfield. – Fico imaginando por que ela não escolheu outra pessoa. Alguém mais respeitável. – Ela bufa e estreita os lábios. Alguém como ela mesma, é o

que quer dizer. – Zara Roth era uma criatura escandalosa. É bom que não a conheça. Temo o tipo de influência que ela teria sobre vocês, pobres meninas impressionáveis sem mãe!

– A senhorita Roth parecia inofensiva no início – conta a Sra. Ishida. – Um pouco... intelectual. Uma governanta, veja bem, das Irmãs.

Minha madrinha era Irmã *e* bruxa? Junto as mãos em um gesto dócil, mas por dentro minha vontade é agarrar essas mulheres pelos ombros e sacudi-las até a história toda vir à tona.

– Ela era muito culta – completa a Sra. Winfield, pronunciando a palavra como se fosse algo vergonhoso, quase da mesma maneira que as pessoas dizem *bruxa.* Ela baixa a voz e a Sra. Malcolm e a Sra. Ralston se inclinam mais para perto a fim de escutar. – Detesto ser a portadora de más notícias, mas ouso dizer que você já tem idade suficiente para saber a verdade. A senhorita Roth, a sua madrinha, foi julgada e condenada por bruxaria.

Elas me observam com olhos ansiosos, empolgadas com o fato de a conversa ter dado uma guinada tão chocante. Minha mão voa até a boca.

– Oh, mas que horror! Não acredito que a Mãe tenha se deixado levar por esse tipo de mulher!

A Sra. Ishida dá tapinhas reconfortantes no meu braço.

– Infelizmente é verdade, querida. Quando fizeram uma busca no quarto da senhorita Roth, encontraram diversos livros hereges escondidos embaixo das tábuas do assoalho e nos armários e coisas assim. Eram todos sobre – ela fala a palavra sem emitir som, como se fosse um palavrão – *magia*.

Quem me dera ter esses livros. A Mãe ensinou feitiços muito básicos para mim e Maura: especificamente, como criar e reverter encantos. Sei que as bruxas são capazes de fazer outros tipos de magia. A Mãe sempre disse que nos ensinaria mais. Depois. Mas agora é depois, e ela não está aqui.

– O que aconteceu com a senhorita Roth? – pergunto, tentando permanecer imóvel.

Minhas anáguas engomadas de tafetá denunciam cada movimento do meu corpo contra o sofá.

– Ela foi mandada para Harwood. – A Sra. Winfield balança a cabeça, e o pente cravejado de joias em seu cabelo reflete a luz do candelabro. – Sua querida mãe jamais teria se associado a ela se soubesse. Foram colegas de escola. Estudaram juntas no convento das Irmãs. Tenho certeza de que ela acreditava que a senhorita Roth fosse uma mulher boa, virtuosa e religiosa. Afinal de contas, ela era uma Irmã! Foi muito perturbador. Ela foi confinada depois da prisão, é claro.

– Claro que sim. Ainda está no hospício? – indago, com um tremor.

– Imagino que sim. Ela não poderia ter permissão para retornar à sociedade – diz a Sra. Winfield, e abana o leque de seda verde para dispersar o calor da sala cheia.

– Se precisar de algo, Cate, é só dizer. Posso chamá-la de Cate, não posso? Coitadinhas de vocês. Não é nada fácil chegar à idade adulta sem a orientação de uma mãe. – A Sra. Ishida solta um suspiro de compaixão e enxuga os olhos com um lencinho de renda. – Minha mama morreu ao dar à luz meu irmão mais novo, e meu pai nunca voltou a se casar. Compreendo muito bem como pode ser difícil.

De algum modo, duvido disso. Ela não precisava se preocupar em ser presa por ser uma bruxa, não é mesmo? Mas a Sra. Ishida prossegue, lembrando-se de sua própria mama querida, que já não está mais aqui, e a conversa se desvia de Zara Roth. A mensagem é clara: mulheres com opinião, estudo demais, muito estranhas ou muito diferentes são castigadas. Elas merecem qualquer destino que as acometer. Mulheres como Zara.

Mulheres como nós.

Ficamos lá durante a meia hora de praxe. O resto da conversa é tão interessante quanto lavar louça: o noivado de Cristina com Matthew Collier, a desconfiança da Sra. Winfield de que a empregada roubou seus brincos de jade, os conselhos de todas sobre como a Sra. Malcolm deve lidar com a primeira dentição do filho. Quando nos levantamos para sair, a Sra. Ishida nos agradece pela visita e declara que estamos convidadas a cada duas quartas-feiras.

– Sua mãe ficaria muito orgulhosa das meninas adoráveis que vocês se tornaram – afirma ela, e encosta sua bochecha de flor seca na minha.

Dou um sorriso, apesar de meu coração rebelde tropeçar na presunção dela.

Do outro lado da sala, sua filha me lança um sorrisinho falso irritante.

A Sra. Ralston e a Sra. Malcolm nos fazem prometer que vamos visitá-las nas tardes que recebem em casa. Depois da mais breve das hesitações, Cristina e Rose seguem a indicação delas e perguntam quando é a nossa tarde; Maura declara toda alegre que vamos receber daqui a duas terças-feiras.

Na carruagem, minha irmã sorri para mim e pergunta:

– Tudo correu bem, não é?

– Acho que sim.

Tirando o fato de que fiquei sabendo que minha madrinha era integrante da Irmandade, bruxa... e tinha sido condenada.

– Ah, pare com isso. Acho que fizemos um sucesso estrondoso!

– Adorável – desdenho. – Tudo foi simplesmente *adorável*!

Maura dá risada; não aquele risinho educado que ela usa na frente de visitas,

mas sua risada doce e escrachada, como um riacho gorgolejando por cima de pedras. É o meu som preferido no mundo.

– Senti a tentação de começar a contar quantas vezes a Sra. Ishida falou isso – reconhece. Ela chuta para longe seus sapatos novos de ponta fina e massageia os dedos doloridos. – Que vocabulário limitado aquela mulher tem!

– Duvido que ela tenha permissão para ler qualquer coisa além das escrituras, se tanto. A última coisa que o Irmão Ishida quer é uma esposa que possa desafiá-lo.

– Imagino que ele fique treinando seus discursos durante o jantar. – Maura imita a voz oleosa dele: – *De que adianta ensinar uma mulher a ler? Meninas, vocês devem tentar não pensar de jeito nenhum. Isso pode machucar suas cabecinhas bonitas. O Senhor nos livre, pode fazer com que vocês nos questionem. Não devem jamais questionar seus superiores. E lembrem-se: até mesmo o mais estúpido dos homens terá sempre mais razão do que vocês!*

Dou risada.

– Coitada da Sachi. Nem posso imaginar ser criada naquela casa, com um pai como ele – comento.

– Eu também não. O Pai não serve para muita coisa, mas pelo menos não é um tirano.

A voz dela fica um pouco embargada, e eu a consolo.

– Sinto muito por ele não querer levar você.

– Tudo bem. Algum dia vou sair daqui. – Maura estica as pernas e seus pés com meias repousam sobre o meu colo. – Vou me casar com um velho rico como Midas que adore viajar e farei com que me leve a todo lugar. Talvez seja um emissário dos Irmãos em uma das cortes europeias.

– Você não se casaria com alguém que trabalhe para os Irmãos.

– Posso me casar se ele me levar para Dubai. Talvez eu possa assassiná-lo e ficar por lá. Uma viúva em Dubai... imagine só! Eu poderia usar calça e ler qualquer coisa que quisesse! – Maura dá risada da expressão de choque no meu rosto. – Não acho que eu vá me casar por amor. Terei que ser pragmática.

– Você? – desdenho. Ela sempre foi romântica, impulsiva, suscetível a chiliques e lágrimas. – Ainda tem um ano e meio. Isso é tempo de sobra para encontrar um homem que atenda até as suas altas expectativas.

– Acho que não. – Ela agita os dedos dos pés para mim. – E você? Ama Paul?

Olho bem feio para ela.

– Por que você foi dizer a Sachi e Rory que ele tem a intenção de pedir minha mão? Já disse que não sei se posso aceitar.

– E eu falei para *você* que isso é besteira – retruca Maura, e tira os grampos do cabelo. – Além disso, não consegui pensar em mais nada para dizer. Você não

ajudou a puxar conversa.

– Agora vão ficar fofocando sobre nós por toda a cidade.

A carruagem dá uma parada quando John troca gentilezas com o cocheiro da Sra. Corbett, que está saindo da alameda onde ela mora. Tirando a família McLeod, ela é nossa vizinha mais próxima. Aluga uma casa quadrada pequena com telhas cinzentas que mal dá para ver através dos pomares que a rodeiam. Não posso deixar de pensar que ela devia morar em algum tipo de mansão gótica, repleta de teias de aranha e estátuas sem cabeça. Combinaria mais com ela do que um chalezinho de aparência inocente.

– Pelo menos é o tipo normal de fofoca. Não é isso que queremos? – indaga Maura.

Fico em silêncio. Ela está certa. Casar com Paul, tomar chá com as esposas dos Irmãos, fofocar com Sachi Ishida sobre meu noivado – todas essas são coisas que uma garota normal faria. Mas o que *eu* farei?

– Você vai se casar com Paul, não vai? – pergunta Maura com a testa franzida de preocupação.

A carruagem avança com um sacolejo, os cascos dos cavalos batendo contra a estrada de terra compacta. Nuvens de poeira se erguem; eu espirro e me afasto da janela.

– Não sei, Maura. Ele ainda não fez o pedido.

Maura se senta ereta e volta a colocar o pé nas tábuas de madeira do piso.

– Ele vai fazer. E você não deve permitir que algum tipo de noção equivocada de obrigação em relação a Tess e a mim a impeça de dizer sim. Seria um sacrifício desperdiçado. Se não escolher por conta própria, os Irmãos farão isso por você. Que bem vai fazer a qualquer uma de nós vê-la infeliz? De todo modo, seu marido poderá levá-la para onde bem entender. Você vai ser mais feliz com Paul.

Mordo o lábio. Como posso explicar minhas dúvidas sem contar para ela sobre o diário da Mãe ou a profecia?

– Você acha mesmo que eu seria feliz com Paul? – pergunto.

Ela sorri, contente por eu estar pedindo conselho a ela.

– Acho, sim. Ele não seria adequado para mim, mas provavelmente é perfeito para você.

Senhor, ela está cheia de indiretas hoje.

– Você não acha que ele é bonito?

Maura enrola um cacho de cabelo ruivo no indicador.

– Suponho que seja. Rory acha que sim. O que *você* acha? É você que vai ter que dividir a cama com ele.

– Maura!

Enterro o rosto nas mãos, morrendo de vergonha.

– Bom, e vai ter mesmo. Vamos lá, Cate, somos irmãs. Não acha que ele é bonito?

Faço que sim com a cabeça e me lembro dos lábios de Paul tocando meu pulso.

– Acho.

– Seria um bom arranjo. Os membros da família McLeod nunca se meteram em problemas, e ele tem perspectivas excelentes. Provavelmente poderia ficar com qualquer garota da cidade. Você viu como Rose o encarava semana passada, na igreja? Mas ele nem olha para outras garotas. É óbvio que idolatra você.

– É mesmo? – pergunto, e Maura assente com veemência.

Se minhas irmãs e eu fôssemos garotas comuns, será que eu iria querer uma vida em Nova Londres com Paul? Ele me falou mais sobre a cidade em sua última visita: os restaurantes com pratos mexicanos exóticos e apimentados; o longo calçadão que ele percorre ao longo do cais para observar os navios que chegam; o zoológico cheio de animais do mundo todo. Parece grandiosa. Haveria aventuras todos os dias. E ele quer me mostrar tudo.

Se eu fosse uma garota corajosa, aventureira como Arabella, seria o que eu desejaria fazer. É isso que Maura quer. Os olhos dela se iluminam como velas quando fala desse assunto.

Às vezes fico imaginando se ele não escolheu a irmã errada.

Maura estica as costas contra o encosto de couro feito um gato.

– Vejo a maneira como ele a olha quando você não está prestando atenção. Todo bobo. Os olhos dele ficam com uma espécie de *brilho*.

– Um *brilho*? – implico. – Ah, pelos céus!

– Você não devia dar risada, Cate. Ele seria um bom marido para você, eu acho. Só que... – Maura hesita. – Será que você está apaixonada por ele? O que acha?

– Não sei – respondo com sinceridade. – Eu gosto dele.

– Mas seu coração bate mais forte quando está perto dele? – Os olhos azuis de Maura assumem um ar sonhador. – Nos meus livros, o coração da heroína sempre bate forte. Você fica com vontade de desmaiar quando ele toca na sua mão? Ou quando ele diz o seu nome? Sente que vai morrer se ficar longe dele, ainda que só por um dia?

Então ela é a pragmática... Caio na gargalhada.

– Não, não posso dizer que nada disso aconteça.

Ela franze a testa.

– Então não deve ser amor. Não por enquanto, pelo menos.

Elena pula em cima de nós no segundo em que entramos em casa, ansiosa para saber como foi. Nós três nos reunimos na sala: Elena em sua postura perfeita na poltrona azul, Maura agitada em sua ponta do sofá enquanto se gaba a respeito de como fizemos sucesso. Desabo na outra ponta, exausta, mas minha consciência me castiga até eu agradecer a Elena e garantir a ela que sua orientação deu bons resultados. Maura a enche de detalhes: como a casa da família Ishida é grande e vistosa, com suas sedas e candelabros em todos os cômodos; como o vestido de Sachi era ousado e na moda; como Cristina disse que iria declarar sua intenção de se casar com Matthew Collier no domingo, na igreja.

– Logo será a sua vez, Cate – lembra Elena. – O senhor McLeod passou aqui hoje à tarde, quando vocês estavam fora. Ficou muito triste de não encontrá-la.

Maura dá risada.

– Eu disse! Ele está gamado em você!

– Você também está gamada nele? – pergunta Elena, com os olhos parecendo holofotes.

Enterro o rosto nas costas recurvadas do sofá e solto um gemido.

– Não é da sua conta.

– Cate! – Maura me dá uma bronca. – Não seja grosseira.

Quero explicar que é o fato de Elena ser enxerida que me faz ser rude, mas ela não é exatamente a primeira pessoa a fazer essa pergunta. Sachi e Rory se acharam perfeitamente no direito de me questionar a respeito de Paul; a Sra. Winfield e a Sra. Ishida fizeram insinuações; Maura me interrogou a caminho de casa. Não vou ter paz até anunciar minha decisão. Agora só faltam dez semanas.

– Na verdade, é, *sim*, da minha conta. Seu pai me contratou para garantir que vocês, garotas, tomem as providências adequadas. – *Providências*, ela diz... não *casamentos*. Mas é humilhante ouvir isso de maneira tão direta. O Pai não confiou em mim para que eu encontrasse meu próprio marido, por isso contratou uma governanta para ajudar. – Não se deve entrar em um casamento de maneira leviana, Cate. Se não tem certeza, podemos conversar sobre o assunto. Você tem alternativas. A Irmandade...

– Eu não quero me juntar à Irmandade – retruco.

Elena se inclina para a frente e batuca com as unhas no braço de madeira da poltrona.

– Você quer se casar com o senhor McLeod?

– Não sei – respondo, arrasada. Ergo o olhar. – Não sei o que fazer.

– Quais são as outras opções? – Maura quer saber. – Você só tem...

– Eu sei! – grito. – Dez semanas! *Você acha mesmo que eu seria capaz de esquecer?*

– Cate... – diz Maura.

Ela parece chocada. É raro eu erguer a voz com elas.

– Deixem-me em paz, por favor – imploro, e saio da sala arrastando os pés. – Só quero ficar sozinha.

– Cate! – Maura chama atrás de mim, mas Elena diz a ela que me deixe ir.

Saio apressada de casa sem pegar minha capa. Estou quase correndo... não sei para onde... não há nenhum lugar para onde ir. Tropeço nos meus sapatos de salto idiotas e desejo poder chutá-los para longe e sair correndo descalça, como eu costumava fazer. Estou cansada de corseletes e anáguas e saltos, de grampos que machucam meu couro cabeludo e de tranças apertadas que fazem minha cabeça doer. Estou cansada de tentar ser tanta coisa: uma mocinha bem educada acima de tudo, uma mãe substituta, uma filha inteligente, uma futura esposa dócil e...

Não quero ser nada disso! Só quero ser eu mesma. Cate. Por que nunca é o suficiente?

Chego à pequena campina próxima ao nosso celeiro. Eu gostaria de simplesmente poder me esconder em algum lugar onde ninguém conseguisse me encontrar.

Tenho uma ideia. Não é algo apropriado... mas que se dane o apropriado.

Eu me agacho, desafivelo os sapatos e os chuto para longe. Eles pousam na sombra da velha macieira, ampla e retorcida. Faz anos, e não tenho muita certeza se ainda sou capaz de fazer isto. Mesmo assim, eu me lanço para cima da árvore e agarro o galho próximo à minha cabeça, subindo no tronco cheio de nós. Não o faço com muita graciosidade. Minha meia-calça rasga no mesmo instante e quase caio para trás por causa do peso das saias. Abraço a árvore por um minuto, um pouco desequilibrada, mas então me firmo, viro e subo mais ainda. Monto no terceiro galho à direita, a um metro e meio do chão, com as pernas e as saias balançando. A Cate criança riria de me ver contente com isso, já que eu costumava subir até o galho duas vezes mais alto.

Arranco os grampos do cabelo e jogo-os no chão, um por um. Inclino a cabeça para trás e olho para cima, através dos galhos arqueados e cheios de maçãs, até fitar o céu. Está muito azul hoje. Deve existir uma palavra para este tom específico. Tess saberia dizer qual é. Preciso passar menos tempo tentando arrumar marido e mais tempo observando o céu, aprendendo o nome de todos os vários tipos de azuis. Dou risada, um pouco eufórica.

– Senhorita Cahill?

Eu me inclino para a frente, me firmo com as mãos no galho adiante e olho para baixo por entre as folhas verdes, bem para o rosto surpreso de Finn Belastra.

Uma dama não iria querer ser pega nesta posição nem morta. Mas um cavalheiro... Por acaso um cavalheiro de verdade não iria ignorar e ir embora para me poupar do constrangimento?

Aceno debilmente para ele.

Finn dá uma risadinha.

– Agora é um duende das árvores? – brinca ele.

– Estou fingindo que voltei a ter 12 anos.

Tento ajeitar o cabelo em gestos frenéticos, desejando que não tivesse jogado todos os grampos no chão. Devo estar com uma aparência pavorosa. Ele sempre está bonito, mesmo coberto de serragem do gazebo, com aquele cabelo todo desgrenhado e os óculos tortos.

Finn pousa a escada que está carregando.

– Doze anos não foi minha melhor idade. Eu achava que sabia tudo. Vivia levando surra.

– Doze anos era o céu! – protesto. – Nenhuma responsabilidade. Eu podia fazer qualquer coisa que quisesse.

– Como o quê? – indaga Finn, e se apoia no tronco recurvado.

– Correr pelos campos. Subir em árvores. Ler sobre piratas. Nadar no lago fingindo ser uma sereia!

Dou risada ao me lembrar.

– Você daria uma sereia muito atraente. – Os olhos dele são de admiração. – Pode jogar uma maçã para mim?

Colho uma maçã e jogo para ele. Ele se desvia dela.

– Era para você pegar – observo, e passo uma perna por cima do galho, esforçando-me para me equilibrar no galho mais baixo.

– Você me surpreendeu com sua mira excelente. É...

Fico olhando feio para ele.

– Se você disser “boa para uma menina”, nunca vou perdoá-lo.

– Eu nem sonharia com isso. Você me deixa apavorado – diz ele, e ri.

– Não zombe de mim – reclamo, e abraço o tronco da árvore outra vez. – Já estou envergonhada o bastante.

– Por quê? Precisa de ajuda? Quer que eu a segure?

– Certamente não – digo com o queixo erguido.

Só não quero que ele veja por baixo das minhas saias. Ou que me veja caindo de cara no chão se chegar a isso.

– Desvie os olhos, por favor – peço a ele.

– Não se machuque.

Finn parece preocupado.

– Não vou me machucar. Esta não é exatamente a primeira vez que subo em

uma árvore. Agora, vire-se para o outro lado.

Finn se vira de costas, obediente, com as mãos enfiadas no bolso. Eu me penduro no galho e me deixo cair. O choque de pousar no chão causa pontadas de dor nas minhas pernas.

– Ai – resmungo, sem fôlego.

Finn se vira, rápido.

– Está tudo bem?

– Está. É só que... me desculpe.

Penteio o cabelo com os dedos e tiro folhas dele. Meu vestido novo está parcialmente estragado, um pouco de renda soltou da barra e minha meia-calça está bastante desfiada.

Finn se inclina e tira uma folha do meu cabelo.

– Por que está pedindo desculpa?

Enterro o rosto nas mãos. Uma hora. Eu queria uma hora para ser invisível e não consegui nem isso.

– Bom... Estou um pouco grande para subir em árvores, não acha?

– Está? A árvore é sua, não é? Não vejo nenhum motivo para não subir nela se assim desejar.

Finn ajeita a escada embaixo da árvore.

– Acho que os Irmãos não iriam aprovar. Pareço uma andarilha.

– Está linda – discorda ele. Desta vez, o vermelho em suas bochechas se espalha até a ponta das orelhas. – A Fraternidade sugaria toda a cor e a alegria do mundo se permitíssemos.

Fico em silêncio, fascinada. Ele passa a mão no cabelo desgrenhado cor de cobre.

– Eu... agora é minha vez de pedir desculpa. Não devia ter dito isso.

A grama é fria sob a sola dos meus pés.

– Mas disse. É isso mesmo que você pensa? – pergunto com a voz grave.

Finn se volta de novo para mim. Seus olhos castanhos estão sérios atrás dos óculos.

– Não acredito que o Senhor deseje que sejamos infelizes, senhorita Cahill. Não é pré-requisito para a salvação. É o que eu penso.

capítulo

8

Não estou nervosa. Não até abrir a porta pesada da livraria Belastras na manhã seguinte. Então sou acometida pela urgência repentina e ridícula de erguer as saias e sair correndo. Dou uma olhada para a carruagem, mas, depois de ver que entrei em segurança (ou quase isso), John já partiu em direção ao mercado. Não seria nada apropriado eu sair correndo pela rua atrás dele.

Eu devia estar em casa, tendo lição de aquarela, mas informei a Elena que não estava inspirada pela cesta de frutas e pedi para pintar o jardim em vez disso. Quando ela concordou (parece que paisagens estão muito na moda atualmente), eu me esgueirei até o celeiro e perguntei a John se podia acompanhá-lo à cidade. Havia um nome, além do de Zara, que aparecia repetidas vezes no diário da Mãe. Uma pessoa a quem ela confiou seus segredos. Marianne Belastra.

– Pode fechar a porta, por favor?

É a voz de Finn. Maldição. Achei que ele estaria trabalhando no gazebo.

– Desculpe – digo, e entro totalmente na loja.

A Belastras é o pesadelo de qualquer bombeiro. Estantes de livros labirínticas se estendem do chão ao teto. As prateleiras sempre parecem estar cheias, por mais livros que sejam banidos ou censurados pelos Irmãos. O lugar tem o mesmo cheiro do escritório do Pai: fumaça de cachimbo doce misturada com pergaminho amadeirado. Partículas de poeira flutuam nos raios de sol na entrada, mas os fundos da loja estão mergulhados em sombras.

Nunca me senti à vontade ali. Não consigo entender como Maura e o Pai conseguem passar horas nesse lugar, acariciando lombadas, folheando textos antigos com reverência, mexendo a boca em adoração silenciosa.

Não entendo a igreja deles da mesma maneira que não entendo a dos Irmãos.

Finn Belastra sai de trás de uma fileira de estantes. Hoje está usando um paletó propriamente dito em vez de mangas de camisa.

– Posso ajudá-la a encontrar... Ah, bom dia, senhorita Cahill.

Recuo na direção da porta, sentindo-me acanhada depois do nosso encontro arbóreo do dia anterior.

– Bom dia, senhor Belastra. Sua mãe está?

Finn balança a cabeça.

– Ela não está se sentindo bem. Dor de cabeça. Estou cuidando da loja para ela. Posso ajudar? – Ele vasculha uma pilha de livros no balcão. – Não temos nenhum pacote para o seu pai. Ele encomendou algo?

Tem sido difícil fugir das minhas irmãs e das intermináveis aulas de etiqueta de Elena para falar com Marianne. Nunca me ocorreu que, quando eu enfim tivesse coragem e oportunidade para perguntar, ela pudesse não estar na loja para responder às minhas questões.

– Não estou aqui por causa do Pai.

Estou agitada, tentando segurar a irritação. Não é culpa de Finn sua mãe estar doente ou o fato de hoje ser um dia totalmente diferente de todos os outros em que coloquei os pés ali.

– Ah. – Finn me lança aquele seu sorriso cativante. – Veio à procura de Arabella?

– Não. Eu queria... Será que tem alguma chance de sua mãe descer para falar comigo, apenas por um momento? É importante.

Finn ajeita os óculos no nariz.

– Sei que não confia na minha habilidade de jardineiro, mas posso garantir que sou um excelente livreiro. O que procura?

Não posso pedir livros sobre magia para ele. Mas, se eu der meia-volta e for embora, minha viagem terá sido em vão. Quem sabe quando terei outra oportunidade de vir à cidade sem minhas irmãs?

– Ouvi dizer que vocês têm um registro dos julgamentos.

As palavras saem da minha boca antes que eu pense nas consequências. E se Finn não souber que a mãe guarda esse livro?

Ele estreita os olhos para mim.

– Onde ouviu isso? – Há um toque metálico em sua voz. – E mesmo que tivéssemos algo assim... Por que uma garota como você iria querer saber sobre isso?

– Uma garota como eu? Que tipo de garota seria esse, exatamente? – pergunto, magoada. – Uma garota que não anda por aí com o nariz enfiado em um livro o dia inteiro? Não tenho o direito de me interessar por... pela história local?

– Não foi isso que eu quis dizer – Finn se apressa em explicar. – Não é algo que saímos emprestando sem mais nem menos, só isso. Por que quer vê-lo?

– Tive uma madrinha... – digo lentamente. – Ela e a minha mãe eram amigas de escola. Mas ela foi presa por bruxaria. Eu queria ler sobre ela.

Finn chega mais perto.

– E posso confiar o livro a você?

Jogo as mãos para o alto, frustrada.

– Pode! Confio em você para não assassinar minhas flores, não é? Todos nós corremos riscos.

Finn deixa a cabeça pender de lado e me examina por um longo minuto.

Evidentemente, eu passo no teste.

– Tudo bem. Espere aqui. – Ele abre a porta ao lado da escada e desaparece dentro do armário. No momento seguinte, ressurge com uma pasta do tipo usado para fazer os registros de uma loja. – Venha comigo.

Eu o sigo pelas fileiras serpenteantes de livros, com meus nervos agitados feito borboletas. Ele para na frente de uma mesa bem no fundo.

– Você sabe o ano em que ela foi presa?

– Não. Bom... foi entre dezesseis e dez anos atrás. Se era minha madrinha, teve que estar presente ao meu batizado, mas não me lembro dela.

– Os registros são cronológicos, é claro – informa Finn.

Ele se apoia contra uma estante enquanto eu me acomodo na cadeira da mesa.

– Claro – digo. Ergo os olhos e vejo que ele está me encarando. – O que foi?

– O seu cabelo.

O meu capuz caiu, revelando as tranças presas no alto da cabeça. Maura as fez para mim hoje de manhã, para treinar um dos penteados das revistas de moda de Elena.

– Ficou bonito. Este penteado combina com você.

– Obrigada.

Meus olhos recaem sobre a pasta, minhas bochechas estão em brasa.

– Você vai ficar aqui me olhando? Juro que não vou fugir com isto.

– Não, vou deixá-la à vontade. – Mas ele hesita. – A Mãe prefere que a Fraternidade não saiba a respeito desse registro. Se a sineta em cima da porta tocar, você deve colocá-lo na gaveta e se ocupar com outra coisa. Para sua própria segurança e também para a nossa.

– Eu... claro. Pode deixar. Muito obrigada.

Espero até os passos dele chegarem ao balcão. Escuto cada toque de seus sapatos no piso de madeira que range. Este lugar é tão silencioso que mal consigo pensar. Não é o mesmo silêncio de estar ao ar livre, onde sempre há insetos zumbindo, passarinhos cantando, aves grasnando e as folhas das árvores farfalhando com o vento. Este é um silêncio sinistro, morto.

Quando abro o livro, a capa cai em cima da mesa com ruído. Retrocedo dezesseis anos, até 1880, e examino a lista de nomes na coluna da esquerda.

“Margot Levieux, 16 anos, e Cora Schadl, 15 anos”, diz a primeira anotação. “*12 de janeiro de 1880. Crime: pegas se beijando na plantação de mirtilos dos Schadl. Acusadas de desvio e luxúria. Sentença: Hospício Harwood para ambas.*”

Enviadas a Harwood pelo resto da vida por beijar outra garota? Isso parece severo demais.

Este registro é fascinante! Nunca tinha visto as acusações e os julgamentos da

Fraternidade explicitados. Em geral, são envoltos em mistérios e mencionados apenas aos sussurros, como um bicho-papão embaixo da cama.

Na metade de 1886, encontro o nome que procuro.

> *"Irmã Zara Roth, 27 anos. 26 de julho de 1886. Crime: bruxaria (conhecida). Acusada de possuir livros proibidos sobre magia e espiar os julgamentos da Fraternidade. Acusadores: Irmãos Ishida e Winfield. Sentença: Hospício de Harwood."*

Não é mais do que descobri durante o chá na casa da família Ishida. Minha madrinha conseguiu contrabandear uma carta para fora de um hospício para aqueles que são criminalmente insanos. Só que... Como ela sabe que não estamos em segurança? A menos que... Será que Brenna fez alguma previsão?

Continuo minha leitura. A Sra. Belastra escreve a respeito da sentença de garotas aqui de Chatham e também anota o que escuta sobre julgamentos de cidades próximas. A ampla maioria das meninas é transferida para o litoral e submetida a trabalhos pesados. Umas poucas, como Brenna, são sentenciadas a Harwood. Outras são dispensadas apenas com advertências, e a Sra. Belastra observa que todas essas posteriormente se mudaram para longe ou desapareceram.

O que aconteceu com essas mulheres? Viver em Chatham depois de um julgamento devia ser difícil, sabendo que os olhos vigilantes (e os espiões) dos Irmãos estão por toda parte. Será que as mulheres fugiram para uma cidade maior, onde poderia ser mais fácil se misturar à multidão e passar despercebida? Ou será que algo mais sinistro ocorreu a elas?

A Mãe registrou em seu diário que não havia padrão perceptível nas sentenças e, até onde sei, isso ainda é verdade. Mulheres que roubam pão ou que arrumam um amante são sentenciadas a anos árduos no mar, ao passo que algumas mulheres acusadas de bruxaria são consideradas inocentes e dispensadas imediatamente. Como é possível, com toda a paranoia dos Irmãos a respeito de magia? A menos que... a menos que eles não sejam tão ignorantes quanto eu pensava e saibam que a verdadeira bruxaria é rara. Isso é quase pior. Significaria que o aumento de prisões não se deve a delitos, de jeito nenhum; é apenas uma maneira de nos manter amedrontadas.

Retorno ao registro. As acusadas variam de meninas de 12 anos, como Tess, a donas de casa de 40, como a Sra. Clay, um dos casos mais notórios dos últimos dez anos. A Sra. Clay confessou que tinha dormido com um homem que não era seu marido. As fofoqueiras da cidade nunca revelaram a identidade dele, mas está escrito bem aqui com a caligrafia clara de Marianne Belastra: "*A Sra. Clay*

afirmou que, se ela era considerada culpada, então o Irmão Ishida também deveria ser, porque foi ele o homem com quem ela cometeu o crime de adultério."

O Irmão Ishida? Penso nos olhos frios e nos lábios finos dele, e minha pele se arrepia. As mulheres é que são sempre castigadas.

Engulo minha repulsa. Há mais uma coisa que preciso ver. Folheio até outubro do ano passado e examino a fileira de nomes. "*Brenna Elliott, 16 anos. Crime: bruxaria. Acusador: seu pai. Sentença: Hospício de Harwood. Solta no verão de 1896 por insistência do avô. Óbvias tentativas de suicídio.*"

Dez meses naquele lugar e Brenna preferira morrer. Minha madrinha está lá há quase dez *anos*.

Ando até a frente da loja, onde Finn lê um livro com o queixo apoiado na mão e os olhos movendo-se rapidamente pela página.

– Obrigada, senhor Belastra. Foi muito útil.

– Encontrou o que estava procurando?

Os olhos castanhos de Finn examinam os meus.

Encontrei, mas não estou mais próxima de descobrir nada novo sobre a profecia... ou de saber o que vou fazer na minha cerimônia de intenção.

– Sim. Acontece que ela era escandalosa. Foi sentenciada a Harwood.

– Sinto muito por isso. – Finn fica em pé atrás do balcão. – Posso ajudar com algo mais?

– Não. Aliás, ficarei agradecida se esquecer que estive aqui.

Ergo o capuz e me dirijo para a porta. Do lado de fora da ampla vitrine, Chatham parece tranquila e sonolenta ao sol do meio da tarde. É o bastante para fazer a gente se iludir.

– Espere! Senhorita Cahill, não foi acusada, foi? Ou alguma de suas irmãs?

Eu me viro de supetão. Os ombros de Finn estão tensos por baixo do paletó, o maxilar cerrado.

– Não! Claro que não. Por que pensou nisso?

Ele franze a testa.

– Você pediu para ver o registro.

– Eu disse que estava curiosa a respeito da minha madrinha! E, além do mais, se *fôssemos* acusadas, não acho que eu estaria aqui sentada lendo um livro! Que serventia teria?

– O que faria se fosse acusada? – indaga Finn, com olhos atentos, curiosos.

Respiro fundo. Ninguém nunca me perguntou isso, mas é uma questão que me assombra. Se alguém hostil nos pegasse fazendo magia, eu seria obrigada a apagar sua memória. Não é que não tenha escrúpulos em relação a isso. Mas é o que eu faria.

Não posso dizer *isso* a Finn Belastra.

– Não sei – respondo.

Isso também é verdade. Se soubéssemos do informante quando já fosse tarde demais, se os Irmãos e seus guardas fossem até a nossa casa e fizessem uma acusação como fizeram com Gabrielle... Não sei o que eu faria. Não acho que minha magia seja forte o suficiente para modificar meia dúzia de memórias.

Já passei horas criando estratégias, mas não tenho uma solução. Não existe uma solução.

Essa é a questão, suponho. Estamos todas à mercê dos Irmãos.

– Eu iria fugir – diz Finn, e passa a mão pelo carvalho liso do balcão.

Minha cabeça se ergue bruscamente. Não sei o que eu esperava que ele fosse dizer, mas não era isso.

– Você é homem. Nunca vão acusá-lo de nada.

Há uma expressão de tristeza em seus olhos. Eu não achava que o filho do livreiro, um rapaz desajeitado e inteligente, pudesse ser tão decidido. Como uma força a ser reconhecida.

– Quero dizer, se Clara fosse acusada. Ou a Mãe. Eu iria pegá-las e fugir. Tentaríamos nos perder na cidade.

Meu capuz volta a cair. Eu ignoro, atônita. Nunca ouvi um homem falar assim antes. Seria uma traição. É... fascinante.

– Como escaparia dos guardas?

Finn baixa a voz.

– Iria matá-los se fosse necessário.

Até parece que é tão fácil assim.

– Como? – pergunto.

Não disfarço o ceticismo em minha voz. Não consigo sequer imaginar Finn Belastra vencendo uma luta corporal com um dos guardas corpulentos dos Irmãos.

Ele se abaixa e tira uma pistola da bota. Eu me aproximo. Devia ficar horrorizada (uma boa menina ficaria), mas estou encantada. John tem um rifle de caça, mas ele o usa com a finalidade de matar coelhos e cervos para o nosso jantar; não para atirar em *pessoas*. Nem os guardas dos Irmãos carregam armas – pelo menos não de maneira explícita. Assassinato é pecado.

Mas bruxaria também é.

Finn equilibra a pistola na mão. Ele parece à vontade com ela.

– Sou um excelente atirador. O Pai me levava para treinar todo domingo depois do culto.

Meus olhos encontram os dele. Sinto uma necessidade repentina e sem precedentes de confessar. De dizer a ele que eu também mataria por minhas

irmãs se fosse preciso. Eu faria qualquer coisa.

Ele também. Dá para ver no rosto dele, tão claro quanto o dia.

– Por que viriam atrás de vocês? – pergunto.

Será que Marianne também é bruxa? É por isso que a Mãe trocava confidências com ela?

– A Mãe é independente demais para o gosto deles. Desconfiam que ela desrespeite as regras e venda livros proibidos. Têm razão – afirma ele, e sua boca se curva em um sorriso. – E também não estão nada satisfeitos comigo. Ofereceram-me uma vaga no conselho. Disseram que eu poderia trabalhar como professor na escola se fechasse a livraria. Acho que feri o orgulho deles quando recusei.

Tolo. Não é à toa que estão se empenhando tanto em fechar a loja dele. Sua família estaria mais segura se tivesse aceitado.

– Por que disse não? – sussurro.

Ele se inclina sobre o balcão e baixa a voz para se equiparar à minha. O rosto dele e o meu estão a apenas centímetros de distância. Ele tem cheiro de chá e tinta.

– Este lugar foi o ganha-pão do meu pai. O sonho dele. Não vou ceder ao terrorismo dos Irmãos.

– É corajoso da sua parte dizer não a eles.

Seus lábios cor de cereja se torcem.

– Corajoso ou tolo? O Irmão Elliott faleceu ontem à noite. Imagino que virão atrás de mim para ocupar seu lugar. Se eu recusar a proposta deles mais uma vez, pode ser que haja retaliação.

Fico paralisada. Então, a previsão de Brenna se concretizou.

– Por que está me contando isso?

Minha voz sai um tanto sufocada. Ele deve saber que eu poderia delatá-lo: pelo registro, pela pistola, por ameaçar os Irmãos.

Finn se abaixa e volta a guardar a pistola na bota.

– Talvez eu quisesse provar que você também pode confiar em mim.

Eu confio. Quero confiar. Fico atordoada de perceber quanto quero. Conheço Paul desde bebê e nunca cheguei tão perto de contar meus segredos a ele.

– Por quê?

Ele se apruma.

– Até Arabella precisava de ajuda de vez em quando.

Pobre cavalheiro desavisado. Se eu fosse louca o suficiente para confiar nele, para contar o que sou, ele não iria querer se envolver comigo. Não se quisesse proteger sua família.

– Você... já me ajudou muito – gaguejo, e ergo outra vez o capuz sobre a

cabeça. – Obrigada, senhor Belastra.

Ele me examina por um momento, tentando me ler como se eu fosse um de seus livros. Felizmente, não faz perguntas que eu não posso – e não vou – responder.

– De nada, Cate.

capítulo

9

Na tarde do dia seguinte, pego minhas aquarelas e me dirijo ao jardim, fingindo que vou terminar uma pintura para Elena.

Um pintassilgo grita nas proximidades e sai voando com um bater de asas irritado. Ele traça um círculo antes de se acomodar em um carvalho próximo.

Eu mesma sinto vontade de sair gritando.

Em vez disso, caminho até o som de marteladas na encosta da colina. Finn está empoleirado no degrau mais alto de uma escada, pregando uma viga do telhado no lugar.

– Senhor Belastra! – chamo.

Finn se vira, sobressaltado. O movimento dele faz a escada se desequilibrar, que tomba para o lado e o leva consigo. Solto um grito de advertência, mas é tarde demais... Finn agita os braços, agarrando o ar vazio. Ele cai desajeitado, machucando o tornozelo.

Corro em sua direção depois de jogar as aquarelas e o bloco de esboços no chão, amaldiçoando o corselete.

– Está tudo bem? – pergunto, e me agacho ao lado dele.

Ele está sentado ereto, mas seu rosto está pálido por baixo das sardas. Ele vira a cabeça e xinga feito um marujo.

Engulo em seco, fingindo ultraje.

– Senhor Belastra, eu não sabia que conhecia tais palavras!

Ele tenta sorrir, mas acaba fazendo uma careta.

– Amplo vocabulário.

– Quer que eu vá chamar John? Precisa de ajuda?

– Eu consigo me virar – bufa ele.

De minha posição privilegiada, vejo seu pescoço ficar todo cor de rosa por baixo da gola da camisa. Ele tem sardas ali também.

Fico imaginando quantas sardas ele tem. Será que cobrem todo o seu corpo ou apenas os locais onde o sol tocou?

– ...o braço? – diz ele.

Estou com vergonha demais para olhá-lo nos olhos.

– O quê? – indago.

Pelo Senhor, por que estou pensando em Finn Belastra sem roupa? Minha cabeça ficou toda confusa com a emoção do acidente.

– Pode me dar o braço? Pode me ajudar a levantar? – pede ele.

– Ah. Claro!

Ele agarra meu ombro e se levanta, soltando mais uma série de palavrões. Também fico de pé e pego o sobretudo que ele deixara dobrado no piso do gazebo.

Começamos a caminhar lentamente de volta pelo jardim, com Finn apoiado em mim, um dos braços por cima dos meus ombros. Não consigo deixar de avaliá-lo de rabo de olho. Agora que sei o que ele faria para proteger sua mãe e Clara, eu...

Não consigo parar de pensar nele de um jeito diferente. Se antes já era bonito, agora é duas vezes mais. Mesmo assim, não posso sair por aí me apaixonando pelo jardineiro. É o tipo de coisa que só acontece nos livros de Maura.

E com os Irmãos prestando tanta atenção à livraria, qualquer aliança com a família Belastra só serviria para nos colocar sob escrutínio ainda maior.

Finn me pega olhando para ele.

– Não se preocupe. Não vou desmaiar – brinca ele.

– Espero que não. Acho que não consigo carregá-lo.

Entramos cambaleando pela porta da cozinha. Finn se apoia na parede de tijolos enquanto vou chamar a Sra. O'Hare. Ela interrompe a preparação do jantar (provavelmente é melhor assim) e se aproxima apressada. A cozinha cheira a pão recém-assado.

– Finn caiu da escada – anuncio.

Nós o acomodamos na velha poltrona marrom florida, ao lado do fogo.

A Sra. O'Hare faz uma cara de censura.

– Nossa. Será que devo mandar chamar o doutor Allen?

Finn balança a cabeça.

– Não, obrigado. Deixe-me apenas tirar a bota para avaliar o estrago.

– Claro. Vou preparar um pouco de chá – diz ela, e afaga o cabelo espesso dele como se fosse uma criança.

Para a Sra. O'Hare todos são velhos conhecidos.

Finn tira a bota de trabalho e agita os dedos dos pés cobertos por uma meia cinza. Quando ele tenta virar o tornozelo, solta um assobio de dor por entre os dentes.

A Sra. O'Hare se apressa até nós, preocupada.

– Pobre garoto. Será que quebrou?

– Acho que foi só uma torção forte.

A Sra. O'Hare recolhe sua cesta de costura do canto. Algumas das nossas camisolas e meias estão empilhadas ali, esperando para serem cerzidas. Fico ruborizada, torcendo para Finn não reparar nelas.

– Deixe-me ver. Já fiz curativo em mais de um tornozelo torcido no meu

tempo. A própria Cate pode ser testemunha – declara a Sra. O'Hare.

– Não, não. Eu mesmo posso fazer – retruca Finn.

– De jeito nenhum! Dê-me apenas um minuto.

A Sra. O'Hare ergue a tampa de uma panela para mexer algo fervendo. Dali sai um cheiro tentador de cebolas e abóbora. Talvez o jantar desta noite não vá ser tão ruim assim, no final das contas.

– Será que você pode fazer o curativo? – pergunta Finn em voz baixa, dirigindo-se a mim.

– Eu? – Não sou enfermeira. – Acho que é melhor ela fazer.

Ele olha para a Sra. O'Hare, ocupada com a panela de sopa, então ergue de leve a perna da calça: apenas o suficiente para revelar a pistola presa à canela.

– Por favor, Cate.

Ah. Concordo balançando a cabeça e me ajoelho ao lado dele.

– Claro que sim.

A Sra. O'Hare dá risadinhas quando me vê mexendo no rolo de bandagens dela.

– Brincando de enfermeira? O que deu em você?

Fico olhando para ela, piscando, toda inocente.

– Preciso aprender a fazer isso, não é mesmo? Vai que alguém fica com pena e se casa comigo?

– Que o Senhor ajude esse homem – brinca ela, e dá risada. – Tudo bem. Mas não aperte com muita força ou vai prender a circulação.

Lanço um sorriso maroto para Finn.

– Não acha que seria um charme ter uma perna de pau? Igual a um pirata? O imediato do *Calypso* tinha uma, não tinha?

– Iria servir para me dar um certo ar arrojado. Você tem um tapa-olho sobrando?

– Falem sério, vocês dois. Gangrena não é motivo de risada – repreende a Sra. O'Hare.

Ergo os olhos para Finn e os dele, castanhos, encontram os meus. Minha mão fica paralisada a um dedo de distância de sua perna. Fico encarando-o com o estômago agitado de tanto nervoso. Não sei por que comecei a me sentir tão acanhada de repente. Até parece que nunca vi a perna de um garoto antes. Quando Paul e eu éramos crianças, ele enrolava as pernas da calça acima do joelho, eu erguia as saias e nós entrávamos no lago, tentando pegar peixinhos com as mãos.

Mas era Paul, e nós éramos apenas crianças. De algum modo, isso aqui é totalmente diferente.

– Ande logo – a Sra. O'Hare me apressa, e eu obedeço.

Enrolo a bandagem com firmeza do calcanhar à panturrilha de Finn, que é musculosa, coberta por pelos finos cor de cobre e mais sardas. Fico fascinada com o desenho que elas formam na pele dele. Será que sobem por toda a perna?

Ruborizo só de pensar nisso.

– Agora, tome um pouco de chá e mantenha a perna para cima. Depois vamos pedir a John que o leve de volta à cidade. Bom trabalho, Cate – diz a Sra. O'Hare.

Penduro minha capa, confusa. Se eu fosse reparar em um homem, deveria ser em Paul. *Mas seu coração bate mais forte quando está perto dele?*

Meu coração é um beija-flor agora, esvoaçando enlouquecido no peito.

Arrasto uma cadeira pela cozinha para me sentar ao lado de Finn. Ele está olhando fixo para mim, com os olhos arregalados, iguais ao de uma coruja, atrás dos óculos.

– Não precisa ficar aqui comigo.

– Não tenho nada melhor para fazer. – Dou de ombros. Então sou acometida pelo medo de que ele talvez prefira que eu o deixe sozinho. – A menos que... você queira que eu vá embora.

Ele dá uma risadinha: um zumbido gostoso e grave. Nunca tinha reparado no jeito que ele ri.

– Não.

– O que foi? Não tem nenhum livro no bolso do casaco?

– Na verdade, tenho. Mas só o pego quando a companhia é entediante.

Será que ele quer dizer que aprecia minha companhia? Aliso minha saia verde, contente por estar usando algo bonito desta vez, sem lama nos joelhos nem barras rasgadas.

Continuamos lá sentados, sorrindo feito bobos um para o outro, quando a porta da cozinha se abre com um estrondo e Paul entra pisando firme.

– Aqui está minha garota! – exclama ele. – Percorri o jardim todo procurando por você. Maura disse que estava trabalhando em suas aquarelas.

Ele pega minha mão e a beija. Lanço-lhe um olhar de advertência: ele devia saber que não pode tomar tais liberdades, principalmente quando há mais gente presente.

– Belastra, o que aconteceu?

Finn toma um gole de seu chá.

– Caí de uma escada – responde ele, sem nenhuma preocupação.

Os lábios de Paul se contraem, e sinto um arroubo de vontade de protegê-lo.

– A culpa foi minha – solto.

– Como assim? – pergunta Paul, inclinando a cabeça enquanto olha para mim, confuso.

Eu me ajeito na cadeira de madeira.

– Eu o assustei.

– Não tem problema nenhum. Fez um ótimo trabalho com a atadura – diz Finn.

– Cate? – Paul dá risada até ver o sorriso de Finn, então seu maxilar se retesa. – Eu mesmo devia cair de escadas com mais frequência se isso significa ter uma enfermeira tão bonita.

– Pare – protesto.

– É sério, Cate. Posso ajudar John a terminar o gazebo. Não vou achar ruim ter uma desculpa para vir aqui. Talvez até possa melhorar um pouco o projeto, já que vou trabalhar nele – argumenta Paul, com um sorrisinho maroto.

– Não é necessário. Estarei inteiro daqui a alguns dias – retruca Finn.

– O quê?! – exclamo. – Não. Chega de escadas para você. Não quero que quebre a cabeça da próxima vez.

– Mas como é mandona, não? – brinca Paul, e dá risada.

Pelo Senhor, acabo de dar uma ordem a Finn da mesma maneira que faria com minhas irmãs. Mostro um sorriso amarelo.

– Desculpe-me. Não foi minha intenção me precipitar, eu...

– Eu não me importo – interrompe Finn.

A mão dele, no braço de sua cadeira, está muito próxima da minha, no braço da minha cadeira. Se eu esticasse a ponta dos dedos, nós nos tocaríamos. De repente é difícil, sabe-se lá por que, resistir à tentação. Meu corpo todo está inclinado na direção dele. Será que está muito óbvio quanto eu o considero atraente? Cruzo as mãos no colo.

Paul nos observa com uma expressão estranha no rosto.

– Acho que de fato não se incomoda. Eu mesmo gosto de mulheres vigorosas.

– Vigorosas? – Olho com raiva para ele. – Do jeito que você fala, parece que sou um cavalo.

Que precisa ser domado e adestrado.

– Acho que não. – Ele sorri, pega uma espátula do gancho na parede e assume posição de espadachim. – *En garde!*

Olho para Finn, morrendo de vergonha. Paul e eu costumávamos brincar de luta de espada no jardim usando galhos e na cozinha usando talheres. Mas isso quando eu tinha 12 anos. Balanço a cabeça.

– Paul, não.

Paul faz um floreio com sua espada de mentirinha para mim.

– Vamos lá. Quem sabe desta vez eu realmente tenha uma chance de vencê-la. Andei treinando no clube do Jones.

Finn dá uma risadinha.

– Aposto meu dinheiro em Cate.

– Uma aposta entre cavalheiros? – sugere Paul, e larga em cima da mesa uma moeda que tira do bolso.

Nenhum dos dois tem dinheiro para desperdiçar em algo tão bobo.

– Não, nada de apostas. Há apenas orgulho em jogo – anuncio, pego uma colher de cabo comprido da mesa e avanço para cima de Paul em um movimento ameaçador.

– Cate! – choraminga a Sra. O'Hare. – Eu estava usando esta colher. Largue-a ou vai espalhar sopa para todos os lados...

– Excelente! – digo, e acerto um golpe no ombro de Paul.

A colher deixa uma mancha alaranjada no sobretudo cinza dele.

– Vou pegá-la por isso! – Paul acena com a espátula para mim. – Este paletó é novo!

Nós nos abaixamos e corremos ao redor da mesa da cozinha, da caixa de gelo e do fogão. A Sra. O'Hare alterna entre gargalhar e implorar para que eu aja feito uma mocinha direita. Dou risada, meu cabelo cai dos grampos e se derrama por minhas costas.

– Pegue-o, Cate! – grita Finn.

Olho para ele por cima do ombro e ele sorri. Tomo fôlego.

Paul se esgueira para trás de mim e me prende contra o peito largo. Ele me faz girar e bate no alto da minha cabeça com a espátula.

– Peguei você – diz ele em tom suave.

A coisa toda é para ser uma brincadeira, mas parece mais do que isso. Ele está demarcando o território.

– Senhorita Cate?

A porta do corredor se abre de supetão. Só de olhar para o rosto de Lily já sei que há algo errado.

Eu me desvencilho de Paul.

– O que foi?

– Os Irmãos estão aqui.

Fico paralisada, mas apenas por um segundo.

Maura ou Tess? O que elas podem ter feito quando eu não estava prestando atenção?

Por que não prestei mais atenção?

– Obrigada, Lily – respondo, e minha voz não treme nem um pouco.

Quero muito olhar para Finn, mas não olho. Se fizer isso, posso implorar para que ele me empreste aquela pistola.

– Cate, o seu cabelo! – diz a Sra. O'Hare, e se apressa para arrumá-lo.

Quando ela termina, tiro a grama molhada da barra do meu vestido e ajeito os

ombros. Extraio um pouco de força do sorriso corajoso que a Sra. O'Hare estampa no rosto e então vou atrás de Lily, saindo da cozinha.

O Irmão Ishida e o Irmão Ralston estão à minha espera na sala de estar. O Irmão Ralston é um homem barrigudo e de bigode, com a testa tão franzida que parece um campo recém-arado. Ele dá aula de literatura e redação na escola dos meninos; é amigo do Pai.

– Bom dia, senhorita Cate – diz ele.

– Bom dia, senhor.

Eu me ajoelho na frente deles.

O Irmão Ishida coloca a mão gorducha e macia na minha cabeça.

– Que o Senhor a abençoe e a mantenha assim por todos os dias de sua vida.

– Sinto-me agradecida.

Eu me levanto e mordo a língua. Não tenho coragem de perguntar por que estão aqui. Seria impertinente.

Eles fazem com que eu espere um longo minuto.

– Você recebeu alguma correspondência de Zara Roth? – pergunta o Irmão Ishida.

Ergo a cabeça, tomada de alívio.

– Não, senhor – minto. – Eu nem sabia que tinha madrinha até a senhora Ishida me falar sobre ela. Ela não está no Hospício de Harwood? Achei que os pacientes de lá não tivessem permissão para escrever cartas.

– É verdade, mas já houve enfermeiras sem escrúpulos dispostas a postar cartas. Não teve absolutamente nenhum contato com ela?

Faço meus olhos cinzentos se arregalarem de surpresa.

– Não, senhor. Nunca.

– Se receber notícias dela, se ela tentar entrar em contato com você por qualquer meio, deve nos informar imediatamente – pede o Irmão Ralston.

Junto as mãos à frente do corpo e baixo os olhos para as botas deles.

– Claro que sim, senhor. Irei informar imediatamente.

– Ela foi uma mulher muito perversa, senhorita Cahill. Uma bruxa que se fazia passar por integrante devota da nossa Irmandade. Ela traiu nosso governo e nosso Senhor. Não sei por que a sua mãe, que o Senhor a guarde, iria designar tal pessoa para ser sua madrinha – comenta o Irmão Ishida.

Seus olhos escuros se concentram em mim, como se eu de algum modo tivesse sido maculada por associação.

Dou uma olhada no retrato da família – a Mãe, serena e linda – e balanço a cabeça com tristeza.

– Também não sei, senhor. A Mãe nunca a mencionou.

– Esperamos que tenha sido apenas uma questão de fragilidade feminina da

parte dela – diz o Irmão Ralston. – É preciso tomar cuidado com os sussurros tentadores do demônio disfarçados na voz de amigos, senhorita Cate. Confiar no tipo errado de pessoa pode levar a caminhos obscuros.

– Esperamos que não siga os passos da sua madrinha – completa o Irmão Ishida. – Reparamos que visitou a livraria Belastras ontem.

Tenho um sobressalto. Será que estavam me seguindo? Por que iriam me seguir? Mas o Irmão Ralston faz um gesto alentador, como se eu fosse alguma potranca irrequieta.

– Temos observado as idas e vindas da livraria já há algum tempo. Não é apropriado que uma mocinha da sua posição frequente tal lugar, senhorita Cate. As companhias que uma moça tem são fundamentais para sua reputação.

– Só fui até lá a pedido do Pai – minto.

– Não saiu com nenhum pacote – retruca o Irmão Ishida.

– Achei que seu pai estivesse em Nova Londres – completa o Irmão Ralston.

Senhor, eles estão *mesmo* monitorando as coisas. Penso rápido.

– Fui dar um recado. Finn Belastra é nosso novo jardineiro. Só que começamos a conversar e...

Espero que eles não perguntem por que John não podia entregar o recado. Ou se Finn e eu ficamos sozinhos na livraria.

O Irmão Ralston dá um sorriso afetuoso, muito disposto a acreditar na minha fragilidade feminina. Se não fosse significar uma desvantagem para mim, eu daria um tapa na cara dele para tirar aquele sorriso de lá.

– Ah, isso faz mais sentido. Seu pai disse que você não é do tipo inteligente.

Cerro os dentes.

– Confesso que não vejo atração em tanto conhecimento por meio de livros – digo.

Lanço a eles um olhar de preocupação ingênua, batendo meus cílios louros. Sachi Ishida teria orgulho de mim.

– Não há mal nisso. Conhecimento demais pode virar a cabeça de uma mulher – argumenta o Irmão Ralston.

– Você nem vai sentir falta de sua madrinha, senhorita Cahill – afirma o Irmão Ishida. – Tem toda a orientação de que precisa. É nossa obrigação tomar conta de nossos filhos e filhas e ficamos contentes em fazer isso.

Mascaro minha fúria com um sorriso.

– Sim, senhor. Sinto-me muito agradecida por isso.

– Quando completa 17 anos, senhorita Cahill?

Ah, não.

– No dia 14 de março, senhor.

O Irmão Ralston me observa com os olhos azuis alegres, de repente

incomodados.

– Tem consciência da importância do seu próximo aniversário? – Faço que sim com a cabeça, torcendo para que isso seja tudo, mas ele prossegue: – Três meses antes do seu aniversário, precisa anunciar o seu noivado ou a sua intenção de se juntar à Irmandade. Em meados de dezembro, haverá uma cerimônia na igreja em que você irá se comprometer durante o culto ao seu marido ou ao Senhor. Levamos essa declaração de intenção muito a sério.

– Um mês antes da sua cerimônia, se não tiver identificado um pretendente adequado ou recebido um convite das Irmãs, a Fraternidade vai assumir a questão. Encontraremos um par para você – explica o Irmão Ishida. – Consideramos uma honra e um privilégio ajudar nossas filhas a encontrar seu lugar na nossa comunidade.

O Irmão Ralston olha para mim, ansioso.

– Isso será em meados de novembro.

Um calafrio percorre minha espinha. Hoje é dia primeiro de outubro. Só faltam seis semanas. Preciso tomar uma decisão mais cedo do que eu pensava.

– Já recebemos algumas consultas relativas à sua mão – informa o Irmão Ishida. – Sua dedicação às suas irmãs desde o falecimento da sua mãe não passou despercebido. Sabemos de vários viúvos com filhos pequenos que necessitam dos cuidados de uma mãe. O Irmão Anders e o Irmão Sobolev dariam maridos ótimos para você.

Não posso me casar com nenhum desses velhos! Não vou fazer isso. O Irmão Sobolev é um homem tristonho com sete filhos que variam em idade de 2 a 11 anos. Pelo menos no céu a esposa dele tem alguma paz. E o Irmão Anders é mais velho que o Pai: já passou dos 40 anos, tem gêmeos de 5 anos e é careca.

– Sim, senhor. Obrigada – murmuro.

– Muito bem, então. Terminamos o que viemos fazer aqui – diz o Irmão Ishida. – Limpamos a mente e abrimos o coração ao Senhor.

– Limpamos a mente e abrimos o coração ao Senhor – o Irmão Ralston e eu repetimos.

– Pode ir em paz para servir ao Senhor.

– Sinto-me agradecida.

E, de fato, estou agradecida. Quando saem da minha vista, fico tão agradecida que poderia cuspir.

Como ousam?! Como ousam vir à minha casa e me dizer para manter a boca fechada e a cabeça vazia e arrumar um marido antes que eles tenham que fazer isso por mim?

Escuto quando a carruagem dos Irmãos sacoleja pela entrada e então vou para a cozinha pisando firme. A magia reverbera dentro de mim como ondulações

trêmulas no lago durante uma tempestade. Respiro fundo e aperto a mão contra a vidraça fria da sala de jantar.

Um brilho vermelho chama minha atenção. Maura está caminhando pelo jardim com Elena, de braços dados, sob os carvalhos. Um pouquinho do cabelo de cor forte de Maura aparece por baixo do capuz. Nunca consigo fazer com que ela largue as porcarias de seus livros para ir ao jardim comigo. Mas, para esta desconhecida com vestidos bonitos e boas maneiras, Maura tem muita disponibilidade. Ela escuta Elena, ela a adora, mas sou eu quem passa o tempo todo preocupada em como mantê-la em segurança.

Mas... qual decisão faria com que ela ficasse mais segura? Será que eu deveria me casar com Paul e me mudar para longe, nunca ver minhas irmãs a não ser uma ou duas vezes por ano e deixá-las sob a orientação de Elena? Ou ficar aqui em Chatham e permitir que os Irmãos me casem com alguém, como se eu fosse uma potranca premiada, mas me manter sempre vigilante, pronta para brandir minha magia mental se desconfiarem das minhas irmãs?

Nenhuma das opções parece razoável.

Ouço um barulho igual ao de gelo rachando no lago em março. A vidraça da janela racha e forma fissuras pequeninas sob a palma da minha mão.

Respiro fundo. E se eu tivesse perdido o controle na cozinha, na frente de Finn, Paul e da Sra. O'Hare?

Não gosto nem de pensar nisso. Preciso tomar mais cuidado.

– *Renovo* – sussurro.

O vidro se remenda.

Na cozinha, sou recebida com uma enxurrada de perguntas. O casaco sujo de sopa de Paul agora está jogado nas costas de uma cadeira e ele anda de um lado para outro em seu colete marrom-claro e mangas de camisa.

– O que eles queriam? – indaga ele.

A Sra. O'Hare ergue os olhos da mesa, onde mais uma vez está sovando massa, apesar de haver um pão fresquinho no peitoril da janela.

– Está tudo bem, Cate? – pergunta ela.

Mas é para Finn que eu olho, ainda sentado em sua cadeira perto do fogo. Ele não parece frenético como os outros, apesar de seu cabelo espesso estar um pouco mais despenteado do que antes, como se ele tivesse passado as mãos nele sem parar. Sua expressão é de calma. Calculista. Como se resolvesse problemas matemáticos na cabeça – ou pensando em como me livrar de problemas, caso eu precise.

– Não foi nada. Está tudo bem – insisto.

Paul chega mais perto, pairando sobre mim.

– Cate, os Irmãos não fazem visitas apenas para...

Eu me viro para ele, em uma explosão.

– Eu *disse* que não foi nada!

Ele ergue as mãos.

– Certo, certo, tudo bem.

Dá para ver que ele não acredita em mim, mas o que posso dizer? Que querem me casar para garantir que eu não vá causar problemas como a minha madrinha e será que ele, por favor, pode me ajudar com isso? É humilhante.

– John deve ter aprontado a carruagem – diz Finn. Ele faz uma careta quando fica em pé. A Sra. O'Hare lhe emprestou sua bengala de madeira. – Agradeço mais uma vez.

Tento sorrir, mas não consigo.

– Vou acompanhá-lo.

Finn limpa a garganta.

– Não precisa. Consigo ir sozinho.

Ele manca até a porta.

– Sente-se e tome um chá comigo. Você parece exausta – diz Paul, e puxa uma cadeira.

– Só um minuto. Deixe-me acompanhar Finn primeiro.

Passo apressada por Finn e já estou do lado de fora antes que algum deles possa discutir. Logo vou ter que obedecer às ordens de um marido; mas agora ainda não.

Avanço vários metros pelo jardim antes de Finn me alcançar.

– Eu poderia ter vindo sozinho – garante ele. – Não quero causar problemas com seu noivo.

Ele se apoia pesadamente na bengala, com o rosto voltado para o chão.

– Ele não é meu noivo – retruco, e apanho uma flor.

Que tipo de insinuações Paul ficou fazendo na minha ausência?

Seis semanas. É tão pouco tempo. Há seis semanas eu não tinha madrinha nem governanta; eu não sabia nada sobre esta profecia; eu mal conhecia Finn.

– É mesmo? Ele... Bom. Peço desculpa. Obviamente, tirei a conclusão errada.

Finn sorri.

– Obviamente. – Arranco pétalas da flor na minha mão (bem me quer, mal me quer) e evito uma pontada de culpa. Não há promessas entre Paul e eu. Eu disse que ia pensar sobre as intenções dele, e estou pensando. – Os Irmãos perguntaram por que fui à sua livraria. Sabiam que eu tinha estado lá, quanto tempo fiquei e que saí sem nenhum pacote. Estão vigiando a loja. Eu não queria contar para você na frente de Paul e da senhora O'Hare.

Finn estreita os lábios.

– Isso não é novidade. Sinto muito se lhe causei problemas, mas...

– De jeito nenhum. Eles acham que sou praticamente analfabeta!

– O quê?

Finn se apoia no muro de pedra que rodeia o jardim.

– Parece que todo mundo sabe que não sou do tipo inteligente – digo por entre os dentes, e jogo a flor estragada no chão.

Finn fica olhando fixo para mim. E então, corajoso, estende o braço e pega minha mão.

É o bastante para acalmar a raiva dentro de mim.

– Não permita que eles façam com que você se sinta pequena. É a especialidade deles. Mas qualquer pessoa com meio cérebro é capaz de ver como você é inteligente. – Ele me olha de soslaio. – E corajosa. Mal hesitou quando foi informada de que eles estavam aqui.

– Você acha que sou inteligente?

Ele? O estudioso brilhante?

– Acho, sim. – Os dedos dele se curvam ao redor da palma da minha mão; seu toque é reconfortante e perturbador ao mesmo tempo. Meu coração salta dentro do peito. – Sobre o que mais os Irmãos perguntaram?

Ouvimos o barulho de uma roda de carruagem passando sobre um buraco no caminho. John está saindo do celeiro. Largo a mão de Finn e me afasto até uma distância respeitável.

– Sua mãe está se sentindo melhor?

Finn parece confuso.

– Está. Ela voltou a cuidar da livraria hoje.

– Talvez eu passe lá amanhã. Preciso perguntar algo a ela.

É um descuido, eu sei, com os Irmãos à espreita. Mas de que outro jeito vou saber mais sobre essa maldita profecia? Preciso inventar outra coisa para fazer para o Pai.

– Você vai estar lá? – Tento soar despreocupada, como se não fizesse diferença, mas percebo que quero muito vê-lo de novo.

Finn sorri.

– Pela manhã. Nós nos vemos amanhã, então.

– Até amanhã – respondo.

Eu me apoio no muro e destruo mais uma flor enquanto o observo sacolejar pelo caminho. Sinto que um dia é muito tempo para esperar.

Nada de bom pode resultar disso.

De volta à cozinha, Paul está sentado na cadeira de Finn. A Sra. O’Hare se retirou. Ele se levanta de um salto quando entro.

– Estou cansada – digo simplesmente. – Esta manhã foi muito agitada.

– É mesmo? – Paul retesa a mandíbula daquele seu jeito peculiar. Outra coisa

que não mudou: ainda sei dizer quando o aborreço. – Bom, não vou a lugar nenhum até você me dizer por que os Irmãos estiveram aqui. Então é melhor ir falando logo.

Pego o pão do peitoril da janela e levo até a mesa.

– Não é nada.

Paul se apoia na mesa e se equilibra sobre os braços bronzeados e musculosos.

– Para mim, é algo. Se envolve você, importa para mim. E parece que não se incomodou de contar a Belastra. Eu não sabia que vocês dois tinham se tornado amigos tão próximos.

Finn tinha razão. Paul está com ciúme.

– Não somos amigos. Eu nem o conheço direito.

Paul e eu nos entreolhamos com raiva por um momento. Já perdi a paciência com ele mais vezes do que sou capaz de contar, mas não devia me aproveitar de sua boa índole. Ele só está preocupado comigo.

Para dizer a verdade, também estou preocupada comigo.

– Era um assunto relacionado à livraria – explico, e a faca de prata brilha enquanto fatio o pão com violência. – Os Irmãos desconfiam de que a senhora Belastra esteja vendendo livros proibidos. Estive lá ontem para dar um recado do Pai. Eles me viram entrar e sair e me interrogaram para saber se eu tinha visto algo suspeito.

– Só isso?

O alívio toma conta do rosto de Paul.

– Queriam me lembrar da minha cerimônia de intenção também – digo com um suspiro.

Paul parece preocupado mais uma vez.

– Você quis contar isso a Belastra?

– Não, eu queria alertá-lo sobre os Irmãos estarem vigiando a livraria.

– Ah. – Ele pega o casaco da cadeira. – Então, não há nada entre vocês dois?

– O que haveria? Ele é o nosso jardineiro.

Tento soar adequadamente incrédula, mas não posso deixar de pensar na pele corada e coberta de sardas da nuca de Finn. Na quentura de seus dedos fechados na palma da minha mão...

– Não sei. Estive fora. – Paul coloca o casaco em cima dos ombros largos. – Como vou saber quem lhe fez visitas?

– Finn Belastra não tem me visitado, posso garantir.

Ele dá a volta na mesa, apoia um braço na parede atrás de mim e me prende entre a caixa de gelo, a mesa e seu corpo.

– Que bom. Não acho que Belastra seja o tipo de homem que combina com você.

Que criatura pretensiosa.

– Ah, é? E que tipo de homem combinaria?

Paul ergue meu queixo com um dedo. Seus olhos estão dançando, com a confiança restaurada. Seu dedo traça o contorno do meu maxilar de um jeito que deixa minha boca seca e meu pulso disparado.

– Eu.

capítulo

10

Na manhã seguinte, caminho pela Church Street com aparência muito apropriada, vestindo minha capa nova, cinza e debruada de pele. Quando passo pela Sra. Winfield na frente da loja de chocolates, ela vem até mim para elogiá-la e pergunta do Pai. Comenta que devemos sentir muita falta dele, e eu concordo sem explicar que, ultimamente, viver com o Pai é como estar com um fantasma muito enfadonho e estudioso.

Nem sempre foi assim. Ele costumava nos trazer chocolates e colher flores silvestres para a Mãe quando voltava das aulas na escola de meninos. Quando ela estava boa e o tempo, bonito, saíamos para longos passeios aos sábados. A Sra. O'Hare preparava para o nosso almoço uma cesta com pães, queijo e morangos frescos. Depois de comer, o Pai lia histórias para nós a respeito de Odisseu, Hércules e os heróis antigos. Ele fazia a mesma coisa no inverno, quando o vento soluçava nas chaminés e o fogo estalava confortavelmente na sala. Às vezes até inventava vozes diferentes para cada personagem.

Achei que ele iria acabar superando o luto. Parece que não.

Enquanto a Sra. Winfield fala, examino o calçamento de pedras ao nosso redor. Sinto o incômodo de estar sendo observada. Será que a velha tagarela é informante dos Irmãos? Ou será que é Alex Ralston, amarrando seu cavalo ao poste na frente do mercado? Normalmente, eu desprezaria essa sensação achando que era paranoia, mas desde que fiquei sabendo da profecia sinto que precisamos tomar um cuidado especial, como se um único passo em falso pudesse nos custar caríssimo.

Finalmente, a Sra. Winfield cansa de tanta fofoca e desaparece dentro da loja de chocolates. Eu me demoro na frente da papelaria, olhando o mostruário de cartões de visita. Depois de alguns momentos prossigo e subo os degraus da livraria Belastras. Clara está arrumando as jardineiras, ajeitando buquês murchos.

Quando entro, a Sra. Belastra ergue os olhos para a sineta. Ela está parada no meio da loja, guardando uma caixa de livros nas estantes.

– Senhorita Cahill – diz ela. – Finn me disse que devia esperá-la.

– Sim, eu... eu tenho esperança de que possa me ajudar. Com uma pesquisa.

Seus olhos castanhos são muito parecidos com os de Finn: gentis, mas calculistas. Fico trocando o peso do corpo de um pé para o outro, de repente envergonhada por todas as vezes que fui brusca com ela. Sempre que fui até lá

para pegar livros para o Pai ou para acompanhar Maura, só conversei com ela por educação. Não porque a família Belastra não pertença à nossa classe social (apesar de não pertencer mesmo), mas porque não gosto de vir aqui. Eu praticamente puxava o braço de Maura para sairmos de lá logo. E agora apareço para implorar à Sra. Belastra que me conte segredos que podem fazer com que nós duas sejamos presas...

Ela teria todo o direito de recusar.

– Não sei o que Finn lhe disse – começo, e endireito os ombros. – Mas acabei de encontrar o diário da minha Mãe, e ela escreveu sobre algumas coisas curiosas... Coisas que considerei bastante alarmantes. Gostaria de receber qualquer ajuda que a senhora puder me dar.

Estou à mercê dela. Não sei mais o que fazer. Se Marianne resolver que não quer me ajudar, estou perdida.

– Farei o que puder. – Marianne não sorri exatamente, mas seus ombros relaxam. – Eu gostava muito de sua mãe.

– Eu não sabia que eram amigas. Não até me deparar com o diário. Ela a menciona nele. Disse que... quer dizer...

Estico o pescoço e olho para os fundos da loja. A Sra. Belastra entende minha preocupação.

– Estamos sozinhas. Finn está lá em cima. Achei que você iria preferir manter essa conversa entre nós.

– Prefiro sim, obrigada.

Fico parada logo depois da porta. O sol da vitrine ampla bate no pequeno rubi em seu dedo anular. Seu cabelo está preso para trás em um coque apertado: assim como o resto de sua aparência, é mais prático do que gracioso. Há pés de galinha nos cantos dos olhos castanhos e rugas de preocupação pronunciadas na testa, mas também rugas de sorriso ao redor da boca. Ela já foi uma beldade, dá para ver. Tem o maxilar quadrado, os lábios vermelhos e carnudos e o nariz arrebitado bonito de Finn.

Quando foi que comecei a achar o nariz de Finn bonito?

– Minha amizade com sua mãe se deu por causa de nosso amor mútuo pelos livros – explica Marianne, e acena com um volume fino de poesia para mim. – Nós duas gostávamos muito dos poetas românticos. E depois que Zara veio para cá...

– Também conheceu Zara?

Um sorriso se insinua em seus lábios.

– Tão bem quanto seria possível a qualquer um. Ela era uma pessoa bem fechada. Muito corajosa... imprudente, alguns diriam, em relação à própria segurança. Sua pesquisa era a paixão que a guiava. Finn disse que você esteve

aqui para ler o registro e descobrir o que aconteceu com ela.

Fixo o olhar nas tábuas reluzentes do assoalho. A livraria cheira a cera e a limões, como se Marianne tivesse feito sua limpeza de primavera.

Se Zara era tão importante para a Mãe, por que nunca a mencionou? Será que tinha medo de nos assustar com histórias de garotas trancafiadas em Harwood?

– Eu nem sabia que tinha madrinha até ler o diário. Não me lembro dela.

– Você devia ter só 6 anos quando ela foi mandada embora. Naquele último ano, ela viajou muito... e, quando estava por aqui, os Irmãos ficavam de olho nela. Foi apenas uma questão de tempo. Ela e sua mãe às vezes se encontravam aqui, mas Zara tinha medo de lançar suspeitas sobre Anna.

Anna. Faz tempo que não escuto o nome de batismo de minha mãe. Tento segurar uma onda desesperada de saudade.

– Por que continuou amiga dela se era perigoso?

Marianne sorri como se essa fosse uma pergunta razoável e não impertinente.

– Algumas coisas valem o risco, não é mesmo? Acredito que ninguém deve ter o direito de determinar o que leio ou quem são minhas amigas. Tenho prazer em saber que posso enganar a Fraternidade de algum modo, ainda que pequeno. E eu achava que o trabalho de Zara era importante. Ela estudou os oráculos de Perséfone e, naquele último ano, estava pesquisando uma profecia que, se chegar a se realizar, pode muito bem modificar o curso da história.

Mordo o lábio.

– A Mãe escreveu sobre a profecia, mas não muito. Por acaso... você sabe mais a respeito? – pergunto, rezando para que a confiança da Mãe em Marianne não fosse equivocada.

Marianne assente com a cabeça, de maneira ríspida.

– Um pouco. Tenho algo que pode ajudar. Por que não se acomoda na mesa dos fundos enquanto pego alguns livros?

Percorro o labirinto de estantes até a mesa em que li o registro dos julgamentos. Os óculos de Marianne estão na mesa, junto com uma xícara de chá e um bilhete escrito em sua bonita caligrafia.

Será que a própria Marianne é bruxa ou apenas uma estudiosa e fornecedora de livros? Será que Finn sabe quanto sua mãe está envolvida no estudo da magia? Mulheres já foram assassinadas por menos do que isso.

Marianne se junta a mim com dois pacotes envoltos em gaze. Ela os desembala e revela dois manuscritos. De acordo com as letras azuis rebuscadas, o primeiro se chama *A trágica queda das Filhas de Perséfone*. O segundo está bastante prejudicado pela umidade, com os cantos inferiores direitos manchados e a tinta ilegível em alguns lugares. Seu título é simplesmente *Os oráculos de Perséfone*. Em letras menores embaixo do título, está escrito *Z. Roth*.

Meus dedos disparam, percorrendo as palavras. Quando as Filhas de Perséfone estabeleceram as leis, a educação era para todos. Meninas como Tess tinham direito de estudar matemática e filosofia com os meninos e algumas se tornavam estudiosas de grande renome. Agora as meninas não são aceitas nas escolas dos vilarejos; o desejo de aprender algo que não seja bordado com a governanta é considerado suspeito. Os escritos de mulheres foram proibidos e queimados, sendo elas bruxas ou não.

– Zara escreveu isto? – pergunto, e sinto orgulho por ter uma madrinha tão progressista.

Marianne coloca os óculos. Agora ficou ainda mais parecida com Finn.

– Escreveu, sim. A pesquisa dela sobre aquela última profecia foi o que deixou Anna tão preocupada.

Fico olhando para ela, cheia de expectativa, mas ela abre *Os oráculos de Perséfone* e o vira na minha direção.

– Você precisa ler por conta própria. As palavras têm mais significado assim.

Eu me debruço sobre a seção que ela indicou.

Na época em que isto está sendo escrito, a autora desconfia de que só haja algumas poucas centenas de bruxas vivas na Nova Inglaterra. Todas as sacerdotisas dos templos do país estão mortas desde o verão de 1780. Mulheres suspeitas de bruxaria foram queimadas e decapitadas em grande número no início do século XIX.

O Grande Templo de Perséfone foi totalmente incendiado ao nascer do sol do dia 10 de janeiro de 1780. As portas do templo foram trancadas e barreiras pelo lado de fora foram erguidas para impedir fugas. Várias sacerdotisas pularam do telhado para não serem consumidas pelo fogo.

O Livro das Profecias foi reduzido a cinzas – e, com ele, registros de centenas de anos de trabalho do oráculo. Mas havia boatos de que uma última profecia tinha sido feita – que dava esperança às sacerdotisas condenadas. Ela previa que, antes da virada do século XX, três irmãs – todas bruxas – irão chegar à idade adulta. Uma delas, dotada de magia mental, será a bruxa mais poderosa em muitos séculos, capaz de suscitar uma nova era dourada da magia ou um segundo Terror. Essa família será ao mesmo tempo abençoada e amaldiçoada, porque uma irmã vai

As palavras são interrompidas de maneira abrupta. O canto inferior direito da página está borrado, completamente ilegível.

– Uma irmã vai o quê? – indago, disparando os olhos na direção dos de Marianne.

– Temo não saber. Zara escondeu o manuscrito no telhado da varanda da pensão Coste antes de ser presa. Por sorte, os Irmãos não o encontraram. Infelizmente, porém, partes dele foram destruídas antes que eu pudesse recuperá-lo.

– Mas eu preciso saber. A Mãe estava preocupada... tinha medo que *nós* fôssemos as irmãs da profecia – sussurro.

– Eu sei – diz Marianne. Seu rosto se enche de preocupação. – Acho que Anna conhecia o resto da profecia, mas não compartilhou comigo. Zara também não. Eu era amiga delas, sim, porém não estava a par de todos os seus segredos.

Cravo as unhas nas palmas das mãos.

– Não pode estar certo.

– Os oráculos nunca mentiam. Pode ler mais a respeito das outras profecias em...

– Não me importo com outras profecias! – Eu me levanto com tanta rapidez que a cadeira cai para trás. – Isso... não pode ser a respeito de nós. Deve haver outras irmãs que podem... que são...

Mesmo agora, não consigo confessar, dizer as palavras em voz alta.

– Alguma de vocês é capaz de fazer magia mental? – quer saber Marianne.

Olho fixo para o tapete vermelho sob a mesa. Ela toma meu silêncio como a admissão de culpa que é.

– Pelo Senhor! – exclama ela.

– Mas será que isso significa que nós somos as irmãs? Com toda a certeza? Talvez haja outras que possam...

Marianne põe a mão no meu ombro.

– Acho que não. Mesmo sem levar isso em consideração, ter três bruxas em uma só geração... Nunca ouvi falar disso. Nem nos velhos tempos. – Antes do Terror, ela quer dizer. – E agora... você mesma leu. Todas as sacerdotisas foram assassinadas, e houve caça às bruxas durante o início deste século. Algumas preferiram não se casar e ter filhos. No caso das que se casaram, é muito raro que mais de uma filha manifeste poderes. Três bruxas em uma só geração é algo precioso.

– Precioso? – Minha voz sai sufocada. – Não é precioso, é horrível!

– Sei que você não pediu para carregar esse tipo de responsabilidade, mas pode ter a oportunidade de mudar a história. De devolver o poder às mulheres. Anna disse algo mais?

– Alguma coisa me dizendo o que fazer? Como manter Tess e Maura em segurança? Algo *útil*? – Desabo em cima de uma estante. – Não. Minha cerimônia de intenção é muito em breve, e não sei o que fazer. Vou ter que me casar, suponho.

Marianne respira fundo.

– Você precisa conhecer todas as suas opções. Sente-se, Cate. Tenho uma coisa para lhe contar.

Eu me sento e fico tamborilando em um ritmo nervoso na mesa.

– Percebo que você não mencionou a Irmandade – continua ela.

Faço que não com a cabeça.

– Será que não iríamos apenas correr mais perigo lá? – questiono.

– Menos do que pode imaginar. As Irmãs... Cate, elas são bruxas.

Meu queixo cai.

– Todas elas?

Marianne assente.

– Desde que a Irmandade começou. Elas são as Filhas de Perséfone reformadas. É um segredo muito importante, guardado a sete chaves.

– Mas então... deve haver mais bruxas do que Zara pensava, não é? – pergunto, esperançosa.

Se houver mais, talvez não sejamos as irmãs afinal.

– Não. Existem umas poucas dúzias de Irmãs, e talvez quinze pupilas em qualquer dado momento. Algumas das meninas recebem seu treinamento em magia e então retornam ao mundo. Outras permanecem e se tornam integrantes plenas da ordem.

– Espere. – Engulo em seco quando me dou conta de mais uma coisa que quase me derruba no chão. – Então, nossa governanta, Elena Robichaud, é bruxa?

– Deve ser. – Marianne se debruça por cima da mesa, como se estivesse preocupada que eu pudesse desmaiar com o choque. – Imagino que ela tenha sido enviada para ver se vocês três poderiam ser as irmãs da profecia.

Penso em Elena dando risada com Maura na sala de estar. Caminhando de braços dados com ela pelo jardim.

– Então, ela é uma espiã.

Marianne coloca uma das mãos no meu ombro outra vez e seus dedos longos fazem uma massagem para me reconfortar.

– É. Mas a Irmandade vai fazer tudo que puder para ensinar e orientar vocês. Vão querer mantê-las a salvo dos Irmãos a qualquer custo.

Mordo o lábio.

– Mas como sabiam que podíamos ser bruxas, para começo de conversa? Tomamos muito cuidado.

– Quando Anna frequentou a escola do convento, fizeram com que ela usasse sua magia mental contra os inimigos. Imagino que qualquer filha dela despertaria o interesse da Irmandade. E o fato de que vocês são três... –

Marianne tira os óculos, seus olhos castanhos espiando os meus. – Sinto muito por não ter podido contar nada disso antes. Faz algum tempo que venho querendo falar com vocês, meninas... era uma questão de encontrar a oportunidade certa. Os Irmãos me consideram excêntrica, e eu tinha medo de que, se demonstrasse interesse, isso pudesse ser prejudicial para vocês. Mas quero que saiba que farei qualquer coisa para ajudar. Jamais hesite em recorrer a mim.

Lágrimas brotam nos meus olhos. Ela sabia sobre a magia mental da Mãe – e agora sabe sobre a minha – e mesmo assim quer ser nossa amiga.

– Obrigada. Isso... significa muito – digo baixinho.

Uma porta se abre acima e passos descem a escada mancando. É Finn, de botas e em mangas de camisa, o cabelo espetado para todos os lados.

– Cate? Achei ter escutado você.

– Finn. – Sua mãe lhe lança um olhar de advertência. – Estamos no meio de...

Finn se apruma.

– Qual é o problema?

Eu me esforço para me recompor.

– Não há nada de errado. Está tudo maravilhoso.

– Pode nos dar só um momento, por favor? – pede Marianne, e Finn, obediente, se dirige para a parte da frente da livraria. Ela pega o livro de Zara e o estende para mim. – Sei que isso deve ser muito difícil, Cate. Se vocês forem as garotas da profecia, é uma responsabilidade muito grande. E um risco enorme. Talvez colocar tudo no contexto das outras profecias do oráculo ajude. Anna realmente acreditava...

O sino acima da porta a detém.

– Mama! – Clara chega apressada. – O Irmão Ishida e o Irmão Winfield estão chegando!

Eu me levanto de supetão. Marianne já está embalando os manuscritos e jogando-os nos meus braços.

– O que eu faço com isso? – pergunto, em pânico.

– Para dentro do armário – ordena Finn de trás de mim.

– O quê?

– Cate, não tenho tempo para discutir com você. Entre na porcaria do armário!

Eu não sabia que Finn tinha um tom de voz daqueles. Ele me dá um empurrão não muito gentil na direção da frente da livraria, e avanço aos tropeções. Ele abre a porta do lado da que leva ao apartamento deles: o armário de onde ele tirou o registro ontem. Dentro há uma estante alta com alguns livros-caixa encadernados em couro. Vamos nos esconder aqui? Não parece muito escondido.

Mas Finn empurra a estante grande para o lado como se não pesasse nada.

Atrás dela, há uma porta estreita localizada trinta centímetros acima do piso. Ele se abaixa, entra por ela e faz um sinal para que eu o siga. Espio a salinha atrás dele cheia de dúvidas. Parece um porão de armazenagem. Mal há espaço para Finn ficar em pé. Pilhas de livros se espalham pelas paredes de barro e, sinceramente, parece o lar ideal para aranhas.

– Ande logo – diz Finn.

Ele estende a mão para me ajudar a subir o patamar, mas entro sozinha. A Sra. Belastra entrega uma vela para ele e Clara joga minha capa em cima de mim e fecha a porta. Ouço madeira velha raspando na parede quando elas colocam a estante de volta no lugar. Pouso os livros com cuidado em cima de uma pilha alta.

Bem quando a porta do armário bate, ouço tocar a sineta acima da entrada que dá para a Church Street. Passos pesados de botas de homem. A voz inconfundível do Irmão Ishida cumprimentando a Sra. Belastra.

Ainda estou tentando me situar quando Finn apaga a vela e nos mergulha na escuridão. Na pressa de me afastar da parede úmida, meu pé chuta algo no chão. Outra pilha de livros. Eu me desequilibro e agito os braços. Se derrubar tudo, vamos ser pegos.

Finn me alcança e me firma. Ele me segura bem perto de seu corpo.

O Irmão Ishida está pedindo à Sra. Belastra uma lista de seus clientes recentes. Fico paralisada e repasso todas as nossas últimas compras. Apenas livros didáticos e tratados de linguística. Vão concluir que estive ali em nome do Pai.

– Não tem nenhum cliente no momento, senhora Belastra?

– No momento, não. Os negócios andam um tanto devagar por algum motivo qualquer – diz ela, e dá para escutar o sorriso audacioso em sua voz.

– A senhorita Cahill não veio aqui mais cedo? Não reparamos quando ela saiu.

– Ela foi embora pelos fundos. Queria dar uma olhada nas minhas rosas.

Finn agarra minha mão.

Normalmente, eu a puxaria para longe. Não me assusto com facilidade, ele já devia saber disso a essa altura.

Só que, na verdade, estou bastante amedrontada. Por isso, enlaço meus dedos nos dele e retribuo o apertão. A mão dele está mais quente do que a minha. Há calos nas pontas dos dedos. Será que são das ferramentas que anda usando no nosso jardim?

Meu coração para quando a porta externa do armário se abre e os passos pesados se movem na nossa direção. Prendo a respiração; meus pulmões parecem estrangulados dentro do peito. Finn fica imóvel como uma pedra ao meu lado. O único som é o pulsar rápido e irregular do meu próprio coração.

Mas os passos se afastam e a porta bate atrás deles.

Só quando sinto gosto de sal percebo lágrimas escorrendo em um rio silencioso pelo meu rosto, pingando do meu queixo para o chão frio de pedra.

Finn ainda segura minha mão com força. Agora ele estica o braço e limpa uma lágrima minha com o polegar.

Como sabia que eu estava chorando? Ele não é capaz de enxergar no escuro, e eu nunca choro.

O polegar dele desliza pela minha bochecha e repousa com suavidade e doçura na curvinha sob o meu lábio inferior.

– Está tudo bem – diz Finn.

Ele está tão próximo que sua respiração quente faz cócegas no meu pescoço.

Eu me viro e aninho meu rosto quente no algodão macio de sua camisa. Ele tem cheiro de dias de chuva de primavera e de livros antigos. Suas mãos vão para as minhas costas e pairam ali, indecisas, como se ele estivesse esperando que eu o empurrasse para longe.

Nunca estive tão perto assim de um homem. Algo se agita lá no fundo, pulsando pelo meu corpo, e é bem parecido com o puxão da magia, mas não é magia; isso é algo inteiramente diferente, que só existe entre Finn, eu e este momento.

As mãos dele agora estão mais firmes. Uma delas se acomoda na minha lombar, e seu peso queima através do meu vestido, do corselete e até da combinação. Minha pele treme sob o toque dele. Eu deveria recuar.

Deveria, mas não vou.

Quero as mãos dele em mim.

Se pudesse ver seu rosto, será que eu teria pensamentos assim tão ousados?

Minhas mãos deslizam pelo seu peito. Minha boca procura a dele.

Batemos o nariz no escuro, mas Finn inclina a cabeça para o lado até seus lábios tocarem os meus. Eles roçam de um lado para outro, testando. Experimentando. Ele espera, mas eu só chego mais perto e ele entende isso como o convite que é. Os beijos vão ficando mais ousados. Meus dedos dos pés se recurvam dentro das sapatilhas; aperto o tecido da camisa dele com as mãos; fogos de artifício explodem na minha barriga.

A boca dele explora a linha definida do meu maxilar, então ele passa para o meu pescoço.

– Finn – digo em um suspiro.

Nunca na vida minha voz soou assim.

Passo os dedos em seu cabelo e puxo sua boca de volta à minha.

As mãos dele se movem, leves como penas, acariciando minhas costas, meu quadril. Embaraçando-se na faixa ao redor da minha cintura, ancorando-me

ainda mais junto dele. Meu corpo queima em todo lugar que ele toca.

Nunca passei muito tempo pensando em beijos. Nunca tive motivo para tanto. Mas isto... ah, isto é maravilhoso. Louco e faminto e maravilhoso. Eu poderia passar horas assim.

E então a porta externa do armário se abre e a voz de Clara avisa:

– Eles foram embora!

E nós nos separamos de súbito, os dois arfando como se tivéssemos participado de uma corrida.

Minhas sapatilhas pisam em algo macio e olho para baixo.

Há penas. Penas por todos os lados: espalhadas por cima dos livros, emaranhadas no cabelo de Finn, presas à minha saia, cobrindo o chão de branco.

Ah, não.

Não havia penas aqui antes.

Finn se abaixa e pega uma pluma branca do tamanho da palma de sua mão. Isso significa que ele também as enxerga.

Não era minha intenção, mas pensei em penas e aqui estão elas.

Fecho os olhos bem apertados. Por que agora? Nunca fiz algo aparecer assim do nada, tirando aquela ovelha.

Evanesco. Por favor, Senhor, *evanesco.*

Elas não desaparecem.

Claro que não. Obviamente usei meu estoque de boa sorte do dia.

– Mas que diabo? – balbucia Finn e, apesar de eu não poder ver seu rosto no escuro, sei que o espaço entre suas sobrancelhas forma um V invertido. – Cate, você está vendo...?

– *Evanesco* – eu solto, e desta vez elas desaparecem.

Finn fica olhando para a mão vazia.

O que eu fiz?

Acho que posso confiar em Finn e confio, mas em relação a esse assunto? Isso é tudo. Se fosse apenas o meu segredo...

Mas não é. É das minhas irmãs também.

Vocês serão caçadas por aqueles que as usariam para seus propósitos pessoais. Precisam ter muito, muito cuidado. Não podem confiar seus segredos a ninguém.

Fico encarando-o, contente por ele agora não poder ver o meu rosto.

– *Dedisco!* – digo, tomando cuidado para enunciar cada sílaba, concentrada como um cirurgião durante uma operação.

Só quero que ele se esqueça da magia e das penas. Nem mais, nem menos.

Mas minha magia não é necessariamente tão precisa assim.

– Finn? Cate? – chama Marianne Belastra, e abre a porta secreta de supetão. –

Algo errado?

Finn fica lá piscando por causa da luz repentina.

– Não – diz ele.

– Nada – completo.

– É melhor ir para casa, Cate – aconselha a Sra. Belastra. – Deixe-me dar a você um livro de jardinagem, para o caso de os Irmãos resolverem procurá-la. Você pode ver aquele manuscrito em outra ocasião.

– Sim – concordo, entorpecida.

Não consigo parar de olhar para Finn, examinando seu rosto em busca de alguma pista do que ele se lembra. Ele não olha para mim. Isso é bom; não está horrorizado por eu ser bruxa. Mas do *que* ele se lembra?

Será que apaguei nosso beijo com as penas?

– Obrigada, senhora Belastra. – É difícil falar com o nó na garganta.– Sinto muito se causei problemas para vocês.

Estou me dirigindo para a porta da frente quando ela me agarra pelo cotovelo e me dirige para os fundos.

– Por ali, Cate. Vão estar vigiando a frente.

Concordo com ela e vou tropeçando pelo labirinto de livros. Claro que sim. O que estou pensando?

Em Finn. Eu só penso em Finn.

Não posso nem olhar para ele, muito menos me despedir.

capítulo

11

Domingo é o dia de folga de Lily, por isso peço a Tess que amarre meu corselete e depois me visto sozinha. Coloquei um de meus vestidos novos para ir à igreja: um azul royal com renda cor de creme nos punhos e no pescoço. A saia godê não tem nenhum babado nem enfeite e a faixa simples cor de creme forma um laço bonito atrás. Sorrio para meu reflexo no espelho. Eu me sinto quase bonita. Será que Finn vai me achar bonita?

A risada de Maura flutua pelo corredor. Ela e Elena devem estar se arrumando juntas. Ultimamente, parecem mais amigas do que professora e aluna, e a proximidade das duas me irrita.

Tenho que conversar com Elena. Confrontá-la com o que sei.

Os passos delas se aproximam e eu penso rápido. Pedir para falar sozinha com Elena só vai garantir o interesse de Maura pela conversa. Preciso de um pretexto. Tiro os grampos do meu coque e balanço a cabeça para soltar o cabelo.

Maura enfia a cabeça na porta.

– Está pronta? John já trouxe a carruagem para a frente de casa.

– Quase. Elena, você se incomoda de me ajudar com meu cabelo? – Dou um sorriso tímido. – Sou péssima para fazer estes coques.

Elena parece surpresa.

– Claro que posso ajudar. Vamos descer daqui a pouco – diz ela a Maura, que marcha para o andar de baixo com Tess. – Sabe, eu trouxe uma pilha de revistas femininas de Nova Londres com instruções passo a passo. Você pode pegá-las emprestado se quiser.

– Seria ótimo. Obrigada.

Eu me sento à penteadeira de madeira, na frente do espelho. Elena está atrás de mim, penteando meu cabelo, puxando-o para cima. Encontro seus olhos escuros no espelho. Seu cabelo preto está preso, com apenas alguns cachinhos perfeitos emoldurando o rosto. Meu cabelo não enrola sem a ajuda de ferros e horas de esforço.

– Você estava querendo discutir alguma coisa? – pergunta ela com cuidado.

É melhor ser direta e dizer logo.

– Sei que você é bruxa.

Ela nem hesita. Suas mãos continuam ocupadas no meu cabelo.

– Quando descobriu?

– Isso não interessa. Você não foi sincera conosco. O fato de estar aqui... não é

coincidência. Foi enviada para nos espionar.

– Não para *espionar*. Fui enviada para protegê-las. Já tinha sido confirmado que pelo menos uma de vocês era bruxa, mas as Irmãs estavam ansiosas para...

Eu me viro de frente para ela.

– Confirmado? Por quem?

Eu sempre soube que os Irmãos têm espiões em Chatham. Será que as Irmãs também têm? Será que há outras bruxas na cidade além de Maura, Tess e eu?

Elena se senta no sofazinho e ajeita as saias azul-escuras de maneira elegante ao redor dos pés.

– Não estou autorizada a dizer. Posso garantir que não é alguém que lhes queira mal. Fui enviada para descobrir qual de vocês era capaz de fazer magia. E, para minha surpresa, descobri que as três são. Isso é muito raro. Excepcionalmente raro.

Meu primeiro instinto é negar, mas Elena ergue a mão e cala meu argumento.

– Maura me contou. Por favor, não fique brava com ela. Sei que você se esforçou muito para manter segredo, e fez um trabalho muito bom.

Aparentemente, não foi bom o suficiente. Fervo de irritação.

– Então, agora você vai lá contar para toda a Irmandade?

– Por enquanto, não. Também devo descobrir que tipo de magia vocês são capazes de fazer. Magia mental, por exemplo. – Elena deixa a cabeça pender para o lado e olha para mim. – Maura diz que nunca tentou. E você?

– Não. Pelo Senhor. Já é bem ruim ser bruxa, não é? Essa é a última coisa que eu quero.

Eu me viro de volta para o espelho, alentada pela meia verdade.

– Você não gosta de ser bruxa? – A testa lisa e morena de Elena se franze, como se eu tivesse dito algo deplorável. – Por quê?

– Por que eu iria gostar?

Faço uma careta e coloco os brincos de safira da Mãe.

– Maura disse que você leva os sermões dos Irmãos a sério. Que considera a magia uma coisa perversa.

Maura fala demais.

– Ela acha que magia é brinquedo. Sabe quantas vezes o Pai ou os criados quase viram algo que ela não poderia explicar? Não sei como não fomos descobertas.

– Isso se deve a você, tenho certeza. – Elena gira o anel de prata em seu dedo, o símbolo de seu casamento com o Senhor. – A Irmandade pode ajudá-la, Cate. Sei quanto suas irmãs significam para você. Poderíamos ajudá-la a mantê-las em segurança. Precisa permitir que nós a ajudemos. Vocês três podem estar correndo mais perigo do que imagina.

– Por causa da profecia?

Assim que as palavras saem da minha boca, tenho vontade de morder a língua.

– Como sabe sobre isso? – indaga Elena.

Um leve arqueamento das sobrancelhas: é o único sinal de sua surpresa. Ela daria uma ótima jogadora de cartas.

– A Mãe me contou – minto. – Ela estava preocupada porque... Bom. Nós somos três.

Fico brincando com o pano de renda branca que cobre a penteadeira.

– Você devia saber, Cate, que os Irmãos conhecem a profecia. Encontraram um registro dela na casa de uma bruxa que prenderam. – A expressão de Elena é séria. – Você não reparou que eles andam abordando muitas meninas nos últimos anos? Trios de meninas, especialmente. Quanto tempo vai demorar até que voltem a atenção para vocês?

A família Dolamore. E aquelas meninas em Vermont. Imagino quantos outros trios de irmãs sobraram em Chatham. Na Nova Inglaterra. Não é incomum encontrar famílias de seis ou sete filhos, principalmente nas fazendas fora da cidade. Mas quantas têm três meninas?

– Cate! – berra Maura do andar de baixo. – Ande logo ou vamos nos atrasar!

– Só um minuto! – respondo.

– Sinto muito por não ter sido mais sincera com você – diz Elena. – Precisa compreender que a verdadeira natureza da Irmandade e a profecia são segredos vitais. Não as compartilhamos de maneira leviana.

Mordo o lábio.

– Maura sabe?

Lá está ela mais uma vez: aquela levíssima arqueada de sobrancelhas. Ela fica de pé.

– Você não contou a ela?

– Ainda não. Gostaria de contar a ela e a Tess pessoalmente.

– Claro que sim. – Elena se inclina e ajeita um dos grampos no meu cabelo. Luto contra o ímpeto de me afastar dela. – Por favor, pense no assunto. O convento em Nova Londres é lindo e é muito seguro. Mesmo que vocês não sejam as três irmãs, vamos recebê-las de braços abertos. Se *forem*... não existe outro lugar no mundo em que estariam mais a salvo.

Eu me levanto, ansiosa para colocar alguma distância entre nós. Não é tão fácil conquistar minha confiança quanto foi ganhar a de Maura.

– Por que acha que somos nós?

Ela sorri.

– Digamos que eu tenha a forte sensação de que uma de vocês é capaz de fazer magia mental. A sua mãe era, não era? Mesmo dentro da Irmandade, é algo

raro e temeroso. Talvez você não seja capaz de fazer isso, mas as que são aprendem rápido. Eu gostaria de tentar ensiná-las. Todas as três.

– Não. – Recuo na direção da porta. – Não quero que ensine isso às minhas irmãs!

Elena é alguns centímetros mais baixa do que eu, mas o olhar que me lança faz com que eu me sinta uma criança teimosa.

– Cate, a magia mental tem efeitos infelizes se for usada com muita frequência, isso é verdade. Mas, se exercida com responsabilidade, não é pior do que qualquer outro tipo de magia. Isso é apenas paranoia dos Irmãos. Pode ajudar a proteger uma bruxa daqueles que poderiam lhe fazer mal. Suas irmãs têm o direito de saber do que vocês são capazes. Isso pode servir para salvá-las algum dia.

– *Catherine Anna Cahill!* – grita Maura. – Vamos nos atrasar!

Elena dá risada.

– Pense sobre o que eu disse, Cate. Sei que está acostumada a fazer as coisas sozinha, mas não precisa mais ser assim. Estamos aqui para ajudar.

O Irmão Sutton está dando a aula na escola dominical hoje. Ele é alto, tem a pele da cor de nozes e cabelo crespo cortado bem rente. Sua voz é rica e melodiosa, e ele sorri e gesticula enquanto fala, como um ator em um teatro que já não existe mais. Se não estivesse pregando sobre os males da magia mental, eu quase estaria gostando de escutá-lo. Fico pouco à vontade pelo fato de o assunto ter sido abordado por duas semanas seguidas. Dessa vez, Hana Ito perguntou a ele por que uma garota faria algo tão perverso.

– Talvez esse tipo de magia não pareça muito errado no começo. Digamos que você estivesse fazendo bagunça com seu irmão e derrubasse o vaso de porcelana da sua avó. Não seria uma atitude digna de uma mocinha, mas essas coisas acontecem. – O Irmão Sutton sorri, mostrando-se indulgente com nossas falhas infantis. Seus olhos castanhos são calorosos. – Digamos que sua avó tenha morrido e o vaso fosse uma lembrança preciosa dela. Você tem medo de que sua mãe vá ficar desolada. Receia ser castigada. Então você mente e diz que foi seu irmão quem derrubou o vaso. Em vez de mentir... algo que por si só é perverso, meninas, pois vocês nunca devem mentir a seus pais... uma bruxa pode escolher fazer magia mental. Apagar o vaso por completo da memória da mãe. Isso iria salvá-la de um castigo e poupar a mãe da tristeza. Talvez ela até convença a si mesma de que é a coisa mais nobre a se fazer.

Fico olhando fixo para o banco à minha frente, para a massa de cachos louros que pulam para cima e para baixo enquanto Elinor Evans assente, e sinto um enjoo de culpa. A Mãe me ensinou a fazer magia mental alguns meses antes de

morrer e permitiu que eu treinasse com ela. Ainda me lembro da expressão no rosto dela quando se deu conta de que eu era capaz de fazer aquilo – um misto de orgulho e de medo.

Os Irmãos agem como se a magia mental fosse muito comum, como se houvesse bruxas praticando-a por toda parte e precisássemos estar sempre atentos. Mas, se eu acreditar em Elena, trata-se de um dom raro. Se sobraram apenas algumas poucas centenas de bruxas, quantas de nós são capazes de fazer isso? Trinta? Dez? Menos? Havia a Mãe. Zara. Elena. E eu.

– Vocês podem achar que apagar uma pequena lembrança de alguém não é assim tão ruim. Mas é – insiste o Irmão Sutton. – E se a sua avó deu aquele vaso de presente para sua mãe por ocasião de seu casamento? E se o deixou para a filha em seu leito de morte, com suas últimas palavras de amor e orientação maternal? E se essas lembranças agora também tiverem desaparecido? A magia mental nunca é nobre, meninas. É sempre algo egoísta e perverso.

Já modifiquei a memória das pessoas duas vezes. Em ambas as ocasiões, me convenci de que era justificado. Mas, ao nos proteger, eu os prejudiquei. E se a ideia de me mandar estudar fora estivesse ligada às lembranças que o Pai tinha de mim quando bebê, das minhas primeiras palavras ou passos, de algum momento precioso perto do berço ao lado da Mãe?

E Finn. Não há como saber que memórias apaguei com as penas. Talvez tenha sido uma das sessões de tiro com o pai morto, seu livro preferido ou outra lembrança que lhe era querida. Mas não posso deixar de rezar: por favor, *por favor*, permita que ele se lembre de ter me beijado.

Eu sou perversa em muitos aspectos.

– Cate? – diz Maura, e me dá uma cotovelada. O sermão terminou e as meninas estão se espreguiçando, levantando, passando para seus bancos de costume para esperar a família. – Elena e eu vamos dar uma volta pelo salão para esticar as pernas. Quer se juntar a nós?

– Não, obrigada.

Eu me levanto para lhes dar passagem, então volto a me sentar e fico olhando para a frente, determinada. Quero me contorcer no assento e procurar Finn, mas não vou fazer isso. Tenho bom senso... e coisas mais importantes com que me preocupar.

Sachi e Rory fazem uma pausa em seu passeio na ponta da minha fileira.

– Bom dia, senhorita Cahill! – cumprimenta Sachi, animada.

– Você se importa se nos sentarmos com você para o culto? – indaga Rory.

Não há como dizer não. De todo modo, ela não espera resposta e vai se acomodando ao meu lado, ocupando um espaço enorme com sua saia de tafetá amarelo. Sachi se aperta no banco depois dela. Ainda bem que o Pai não está

aqui: ele jamais iria caber. Mas por que elas querem se sentar conosco? Geralmente se sentam com a Sra. Ishida e a família Winfield em um dos bancos da frente. Tess fica me encarando, espantada, mas chega para o lado a fim de abrir mais espaço.

– Você tem compromisso depois da igreja? – pergunta Rory. Suas bochechas têm um tom rosado suspeito, apesar de os Irmãos não aprovarem o uso de maquiagem. – Gostaria de se juntar a nós para tomar chá na minha casa?

Balanço a cabeça, atordoada pela atenção súbita. Nós nos conhecemos desde criança; por que estão tão interessadas em mim agora? Será mesmo só porque ganhei vestidos novos e a atenção de um homem?

– Por favor, diga que sim – diz Sachi, e bate os cílios escuros e espessos para mim. – Queríamos conversar com você sobre um assunto.

Isso parece desesperador... e bastante misterioso. Não ouso dizer não.

– Eu... Sim. Tudo bem.

– Excelente. Não traga sua irmã. Só nós três. Vai ser muito íntimo.

Quando Maura e Elena voltam, ficam surpresas em ver Sachi e Rory, mas têm bons modos suficientes para não fazer comentários. Eu mal escuto o sermão, ocupada que estou me perguntando e me preocupando a respeito do convite de Sachi. Então chega a hora de Cristina subir ao púlpito e declarar sua intenção de se casar com Matthew. As cerimônias de intenção podem ser abomináveis, principalmente quando é um casal forçado pelos Irmãos ou pelos pais de uma garota. Hoje não é assim. Cristina está linda, com o cabelo claro em um penteado cheio de cachos, com seus olhos azul-violeta brilhando quando olha para Matthew, sentado no segundo banco atrás do pai. Cristina promete servi-lo com fidelidade pelo resto da vida, e o sorriso de resposta dele ilumina toda a igreja simples de madeira. A congregação comemora para demonstrar seu apoio.

Será que essa serei eu, daqui a algumas semanas, anunciando meu noivado com Paul?

Minha resolução vacila, pensando nas promessas de Elena. A Irmandade poderia receber nós três. Iria garantir que ficássemos em segurança. Mas o que esperariam de nós em troca?

Um pouco depois, sussurro para Maura que vou tomar chá na casa de Rory e que as vejo mais tarde. Então sou rodeada quando um bando de garotas da cidade se apressa para bajular Sachi e Rory... e agora a mim.

Rose Collier, emocionada com o noivado do irmão com sua melhor amiga, fala a respeito de como ela e Cristina estão ansiosas pelo nosso chá na terça-feira. Rose enlaça seu braço no meu, como se fôssemos amigas íntimas, e preciso me forçar para não me desvencilhar. Há duas semanas, ouvi quando ela e

Cristina riram de mim na porta do armarinho. Estavam caçoando do meu vestido azul xadrez velho e da maneira antiquada como eu trançava o cabelo. Rose disse que eu nunca arrumaria um marido com aquela expressão azeda, e Cristina imaginava que, de todo modo, eu me achava boa demais para os garotos da cidade.

Agora elas me adoram, só porque Sachi me elegeu como sua nova favorita. Porque deixei Elena arrumar meu cabelo e me vestir feito uma boneca. Porque sorrio apesar de achar que todas elas são tapadas.

Quando Paul me resgata da multidão, meu rosto dói de tanto sorrir. Ele põe minha mão na dobra de seu cotovelo e me conduz até o gramado. Olhos nos seguem, e os cochichos dos vizinhos enchem meus ouvidos.

– Mas que multidão. Posso acompanhá-la até em casa, minha dama? – pergunta ele.

– Obrigada, mas vou tomar chá com Sachi e Rory.

Elas já foram, Rory piscando para mim e Sachi prometendo que faria a criada sair para buscar bolinhos doces.

– Achei que os chás grandiosos da senhora Ishida fossem às quartas-feiras – comenta ele.

– Não, este é apenas um chá na casa de Ror... como você se lembra disso?

Dou risada e puxo minhas saias, para não arrastar nas flores que ladeiam a calçada.

– Você não estava em casa na quarta-feira à tarde quando fiz uma visita. Lily me disse onde você tinha ido e tenho uma excelente memória quando se trata da minha garota preferida.

Paul sorri.

Ele raspou a barba e o bigode, e suas bochechas e a ponta do nariz estão vermelhas, como se ele estivesse passando tempo ao ar livre.

– Você está me encarando – observa ele em voz baixa.

Seu rosto agora parece familiar... como o do menino com quem eu costumava brincar.

– Você está queimado de sol.

– Andei consertando o celeiro e construindo um galpão atrás de casa – explica ele. – Meus ombros estão tão vermelhos que pareço uma lagosta. Usar este terno dói à beça.

Olho para seus ombros largos com admiração. Seus lábios se agitam, como se ele tivesse adivinhado o que estou pensando.

– E também me barbeei – complementa.

– Eu reparei. Gosto de você bem barbeado – digo, então me dou conta de como isso parece possessivo.

– Sei que bigodes fazem cócegas.

Ele sorri e, quando compreendo o que quer dizer, fico olhando fixo para os crisântemos, confusa. Como seria beijar Paul? Diferente de beijar Finn? Imagino que Paul tenha mais experiência com garotas, mas não consigo imaginar nada melhor do que o beijo no armário. Fico quente e arrepiada ao me lembrar da boca de Finn na minha, suas mãos na minha cintura.

– Cate – diz Paul em voz baixa. – Você está toda corada.

Seus olhos verdes estão fixos nos meus, intensos de... luxúria? Amor?

– Eu... eu preciso ir andando – murmuro.

Pensando em beijar dois homens diferentes no espaço de dois dias? Qual é o meu problema?

– Posso acompanhá-la até a casa dos Elliott? – indaga ele.

– Não, obrigada. Não é longe.

Junto minhas saias azuis e vou abrindo caminho depressa pela multidão. Bem quando estou prestes a fazer a curva para a Oxford Street, os pelos da minha nuca se arrepiam. Hesito e examino o gramado atrás de mim.

Os olhos de Finn encontram os meus, apenas por um minuto. Ele está parado embaixo de um bordo vermelho, conversando com Matthew Collier. O cabelo dele está impossivelmente arrepiado.

Ele não sorri nem reconhece minha presença.

Meu coração se aperta. Será que apaguei nosso beijo?

Ou será que ele se lembra e está arrependido, agora que me viu flertando com Paul?

A quatro quarteirões de distância, em uma pequena rua lateral cheia de casas geminadas caindo aos pedaços, Sachi Ishida está parada no quintal da frente da casa da família Elliott. Ela gira uma rosa vermelha entre o polegar e o indicador. Rory está sentada no alto do portão de ferro batido, balançando para a frente e para trás e dando risadinhas.

– Cate Cahill! – diz Sachi. – Exatamente quem esperávamos.

– Estávamos com medo de que você fosse dar para trás – completa Rory, e pula do portão para o chão. – Ouvimos dizer que gosta de causar confusão.

Fico paralisada na calçada vazia. Pratiquei magia e contei mentiras. Li livros proibidos. Beijei um homem e gostei. Mas Sachi Ishida não tem como saber de nada disso, não é?

A expressão sagaz em seus olhos me deixa mais apreensiva do que todos os Irmãos juntos. Foi bem fácil enganar o pai dela, mas Sachi olha para mim como se tivesse desvendado as engrenagens internas da minha mente e descoberto os segredos do meu coração imperfeito.

Rory abre o portão para mim. Hesito e ela dá risada – só notas agudas e cortantes. Não posso deixar de perceber que seus olhos são iguais aos de sua prima Brenna. Não são assim tão vazios, mas também não são exatamente *normais*.

Entro no quintal tomado por mato e dentes-de-leão.

– Precisamos conversar, senhorita Cahill – anuncia Sachi. – Ah, ai!

Ela faz uma careta e joga a rosa no chão. Uma gota de sangue incha em seu indicador.

Rory se afasta com o nariz franzido.

– Eca!

– Não seja tão infantil – rebate Sachi.

Fico achando que ela vai pegar um lencinho, mas, em vez disso, fecha o punho e aperta com força. Um momento depois, estende o dedo e o inspeciona.

Nada de sangue. Nenhum buraquinho. Nem uma marca para sugerir que esteve ali.

Sachi Ishida acaba de fazer magia.

Bem aqui no quintal. Bem na minha frente e na de Rory.

Será que ela se *curou*? Nunca ouvi falar desse tipo de magia.

Sachi sorri. Ela é bonita como um quadro com seu vestido cor-de-rosa, com cada babado debruado de renda.

– Como eu disse, senhorita Cahill, acho que está na hora de termos uma conversa. Desconfio de que tenhamos mais em comum do que qualquer uma de nós pensava ter.

Permaneço imóvel.

– Tenho certeza de que não sei do que está falando.

Sachi Ishida é bruxa? Sendo que o pai dela é o chefe do conselho? Não é possível.

Mas não há outra explicação para o que acabei de ver.

– A mãe de Rory está indisposta. Ninguém vai nos interromper aqui – explica Sachi, e caminha até o terraço.

A única coisa que posso fazer é segui-la.

De perto, a casa da família Elliott está caindo aos pedaços ainda mais do que parece da rua. A moldura azul ao redor da janela está rachada e a tinta, descascando. Há uma tábua quebrada no terraço e outras parecem prontas para ceder embaixo dos meus pés. Sinto uma pontada de compaixão por Rory.

E, no entanto, a garota mais popular da cidade vai entrando ali sem bater e pendura sua capa como se estivesse se sentindo perfeitamente em casa. A sala da família Elliott não é grandiosa nem está na moda como a da Sra. Ishida. É limpa, mas esfarrapada; os tapetes estão completamente puídos em alguns pontos e o

papel de parede listrado está desbotado e é antiquado. Ainda assim, parece mais aconchegante.

Sachi se senta em uma poltrona volumosa de couro marrom. Ocupo o assento à frente dela. Ela toca o sininho para chamar a criada, então a manda buscar chá e bolinhos enquanto Rory se agita por toda a sala, ajeitando coisas, movendo-se feito uma borboleta colorida e irrequieta.

Minha mente ainda está a toda velocidade. Sachi sempre pareceu tão certinha, e o Irmão Ishida é a própria definição de rigidez. É difícil imaginar a magia acontecendo bem embaixo do nariz dele.

– Andamos observando você – diz Sachi, por fim.

Eu me ergo de um pulo, esperando que homens com capas pretas irrompam na sala.

– Rory e eu – esclarece ela. – Senhor, mas como você é assustada. Sente-se.

A poltrona de couro rachado atrás de mim se move adiante e bate na parte de trás dos meus joelhos.

Ela fez a cadeira se mexer. Estava um passo atrás de mim. Ela a *moveu*.

Eu não me sento. Avanço adiante até me avultar sobre ela.

– Como fez isso?

Ela não parece intimidada.

– Como acha que fiz? Com magia.

A Mãe nunca me ensinou a mover objetos. Nem a me curar de um corte ou de um arranhão. Nem, aliás, a fazer coisas surgirem do nada, como fiz por acidente com a ovelha e as penas.

Estou começando a achar que há muitas coisas que a Mãe não me ensinou.

E agora estou aqui nesta sala com outra bruxa, que por acaso é filha do homem mais importante da cidade, e estou em clara desvantagem.

– Cate. Não desperdice o meu tempo. – Sachi joga o cabelo escuro e brilhante. – Não sou informante do meu pai, se é isso que a amedronta.

Fico corada.

– Não estou amedrontada. O que acha que poderia contar a ele?

– Ora, vamos lá. É melhor para nós duas que sejamos honestas. Eu sou bruxa. Tenho fortes desconfianças de que você também seja.

Junto as pontas dos dedos em um triângulo, tentando parecer despreocupada.

– De onde foi exatamente que você tirou essa ideia?

– Rory pisou na saia da sua irmã Maura há algumas semanas na igreja. Eu estava bem ao lado dela, ouvi o pano rasgar e vi o rasgo no corpete, então, um momento depois, o estrago tinha sumido. Como que por *magia*. E a maneira como ela se virou para trás e olhou para você... – Sachi dá risada. Maura olhou mesmo para mim: provavelmente porque tinha medo de que eu fosse matar Tess

por fazer magia na igreja. – Ela sabe o que você é, não sabe? Além do mais, a sua madrinha era bruxa; ouvi quando Mama lhe contou. Não foi muito difícil juntar dois e dois. Quem deixaria uma bruxa ser madrinha de um bebê se o bebê também não fosse provavelmente uma bruxa?

Ela sorri triunfante enquanto Rory alterna o olhar entre mim e Sachi, como se estivéssemos jogando tênis no gramado.

Ergo o queixo.

– E se você estiver errada?

– Seria a minha palavra contra a sua, e o meu pai é o chefe do conselho. – Sachi dá um sorriso debochado. – Mas, se eu estivesse errada, você teria desmaiado, me xingado ou corrido porta afora, não é? É o que qualquer boa garota faria.

Ela está certa.

Sachi Ishida não é uma tapada, de jeito nenhum. Ela é muito mais astuta do que eu pensava. Estou impressionada.

A criada traz um bule de chá em uma bandeja de prata com um prato de bolinhos de mirtilos.

– Obrigada, Elizabeth. Eu mesma sirvo – diz Sachi.

Espero até que a criada saia antes de falar e, mesmo assim, mantenho a voz em um sussurro.

– Tudo bem. E se você estiver certa? E se eu for... o que você diz?

Sachi me entrega uma xícara de chá: puro, da maneira que eu gosto. A xícara tem uma pequena teia de rachaduras ao redor da alça.

– Então podemos combinar nossos conhecimentos. Ouvi dizer que você anda visitando a livraria. Todo mundo diz que lá há livros sobre magia e sobre a história da bruxaria também. Meu pai não conseguiu encontrá-los, mas tem certeza de que existem. Quero saber o que está escrito neles. A senhora Belastra jamais os daria para mim, mas pode ser que ela deixe que você os veja.

Dou um gole no chá e encaro Sachi por cima da borda da xícara.

– Você não contou para ninguém a respeito dessa sua desconfiança, contou?

– Não. Eu não faria isso. Sinceramente, não faria – diz Sachi.

– Então, não está fazendo chantagem?

Sachi pousa a xícara com força e faz barulho.

– Não! Eu posso ser útil também, sabia? O Pai confia em mim. Ele acha que Rory e eu somos apenas garotinhas bobas. Vejo por que você passa tanto tempo em casa, com medo de ser descoberta. Mas deve ser terrivelmente tedioso. Posso transformá-la na segunda garota mais popular da cidade. Ou terceira, depois de Rory. – Ela revira os olhos, como que para mostrar como tem em baixa conta as garotas da cidade com suas possibilidades limitadas. – Se você for minha nova

melhor amiga, o Pai não vai desconfiar de você.

Olho para Rory, que está mordiscando um bolinho. Ela tirou os grampos do cabelo escuro, que agora cai em ondas suaves por cima de seus ombros. Por que estamos tendo essa conversa aqui, na frente dela?

– Não – repreende Sachi, e arranca um pequeno frasco da mão de Rory. Ele rola pela mesa de chá de jacarandá. – Você quer ficar igual a *ela*, bêbada no meio da tarde?

Rory afunda no sofá.

– Não – responde ela, de um jeito de dar dó. – Mas eu não quis nada disso, não é?

A ficha cai.

– Você também não é bruxa, é?

– Por que não? – Rory cerra os dentes, parecendo ainda mais dentuça, e fica olhando para a garrafa. – *Evanesco* – diz ela, e a garrafa desaparece.

– Bom trabalho – elogia Sachi.

Esta é sem dúvida a tarde mais bizarra da minha vida.

Parece que, no final das contas, minhas irmãs e eu não somos as únicas bruxas da cidade.

– A bebida... entorpece a magia – explica Rory. – Eu não a sinto *em* mim o tempo todo.

– Você não sente praticamente nada, esse é o problema – rebate Sachi. – Precisa estar sempre alerta. O Irmão Winfield está louco para encontrar um motivo para fazer Nils parar de sair com você.

Rory se joga no sofá e chuta as saias amarelas volumosas para o lado. Migalhas caem descuidadas no tapete puído.

– E daí se ele proibir?

– Precisamos de Nils. Ele a ajuda a manter as aparências – argumenta Sachi pacientemente, como se já tivesse dito isso outras cem vezes.

É o mesmo tom que uso com Tess e Maura.

Penso em como Rory está sempre sorrindo para Nils, sempre tocando nele.

– Tudo aquilo é só para manter as aparências? Você não está apaixonada por ele?

Rory dá aquela sua risada rachada.

– Pelo Senhor, não. Ele é burro feito uma porta. Mas é bonito, não é?

Minha testa se franze, e Sachi me encara.

– Ah, quer dizer que você nunca usou ninguém para manter seu segredo em segurança? – acusa ela.

Mas usei, sim. E vou usar de novo.

– Tudo bem – digo. – Você está certa. Eu sou bruxa.

É perigoso dizer essas palavras em voz alta. Parece uma coisa importante.
Sachi sorri.
– Prove.

capítulo

12

É um desafio, e nunca recuei diante de um. Nem quando Paul me desafiou a subir em uma macieira ou a andar em cima da cerca do chiqueiro, muito menos agora.

Dou uma olhada na cena pitoresca de floresta entalhada na mesa de chá, fixo o ponto em que a garrafa de Rory desapareceu. Sou capaz de sentir o encanto pairando sobre ela, a magia praticamente bruxuleando no ar. Minhas irmãs e eu estamos mais ou menos no mesmo nível, por isso é difícil quebrar os encantos delas. Parece que é mais fácil se a bruxa não for tão forte quanto você... e Rory não é. Faço força contra a magia dela até que seu encanto se desfaz e sou capaz de enxergar a garrafa mais uma vez. O licor marrom-dourado brilha ao sol. "*Commuto*", penso. Mas continua sendo apenas uma garrafa. Respiro fundo. Minha magia parece tênue, na melhor das hipóteses, rala como um sussurro e trêmula.

– Esqueça tudo o mais e se concentre – orienta Sachi.

Dou uma olhada nela, esperando ver desdém, mas ela está sorrindo, parecendo ansiosa para que eu tenha sucesso. A Mãe nunca olhava para mim desse jeito quando praticávamos. Qualquer coisa que tivesse relação com magia a deixava incomodada e ansiosa.

Sachi está certa. Finn, a profecia, Elena, saber que minhas irmãs e eu não somos as únicas bruxas da cidade... tudo gira na minha cabeça e estilhaça minha concentração. Tenho sorte por não ter transformado a sala de estar em um aviário. Respiro fundo mais uma vez e encho a mente com uma única intenção, repetindo as palavras vez após outra.

– *Commuto* – pronuncio com clareza.

Agora, no lugar em que a garrafa estava, há uma andorinha empoleirada na mesa. Penas marrons, peito branco. Rory solta um gritinho e pula de seu assento.

– Eu sabia. – Sachi joga as mãos para o alto, triunfante. – Bom trabalho, Cate.

– Não é nada bom. É terrível. Pássaros carregam doenças! – queixa-se Rory.

– Pássaros de verdade, sim – argumenta Sachi.

Ela empurra as pesadas cortinas de veludo para o lado e destranca a janela atrás de si. Abre o vidro e o ar frio entra ligeiro na sala.

– *Avolo* – diz ela, e a andorinha voa para fora com um bater de asas.

– Exibida – reclama Rory, tremendo. – E agora, onde foi parar minha bebida?

Sachi olha para mim com seus olhos negros dançando e pergunta:

– Quer ir ver se está no mato?

– Há quanto tempo você pratica? – quer saber Rory.

Ela chuta as sapatilhas para longe e se deita no sofá estampado com flores vermelhas como se fôssemos velhas amigas que se conhecem muito bem e não precisam mais fazer cerimônia.

– Desde que tenho 11 anos – respondo.

As duas parecem impressionadas, por isso não informo que mal tenho praticado desde que a Mãe morreu e que os feitiços que eu dominava aos 13 anos são os únicos que consigo fazer aos 16.

– Só comecei quando tinha 13 anos – conta Sachi. – Um dia o Pai pregou contra a promiscuidade inerente às mulheres durante todo o jantar e eu subi para o meu quarto tão irritada que minha magia explodiu. Estilhacei todos os meus três espelhos e a caixinha de música que Renjiro tinha enviado para mim de Nova Londres. Demorei uma semana para descobrir como consertar tudo e precisei inventar desculpas para manter as criadas fora do meu quarto nesse meio-tempo. Não podia deixar que Papa achasse que sua filhinha era nervosinha.

Eu estava com 11 anos na primeira vez que fiz magia, Maura tinha 10 e Tess, 7. Era um dia preguiçoso de verão e Paul não estava em casa. Eu estava cansada de ficar dentro de casa, então convenci minhas irmãs a sair para brincar comigo. O cheiro de rosas e de grama recém-cortada nos rodeava enquanto desenhávamos com giz na ardósia do calçamento.

Maura e eu começamos a brigar, discutindo se eu tinha ou não borrado seu desenho de propósito. Ela me empurrou e tropecei em Tess, que caiu, rasgou a meia-calça e arranhou o joelho. Maura disse que a culpa era toda minha e que ela ia contar para a Mãe. Tess só ficou lá sentada, com os lábios tremendo e o joelho sangrando. Fiquei tão irritada que tive vontade de sacudir Maura – eu queria que ela é que estivesse chorando, com seu vestido manchado de giz e de sangue.

Senti minha raiva esquentar cada vez mais, até ferver. Algo dentro de mim subiu e saiu pela ponta dos meus dedos. O vestido verde de Maura rasgou. Letras X riscadas com giz surgiram na saia. Sangue respingou. No começo, achei que era apenas minha imaginação, mas então os olhos de Tess ficaram arregalados e Maura começou a berrar feito louca, então percebi que elas também estavam vendo aquilo. Tentei suborná-las com promessas de histórias e doces. Eu não era muito de ficar escutando os sermões dos Irmãos, mas sabia da existência de bruxas: como sua magia surgiu do casamento de Perséfone com o demônio, como nasciam erradas e perversas.

– Sua mãe era bruxa? – indaga Rory, esticando os braços sobre a cabeça e agitando as pontas dos dedos na direção do teto.

Ajeito a saia azul com dedos nervosos.

– Era, sim.

– E suas imãs? – pergunta Sachi.

– Não – respondo rápido. Os Irmãos não podem prejudicar a Mãe agora, mas minhas irmãs são outra questão. – Elas têm aceitado bem, mas sou só eu.

– Então tem sorte por termos encontrado você. – Sachi me lança seu sorriso astuto. – A minha vem do lado do Pai. Ele não gosta que ninguém saiba, mas a bisavó dele era bruxa.

– Não sei de onde a minha vem – diz Rory. – Certamente não é da minha mãe.

– Você não é nada parecida com ela – comenta Sachi, e dá tapinhas na cabeça de Rory. – Você é muito mais forte.

Rory dá uma bofetada para afastar a mão dela, e Sachi suspira. Tenho a impressão de que esta é uma discussão frequente entre as duas.

– O que mais você consegue fazer além de ilusões, Cate? – pergunta Sachi.

– Só isso, até onde sei. A Mãe me ensinou apenas uns poucos feitiços antes de morrer.

Estendo a mão para pegar um bolinho de mirtilos. Por mais simpática que Sachi seja, nunca vou contar a ela sobre a magia mental.

– Animar objetos é mais difícil. Exige mais energia do que ilusões – afirma Sachi.

Sua xícara paira alguns centímetros sobre a mesa, então retorna ao pires azul, encaixando-se no lugar com um clique suave.

– Não é tão fácil quanto ela faz parecer. As coisas... bom, nem sempre elas se movem para onde quero – completa Rory.

Sachi olha feio para a amiga.

– Se você não bebesse, sua concentração seria...

– *Agito* – interrompe Rory, e uma Bíblia grossa de encadernação em couro sai voando da prateleira e dispara pela sala em direção à cabeça de Sachi.

– *Desino* – Sachi contra-ataca, e o livro cai inofensivo no chão. – Muito bem, Rory.

– Então pare de me dar bronca e deixe Cate tentar.

– Eu? Aqui?

Dou uma olhada nervosa na direção do corredor. Tirando pássaros e penas, nunca fiz magia na frente de ninguém sem ser a Mãe, Maura e Tess. E fico acanhada, como se Rory tivesse me pedido para tirar a roupa.

– É seguro. Elizabeth foi ao mercado e a mãe de Rory só vai descer na hora do jantar – diz Sachi, com os olhos voltados para o teto.

Mas é um tipo novo de feitiço. Quem sabe o que pode dar errado?

– Ninguém vai se incomodar se você quebrar algo – incentiva Rory, de sua posição relexada no sofá. – A Mãe nunca repara se some alguma louça.

– Você só precisa escolher um objeto e se concentrar em onde quer que ele vá parar. Determine o local *exatamente*. Se você se distrair, pode ser que vá para outro lugar – instrui Sachi. – *Agito* é o melhor feitiço, apesar de eu às vezes usar *avolo* para acelerar as coisas. Se você puser algo em movimento, *desino* vai fazer parar.

Não sou boa com línguas, mas até eu reconheço que é latim.

Pouso minha xícara de chá.

– *Agito*?

Ela não se move. Tento mais uma vez, com mais força, imaginando-a três dedos para a direita.

– *Agito!*

Ainda nada. A frustração me sufoca.

Ergo os olhos para Sachi com as bochechas coradas.

– Não consigo.

Sachi apenas ri.

– Você não pode ficar achando que vai dominar um feitiço em dois minutos. Observe só o que fazemos.

Rory se senta ereta e elas dizem feitiços que fazem coisas voarem pela sala toda: livros, almofadas, as sapatilhas de Rory, o açucareiro. Rory tira os grampos do cabelo de Sachi e, no minuto seguinte, o sofá está flutuando alguns centímetros acima do piso... com Rory ainda em cima dele, berrando. Elas brincam com a magia de um jeito que nunca brinquei. Fazem com que pareça *divertida.*

Isso me faz desejar que as coisas fossem diferentes. Que *eu* fosse diferente.

A Mãe foi muito clara: magia não era brincadeira. Herdá-la não foi um dom nem uma marca de orgulho. Foi um fardo, e bem pesado. Precisamos aprender a contê-la bem o bastante para garantir nossa segurança.

Como teria sido aprender magia sem todas as advertências dela, sem todo o medo e a ansiedade que dominaram nossas práticas? Será que, mesmo assim, os sermões dos Irmãos fariam com que eu me sentisse mal e tão culpada?

– Continue tentando – encoraja Sachi, e eu continuo.

Uma vez a xícara se agita de maneira promissora e as duas param suas próprias iniciativas para observar. Tento mais uma vez. Agora ela avança quase dez centímetros.

Rory leva os dedos à boca e solta um assobio agudo. Então exclama:

– Brilhante! Eu levei semanas para aprender isso.

– Eu também. Você é excepcional – declara Sachi. – Deve ter um dom natural para esse tipo de magia.

Olho para ela desconfiada, mas ela não está zombando. Acha mesmo que sou

boa. Senhor, como julguei mal essas garotas!

Meia hora depois, subo na nossa carruagem. Sachi e Rory ficam paradas no portão, acenando e dizendo que vão ao nosso chá na terça-feira. A carruagem sacoleja pelas pedras do calçamento, mas estou tão exausta que poderia tirar uma soneca. Parece que fui atingida na cabeça com uma pá; uma dor contínua toma conta das minhas têmporas e minhas pernas parecem de chumbo. Será que foi por isso que a Mãe não nos disse que era possível animar objetos? Será que estava esperando ficarmos mais velhas e mais fortes?

Mas ela sabia que não tinha muito mais tempo de vida. Se estava preocupada conosco, devia ter nos ensinado tudo que éramos capazes de fazer. Por que ela não queria que fôssemos o mais poderosas possível?

Porque ela achava que era errado, sugere uma voz baixinha dentro de mim, e fico imóvel com essa certeza. Ela queria que fôssemos garotas normais e ficássemos em segurança.

Mas não somos assim. E pensar em Sachi e Rory, ver como são livres e destemidas, me faz refletir. Talvez Maura esteja certa. Venho tentado seguir o exemplo da Mãe porque não tive mais nenhum. Achei que nos manter em segurança significasse esconder nossa magia, renegá-la pelo perigo em que ela nos coloca. Talvez não tenha que ser assim. O Senhor bem sabe, agora mais do que nunca, que precisamos de todos os meios possíveis para nos proteger.

John para a carruagem na frente de casa e me ajuda a descer. Eu não entro. Em vez disso, caminho na direção do jardim. Devo um pedido de desculpa às minhas irmãs. Eu devia ajudá-las a aprender em vez de impedi-las. É importante manter a aparência de respeitabilidade, sim. Vestir-se bem e se misturar à vizinhança. Elena pode nos ajudar com isso – e Sachi também. Mas, além de tudo, desde que tomemos cuidado, deveríamos aprender novos feitiços.

Já não estamos mais sozinhas nessa história. Temos Sachi agora e Rory. E Elena, com o apoio de toda a Irmandade. O pensamento me traz um nível surpreendente de conforto.

Vou refletindo sobre minhas ideias enquanto caminho. O pedido de desculpa é perturbador (detesto admitir que estou errada), mas o plano de ação, de seguir adiante, é bom. Talvez, se eu permitir que Elena nos ensine feitiços de animar objetos e de cura, ela diga às Irmãs que estamos cooperando e elas fiquem satisfeitas com nosso progresso. Não é uma solução permanente, mas pode nos dar um pouco de tempo, o suficiente para que eu descubra mais informações sobre a última parte da profecia. Para eu ver se posso ou não confiar na Irmandade.

O problema é que não me resta muito tempo. O sol do início de outubro é

quente, o céu azul iluminado tem a cor de um ovo de sabiá, com nuvens brancas fofinhas, mas o outono está aí e novembro está chegando. Se eu não tomar uma decisão logo, os Irmãos vão tomar por mim.

Estou tão absorta em meus pensamentos que não reparo nas borboletas até passarem voando pela minha cabeça.

Borboletas azuis com asas douradas. Borboletas cor-de-rosa com pintas alaranjadas. Borboletas com listras de tigre e olhos de topázio.

Nunca vi nada como elas.

Paro, maravilhada. Estão voando em um fluxo contínuo a partir do roseiral.

Ouço uma risada borbulhante e apresso o passo. É Maura. Eu reconheceria aquela risada açucarada em qualquer lugar. Mas se as borboletas estão se movendo... Quando foi que ela aprendeu a fazer feitiços de animação?

Entro no jardim pelo meio das cerca vivas, na esperança de surpreendê-la.

Mas sou eu que fico surpresa.

Elena Robichaud está sentada no banco com um cigarro fino entre os lábios. Solta anéis de fumaça. À medida que cada anel se ergue, ela o transforma em uma borboleta que sai voando atrás das outras.

E Maura... Maura está estirada na grama com um de seus vestidos velhos, com o cabelo ruivo brilhando ao sol, observando Elena com adoração.

Elena ergue os olhos.

– Oi, Cate – diz ela, e solta mais uma baforada de seu cigarro. O anel de fumaça se transforma numa borboleta com asas aveludadas, com rubis nas pontas. Então ela tira o cigarro da boca, joga no chão e esmaga embaixo da bota. – Maura e eu só estávamos repassando feitiços de animação. Gostaria de experimentar um?

A raiva toma conta de mim. Apesar de todas as suas palavras belas de amizade, não gosto dessa mulher. Não confio nela com Maura. Quando éramos pequenas, Maura costumava olhar para *mim* com aquele tipo de adoração por uma heroína – como se fosse me seguir para qualquer lugar, embarcar em qualquer plano maluco que eu sugerisse.

Há um livro aos pés de Elena, marrom com letras brancas. Eu me concentro nele. Ignoro todas as outras coisas e não permito que a possibilidade de fracasso entre na minha mente.

– *Agito* – ordeno.

Na casa da família Elliott, dei um tapinha na xícara com a mente. Não há nada de gentil na maneira como ergo este livro agora.

Ele sai zunindo pelo ar e cai exatamente aonde eu queria: aos pés da estátua de Atenas.

– Cate! – Maura engole em seco. – Onde aprendeu isso?

Sigo pisando firme até o meio do jardim.

– Elena, eu gostaria de conversar com a minha irmã. A sós.

– Estamos no meio de uma lição – diz Maura, com arrogância, e se apoia sobre os cotovelos. – Você está interrompendo.

– E isso também é muito bom! – Aceno com a mão na direção da casa, parcialmente escondida atrás das folhagens altas. – Não acho que o Pai a tenha contratado para nos ensinar isso!

– Eu não sabia que você era capaz de fazer feitiços de animação – defende-se Elena.

– Nem eu – resmunga Maura, levantando e tirando pedacinhos de grama da saia amarelo-clara.

– Ah, pelos céus, acabei de aprender hoje – explico, mas sinto uma pontada de culpa pelos outros segredos que estou escondendo da minha irmã.

São tantos... minha magia mental, a profecia, a carta de Zara, beijar Finn. Se fiquei irritada por encontrá-la praticando magia com Elena sem minha permissão, multiplique isso por dez e imagino que eu ainda não estaria tão furiosa quanto acho que ela ficaria comigo.

– Mentirosa! – Maura arqueja e põe as mãos na cintura. – Passei a tarde toda tentando e ainda não consigo mover nada.

Suspiro e me abaixo para arrancar uma erva daninha.

– Sim, às vezes eu consigo enfiar alguma coisa nesta minha cabeça teimosa.

– Mas isso foi bem rápido – diz Elena devagar, e meu estômago se contrai.

Por que eu tinha que ficar me exibindo?

– Seja qual for o assunto de que você deseja falar, pode contar a Elena. Ela quer nos ajudar – insiste Maura.

Ela abaixa a mão, colhe uma rosa cor-de-rosa e a enfia atrás da orelha.

Respiro fundo.

– É o que ela diz.

Elena fica em pé, aborrecida, e rebate:

– Se você parasse de ser tão infantil e reconhecesse que... – Ela se recompõe e passa a mão no cabelo. – Sinto muito. Tem razão. Vocês duas precisam conversar. Vou para o meu quarto.

Maura e eu a observamos enquanto ela se afasta, balançando-se com elegância para fora do jardim, com as saias escuras assobiando contra o calçamento. De algum modo, sinto que fui eu quem ficou mal depois disso tudo.

– Qual é o seu problema? – protesta Maura.

– Ela é uma desconhecida! E você *contou a ela* sobre nós!

Maura não responde. Avanço até estarmos cara a cara, com meus sapatos de salto estalando sobre as pedras feito cascos de cavalo.

– Não contou? – insisto.

Maura cruza os braços.

– E daí se contei? Acha que preciso pedir sua permissão?

– Sim, precisa! Você *devia* pedir minha permissão e a de Tess também. O segredo não é só seu, Maura.

– O que acha que ela vai fazer? Expor nós três aos Irmãos? Ela mesma é bruxa. Quer nos ensinar coisas. Sabe muitos feitiços que não sabemos. Podemos confiar nela, Cate.

– Será que podemos? Ela não foi totalmente sincera com você. – Mordo o lábio e ignoro o fato de que também não fui. Eu me sento no banco; o mármore ainda está quente do corpo de Elena. – Com nenhuma de nós, quero dizer. Não é coincidência o fato de ela ter vindo parar aqui, em uma casa com três bruxas. A Irmandade... todas elas são bruxas.

– Todas elas? – Maura engole em seco. Faço que sim com a cabeça, mas a reação dela não é a que eu esperava. – Isso... Cate, são dezenas de bruxas só no convento de Nova Londres! Elena anda falando sobre eu entrar para a Irmandade, e eu não estava entendendo por que, mas... ah! Agora faz sentido, não é?

Os olhos de Maura brilham de animação, suas bochechas estão coradas. Ela puxa a manga do meu vestido.

– Devemos nos juntar a elas! Elas podem nos ensinar tudo sobre magia, vamos estar em Nova Londres e não seríamos forçadas a nos casar com velhos horrorosos! – Ela rodopia, e suas saias claras esvoaçam a seu redor. – É absolutamente perfeito!

Ah, não.

– Maura – digo com gentileza. – Não é tão simples assim.

– Por que não? Até parece que você está apaixonada por Paul. Você mesma disse que, na verdade, não quer se casar com ele. Nós todas poderíamos ficar juntas e estaríamos a salvo dos Irmãos.

Ela parece muito feliz. Tão linda, rodopiando sob o sol...

E ela está certa. Agora que sei o que a Irmandade é, essa passou a ser uma possibilidade viável. Certamente é melhor do que casar com um velho e bancar a babá de meia dúzia de pirralhos. Mas algo nas promessas de Elena me parece dissimulado. Deve ser difícil manter a verdadeira natureza das Irmãs em segredo. Será que elas iriam me pedir que usasse magia mental em seus inimigos, como acontecia no passado? Será que foi por isso que a Mãe se casou com o Pai e fugiu para o interior?

Vocês serão caçadas por aqueles que as usariam para seus propósitos pessoais. Não podem confiar seus segredos a ninguém.

Será que a Mãe estava sendo precavida em excesso ou será que seu aviso era justificado? O que ela sabe sobre a Irmandade que eu não sei?

Maura lê a dúvida no meu rosto.

– Ou você pode se casar com Paul, afinal. Se Tess e eu nos juntarmos às Irmãs, todas ficaríamos em Nova Londres, juntas! Você tem *escolha*! – diz ela, animada.

Será que tenho? Então, por que não me sinto contente com nenhuma das opções?

Ela dá mais uma pirueta e então cai na grama, tonta e deliciada com a perspectiva de fugir. Nosso cantinho do mundo basta para mim, mas não para ela. Talvez seja por causa de todos os romances grandiosos que ela já leu; talvez sejam as histórias que a Mãe costumava lhe contar no berço. Maura quer mais do que isso. Disse com todas as letras na semana passada, mas acho que eu não tinha percebido quanto ela desejava isso até este momento.

Elena enxergou imediatamente. Ela é uma garota esperta, essa Elena. Diz que está aqui para nos proteger, mas, enquanto isso, anda tentando recrutar Maura. Será que ela pensa que Maura é a bruxa da profecia? Ou será que acha que, quando tiver Maura, Tess e eu iremos atrás dela? Ela deve saber quanto amo minhas irmãs, como a promessa que fiz à Mãe se entrelaçou na minha vida de modo que não dá mais para separar as coisas. Eu abriria mão da minha própria felicidade se isso servisse para garantir a segurança delas. Se é a Irmandade que querem, se isso assegurar que a Fraternidade não poderá tocar nelas, não vejo como eu poderia me opor.

– Elena é maravilhosa – prossegue Maura, voltando a se levantar. Seu cabelo está despenteado, a rosa caiu no chão. – Ela é inteligente, bondosa e tem sido muito generosa. Você precisa ser mais simpática com ela.

– Ela pode ser todas essas coisas, mas não tem sido exatamente direta. Foi mandada aqui para nos espionar e ver se éramos bruxas. Acho que é razoável eu desconfiar.

– Bom, agora que você sabe o porquê, deve pedir desculpas por ter sido tão grosseira. – Maura se senta ao meu lado e me dá um abraço, apertando minha cintura. – Sei que você não está acostumada com o fato de eu ser próxima de qualquer outra pessoa, mas a amizade dela é importante para mim. Não fiquei zangada quando você foi convidada para tomar chá com Sachi e Rory e eu não fui. Você não pode ficar olhando por cima do meu ombro para tentar me proteger o tempo todo.

Observo uma borboleta roxa solitária bater as asas pelo jardim. Ela se acende contra as flores amarelas, agitada.

– Vou sempre querer proteger você. Não importa o que aconteça.

Maura balança a cabeça.

– Pare com isso. Pense sobre o seu futuro para variar. A Irmandade pode ser a solução perfeita para todas nós.

A porta do quarto de Elena está aberta. Ela é uma sombra escura contra a janela clara, um quadro emoldurado por cortinas verdes.

– Eu estava esperando você – diz ela, e se vira. Seus lábios cor-de-rosa estão apertados, pensativos. – Já lhe disse antes, Cate: não precisamos ser adversárias. Mas minha tolerância para grosserias é limitada. Acho que me deve desculpas.

Fecho a porta e me apoio nela.

– Você devia ter falado comigo antes de começar a ensinar magia a Maura.

– Você não é mãe dela – rebate Elena, sem rodeios. Ela vê a expressão de choque no meu rosto e ergue a mão. – Não digo isso para magoá-la, Cate. Mas ela não precisa da sua permissão. Nem eu.

Fico magoada, independentemente de ser ou não sua intenção. Vou pisando firme até o meio do quarto, praticamente vibrando de raiva.

– Eu posso demiti-la, como bem sabe.

– As Irmãs simplesmente enviariam outra moça no meu lugar, e talvez ela não seja tão paciente quanto tenho sido. – Elena balança a cabeça e seus brincos de prata oscilam. – Não quero brigar por causa disso. Mas tenho um serviço a fazer aqui e vou cumpri-lo, com ou sem a sua colaboração. Estamos entendidas?

Um fiozinho de medo escorre pela minha espinha.

– Perfeitamente.

– Que bom. Então... Maura é uma garota inteligente e curiosa. Não é justo contê-la.

Eu me avulto sobre Elena, desta vez contente com a minha altura.

– Não venha me falar da minha irmã. Eu a conheço melhor do que você.

– Conhece? – Elena deixa a cabeça pender de lado, duvidosa. – Porque, preciso admitir, não acho que esconder coisas dela seja muito legal. A profecia afeta o futuro dela também. Vai ficar furiosa quando descobrir, e com toda a razão. E se ela for a mais poderosa? Ela precisa saber, para que possa se proteger.

Franzo a testa. Por mais que eu não queira admitir, o que ela diz faz sentido. Maura e Tess de fato merecem saber. Os segredos estão pesando na minha consciência há dias.

– Acabei de contar a ela sobre a Irmandade.

– Só para tentar desencorajá-la a confiar em mim, tenho certeza – conclui Elena.

Será que sou tão transparente assim?

– Bom, não estou convencida de que *podemos* confiar em você. Se quiséssemos entrar para a Irmandade, o que isso implicaria?

Elena se acomoda em uma das cadeiras verdes de espaldar alto ao lado da lareira e indica que devo ocupar a outra. Eu me sento pouco à vontade, pronta para fugir.

– Há algumas dezenas de outras alunas, todas bruxas, com idade variando entre 10 e 20 anos. Você seria instruída nos diversos tipos de magia, assim como na história das Filhas de Perséfone. Se vocês forem as três irmãs da profecia, é o lugar mais seguro. Estarão muito bem cuidadas e vão ter tudo de que precisam.

Hesito.

– E se não quisermos ir?

– Por que não iriam querer? – Elena joga as mãos para cima. Seu anel de prata brilha com o sol. – Não vá me dizer que quer ficar neste buraco para sempre. Seus vizinhos são uns tolos. Seu pai nunca está em casa. O que sobra para você aqui?

Fico olhando para além dela, pela janela, para os campos arados. Não são meus vizinhos nem o Pai que fazem este lugar ser o meu lar. São os túmulos na encosta da montanha. O roseiral. Tess tocando piano depois do jantar. Maura representando cenas de seus romances. Paul. Finn.

E tem eu. Se eu resolvesse não ir, será que Maura e Tess iriam me deixar para trás?

– Talvez não pareça muito grandioso para você, mas continua sendo nosso lar.

– Maura odeia este lugar, e Tess se sente sufocada. Com as Irmãs, elas teriam acesso a uma educação maravilhosa, tanto em magia quanto em geral. Acho que podem ser convencidas com bastante facilidade. Então, deve estar falando de si mesma. É por causa do senhor McLeod? – Elena une as mãos no colo. – Maura diz que ele tem intenção de voltar a Nova Londres. Você poderia continuar se encontrando com ele de vez em quando. Se não for a mais poderosa, depois que terminar a sua educação podemos pensar em permitir que você deixe a ordem e se case. Temos uma rede de ex-pupilas que permanecem como nossos olhos e ouvidos por toda a Nova Inglaterra.

Que espionam para elas, quer dizer. Fico com o rosto sem expressão de propósito, concentrada no papel de parede por cima do ombro dela. É verde-claro com tulipas cor-de-rosa cheias de folhas.

– E se eu for a mais poderosa?

– Então vamos precisar que permaneça com as Irmãs. Não fez nenhuma promessa ao senhor McLeod, fez? – Elena se inclina para a frente, agarrada ao braço curvado da cadeira, então relaxa. – Não importa. Noivados podem ser rompidos antes de você declarar sua intenção. Os Irmãos não iriam se envolver

se você tivesse descoberto uma vocação religiosa.

Cerro os dentes.

– Não estou noiva. Ainda não.

– É mesmo? O que a impediu? O interesse dele parece bem claro – comenta Elena, e eu gostaria de poder pegar minhas palavras e enfiá-las de volta garganta abaixo. – Talvez esteja na hora de pensar um pouquinho, Cate. Você se preocupa tanto com suas irmãs... Já tirou algum tempo para examinar o próprio coração?

O que meu coração deseja? Fico olhando fixo para o tapete em tom de cor-de-rosa crepuscular.

Imagino-me ajoelhada em um jardim só meu. Não é um terreno grande com um labirinto de cercas vivas, flores e estátuas. Não tem gazebo nem lago. Tem um ou dois bordos vermelhos e algumas roseiras com botões vermelhos e brancos. Estou plantando bulbos que vão se transformar em tulipas e peônias. Minhas mãos estão enfiadas na terra fria e úmida. Sentado em um banco próximo está um homem lendo um livro em voz alta, da maneira que o Pai costumava fazer à noite.

O homem não é Paul McLeod.

Ele tem olhos castanhos, óculos e um cabelo desgrenhado que se recusa a baixar. Exibe um mapa de sardas nos braços surpreendentemente fortes. Mostra um sorriso que faz meu coração bater forte quando para e olha para mim no meio de uma frase.

– Se você for capaz de fazer magia mental... – Elena faz uma pausa para respirar – pode ajudar outras garotas como você, Cate. Existem outras bruxas jovens por aí, sozinhas e amedrontadas. E garotas que não são bruxas também, que aliás, são apenas estranhas e azaradas. Todas estão à mercê dos Irmãos. – Ela dá um tapa no braço recurvado da cadeira. – Não é justo que as meninas tenham que crescer com medo, tomando decisões a respeito de seu futuro antes de estarem prontas. Se você for a mais poderosa, pode nos ajudar a mudar isso. Pode ajudar as mulheres da Nova Inglaterra a recuperar a independência. Essa é uma coisa maravilhosa, Cate. Não pode ignorá-la.

Os olhos escuros de Elena brilham, seu rosto sereno está animado com a promessa deste novo futuro: um futuro em que bruxas e mulheres recuperam seu poder. Fico em silêncio. Ela tem razão. Mas esse novo compromisso é muito maior do que qualquer coisa que a Mãe tenha me pedido. As expectativas das Irmãs, esta profecia, a ideia de ser responsável pelo bem-estar de dezenas de garotas... é tudo muito intimidador.

Elena me observa.

– Você jura que nunca tentou fazer magia mental?

– Juro.

Talvez eu consiga tirar vantagem da tagarelice de Maura. Elena já acha que tenho conflitos em relação à minha magia, e isso não é inteiramente inverossímil.

– Sempre tive medo dela. Os Irmãos dizem tantas coisas horríveis...

– Pode ser perigoso nas mãos erradas – reconhece ela. – Se você não for capaz, não há mal algum. Pode se juntar à Irmandade ou não, como desejar. Mas, se tiver essa capacidade, será melhor para todos se soubermos agora. Vamos garantir sua segurança, e você não vai fazer nenhuma promessa que não possa manter. Talvez devêssemos ter uma lição amanhã. Vocês três podem tentar. Daí vamos saber a verdade, não é?

Não! Não estou pronta. Preciso de mais tempo para pesar as palavras de Elena e os alertas de cautela da Mãe.

– Amanhã? – Eu me levanto de um salto. – Não. É cedo demais. Tess só tem 12 anos, pelos céus. Não pode obrigá-la a tentar realizar essa magia poderosa assim tão cedo. E se der tudo errado?

Elena deixa a cabeça pender para o lado. Está linda naquela cadeira de espaldar alto, parecendo uma rainha.

– A magia dela me parece bastante estável. Faz duas semanas que estou aqui, e não a vi perder o controle nenhuma vez.

Isso raramente acontece com Tess... mesmo no ano passado, quando começou a aprender. Essa não é a questão.

– Não quero que você ensine magia mental para ela – declaro. – Nem para Maura. Se eu descobrir que ensinou, vou providenciar para que seja demitida.

– Não acho que Maura iria gostar disso. – Elena sorri. – Ela se tornou bastante apegada a mim.

Eu me dirijo à porta.

– Vou fazer o que for melhor para nós, independentemente de Maura gostar ou não.

Elena se recosta na cadeira.

– Mesmo que ela passe a odiá-la por isso?

Sinto que meu sorriso poderia rachar ao meio.

– Não seria a primeira vez.

– Agora pode ser diferente. Se você me mandar embora, ela vai se ressentir de você cada vez mais. Não acho que seja o que você quer. Principalmente se forem as três irmãs.

Faço uma pausa com a mão na maçaneta.

– O que isso tem a ver com qualquer coisa?

– É sobre a última parte da profecia. Você não quer arriscar, brincar com o destino e tudo o mais, quer? – Elena treme, e seus olhos... Eu conheço aquela

expressão. É a maneira como as pessoas olhavam para nós no enterro da Mãe. Com pena. – Não a culpo por estar aborrecida com isso, Cate. É bem desconcertante. Prometo que vamos fazer tudo que pudermos para mantê-las em segurança. *Todas* vocês.

Ela conhece a última parte da profecia.

Não consigo admitir que não conheço.

Mesmo que eu não compreenda, a compaixão de Elena pode ser útil. Eu me volto para ela e deixo que meus olhos se encham de lágrimas. Não é difícil.

– Só precisamos de mais tempo. Por favor. Quero apenas mais alguns dias para contar a Maura e Tess e deixar que elas se acostumem com a ideia. Isso tudo é muito repentino.

Elena franze a testa.

– Tudo bem. Suponho que alguns dias não farão mal. Mas espero que mantenha sua palavra, Cate. Haverá consequências se não mantiver.

capítulo

13

Encontro Tess no quarto dela, aninhada em sua cama com dossel, lendo um livro que tem duas vezes a largura do meu braço. Quando bato a porta atrás de mim, ela se senta ereta e joga os cobertores para longe. Os cachos de seu cabelo estão todos desgrenhados em um halo ao redor de sua cabeça.

– Algum problema? – pergunta.

– Nenhum – respondo, irritada. – Está tudo lindo. Quer aprender um feitiço novo?

– Com quem?

– Comigo, boba.

Tess fica olhando fixo para mim, com seus olhos cinzentos curiosos, como se tentasse entender a piada.

– Você detesta que nós usemos magia.

Eu me sento ao lado dela e me abaixo sob o dossel de tule verde.

– Eu não detesto. Eu me preocupo que seja prejudicial para nós. Mas andei pensando e acho que deveríamos praticar mais, aprender alguns feitiços novos. Ainda precisamos tomar cuidado, mas...

Sou interrompida quando minha boca se enche de cabelo. Tess se joga em cima de mim, soltando gritinhos, igual a um cachorrinho, de tanta animação.

– Você me ensina agora? Onde está Maura?

Respiro fundo. O quarto de Tess tem um cheiro delicioso, de canela e noz-moscada. Dou uma olhada na cômoda dela e, é claro, há um prato com pão de abóbora recém-assado. Obra dela mesma, sem dúvida.

– Elena vai ensiná-la, eu acho.

– Elena? A nossa governanta Elena? – Tess olha boquiaberta para mim. – Como... Por quê... Como?

Quando termino de explicar a respeito de Elena e da Irmandade, os olhos de Tess estão arregalados.

– Sabe, ela disse algo sobre isso outro dia, durante nossa aula de francês. Mas achei que talvez estivesse imaginando coisas. Não falei nada sobre magia, juro.

– Não estou brava... não com você, pelo menos. Não sei bem se podemos confiar nela.

– Você não confia em ninguém – observa Tess, e a covinha de sua bochecha aparece.

– O que você acha? Gosta dela?

Tess bate com o dedo na boca, pensativa.

– Eu não *desgosto* dela – diz, finalmente. – Mas não tenho certeza se ela tem nosso bem-estar em mente, já que foi mandada aqui para ver se éramos bruxas e informar a alguém.

Jogo as mãos para cima, emocionada por ter apoio nas minhas desconfianças.

– Tente dizer isso a Maura!

Tess me olha feio e, por um instante, é como se nossos papéis tivessem se invertido e ela fosse a mais velha, mais sábia.

– Cate. – Ela suspira, como se eu fosse terrivelmente burra. – Não podemos dizer isso a Maura. Ela vai achar que estamos com ciúme.

– É! – Solto um grunhido e volto a cair na cama. – Ela acha que estou aborrecida por elas terem se tornado muito próximas.

Tess revira os olhos.

– Bom, é irritante. Maura está tão vidrada nela... Ela se prende a cada palavra de Elena como se ela fosse a garota mais brilhante do mundo.

Dou risada e faço um cafuné no cabelo de Tess.

– Todas nós sabemos que esta é você.

– Estou falando sério. Maura começou a adotar o jeito de falar de Elena, além de todos os gestos e expressões. Está desesperada para impressioná-la. Mas acho que faz sentido. Eu sou a preferida do Pai. Você era a da Mãe. – Tess fala como se não fosse nada de mais. – Maura quer alguém só para ela.

Nunca pensei na questão desse jeito.

– Como você ficou tão inteligente?

Tess dá risadinhas e cai ao meu lado.

– Não é inteligência. É só prestar atenção às pessoas.

Seja o que for, eu gostaria de ter o talento dela para isso.

– Hora da aula – declaro, e me sento ereta.

– Espere. – Tess se senta ereta também e seu cabelo faz cócegas no meu braço. – Onde você aprendeu novos feitiços? A senhora O'Hare disse que você esteve na livraria... Encontrou algo sobre magia lá?

A história da profecia pode esperar.

– Não. Aprendi com Sachi Ishida.

– Sachi Ishida é bruxa? – indaga Tess, num sussurro que sai mais como um grito.

Dou risada e conto a ela como Sachi e Rory me emboscaram durante o chá. Então reúno minha energia. Penso nos ultimatos de Elena e deixo minha raiva alimentar a magia, mas mantendo a intensidade constante e firme.

– *Agito* – enuncio, e o urso de pelúcia velho e esfarrapado de Tess, Ciclope, se eleva no ar.

Depois dou mais uma ordem:

– *Desino.*

Ele cai de volta em cima da almofada dela como uma pipa sem vento.

Tess fica olhando para mim de olhos esbugalhados.

Também fico surpresa. Não achei que iria conseguir na primeira tentativa.

– Você aprendeu isso hoje? – pergunta.

– Aprendi.

Prendo a respiração e fico esperando que ela diga que é impossível. Que me chame de mentirosa.

– Isso é maravilhoso! – exclama ela, e pula na cama. – Posso tentar?

– Claro que sim. Só...

– Tome cuidado – nós dizemos em uníssono, e dou risada.

Será que sou assim tão previsível?

Tess se concentra no rosto plácido de um olho só de Ciclope. Ele perdeu um de seus olhos de botão preto anos atrás, mas ela não deixou que a Sra. O'Hare o substituísse. Disse que assim ele ficava mais interessante e mudou seu nome, que antes era Barnabé.

Tess respira fundo e solta o ar devagar.

– *Agito* – diz ela, mas nada acontece.

Tenta mais uma vez, franzindo o rosto. Sua expressão é igualzinha à do Pai quando está traduzindo um trecho difícil.

– É mais difícil do que criar ilusões – explico. – Você meio que precisa... canalizar sua energia. No caminho de casa, senti vontade de passar dias dormindo.

Tess faz um bico.

– Mas com você pareceu tão simples.

– Não é. Demorei uma hora para mover uma xícara de chá. Rory disse que demorou semanas.

– Então vou ter que continuar treinando, não é?

Deste ângulo, o queixo dela tem a mesma forma do meu: pontudo e teimoso.

– Vamos treinar juntas. Você pode me ajudar com os feitiços silenciosos e vou ajudar você com animação. Daqui a algumas semanas vamos ser as bruxas mais espertas da Nova Inglaterra!

Tess sorri para mim.

– Você nunca faz as coisas pela metade, não é?

Acho que não.

Na tarde seguinte, depois de nossas lições propriamente ditas, Tess e eu nos fechamos no escritório do Pai para treinar de novo. Eu me sinto bem ousada,

desrespeitando a regra que a Mãe estabeleceu de não fazer magia em casa, mas agora que o Pai está fora e metade das moradoras da casa é bruxa, não parece assim tão perigoso.

Tess parece muito pequena na cadeira de couro da escrivaninha do Pai; estou deitada no sofá curvado de veludo vermelho. Nós nos alternamos em tentar fazer com que vários objetos da mesa de trabalho do Pai flutuem: pesos de papel e canetas, selos e cera de lacre. Ambas exibimos melhoras notáveis. Consigo fazer meia dúzia de feitiços silenciosos sob a tutela de Tess, e ela faz o exemplar de *As metamorfoses* do Pai se erguer uns bons quinze centímetros do chão.

Tess fica contente com nosso progresso, mas sua rapidez me preocupa. Nós duas aprendemos os feitiços de animação muito mais rápido do que Sachi e Rory disseram que aprenderam. Até fazer feitiços em silêncio já não me parece mais tão difícil. Sempre me considerei uma bruxa fraca, mas agora fico imaginando se minha falta de progresso se deveu à falta de interesse e não à falta de habilidade.

Talvez seja nossa diferença de idade, mas não há inveja, não há competição entre nós. Ajuda o fato de, embora Tess ser uma aluna muito melhor do que eu (também é melhor no piano e no xadrez), nós parecermos estar no mesmo nível na nossa magia. Na verdade, é *divertido*. Só me sinto culpada por ter demorado tanto para começar a valorizar mais a companhia de Tess – foi apenas a ameaça de perdê-la para Elena que me forçou a isso –, a começar a vê-la como amiga, não só como a irmãzinha mais nova.

Batidas na porta nos interrompem.

– Senhorita Cate, o senhor McLeod está aqui para vê-la.

– Já vou, Lily.

Tess vai dançando até o sofazinho e me cutuca com a caneta-tinteiro que ela acaba de fazer flutuar até o teto.

– Você vai se casar com Paul? Lily e a senhora O'Hare estavam fofocando sobre isso na cozinha quando achavam que eu não estava escutando.

Dou um tapinha nela.

– Não sei. O que elas disseram?

Tess morde a ponta da caneta.

– Acham que você tem que se casar. Mas elas não sabem sobre as Irmãs, é claro. Não sabem o que elas são na verdade.

– Você acha... – Ponho minhas dúvidas de lado por um instante. Se é isso que Tess quer, que Maura quer, eu vou ter que ceder. – Você *quer* ir para Nova Londres e estudar com a Irmandade? Não pode se juntar às Irmãs formalmente até ter idade suficiente para declarar uma intenção, mas Elena disse que elas aceitam até garotas de 10 anos em sua escola. Contou que as bibliotecas são fantásticas e que elas nos deixam ler o que quisermos.

– Elena me falou a respeito das bibliotecas. Parecem tentadoras – admite Tess. Dou um sorriso contido para ela. Elena falou, não foi? Mas Tess balança a cabeça e suas tranças voam. – Mesmo assim, acho que prefiro ficar em casa e estudar com o Pai, cozinhar com a senhora O'Hare e dar passeios no jardim. Elena tenta fazer com que Nova Londres pareça divertida, mas só parece... barulhenta. E apinhada de gente.

– Bom, você ainda tem anos para decidir – garanto a ela, apesar de não saber se é verdade. Se formos as três irmãs, será que a Irmandade vai permitir que ela fique em casa até os 17 anos? – O Pai só está preocupado com Maura e comigo. Bom... mais comigo.

– Espere só até chegar a vez de Maura. Você sabe como ela muda de ideia. Mesmo que vá cedo para a Irmandade, é provável que chegue a Nova Londres e resolva que, em vez disso, quer se casar com um marinheiro. Com você, pelo menos nós sabemos que, quando tomar uma decisão, não vai mudar de ideia.

– Quero ficar em Chatham, principalmente se for onde você vai estar – confesso. – É só uma questão de descobrir como. Posso tentar convencer Paul a ficar aqui comigo, mas...

Tess me abraça pela cintura.

– Acha que ele faria isso? Não quero que você vá. Seria muito solitário sem você, Cate.

Eu a abraço com força.

– Também não quero ir.

– Mas pode ser que você precise ir. – Ela se afasta com o rostinho tristonho. – Se for esposa dele, terá que ir morar com ele, onde ele quiser.

Tess está certa. Eu poderia ter que fazer as malas e me mudar para o outro lado do mundo se meu marido quisesse. Minha opinião teria tanta importância quanto a de uma banqueta.

– Você realmente acha que Paul iria me arrastar mesmo que eu esperneasse e berrasse? É isso que ele teria que fazer para me levar para longe de você.

Tess sorri e sua covinha brilha.

– Promete?

– Prometo.

Mas sinto uma pontada forte na minha consciência. Não sei se posso manter essa promessa. Mesmo que eu consiga convencer Paul a ficar em Chatham, se as Irmãs descobrirem que sou capaz de fazer magia mental, não acho que vão permitir que eu me case. Elena falou sobre as mulheres conquistarem sua independência – mas e quanto à *minha* independência?

Fico irritada. Uma coisa é eu decidir, de maneira voluntária, a abrir mão do casamento e me juntar às Irmãs para trabalhar em nome da causa delas. Ainda

não eliminei essa possibilidade. Mas não gosto de ser forçada a fazer nada. Por mais segura e bonita que seja, uma jaula é sempre uma jaula.

Paul está à minha espera na sala de estar, mas não tirou o sobretudo cinza. Ele se levanta e me entrega um buquê de rosas brancas. Enterro o rosto nelas e sinto seu perfume.

– São adoráveis, obrigada.

Ele sorri. Já não está mais queimado de sol e seus olhos verdes brilham, contrastando com a pele bronzeada.

– Não são suas preferidas, eu sei, mas o jardim da Mãe é anêmico em comparação com o seu.

Garoto esperto. Flores e elogios ao meu jardim são a maneira certa de ganhar meu coração, e ele sabe disso.

– Sinto muito por fazê-lo esperar. Eu estava estudando com Tess.

– Não faz mal. Maura passou por aqui e me fez companhia por alguns minutos. – Paul se apoia no piano. – Suas irmãs estão se tornando mocinhas muito adequadas, não é mesmo? Eu me lembro de quando Tess engatinhava pelo chão e tínhamos que impedir que ela colocasse terra na boca.

– Ela realmente possuía um talento para mastigar tudo que via pela frente. Acho que, uma vez, comeu meia minhoca.

Dou risada ao me lembrar de como a Sra. O'Hare ficou enojada quando encontrou a outra metade se agitando na mão de Tess.

Paul assente com a cabeça, sério.

– Deve ter sido por motivos científicos.

– Deve mesmo. Ela sempre foi muito curiosa, mesmo quando bebê.

– Houve aquele ano inteiro em que a única coisa que ela dizia era "Por quê?". E você inventava aquelas razões ridículas para as coisas. – Paul deixa a cabeça pender para o lado daquele jeito engraçado que Tess faz e fala com a voz bem aguda. Ele sempre foi brilhante em imitações. – "Por que os cavalos têm quatro patas? Por que a neve não é azul? Por quê? Por quê?"

Dou uma gargalhada e passo a mão pela tampa fechada do piano.

– Bom, como vou saber por que as abelhas voam e Tess não? Quer dizer, tirando o fato de que elas têm asas.

Paul tira um fio de cabelo solto do meu rosto.

– Você fica linda quando dá risada.

Meu sorriso desaparece. Como passamos de lembranças a flerte?

– Eu geralmente estou horrorosa?

– Você é sempre linda para mim – diz ele com ternura, e acaricia minha bochecha. – Mas você se preocupa demais. Eu levaria embora alguns dos seus problemas se pudesse.

Eu gostaria que fosse assim tão fácil. Eu me afasto com um sorriso rígido.

– Posso lidar com eles.

– Sei que sim. Não estou criticando você, Cate. Eu gostaria de ajudar. Seja no que for. Pode contar comigo – declara ele, de uma maneira sincera fora do comum. Então, sorri. – Que tal darmos um passeio?

Dou uma olhada pela janela, pouco à vontade. Choveu hoje de manhã, mas agora um vento fresco chicoteia as árvores e afasta as nuvens cinzentas no céu. Passei o dia todo trancada dentro de casa; estou com vontade de sair. Mas e se nos depararmos com Finn?

– Deixe-me adivinhar: está frio demais – sugere Paul. – Você está com medo de pegar friagem.

Dou um tapinha de leve no braço dele.

– Não estou!

– Anda passando muito tempo com a senhorita Ishida. Vai se transformar em uma flor delicada – brinca ele.

Ah, se ele soubesse. Rory transformou um dos botões do corpete de Sachi em uma centopeia, e ela mal piscou. Sachi Ishida é bem mais durona do que se imagina.

– Bobagem – respondo, sorrindo. – Claro que eu vou.

Visto a capa e chamo Lily. Quando estamos no jardim, meus nervos se esticam como fitas finas. O vento faz minhas saias se enrolarem nos tornozelos e tenta arrancar meu capuz. Eu me pego vendo se escuto o som de marteladas no gazebo. Não ouço nada. Fico imaginando que pode ser que Finn nem esteja lá. Talvez precisassem dele em casa hoje. Meu coração se aperta com essa ideia. A verdade é que passei a ansiar por vê-lo.

Viro o rosto para o céu e aproveito a brisa que acaricia minhas bochechas. Pelo menos não estou encolhida dentro de casa.

– Vamos entrar aqui e sair do vento – sugere Paul, e me puxa para o roseiral da Mãe. – Lily, será que pode nos dar um momento?

Eles não me dão oportunidade de fazer objeção. Lily se afasta apressada, segurando um sorriso, e então me dou conta: eles combinaram isso.

Apesar de toda a minha conversa corajosa a respeito de pedir para ele ficar em Chatham, não me sinto pronta.

– Cate – diz ele, como se estivesse saboreando o gosto do meu nome na língua. Ele apruma o corpo, com os ombros largos, as pernas afastadas. – Sei que este é o seu lugar preferido. Foi por isso que quis dizer isto aqui.

Abro a boca, mas ele ergue uma das mãos e dá risada.

– Apenas escute por um minuto. Eu amo você, Cate. Sempre amei. Desde o dia em que você aceitou aquele desafio e andou por cima da cerca do chiqueiro.

– Ele ri um pouco. – O céu está exatamente da cor dos seus olhos hoje, sabia?

– Paul, eu...

Pare, é o que eu quero dizer. *Não faça isto. Por favor.*

Ele prossegue, irrefreável.

– Sei que isto não é convencional. Ainda não tive oportunidade de falar com o seu pai. Mas pensei que falar primeiro com você fosse agradá-la. Não imagino que ele vá fazer objeção se você estiver feliz. Acho que *posso* fazê-la feliz, Cate. E eu ficaria honrado de verdade... quer dizer, você me faria muito feliz se... Aceita ser minha esposa?

Meus olhos vão para o chão, confusos. Paul seria um bom marido para mim. Ele seria um parceiro, não um senhor. Ele me faz rir. É bonito. E eu o amo.

Eu deveria dizer sim. Eu deveria dizer sim e então perguntar se ele consideraria a possibilidade de morar em Chatham, pelo menos nos primeiros anos do nosso casamento. Só até Tess se casar. Depois disso, ela estaria mais segura. Mas não posso pedir a Paul que abra mão de seu trabalho e reorganize sua vida por um noivado que eu posso muito bem ser forçada a romper. Não é justo com ele.

Nem comigo. Lembro-me da minha conversa com Maura na carruagem. Não sinto vontade de desmaiar quando Paul diz meu nome, quando toca minha mão. Não fico com saudade dele nos dias em que não vem me visitar. Seja lá o que for estar apaixonada, não acho que eu me sinta assim em relação a ele.

Não consigo dizer sim. Não por enquanto. Talvez daqui a algumas semanas eu seja capaz de encontrar um jeito de contornar Elena e as Irmãs. Talvez, quando eu esquecer a maneira como os beijos de Finn fizeram com que eu me sentisse – como fiquei tentada a contar para *ele* sobre a magia –, eu seja capaz de dizer sim em sã consciência.

– Paul, eu...

Como posso dispensá-lo sem partir seu coração?

Mas, no momento em que ergo os olhos, ele sabe. Ele trava o maxilar daquele jeito dele e enfia as mãos nos bolsos.

– Eu me apressei. Achei que já fosse tarde demais, mas você precisa de mais tempo.

Sinto uma enorme onda de alívio.

– Preciso – digo, e finalmente o encaro.

– Mas você não está dizendo não, certo?

Os olhos dele estão preocupados, vulneráveis.

– Não – garanto a ele. – Não estou dizendo não.

– Que bom. – Ele agita as sobrancelhas para mim. – Tenho permissão para tentar convencê-la?

Como? Será que ele vai sugerir abrir um escritório de arquitetura em Chatham? Minha cabeça gira; o pragmatismo luta contra as noções ridículas que Maura tem de romantismo.

– Certamente. – Sorrio e deixo a cabeça pender daquele jeito coquete que Sachi tem. – Qual é sua ideia?

Ele estende um dos braços, puxa meu corpo mais para perto e me abraça bem juntinho a ele. Sua boca se inclina para baixo e se aproxima da minha com urgência. Meu corpo reage; eu me sinto aquecida e desejada. Meus braços se prendem ao redor do seu pescoço, minha boca se move hesitante contra a dele. Quando ele suga meu lábio inferior para dentro da boca, um calor toma conta de mim. Eu me aperto mais contra ele. Beijar é bom.

Mas, apesar de o pensamento estar na minha mente, eu empurro o peito dele. Eu me lembro de um beijo que foi mais do que bom... foi *certo*.

Paul se afasta. Está sorrindo.

– Que tal? – pergunta. – Não sente a necessidade de me dar um tapa por ser muito atrevido, sente?

– Não – respondo, e meus olhos caem em suas botas. – Acho que posso perdoá-lo.

– Ótimo. Então, você não tem certeza se quer se casar comigo – diz ele –, mas gostou de me beijar?

– Precisamos falar sobre isso agora? – imploro, morrendo de vergonha.

Como uma dama deve responder a uma pergunta dessas? Ele é bonito e sabe disso. Em outra vida, uma vida em que eu não fosse bruxa e não precisasse da livraria Belastras e dos segredos escondidos ali, talvez este tivesse sido o meu primeiro beijo. Talvez tivesse sido suficiente.

– Vou tomar isso como um sim – afirma ele, convencido como sempre. – É o fato de se mudar para a cidade que a preocupa? Sei que sentiria falta das suas flores, mas há parques grandiosos. Faríamos caminhadas toda noite quando eu voltasse do trabalho. Eu poderia levá-la até os estaleiros também, para observar os navios que vêm e vão. Adoraria mostrar Nova Londres a você, Cate. É magnífica.

Sua voz é rápida e apaixonada. Ele adora a cidade, isso está claro. Não vai mudar de ideia. E não vou pedir que o faça.

– Minhas irmãs – digo, buscando desculpas. – As coisas mudaram desde que a Mãe morreu. Eu me sinto responsável por elas. Mudar-me para tão longe... não são apenas algumas horas. Se algo acontecesse e eu não estivesse aqui...

Paul parece confuso.

– Mas Maura me disse que está pensando em entrar para a Irmandade. Se ela entrar, vai estar em Nova Londres também.

Ela disse?

– E tem Tess. Ela ainda é tão pequena... e o Pai nunca está em casa. Como eu poderia deixá-la aqui só com uma governanta e uma criada para tomarem conta dela?

– Ela pode nos visitar sempre que você quiser. – Paul estende o braço e pega minha mão enluvada. – Cate, amo o fato de você ser tão dedicada às suas irmãs, mas há mais algo que a faz vacilar? Conte a verdade.

Fico olhando para as pétalas de rosa que o vento espalhou pelo calçamento de pedra.

– Não – minto. – Não há mais nada.

Paul examina meu rosto em busca da verdade.

– Tem certeza? Não é... não é por causa do Belastra, é?

– O quê? – Engulo em seco e puxo a minha mão da dele. – Não!

– Conheço você, Cate. Pode negar quanto quiser, mas a maneira como você olha para ele...

– Como?

Será que ando telegrafando meus sentimentos para a cidade toda? Será que *todo mundo* sabe?

– Como se estivesse fascinada.

– Não sei do que está falando!

– Cate. Mostre que me respeita e não minta na minha cara.

Eu me viro e fico de costas para ele. Não sabia que era possível sentir tanta vergonha assim. Sinto-me tentada a fazer com que eu mesma desapareça.

Paul coloca a mão no meu ombro.

– Tudo bem. Eu entendo. Não gosto, mas entendo.

Olho para ele sem entender nada.

– Vivi uma espécie de romance fracassado na cidade – confessa ele.

– Você se apaixonou por alguém?

Não tenho certeza em relação aos meus sentimentos por ele, mas preciso reconhecer que não fico feliz com a ideia de ele cortejar outra pessoa.

Ele me vira de frente para si.

– Achei que sim, na época. O nome dela era Penelope. Ela era muito adequada e muito bonita. Conhecia durante um jantar na casa de um colega. Depois do jantar, ela tocou piano e cantou para nós. Tinha a voz de um anjo.

Imagino essa Penelope com o cabelo igual a trigo maduro e olhos azuis gigantes e inocentes. O tipo de garota que nunca precisou se preocupar com nada além de fitas de cabelo ou bainha rasgada. Eu a odeio.

Enfio uma mecha de cabelo embaixo do capuz (talvez com um pouco mais de força do que é necessário).

– O que aconteceu? – pergunto.

– Eu a visitei algumas vezes, acompanhei-a até em casa depois da igreja uma ou duas vezes e estava quase pronto para pedir a mão dela. Então ela anunciou sua intenção de se casar com outra pessoa. Fiquei arrasado. Bebi até desmaiar. Mas, na verdade, foi a melhor coisa que poderia ter acontecido comigo.

– O quê? Por quê?

Quero arrancar seus olhos imaginários por ter magoado Paul!

– Nós éramos muito diferentes – explica ele. – Quando não estava cantando, ela ficava calada como um camundongo. Nunca tinha uma palavra para dizer por si só. Em teoria, era encantador toda vez que ela ficava corada, mas, depois que a novidade gastasse, ela teria me deixado louco de tanto tédio.

Mordo o lábio.

– Como sabe que não vai ser a mesma coisa comigo?

– Porque somos iguais, você e eu. Nós queremos aventuras, não noites tranquilas em casa na frente da lareira. Acho que eu poderia fazê-la feliz se você permitisse. – A voz de Paul fica grave quando ele pega minhas mãos. – Apenas prometa que você não vai se casar com outra pessoa. Pode fazer isso? Pelo seu velho amigo, pelo menos?

Aperto as mãos dele, agradecida por sua compreensão.

– Sim, claro. Eu prometo.

– Ótimo.

Paul me puxa para seus braços mais uma vez, mas agora só me abraça. Enfio a cabeça embaixo do queixo dele. Ele tem cheiro de pinheiros, cavalos e couro. É muito reconfortante; eu me deixo afundar em seu abraço.

Então há um barulho de metal atrás de nós. Nós nos separamos imediatamente.

Finn. Ele carrega um balde de mato com uma das mãos; está recolhendo a pá com a outra. Quando nossos olhos se encontram, ele se afasta cambaleando, rápido apesar do tornozelo torcido.

Meu coração para por um momento, então começa a galopar.

Minha vontade é sair correndo atrás dele. Não me importa como vou parecer boba.

Mas não posso fazer isso. Eu não seria nada melhor do que Penelope. Paul acaba de pedir a minha mão; não posso sair correndo atrás de outro homem, que talvez nem me queira.

Paul me quer; deixou isso bem claro. Ele me ama e é meu melhor amigo. Coloco de lado meu desejo.

Paul e eu observamos a silhueta de Finn se afastando até desaparecer atrás das cercas vivas. Então eu me viro para Paul e sorrio para ele através do pavor no

meu coração.

– Pode me acompanhar até em casa, por favor?

capítulo

14

Paul e eu voltamos para casa em silêncio. Na porta da cozinha, ele para e se apoia contra a parede de tábuas horizontais sobrepostas. É a imagem de um cavalheiro bonito da cidade com seu sobretudo cinza, o cabelo louro bem cortado. Examina a trepadeira com florzinhas brancas que sobe pela treliça e então se volta para mim com a testa franzida.

– Acho que deixei meus sentimentos claros. Não sei mais o que posso fazer.

Encosto a mão em seu braço, incerta.

– Nada – murmuro. – Você foi... Você é fantástico. Só preciso de tempo para pensar.

Paul entrelaça meus dedos nos dele.

– Posso lhe dar tempo, mas os Irmãos não vão dar.

Eu me encolho toda e observo enquanto ele se afasta na direção do celeiro. Aliás, ainda estou lá parada quando ele surge em cima de seu enorme garanhão baio e atravessa os campos em direção à sua casa a meio galope. Ele acena com a mão e eu retribuo.

Eu devia entrar e contar para minhas irmãs sobre o pedido. Deixar que elas me abracem e me deem parabéns, permitir que a Sra. O'Hare dê gritinhos e Tess asse uma torta de maçã para mim como sobremesa do jantar. Fingir por um dia que sou uma garota normal que vai se casar com um homem bom. Tess ficaria triste, mas iria me perdoar. Ouso dizer que Maura ficaria extasiada por me ver resolvida e fora de seu caminho.

Mas o que Elena faria? Será que insistiria para me testar em magia mental imediatamente? Se testasse, se descobrisse na hora que eu era capaz de fazer isso, o que aconteceria? Desconfio que ela me despacharia diretamente para as Irmãs.

Pressiono as mãos contra o rosto e seguro as lágrimas. Não é o que eu quero. Não quero me juntar às Irmãs. Não quero me casar com Paul. Eu quero...

Finn. Eu quero Finn.

Hesito, mas apenas por um minuto. Então saio correndo pelo jardim atrás dele, rezando para que ainda esteja lá. É difícil enxergar do outro lado das cercas vivas; não tenho certeza de qual foi a direção que ele tomou. Sigo meu instinto pelos caminhos cheios de curvas até sair em terreno aberto.

Ele não foi embora. Está no gazebo. Nos últimos dias, ergueu a grade. Suas mãos estão apoiadas nela e ele olha pelos campos, na direção da cidade. Usa

roupas de trabalho: calça de veludo cotelê marrom, botas, suspensório e uma camisa cor de chocolate que combina com seus olhos.

Minhas sapatilhas afundam na grama úmida. A barra das minhas saias fica molhada e pesada; a lama gruda no tecido. Sinto a própria terra me puxando, me atrasando.

Entro correndo no gazebo, deixando marcas de lama no piso de madeira. Tem cheiro de serragem, terra molhada e minhocas. Sinto uma pontada na lateral do corpo que dói como algo afiado; ofego de exaustão da minha corrida. O vento arranca meu capuz e faz meu cabelo cair por cima dos ombros.

– Finn – digo, e enfio o cabelo atrás das orelhas.

Ele se vira. Eu queria ser como Tess, gostaria de saber examinar as pessoas, mas não consigo decifrar a expressão em seu rosto.

– Eu queria explicar o que... o que você viu... – gaguejo.

Ele pega uma vassoura e começa a varrer pilhas de serragem.

– Não me deve explicações, senhorita Cahill.

Ah. Eu me encolho com o gelo em sua voz. Não sei o que eu estava esperando exatamente, mas achava que ele ia se *importar.* Acabou de me ver nos braços de outro homem – e não apenas um homem qualquer, mas um homem que tenho certeza de que não gosta. Eu beijei outra pessoa! Ele não viu isso, mas, se eu o visse com outra mulher... Só de pensar nisso já fico esquentada e enjoada.

Eu não devia estar beijando ninguém mais. Sinto isso com uma certeza dolorida, como um osso machucado. Algo aconteceu entre nós naquele quartinho escuro, algo sagrado. Fico vermelha com a lembrança dos lábios dele nos meus. Das mãos dele na minha cintura, leves como penas. Aquilo tem que ter tido algum significado, independentemente de ele lembrar ou não.

– Eu queria acertar as coisas – digo, corada.

– Se quer que eu peça demissão, eu peço. Não vou guardar nenhuma mágoa.

Ele nem olha para mim, só continua varrendo, a vassoura raspando furiosa contra o chão.

Eu não tinha pensado sobre o trabalho dele. Será que tem medo de que não seja apropriado continuar trabalhando aqui depois do que aconteceu entre nós? De que o Pai fosse demiti-lo se descobrisse?

Será que isso significa que ele se lembra?

– Mas você precisa desse trabalho – observo.

O movimento na livraria diminuiu bastante.

Finn joga a vassoura no chão e espalha uma de suas pilhas arrumadas. Chego a tossir quando uma nuvem de serragem enche o ar.

– Não preciso de sua caridade. Se o fato de eu estar trabalhando aqui incomoda o seu noivo... – Finn respira fundo. – Devo-lhe desculpas, senhorita

Cahill.

Só uns poucos passos nos separam, mas parece uma distância tão grande e impossível de atravessar quanto um oceano.

– Tenho o máximo respeito e admiração por você – prossegue Finn. – Nunca quis dar a entender o contrário. Estava obviamente perturbada e eu certamente não tive intenção de tirar vantagem. Foi um... lapso momentâneo de juízo. Não sei o que deu em mim, mas posso garantir que não vai voltar a acontecer.

Fico olhando fixo para ele, com os olhos cada vez mais arregalados à medida que vou assimilando a verdade. Ele se lembra de me beijar. Ele está *pedindo desculpa* por me beijar.

– Não vai? – indago, sentindo-me estranhamente sufocada.

– Não. – Finn passa a mão no cabelo e deixa vários fios arrepiados. – Meu comportamento foi imperdoável, atrevido. Assumo toda a culpa. Não a tenho em menor conta, de maneira nenhuma. Eu me deixei levar e... não devia... Sabendo que estava praticamente prometida a outro homem, foi uma conduta muito imprópria da minha parte.

Dou um passo em sua direção com o queixo avançando primeiro.

– Você *se deixou levar*? Por um lapso de juízo momentâneo? – Imito sua voz empertigada. – *Você me beijou!*

Finn passa a mão pela barba por fazer no queixo.

– Eu... Sim. Não tive intenção de desrespeitá-la. Espero que não sinta que sua reputação tenha sido comprometida de qualquer modo.

– Minha reputação? – Eu voo para cima dele e empurro seu peito com as duas mãos. Ele cambaleia para trás e vai de encontro à cerca. – Não sou uma florzinha que vive desmaiando! Eu também estava lá. Retribuí o beijo! Se é para atribuir culpa, metade dela é minha!

Ele agarra meus pulsos.

– Cate – diz ele, e fico contente de ele ter parado com aquela bobagem de senhorita Cahill. – Sinto muito se a ofendi, mas não entendo bem qual parte do meu comportamento está em questão.

Eu me lembro da fome de suas mãos deslizando sobre mim, da pressão do corpo dele contra o meu.

– Pedir desculpa por me beijar! Dizer que foi um lapso de juízo! Certamente pareceu que você gostou bastante!

Seu aperto relaxa.

– Você quer que eu diga... que... gostei? – pergunta ele.

– Bom, certamente seria melhor do que pedir desculpa por isso – rebato. – Como acha que isso me faz sentir?

Ele aperta os olhos para mim.

– Não faço a menor ideia.

Minha cabeça cai, a raiva vai arrefecendo. Tento recuar, mas ele está me segurando com uma força surpreendente.

– É constrangedor. Vim correndo atrás de você feito uma louca para dizer que o que você viu entre mim e Paul não é o que está pensando... que eu não disse sim... e você fica agindo como se me beijar tivesse sido algo pavoroso...

Finn coloca a mão em cima da minha boca.

– McLeod pediu a sua mão e você recusou?

Faço que sim com a cabeça, de repente me sentindo impossivelmente nervosa.

– Eu disse a ele que preciso de tempo. Para pensar.

Finn se afasta e solta palavrões muito criativos. Fico lá parada, torcendo as mãos, mordendo o lábio inferior.

– Cate. Sinto muito. – A voz de Finn sai muito grave, aveludada. – Beijar você... Eu gostei.

Fico paralisada.

– Gostou?

O espaço entre nós parece carregado de eletricidade. Finn dá um sorriso lento e deliberado, e eu me pergunto como pude ser cega para a beleza dele.

– Muito.

– Mas você disse que foi um lapso de juízo.

– Compreendi mal seus sentimentos. Você saiu correndo da loja como se os cães do inferno estivessem atrás de você – observa.

Porque eu não tinha certeza se ele se lembrava. Minha felicidade oscila. Se ele soubesse, o que iria pensar de mim?

– Sua mãe estava lá. E os Irmãos estavam vigiando – explico.

Seus olhos de chocolate estão fixos nos meus.

– Você está me evitando desde então. Mal saiu de casa.

– Você não veio me ver. – A mágoa me rasga. – Estava bem aqui e não entrou em casa. Nem me cumprimentou na igreja.

Finn balança a cabeça.

– Parece que foi um mal-entendido. Eu a vi com McLeod na igreja e pensei... Fui um estúpido. Pode me deixar assumir a responsabilidade por isso?

Meus lábios se contorcem.

– Pode ficar com todo o crédito pela estupidez.

– Obrigado. Então, só para esclarecer... você não se sente comprometida?

Os Irmãos nos ensinam que luxúria e perversão andam juntas. Falta de modéstia é uma coisa pavorosa em uma mulher. As mulheres devem ser castas, da mesma maneira que devem ser subservientes. Não devemos gostar de beijos.

Mas não sinto que foi errado. Pelo contrário, deixar que Finn me beijasse

(retribuir o beijo) parece ter sido uma coisa completamente *certa*.

– Não – digo lentamente, e ergo os olhos até os dele. – Não me sinto comprometida de maneira nenhuma.

Finn só olha para mim, mas é um olhar e tanto. Faz cócegas na minha pele como um toque.

– McLeod. Você não disse não para ele.

– Também não disse sim – insisto.

Ele estende o braço para traçar a curva da minha bochecha. Será que sente meu pulso acelerado? Seus olhos não desgrudam dos meus. Ele mal me toca, mas fico sem fôlego e passo a língua pelos meus lábios secos.

Mal consigo me segurar para não agarrá-lo pelo colarinho e puxar sua boca até a minha.

Ele dá risada, um pouco rouco.

– Quer que eu a comprometa ainda mais?

– Quero. – Será que é honestidade demais? – Desculpe, mas não vejo por que fingir que não gosto... – hesito, com o rosto ardendo – ... de ser beijada. Por você. Eu gosto.

Ele sorri, mas dá um pequeno passo para trás.

– Isso é bem conveniente, porque eu gostaria de voltar a beijá-la. Não agora. Não aqui, onde qualquer um poderia nos ver. Mas em breve. E muito.

Olho ao redor, meio surpresa por nos encontrar ainda no gazebo, no meio das terras do meu pai. Eu me esqueci de mim mesma por completo.

– Suponho que estejamos sendo bastante escandalosos.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Eu diria que sim. A dona da casa flertando com o jardineiro... Imagino que o seu pai teria algumas palavras especiais a me dizer.

Meus lábios se curvam em um sorriso lento.

– Não se preocupe com isso. Eu dou conta do Pai.

– Tenho certeza que sim. Você é feroz. – Finn dá risada, mas então seu rosto assume uma expressão séria. – Não posso... Minha família... Agora sou responsável pela Mãe e por Clara. A livraria mal está sobrevivendo. Ninguém quer entrar, com os Irmãos nos vigiando dia e noite. Acho que não vão desistir até acharem uma desculpa para nos fazer fechar. Não posso lhe prometer nada, Cate.

Ergo o queixo.

– Não pedi nada disso, pedi?

– Não. Mas você vai precisar disso, e logo. Se não for de mim, de... alguma outra pessoa. – Os olhos de Finn caem em suas botas marrons gastas. – Mal consigo sustentar nós três, muito menos... Diabos, vou falar de maneira clara.

Não tenho dinheiro para ter uma esposa. Eu compreenderia se você aceitasse McLeod. Iria detestar... mas ainda podemos fingir que esta conversa nunca aconteceu. Eu não iria pensar menos de você.

– Eu iria – rebato. – Acredito que seria muito feio me casar com um homem por causa de seu dinheiro desejando outro homem.

Eu desejo Finn. De maneira insuportável. Mais do que já desejei qualquer coisa para mim mesma na vida.

Mas é impossível. O que vou *fazer*? Agora que entendo como me sinto, como posso me contentar com qualquer outra coisa?

– Não posso pedir que espere por mim. Não sei quando... se minhas circunstâncias vão melhorar. E mesmo que melhorassem, a vida comigo seria bem diferente daquilo a que está acostumada. A Mãe e Clara fazem seus próprios vestidos. Elas não têm criadas; preparam nossos jantares e cuidam da casa sozinhas. – O rosto de Finn está sério, a testa, franzida. – Você seria esposa de um lojista, não a filha de um cavalheiro. A Mãe e Clara não são convidadas para tomar chá com a senhora Ishida.

E até parece que eu me incomodo com o que a Sra. Ishida pensa! Se essa fosse a única coisa entre nós... mas não é. Se eu me aliasse à família Belastra, os olhos aguçados dos Irmãos seriam atraídos para nossa família toda. E se eles percebessem o que somos capazes de fazer, o que *eu* sou capaz de fazer...

A profecia diz que, se eu caísse nas mãos erradas, um segundo Terror seria criado. Quantas garotas inocentes seriam assassinadas? Não sei se a própria Irmandade estaria a salvo de um segundo massacre. Será que alguma bruxa sobreviveria? As bruxas poderiam ser extintas?

Desabo contra a cerca. Por mais que eu deseje Finn, é impossível.

Meu silêncio não passa despercebido.

– Sinto muito. – O rosto bonito de Finn se contorce de angústia. – Eu lhe daria mais se pudesse. Eu lhe daria a lua.

– Tudo bem – digo baixinho, segurando as lágrimas. É hora de mudar o assunto para algo menos perigoso. – Falando de chá, Maura e eu vamos oferecer nosso primeiro chá amanhã à tarde. A sua mãe e Clara devem vir, se não tiverem outro compromisso.

Finn hesita, com os olhos castanhos fixos nos meus.

– A Mãe e Clara não costumam ser convidadas para sair.

Eu me apoio no gazebo.

– Nem nós, até recentemente.

– Isso é diferente. Você deve saber. – Fico em silêncio, olhando para o lago e para o cemitério do outro lado. Finn suspira. – Não sou orgulhoso demais para dizer. O seu pai é um homem de negócios, sim, mas é um cavalheiro e um

estudioso em primeiro lugar. A Mãe é livreira e intelectual. As esposas dos Irmãos não a consideram uma igual porque é lojista. As esposas dos lojistas acreditam que ela pensa que é boa demais para elas.

– Eu sou a anfitriã agora. A sua mãe e Clara são perfeitamente bem-vindas aqui.

– Vou repassar o convite, então. É muito gentil da sua parte.

Finn estica a mão e entrelaça os dedos nos meus. Leva minha mão até a boca e sopra ar quente na palma.

– Falei sério tudo que disse. Eu a desejo, Cate. Mas não posso lhe dar aquilo de que precisa.

– E se eu precisar de *você*? – sussurro.

Sinto que nós dois estamos nos inclinando um na direção do outro, como árvores sujeitas a uma brisa forte. Há dias anseio por vê-lo, mas agora não basta. Não sei dizer quem faz o primeiro movimento. Os centímetros entre nós são anulados até eu estar em seus braços e minha boca encontrar a dele.

Seus lábios são suaves e fortes ao mesmo tempo. Têm gosto de chá e de chuva. Suas mãos entram na minha capa; uma se enrosca na minha cintura, a outra, na minha nuca, ancorando minha boca à dele. Minhas mãos passeiam por seu peito, sentindo os músculos duros por baixo das pontas dos dedos. Os lábios dele traçam um caminho pelo meu maxilar e param bem embaixo da minha orelha. Quando pega o lóbulo entre os dentes, eu arquejo. Agarro a gola de sua camisa e ele reclama meus lábios em mais um beijo ardente.

Quando enfim me afasto, sem fôlego, arfando, meus lábios parecem inchados, meu queixo, em brasa de tanto raspar na barba por fazer que é uma lixa em seu queixo. Ainda estamos abraçados, ele me envolve pela cintura por baixo da capa.

– Preciso ser mais cavalheiro, mas acho que perco a cabeça perto de você – diz ele com seus lábios de cereja a centímetros dos meus.

– Eu não me incomodo – garanto a ele, com os braços ainda enlaçados em seu pescoço.

– Foi a impressão que tive. – Ele sorri. – Mas você deve entrar agora, de verdade. Se ficar aqui, vou beijá-la até perder os sentidos e alguém vai acabar nos vendo. Não olhe para mim assim. Não quero deixá-la ir.

– Eu não quero ir.

Mas ele está certo. Dou um beijo rápido nos lábios dele, surpreendendo-nos com minha ousadia. Então, dando risada, deixo o gazebo.

Volto apressada pelo jardim, cheia de alegria. O vento de outono é fresco; o céu lá em cima é de um cinza molhado. Gotas de chuva geladas se espalham pelo meu rosto. Não parece certo. Devia haver passarinhos fazendo ninhos, não gansos voando apressados para o sul. As dálias deviam estar apenas tocando de

leve o nariz verde no solo. Normalmente, eu adoro o brilho agridoce do outono, mas hoje, pela primeira vez em muito tempo, não há espaço em mim para pesar.

Quero primavera e sol.

– Minhas coitadinhas – eu me pego dizendo como uma boba para as flores.

Será que o amor já me transformou em uma garota tonta e sonhadora?

O pânico toma conta de mim, e paro de maneira abrupta, agarrando-me à mureta. Eu o amo, mas não posso tê-lo. É irresponsável fingir que posso. Só vai acabar em sofrimento para nós dois.

Meu humor muda de maneira perigosa e sinto a magia se erguer dentro de mim. Tento contê-la, mas não adianta. Fecho os olhos bem apertados, impotente quando ela começa a se derramar, pela minha garganta, pelas pontas dos meus dedos.

O jardim explode, desafiador, em primavera. A grama fica cor de esmeralda ao meu redor. As cercas vivas encolhem. As flores se afastam do solo, menos as tulipas mortas havia muito tempo, que voltam a se erguer.

O sol quente bate no meu rosto horrorizado.

– *Reverto!* – ordeno.

Não funciona. Não consigo sentir poder nenhum.

Acabou, foi exaurido. Estou vazia.

Isso não acontece há anos.

Corro pelo caminho, desesperada para ver a extensão dos danos. Isto aqui não é a mesma coisa que Tess fez ao encantar um cantinho do jardim. Está em tudo. Ao lado do celeiro, a macieira está pesada com flores cor-de-rosa. O resto de trigo cortado na encosta da colina ondula alto e dourado. Rezo para que não tenha se estendido até o gazebo e para os campos além dele.

Irrompo cozinha adentro e abro a porta pesada de supetão.

Tess está lá, olhando para dentro do forno.

– Cate? O que foi?

– Preciso de você – digo, arfando.

Ela não faz perguntas. Saímos correndo para o jardim, e Tess começa a piscar com o sol repentino.

– Estava chovendo há um minuto... Ah. – Ela olha ao redor para todo o verde, então fecha os olhos. Um momento depois, eles voltam a se abrir, surpresos. – *Você* fez isto? Sozinha? É forte. Não consigo desfazer.

Estou preocupada demais para me ofender.

– Conserte! – choramingo.

Ela faz uma pausa por um momento e se concentra.

– *Reverto!* – exclama.

Nada acontece. Tess prende a respiração, insatisfeita. Entro em pânico.

E se John aparecer? E se *Finn* vir isso? Não posso apagar a memória dele mais uma vez. Não vou fazer isso.

– Tess, precisamos fazer alguma coisa. Há *tulipas*!

– Nós vamos consertar. Vamos fazer juntas – sugere ela.

Nós nos damos as mãos. Sinto uma fagulha de poder quando falamos em latim juntas. O céu fica cinzento bem quando a porta da cozinha se abre.

Maura sai correndo com Elena em seu encalço.

– Tess, o que você fez? – indaga Maura.

Tess lança as mãos para o alto.

– Não fui eu, foi Cate!

Maura treme com o vento frio de outubro, envolvendo a si mesma com os braços.

– Foi forte. Tentei consertar da janela e não consegui.

– Nem eu – acrescenta Tess.

Elena está um pouco atrás, com os olhos apertados; o vento sopra suas saias de seda.

– Eu também não.

O medo toma conta de mim. Sei o que ela está pensando.

– Foi só porque eu estava aborrecida. Não foi minha intenção, de jeito nenhum, lançar um feitiço. Eu só estava pensando na primavera, e... – Eu me esforço para encontrar as palavras e coloco o capuz de volta. – Escapou.

Elena assente.

– O que estava fazendo logo antes disso?

– Nada – minto. – Caminhando pelo jardim.

Os olhos escuros dela me examinam fundo. Fico imaginando se pareço desgrenhada.

–Você não estava com Paul?

Será que estou com cara de quem foi beijada? Será que ela consegue ver? Eu me encolho dentro da capa, forçando-me a não levar a mão aos lábios.

– Não.

– Eu não me importo com o seu romance, eu me importo com a magia. Diga a verdade: estava com ele agora? – insiste Elena.

– Não! Por que afetaria a minha magia se eu estivesse?

– Paul foi embora há um tempão – afirma Tess, e seca gotas de chuva das bochechas. – Eu o vi da janela da cozinha.

– Que interessante. Não sei o que poderia ter causado isso, então – conclui Elena. Seus lábios estão comprimidos, um rasgo fino e cor-de-rosa em seu rosto. De algum modo, sabe que não estou sendo totalmente sincera. Mas nunca vou contar a ela a respeito de Finn. Ela pode ter se insinuado na nossa casa, mas não

é minha amiga.

Preciso achar tempo para me encontrar com Marianne: sozinha e logo. Preciso dos conselhos dela. É a única em que posso confiar para me ajudar.

Só espero que ela não me odeie por meter o filho dela nessa confusão.

capítulo

15

– O que você acha? – pergunta Maura, rodopiando na minha frente no hall de entrada.

Ela está usando outro vestido novo. Este é verde-esmeralda com debruado cor-de-rosa, e ela pegou emprestadas as sapatilhas de veludo verde de Elena que cobiça desde que ela chegou em casa.

– Linda. Onde conseguiu os brincos? – indago, enquanto ajeito uma braçada de rosas vermelhas no vaso de cristal lapidado da Bisavó.

– Peguei emprestados de Elena. Não são divinos? Ela é tão generosa – comenta Maura toda contente, mexendo em uma gota de jade.

– Eu sei que você admira Elena, mas não acha que está levando isso um pouco longe demais?

O cabelo de Maura está preso em um coque bonito com algumas mechas escapando na frente das orelhas: igualzinho Elena usa o dela.

O sorriso de Maura desaparece.

– Não dá para você simplesmente dizer que estou bonita e deixar assim? Precisa sempre encontrar algo para criticar. Acho que está com inveja.

Ó, Senhor.

– Com inveja de quê? – pergunto, e dou um passo para trás a fim de admirar minha obra.

Maura põe as mãos na cintura.

– Eu sou mais bonita do que você.

Olho para mim mesma no espelho retorcido sobre o aparador: olhos cinzentos, queixo pontudo, cabelo louro-avermelhado preso na trança enrolada no alto da cabeça de que passei a gostar. Não sou uma beldade; sou bem comum. Mas Finn gosta de mim. A lembrança traz um sorriso suave aos meus lábios, um rubor às minhas bochechas.

– Você é muito mais bonita – admito. – Nunca neguei isso.

– Também sou melhor bruxa. O que aconteceu ontem no jardim foi só um acidente – prossegue Maura.

– Possivelmente. – Enfio mais uma rosa no vaso. – Não sei o que causou aquilo.

– Se eu tivesse feito o jardim explodir, você nunca me deixaria esquecer disso. Passaria semanas falando do acontecido. Mas, como foi você, está perdoado. Foi só um acidente.

A voz de Maura é puro amargor. Que hora para ter esta conversa... A Sra. O'Hare e Lily estão na cozinha cortando a casca do pão dos sanduíches de pepino e agrião e ajeitando as tortas de Tess. Nossas convidadas chegarão em quinze minutos.

– Foi *mesmo* só um acidente – observo. – Sei muito bem que foi perigoso. Eu jamais teria feito isso de propósito!

– Elena acha muito estranho a sua magia ter tido tanta força – diz Maura, e me olha com desconfiança.

– Bom, Elena é uma intrometida...

– Não quero ouvir você falando mal dela, Cate. Ela é minha amiga. E é uma professora excelente. Já aprendi a fazer feitiços de cura. Ter alguém que de fato me incentiva é uma boa mudança. Ela gosta de mim.

Reviro os olhos.

– Eu gosto de você. Você é minha irmã, Maura, eu amo você.

– Não é a mesma coisa! Você não me trata como uma pessoa. É evasiva demais. Mesmo agora, mal está prestando atenção em mim. – Paro de mexer nas flores e olho para ela. – Quando presta atenção, é só para dar bronca. Você nunca quer que eu pratique magia, apesar de saber que eu adoro. Não quer nem que eu entre para a Irmandade. Prefere que eu me case com algum velho horroroso a que eu seja feliz!

Eu a puxo pelo corredor, para longe da cozinha e de qualquer pessoa que possa nos escutar.

– Isso não é verdade. É claro que quero que você seja feliz.

– Então, prove. – Os olhos azuis de Maura são calculistas. – Não preciso da sua permissão, mas gostaria de ter a sua bênção. Quero que me dê a sua bênção para eu me juntar às Irmãs.

Será que Elena a incentivou a fazer isso? Não posso lhe dar minha bênção. Não sem saber o significado todo da profecia. Se a Irmandade fosse nossa melhor opção, se fosse assim tão simples, a Mãe teria dito de maneira direta na carta.

– É isso mesmo que você quer?

Maura assente com fúria.

– É, sim. Não sou criança, Cate. Sei o que quero. E quero estudar magia em Nova Londres.

– Mas e quanto a um casamento? E filhos? Quer abrir mão de tudo isso?

Ela baixa os olhos e fica mexendo na pulseira de ouro em seu pulso.

– Eu não quero me casar.

– Talvez pensasse diferente se conhecesse um homem que você amasse – argumento, pensando em Finn.

Não que isso seja novidade. Tenho pensado nele o dia todo, em vários momentos tranquilos diferentes: enquanto Elena corrigia o meu francês, enquanto eu tirava os pontos das minhas capas de almofada bordadas, enquanto a Sra. O'Hare me dava bronca por só ter comido metade do meu café da manhã. De algum modo, em poucas semanas, ele se transformou no tema dos meus devaneios.

– Não é isso que eu quero – diz Maura de maneira muito direta, e passa a mão pela balaustrada recurvada no pé da escada.

– Também não achei que fosse o que eu quisesse. Mudei de ideia.

Maura franze a testa.

– Então, você vai se casar com Paul. Chegou a pensar em entrar para a Irmandade? Está determinada a fazer com que nós três fiquemos juntas, mas só se for do jeito que *você* quiser! Você faria com que eu abrisse mão dos meus sonhos sem sacrificar absolutamente nada!

– Eu não disse que ia... – reclamo, mas ela já está subindo a escada com passos firmes; presumo que vá para o quarto de Elena.

Eu me sento no degrau mais baixo e enterro a cabeça nas mãos.

Ouço um farfalhar de saias atrás de mim.

– Com licença – diz Elena, e passa por mim. – Você e Maura brigaram? Ela está no quarto dela quebrando coisas.

Ergo a cabeça. Elena está arrumando minhas rosas.

– Por que você não pode simplesmente deixar as coisas em paz? – resmungo, e vou batendo os pés na direção da cozinha. – Não precisamos de você. Estávamos muito bem antes de você aparecer!

A Sra. Corbett é a primeira convidada a chegar. Lily pega sua capa enquanto eu a acompanho até a sala de estar. Ela acomoda seu corpanzil no sofá estofado cor de creme e eu lhe ofereço uma xícara de chá e bolinhos de limão com sementes de papoula feitos por Tess.

– Como estão as coisas com a nossa querida Elena? – pergunta a Sra. Corbett. – Espero que esteja fazendo com que ela se sinta em casa.

– Ah, ela se tornou indispensável. Não teríamos conseguido fazer nada disso sem ela – respondo.

É verdade. Elena escolheu os vestidos que estamos usando, decidiu o cardápio, praticou a etiqueta adequada conosco e nos instruiu a respeito das casas para onde deveríamos mandar cartões com nosso nome e a nova data para receber em nossa casa. Eu devia estar agradecida. Em vez disso, só me sinto ainda mais ressentida com ela.

– Eu sabia que ela seria perfeita. Não são tão sofisticadas quanto suas pupilas anteriores, eu disse a ela, mas vocês precisavam mais de sua ajuda. Já consigo ver diferença em vocês, meninas. Estavam tão elegantes na igreja... e olhe só como está bem-arrumada hoje – comenta a Sra. Corbett, e ergue os olhos quando as Winfield chegam. Ela age como se nós andássemos de calça antes de Elena! – As mudanças que ela produziu em vocês são maravilhosas. Dê-lhe mais algumas semanas e vão estar quase irreconhecíveis.

– É... Obrigada.

O sorriso estampado no meu rosto nem vacila. Onde está Maura? É ela que acha que Elena pendurou a lua no céu; ela é que devia estar aqui para elogiá-la. Mas não, ela e Tess estão servindo chá e limonada para as outras convidadas e me deixaram encurralada no sofá com essa velha chata.

– Fico contente de saber que as coisas estão indo bem. Eu detestaria ter que incomodar o pai de vocês com relatórios desfavoráveis – declara a Sra. Corbett.

As ameaças dela me irritam. Ela *iria* escrever para ele e fazer fofoca; é a cara dela.

– Tess tem escrito ao Pai. Ouso dizer que ele ficará contente com nosso progresso. Tinha razão, senhora Corbett. Já estava mais do que na hora de Maura e eu começarmos a sair. Na verdade, já tinha passado da hora. Não sei por que eu estava tão preocupada. Todo mundo tem sido muito gentil. Principalmente a senhora Ishida. Maura e eu ficamos contentes com o convite que ela nos fez para o chá.

É um jeito cheio de orgulho de falar, mas não consigo me segurar. Ouvi dizer que a Sra. Corbett nunca é convidada para os eventos das esposas dos Irmãos.

– S-sim – gagueja a Sra. Corbett, e pisca devagar, como um lagarto ao sol. – Reparei que você e a senhorita Ishida se tornaram amigas.

– Sachi é maravilhosa. Eu a considero um modelo do que uma jovem dama adequada deve ser.

Lanço um olhar desesperado para a porta, desejando que Sachi chegue para me salvar.

– O seu pai não poderia pedir que arranjasse companhia melhor. A senhorita Ishida está acima de qualquer repreensão – concorda a Sra. Corbett.

Mas seus olhos me examinam feito aranhas minúsculas e desconfiadas, como se ela estivesse doida para encontrar algo de errado.

Será que exagerei? Talvez eu devesse ser agradável de modo menos enjoativo.

A Sra. Corbett ergue os olhos para os retratos de família em cima da lareira.

– Já tomou uma decisão em relação à sua intenção? Eu a vi conversando com Paul McLeod na igreja. A família McLeod é muito boa. Respeitada.

Paul. Mal pensei nele o dia todo.

– Ainda não tomei nenhuma decisão – murmuro.

– Cate! – diz Sachi toda alegre, entrando naquele momento. Está usando um pente de diamantes no cabelo e um vestido cor de turquesa. – Boa tarde, senhora Corbett. Está com boa aparência. Pode nos dar licença?

Ela me puxa para o corredor e cai na gargalhada.

– A cara que você fez! Parece que alguém estava arrancando os seus cílios!

Faço uma careta e me apoio no corrimão da escada.

– Ela é um sapo velho enxerido.

Sachi lança um olhar por cima do ombro.

– Eu mesma nunca gostei muito dela. Sempre vestida de preto, parecendo um abutre gordo. Ela já está de luto há tempo demais, não acha? O marido morreu faz quatro anos. E vive falando de Regina isto, Regina aquilo. Regina Corbett não passa de uma...

– Cabeça oca – completo, radiante.

– De fato – concorda Sachi. Fazemos uma pausa para cumprimentar a Sra. Ralston e a Sra. Malcolm enquanto Maura as acompanha até a sala de jantar. – Então, já encontrou livros para nós?

– Não tive oportunidade de sair, mas pedi à senhora Belastra que trouxesse um consigo.

Sachi arqueia as sobrancelhas.

– Você a convidou para vir aqui? Hoje?

– Convidei. Por quê? – pergunto, e tento segurar a vontade de ficar na defensiva que me acomete.

– Ela é lojista, Cate.

– Esta é uma coisa esnobe de se dizer.

– Não, é um fato – rebate Sachi, e se inclina para cheirar as rosas. – As outras damas vão se esquivar dela. Todo mundo vai cochichar pelas costas da pobre senhora, e ela vai ficar arrasada. Você convidou Angeline Kosmoski e a mãe dela? Ou Elinor Evans?

A filha da costureira e a do dono da loja de chocolates.

– Não.

– Não, claro que não, e Marianne Belastra é menos respeitada do que qualquer uma delas. Você sabe que os Irmãos estão atrás dela. Meu pai abomina a ideia de toda a informação que está lá parada na livraria, disponível para qualquer um.

– As pessoas continuariam comprando livros sem a Belastras. Iriam encomendar de Nova Londres.

– As pessoas que têm dinheiro, talvez. Mas daí os livros teriam que vir pelo correio. O Pai tem um informante na agência de correio. O velho Carruthers informa quando há materiais proibidos.

– Ele examina a correspondência dos outros? – Meus olhos se arregalam, momentaneamente distraídos. – Imagine quanta fofoca ele deve saber!

Sachi dá uma olhada na sala, onde a mãe dela cumprimenta todo mundo, agitando seu leque verde de maneia ríspida.

– O que quero dizer é que você está correndo risco. Uma coisa é ir à livraria. As pessoas vão achar que está fazendo algo para o seu pai. Mas, se você se associar com a senhora Belastra socialmente, as pessoas vão comentar.

Não gosto nada disso, mas sou prática o suficiente para reconhecer a verdade quando a escuto. É exatamente a mesma coisa a respeito da qual Finn me preveniu. Um casamento por amor pode ser romântico nos livros de Maura, mas não aqui. Não envolvendo uma família que tem dois grandes pontos negativos: a pobreza e sua disposição a se opor aos Irmãos.

Se eu me casasse com Finn, minhas irmãs estariam em perigo.

Mas será que tenho força suficiente para abrir mão dele?

Passei o dia todo revirando o problema na cabeça, como se fosse uma equação de matemática. Eu gostaria que fosse possível, mas não vejo como poderia me casar com ele, por mais que eu queira isso. Por mais que eu queira *ele*. Um rubor nervoso toma conta de mim. Nunca tinha pensado sobre o que acontece entre marido e mulher, mas agora... não consigo parar de pensar em como seria dividir a cama com Finn.

Sachi me dá uma cotovelada.

– Este é um olhar misterioso. Pode contar.

Fui pega. Realmente preciso de conselhos. Nas duas vezes que a minha magia correu desenfreada ultimamente, foi por causa de Finn. Por beijar Finn, para ser mais precisa. Será que essa é uma coisa normal envolvendo a magia? A única pessoa que saberia responder é outra bruxa, e certamente não posso perguntar a Elena. Mas também não posso perguntar a Sachi – não aqui, não com metade da cidade entrando e saindo.

Eu baixo bem a voz.

– Não posso contar para você aqui.

Sachi chega mais perto. Ela tem cheiro de talco e de verbena.

Eu me encolho contra o corrimão de madeira da escada, ainda mais vermelha.

– A minha magia anda... descontrolada. Em certas... situações. Em certas companhias.

Sachi ajeita o cabelo preto.

– Que tipo de companhia?

– Homens. Bom. Um homem – corrijo.

– Intrigante. Vou chamar Rory. Essa é a especialidade dela – diz Sachi, e dá risadinhas.

– Precisa mesmo? Prefiro manter isso em particular.

Olho nervosa para o aglomerado de damas na sala, bebericando chá, mordiscando os bolinhos de limão de Tess. Rory se destaca com seu vestido cor de laranja, passando de um grupinho ao outro como se fosse um tigre irrequieto.

– Ouso dizer que sim. Mas não sou exatamente especialista. Quer ajuda ou não? Se está relacionado a um homem, Rory vai saber.

– Quero ajuda sim. Mas Rory... sinto muito, mas ela é um pouco... frívola. Será que posso confiar nela?

Sachi aperta os lábios.

– Você confia em mim, não confia? – Faço que sim com a cabeça. – Então lhe dou a minha palavra a respeito de Rory. Pode nos encontrar na sexta-feira à noite? Bem tarde?

Não sou covarde, mas não me animo com a ideia de vagar pela cidade sozinha no escuro.

– Eu pensei... Não podemos nos encontrar na casa de Rory amanhã?

Sachi lança um sorriso recatado para a Sra. Collier e para Rose quando elas passam pela porta.

– A senhora Elliott despediu Elizabeth. A menina nova é muito abelhuda. Nós vamos nos livrar dela, mas pode ser que demore alguns dias até termos a casa à nossa disposição. Se quiser esperar...

– Não. – Não posso me dar ao luxo de mais uma escorregadela. E não consigo suportar a ideia de evitar Finn. – Quanto antes, melhor.

– Podemos nos encontrar em algum lugar da sua propriedade. Isso se você não tiver medo de sair depois que escurece – insinua Sachi, e dá um sorriso debochado.

Não posso mais confiar na tranquilidade do roseiral, não com Elena se esgueirando por todos os lados feito um bicho-papão. Há um local que pode servir. Não é um lugar a que eu me animo de ir, nem mesmo à luz do dia, mas que escolha eu tenho?

– Do outro lado do lago há um cemitério. Encontro vocês lá na sexta à noite. Se vierem pelos campos, ninguém poderá vê-las da casa.

Os lábios de Sachi se contorcem.

– A hora das bruxas em um cemitério. É o lugar perfeito para o primeiro encontro do nosso concílio.

Meia hora depois, estou quase morrendo de tédio com Rose Collier. Ela tem a mania de proclamar que tudo é “encantador”, da mesma maneira que a Sra. Ishida emprega “adorável”: o meu vestido, o pão de abóbora de Tess, o papel nas paredes da sala de estar. Logo passamos a fazer observações a respeito do clima.

O dia está bonito, um veranico perfeito, fora do comum para outubro na Nova Inglaterra; nunca vi um céu tão azul; e, sim, estou bastante contente por termos pensado em servir limonada além de chá.

Observo uma mosca solitária zumbindo contra a janela quando Rose solta uma observação de desaprovação.

– Ela não devia entrar pela cozinha com sua entrega?

Marianne Belastra está à porta, parecendo tão pouco à vontade quanto Sachi previu. Está usando um vestido de gola alta cor de ferrugem com anquinhas e mangas retas fora de moda. A cor e o modelo não beneficiam seu tom de pele nem sua silhueta.

– Olhe, ela trouxe seu patinho feio junto. Aquela criança está crescendo feito mato, Mama diz. Seria de se pensar que ela teria vergonha de circular por aí em público com as canelas aparecendo. Que tipo de mãe permitiria tal coisa? Mas a senhora Belastra não se importa com nada além dos livros dela, suponho.

A voz de Rose está cheia de piedade fingida. Ela obviamente espera que eu responda no mesmo tom. Mas meu coração se aperta quando vejo Clara arrastando-se sem jeito atrás da mãe, vestida com uma jardineira de criança marrom que é muito infantil e muito curta.

Dou uma olhada em Tess na sala de jantar. Ela serve chá com muita destreza, envolve as matronas em uma conversa sem esforço, age como se as fofocas delas lhe fossem tão fascinantes quanto Ovídio. É uma menina bonita, sem nenhuma das dores de crescimento de Clara, mas há poucas semanas, pareceria tão estranha e estaria tão fora de moda quanto ela. As lições de Elena deram porte a Tess; suas encomendas na butique transformaram todas nós de patinhos feios em cisnes. Por mais que tenha falhas, Elena nos ensinou a fazer parte da sociedade.

Ninguém se levanta para cumprimentar as Belastra. Xícaras param no ar enquanto sussurros de cascavel se esgueiram pela sala. Clara olha fixo para os pés, com o rosto todo vermelho por baixo das sardas, os olhos escuros encobertos de tristeza profunda. Fica óbvio que ela preferia estar em outro lugar. Em qualquer outro lugar.

E eu achando que lhes estava fazendo uma gentileza...

– Senhora Belastra, muito obrigada por ter vindo. – Minha voz soa tão nítida quanto os sinos de latão da igreja. – É um prazer recebê-las. Aceita um chá? Clara, permita-me apresentar minha irmã Tess. Ela tem a mesma idade que você.

Vou falando e minha língua parece travada, mas acho que meu desempenho é passável. Esta é a irmã de Finn. Não posso permitir que fique parada ali, indefesa, enquanto essas mulheres idiotas a esnobam e a chamam de nomes feios.

Levo as Belastra até a sala de jantar como se fossem nossas convidadas

especiais, sirvo-lhes chá, convido-as a experimentar as sobremesas de Tess. Minha vontade é puxar Marianne de lado e pedir seus conselhos, mas não posso ser vista cochichando com ela aqui. E como a magia está fora de questão, não tenho ideia do que dizer à mãe de Finn. Eu me sinto irracionalmente apavorada com a possibilidade de ela ser capaz de ler meus pensamentos e saber que andei pensando no filho dela cheia de desejo e luxúria.

Felizmente, Tess se mostra muito mais desenvolta. Ela compreende a situação em um instante.

– Gosta de fazer bolos, senhorita Belastra? Eu fiz os bolinhos com semente de papoula sozinha.

Como Tess é esperta. Lanço-lhe um olhar de admiração. Ela sabe que a família Belastra não tem dinheiro para pagar uma criada e, com a Sra. Belastra na livraria o dia todo, é provável que Clara cuide da maior parte dos serviços de cozinha. Falar que ela também passa tempo cozinhando as coloca no mesmo nível. Clara confessa um deslize com uma massa de torta e logo as duas estão dando risada e tagarelando.

Eu gostaria de ter um pouco da habilidade de Tess. Pergunto a Marianne como vão os negócios, e ela me fala de uma remessa de contos para crianças com lições de moral, sancionados pela Fraternidade, que acabaram de chegar. Quando pergunto o que ela própria está lendo, uma pergunta que Tess sempre adora, ela se entusiasma ao falar de um poeta francês que acaba de descobrir.

Fico mexendo nas rosas vermelhas e cor-de-rosa da mesa e dou uma olhada na sala de estar. Ao redor do piano, Maura conversa alegremente com Cristina Winfield e outras garotas da cidade; Sachi e Rory cochicham no sofazinho. Tudo parece bem normal. Mas várias das esposas dos Irmãos e a Sra. Corbett estão reunidas ao redor do sofá, e fico imaginando sobre o que estarão conversando. Será que demos algum passo em falso? Será que está tudo dentro dos padrões?

– Este é um tipo de début para você, não é? – indaga Marianne, e me desperta de meus devaneios. – Precisa retornar às suas verdadeiras convidadas.

Ergo os olhos surpresa, envergonhada por ter sido pega distraída.

– A senhora e Clara são nossas convidadas tanto quanto qualquer outra.

– Foi gentil de sua parte nos convidar, Cate, mas você é uma garota sensata. Associar-se com a minha família não lhe traz nenhuma vantagem. Você precisa se dar conta disso.

Eu me dou, mas, de algum modo, todo o meu bom senso sai voando pela janela quando penso no filho dela.

Será que Finn lhe contou a respeito de nós dois? Eu me contraio com a ideia. Ela e a minha mãe eram amigas, mas isso não significa que ela possa desejar que o filho se case com uma bruxa.

Seu tom sem rodeios é igualzinho ao dele. *Não sou orgulhoso demais para dizer.* A diferença de status entre nós de fato importa. Não para mim, talvez, mas aos olhos de todas as outras pessoas. Nós, as garotas Cahill, podemos ter nossos segredos, mas o dinheiro ajuda a escondê-los. Não precisamos morar na cidade, não dependemos da clientela dos nossos vizinhos para ganhar o sustento. O Pai pode não aprovar a censura dos Irmãos, mas ele se mantém nas graças deles e eles não entram na nossa casa procurando livros proibidos. Não é perfeito, mas é mais fácil para nós do que para Clara Belastra.

– Eu vou ficar bem – garante Marianne ao compreender meu silêncio de maneira errônea. – Faz muito tempo que aceitei meu lugar nesta cidade. Vá. Aproveite o seu chá.

A vergonha toma conta de mim, mas eu vou.

capítulo

16

A chama da minha vela estremece. Coloco a mão em concha ao redor dela, torcendo para que o vento severo pare de soprar. Ele atravessa a capa que envolve meus ombros. Ao meu redor, as flores estão adormecidas, as cabeças curvadas para a lua crescente. A barra das minhas saias sussurra contra as pedras do calçamento, juntando-se à cacofonia dos ruídos noturnos. A vela lança longas sombras que transformam caminhos familiares em trilhas desconhecidas e lúgubres.

Algo roça meu cabelo. Dou um salto para trás e levo a mão ao rosto. É só uma folha seca caindo no chão. Dou uma risada baixinha e trêmula e sinto gosto de fumaça no fundo da garganta. As lareiras já foram abafadas para passar a noite, mas nuvens cinzentas de fumaça pairam como fantasmas por cima das chaminés. O vento apunhala meus pulsos e tornozelos. Aperto a capa com mais força ao redor do corpo e acelero o passo.

O gazebo se avulta monstruoso no alto da colina. Esta é a parte mais perigosa, quando estarei visível dos aposentos dos criados. Rezo para que a Sra. O'Hare e John não tenham motivos para estarem acordados, olhando pela janela.

Respiro fundo e disparo em frente. Só tenho mais alguns metros antes de a vela se apagar. Senhor, como está escuro!

Adiante, ouço a água do lago batendo contra a margem e sinto o cheiro da lama escura e úmida. É reconfortante, um som conhecido entre os pios estranhos das aves noturnas. Escuto com mais atenção e sou capaz de distinguir vozes femininas que vêm do outro lado da água. No cemitério, sombras dançam entre as lápides.

Elas estão lá, juntas atrás do túmulo da Mãe.

Detesto a ideia de que ela esteja deitada ali dentro, com seu corpo se decompondo lentamente, rodeada por insetos e terra. Quando está em casa, o Pai deixa flores no túmulo. Não vejo por quê. Tudo que fazia com que ela fosse a Mãe se foi.

A risada distinta de Rory ecoa na noite.

– Olá?

Minha voz sai rouca.

Sachi sai de trás do túmulo e chama:

– Cate?

Sua lamparina lança sombras estranhas, fazendo com que seus traços bonitos

pareçam monstruosos.

– É assustador, não é? Quer um pouco de xerez? – pergunta Rory, e estende uma garrafa.

Uma silhueta alta e magra se esgueira pela lateral do túmulo, com o capuz escondendo o rosto. Só existe mais uma pessoa que elas poderiam trazer em uma aventura tão louca e macabra.

– Brenna?

Brenna dá piruetas pelo cemitério como uma criança, desviando dos pequenos túmulos ao lado do da Mãe. Ela canta para si mesma: – *Dias que passamos plantando flores Noites que passamos quentinhas a dormir Vidas cheias de sol e de sabores / Somos todas comida de verme no que está por vir.*

Suponho que seja apropriado para o cenário, mas não é exatamente encorajador.

– Rory quis trazê-la – informa Sachi, não parecendo contente. – E ela sabe sobre nós.

Eu me viro para ela, irritada.

– Você contou para ela?

– *Eu* não contei nada – diz Sachi, com a voz contida.

– Nem eu! Ela simplesmente sabe das coisas – explica Rory, e puxa Brenna de volta para nós. – Foi por isso que ela foi levada embora.

– Ela é louca – retruca Sachi, e cruza os braços sobre o peito. – Ela foi levada embora porque disse ao padrasto que ele ia morrer.

– Mas eu sei *mesmo* das coisas. – A voz de Brenna é tristonha. – Ah, se pelo menos eu pudesse me lembrar delas.

– Do que você não se lembra? – pergunto.

É uma pergunta boba... como ela pode saber? Mas Brenna leva a sério.

– Buracos na minha cabeça – explica ela, e bate com o indicador na têmpora. – Os corvos os colocaram ali.

– Corvos? – repito.

Sachi dá de ombros.

Brenna se encolhe com um calafrio contra o túmulo de mármore. Ela fecha os olhos bem apertados, como uma criança tentando afastar um pesadelo, e abraça a si mesma.

– Eles foram ao meu julgamento – sussurra. – Os Irmãos me deixaram sozinha com eles. Fiquei com tanto medo... Achei que iam arrancar meus olhos, mas só levaram minhas lembranças.

– Quando ela voltou de Harwood, no começo não se lembrava de nenhuma de nós. Só falava com Jake – diz Rory.

Jacob é o irmão de Brenna, um menino bonzinho e muito alto.

– N-não pode fazer perguntas – gagueja Brenna. – Vai ser castigada!

Outro calafrio percorre minha espinha, mas este não tem nenhuma relação com o frio e tudo a ver com o papo arrepiante de Brenna.

– Já chega. Faça com que ela fique quieta – ordena Sachi. – Não viemos até aqui para escutar as bobagens dessa garota. Cate tem algo a nos contar.

– Fique quieta – diz Rory, e abraça Brenna. Brenna é vários centímetros mais alta do que ela, mas ela se inclina como uma vara, perdendo toda a energia. – Sente-se.

Todas elas se agacham na plataforma de mármore ao redor do túmulo da Mãe. Brenna olha fixo para a escuridão. Sachi puxa os joelhos até o peito e enterra a cabeça na capa. Só Rory parece não se afetar com o frio, balançando-se sentada feito uma criancinha.

Agora que o momento chegou, eu me sinto pouco à vontade.

Aquilo que aconteceu no quartinho secreto e mais uma vez no gazebo é particular. O que devo dizer? Que agora que vi como Finn é corajoso, leal e lindo não consigo mais deixar de ver? Que seus beijos me deixam descuidada? Que não suporto a ideia de desistir dele, mesmo que me casar com Paul fosse proteger nossa reputação? Preciso saber como controlara magia, mesmo quando sinto não ter controle total sobre o meu próprio coração.

Eu queria perguntar apenas a Sachi, não a uma plateia de três. Mas preciso de respostas.

Eu me ajoelho na grama fria e sinto o orvalho penetrar na minha capa.

– Já lancei feitiços sem querer duas vezes. Na segunda-feira foi fortíssimo, muito mais do que o normal. Não consegui revertê-lo sozinha.

– O que estava fazendo logo antes? – quer saber Sachi. Uma trança preta comprida cai sobre seu ombro. – Quando comecei a manifestar, emoções fortes faziam minha magia disparar desenfreada. Houve alguns momentos em que escapei por um triz quando estava perto do meu pai.

– Ah. Bom. Eu... na verdade, eu estava... – hesito.

Como uma dama admite a luxúria?

Brenna dá uma risada suave e fico com vontade de me arrastar para trás da lápide de tanta vergonha.

– Pare com isso – reclama Sachi, e dá um tapa no ombro dela.

– Não toque em mim – retruca Brenna, e se ergue de um pulo.

Ela escala o túmulo atrás de nós e se empoleira no alto feito uma gárgula.

– Ah, pelo Senhor! – exclama Sachi. – Brenna, desça daí. Isso é um desrespeito.

– Estou ouvindo muito bem agora – diz Brenna lá de cima. – Vamos! Fale mais sobre o beijo!

– Como...? – começo a falar e me viro para Rory, surpresa.

– Eu disse que ela sabe das coisas. Além do mais, você falou que tinha a ver com um homem. – Rory lança seu sorriso de coelho para mim. – E ele tem cara de ser muito bom nisso.

– Tem?

É claro que acho Finn bonito – de uma maneira arrasadora e que me deixa distraída. Mas, de algum modo, não achei que ele fosse do tipo que Rory acharia...

– Ah, sim. Nunca beijei ninguém de bigode – admite Rory com o rosto perplexo. – E acho que agora nunca vou ter oportunidade. Faz cócegas?

Bigode? Mas Finn não tem bigode.

Então a percepção me atinge como um golpe na cabeça. Paul tinha bigode. Ela acha que estou falando de Paul. Elas já o viram flertar comigo e quando ele me acompanhou até em casa depois da igreja. Ouviram as fofocas. Ele não tem sido muito sutil.

É bem fácil deixar que elas fiquem pensando assim. Não tenho vergonha de Finn. Não me importo se Sachi aprova a família Belastra ou não. Mas não vejo por que corrigir o que elas pensam.

– Rory! Não tire conclusões precipitadas – censura Sachi. – Nem todo mundo é tão desavergonhada quanto você.

Acima de nós, Brenna canta desafinada, balançando as pernas.

– Não, é verdade. Foi isso que causou o ataque. As duas vezes – confesso.

– Foi mais de uma vez, é? – diz Rory.

Meu rosto fica corado, mas eu prossigo:

– Ambas as vezes, eu senti... bom, eu senti...

– Luxúria – completa Rory. – Desejo. Sua desavergonhada!

Fico ainda mais vermelha.

– Meus sentimentos foram... bem intensos. Imagino que tenha sido por isso que a magia saiu de controle. Mas não posso arriscar que volte a acontecer. Como faço para controlar?

Rory toma outro bom gole de xerez.

– Eu não controlo – responde ela.

Jogo minha dignidade ao vento e imploro:

– Conte para mim, Rory, por favor.

Rory desdenha com seus olhos escuros desafiadores.

– Não sei como controlar e não estou muito interessada em aprender.

– Como assim? Nils não repara? Ele pode contar ao pai dele e mandar prender você!

– Nils quase sempre está mais concentrado em outras coisas. – Rory dá um

sorriso malicioso. – Às vezes lanço um feitiço sem querer, como você disse. Mas o mais comum é que minha magia fique dormente, e passo horas sem conseguir lançar feitiços depois que nos deitamos juntos.

Eu não achava que a corte de Rory com Nils fosse inteiramente casta – afinal de contas, foi por isso que busquei os conselhos dela –, mas ainda estou chocada pelo fato de eles se deitarem juntos. Já ouvi falar de garotas que engravidaram e foram obrigadas a se apresentar perante os Irmãos em sua vergonha. Arranco uma folha de grama e a enrolo nos dedos. Como seria me deitar com um homem? Penso nas sardas espalhadas pelos músculos dos antebraços de Finn, nas panturrilhas dele, em sua nuca, e fico imaginando como seria ver mais dele. Ele todo.

– Bêbada de amor – comenta Sachi com desdém, e olha para a garrafa na mão de Rory. – Tirando o fato, é claro, de que você não ama Nils na verdade.

Rory olha feio para ela, vira a garrafa na boca até esvaziá-la e então a joga de lado. Ela bate em uma das pequenas lápides ao lado da lápide da Mãe.

– Está ouvindo os sapos, Brenna? Vou procurá-los.

Brenna pula para baixo e segue a prima. Quando passa por nós, lança um olhar destemido a Sachi.

– Você vai ser a ruína de Rory.

Sachi se levanta de um salto, furiosa.

– O que você sabe? Você é uma doida varrida!

– Eu sei coisas demais – rebate Brenna com sua voz gutural triste. – Vão me matar por isso.

Os pelinhos da minha nuca se arrepiam. Sachi e eu nos entreolhamos com os olhos arregalados. Reúno toda a minha coragem.

– Espere – digo, e Brenna para de andar na direção do portão. – Você esteve com a minha madrinha, Zara? Ela estava em Harwood com você?

Brenna assente com a cabeça e fica puxando o cabelo, agoniada.

– Você é mesmo capaz de prever o futuro? – pergunto. – Sabe o que devo fazer?

– Sim... e não. Estou quebrada. – Brenna solta um enorme suspiro de pesar. Mas ela volta até onde estou e fica bem perto de mim; tanto que sou capaz de sentir o cheiro de álcool em seu hálito. As palmas das minhas mãos formigam. Estou mesmo pedindo conselhos para um oráculo louco e bêbado? Ela olha para mim com seus olhos estranhos. – Você tem sorte. Ele ama você. Mas os corvos... ah, os corvos não se importam com o amor. Não. É sempre obrigação com eles, não é?

– Isso não faz sentido – balbucia Sachi.

Brenna estende o braço e agarra a parte da frente da minha capa com as mãos.

Seu tom de voz é urgente.

– Você é capaz de impedir os acontecimentos. Mas não sem um sacrifício.

Eu me afasto dela aos tropeções e caio em cima de uma das lápides de bebê.

Brenna sai correndo e Sachi me ajuda a levantar.

– Não existem muitas coisas nessa vida que me assustam, mas ela é uma delas – admite Sachi. – Eu gostaria que Rory ficasse longe dessa garota.

Eu me abaixo e pego a garrafa do chão. Não acredito que o espírito da Mãe paire por aqui, mas deixar lixo é desrespeito com os mortos.

– Será que Rory vai ficar bem? – indago, preocupada.

Juntando o álcool, Nils e sua magia, ela está se arriscando demais.

– No lago ou em geral? – Sachi suspira. – Ela nunca faria nada para prejudicar nenhuma de nós, se é isso que a preocupa. Só a si mesma.

– Por quê?

Eu me sento ao lado de Sachi no túmulo. O mármore é frio sob as minhas coxas.

– Ela detesta a magia. Nada que eu diga parece fazer diferença. Ela é uma maldita descuidada – xinga Sachi. – Parece até que quer ser presa. O Pai finge que não vê, mas quanto tempo isso vai durar? Até mesmo o nepotismo dele só tem certo alcance.

Eu gostaria de ser mais parecida com Tess. Não sei qual é a coisa certa a fazer, a dizer. Nunca imaginei que eu estaria sentada em um cemitério à meia-noite, escutando Sachi Ishida abrir o coração. Conheço bem essa mistura de amor e preocupação. É exatamente como fico quando...

Meus olhos se arregalam. *Nepotismo*. Vocabulário nunca foi o meu forte, mas se significa o que eu penso...

– Ah. Ela é sua irmã? O seu pai...

Sachi se encolhe toda, uma silhueta escura pequena contra o túmulo de mármore branco.

– Não pode contar para ninguém.

Penso na Sra. Clay, a mulher do registro que acusou o Irmão Ishida de adultério.

– Claro que não.

Sachi agarra o meu joelho.

– Ninguém pode saber. Ninguém. A própria Rory não sabe.

Olho para ela com solenidade. E prometo:

– Ninguém. Eu juro.

– Nunca contei para mais ninguém. Eu quis contar... quase contei para ela uma vez, depois que levaram Brenna embora. A ideia de que ela poderia ser enviada para Harwood era insuportável.

Disso eu entendo.

– Por que resolveu não contar?

– Tive receio de que ela fizesse algo impensado. Ela bebe demais. Geralmente fica só sonolenta, sabe como é, e um pouco boba. Mas fiquei com medo de que ela fosse confrontar o Pai.

– Há quanto tempo você sabe?

Deslizo o dedo pelo contorno das letras no túmulo da Mãe: *Esposa amada e mãe dedicada.*

– Desde que tenho 10 anos – confessa Sachi, e passa a mão no rosto. Faz seis anos. Como deve ter sido exaustivo guardar um segredo assim durante tanto tempo. – A mãe dela veio à nossa porta e insistiu para ter uma conversa com o Pai. Ela estava bêbada, mas não tanto a ponto de não fazer sentido. Queria dinheiro e explicou de maneira bem direta por que tínhamos que atendê-la.

– Por que ele não a prendeu?

Sachi aperta os olhos e tenta distinguir Rory e Brenna agachadas na margem do lago.

– Por causa de Rory, suponho. O Pai é um hipócrita e um covarde, mas não ia querer que sua filha bastarda fosse criada em um orfanato. E já tinha ocorrido um escândalo antes. Outra mulher. Ele fez com que ela fosse julgada e mandada para longe. Acho que ele não podia arriscar de novo. Não pegaria bem para a posição dele na comunidade – zomba ela.

Estendo o braço e aperto a mão enluvada de Sachi.

– Eu sempre quis ter uma irmã – diz ela. – Não sabia que ela seria tão problemática.

Já houve dias em que desejei que fosse mais fácil lidar com Maura. Mas daí ela não seria Maura, não é? Quem mais representaria o enredo de livros de amor que eu nunca vou ler? Quem mais cantaria canções indecentes, empurraria os móveis para a parede e dançaria pela sala comigo?

Olho para as cinco pequenas lápides e meu olhar se demora na última. Danielle. Ela teria 3 anos hoje: uma criancinha correndo enlouquecida pela casa. Como teria sido se ela tivesse sobrevivido? Se o Pai tivesse um bebê para cuidar, será que passaria mais tempo em casa ou teria voltado a se casar e nos jogado na mão de outra pessoa?

– Não escolhemos quem amamos. Nem paramos de amar quando as pessoas ficam difíceis.

– Não. – Sachi suspira e se vira para mim. – Eu sabia que você iria entender.

Ela me encara, cheia de expectativa. Uma nuvem passa pela lua, cobrindo-nos de escuridão como uma mortalha, e observo o laranja quente e bruxuleante da lamparina. Não sei o que ela quer que eu diga. Só porque me fez uma

confidência, será que sou obrigada a retribuir o favor? Não sei como funcionam as amizades femininas. A troca de confidências... Será que isso é esperado?

– Não foi Paul que andei beijando – admito, finalmente. – Deveria ter sido. Ele pediu a minha mão em casamento. Mas é Finn Belastra.

Sachi dá risada.

– O livreiro? Ele não é um pouco...

– Se você disser que ele é inferior a mim, vou lhe dar um tapa.

– Eu ia dizer sério. Ele parece bem sério! – argumenta ela. – Não acredito que você guardou este segredo. O que vai fazer?

Eu me apoio contra a lápide e solto um gemido.

– Não sei. Agora só faltam nove semanas. Cinco até seu pai me entregar ao Irmão Anders.

Sachi estremece.

– Isso é revoltante.

– Eu sei. Mas não posso me casar com Paul se amo outra pessoa.

Sachi me segura pelo ombro.

– Pode, sim. Para se salvar, pode. Você acha que eu amo Renjiro? – Ela dá risada, e é a risada de Rory, amarga e sem humor. – Não amo. Ele é um idiota. Mas fazemos o que é necessário. Poderia ser pior.

Poderíamos estar em Harwood. Ficamos lá sentadas em um silêncio soturno.

– Acho que sim.

– Você tem muitos segredos, Cate Cahill. Não era isso que eu esperava que você me contasse – diz Sachi.

Mordo o lábio.

– Como assim?

– As suas irmãs. Uma delas é bruxa – afirma Sachi.

– Não. – Aperto a capa com mais força ao redor do corpo. – O que a faz pensar isso?

– Você disse que sua magia ficou descontrolada e você não conseguiu reverter sozinha. Não pediu ajuda nem a Rory nem a mim. Só poderia procurar outra bruxa. Quem mais poderia ser?

Minha mente dispara, frenética, tentando criar uma explicação plausível. Por mais que Sachi tenha sido simpática e franca, continua sendo filha do Irmão Ishida. Uma coisa é contar a ela os meus segredos. Isso não pode ferir ninguém além de mim.

Ouvimos um barulho bem alto de água, uma gargalhada louca, e então a voz queixosa de Rory.

– Sachi!

Eu me levanto de um salto, aliviada com a interrupção.

– O lago está gelado. Ela vai morrer.

Sachi aperta a capa com mais força ao redor do corpo.

– Não precisa me dizer agora. Mas quero que saiba que pode confiar em mim, Cate. Se algum dia precisar de mim, eu vou ajudar. Desde que não me peça para colocar Rory em perigo.

– Obrigada. Vou me lembrar disso – digo.

Mas espero não precisar da ajuda dela.

Naquela noite, sonho que estou sozinha em um dos chás da Sra. Ishida. No sonho, uso o vestido horroroso cor de ferrugem de Marianne Belastra. É todo engomado e pinica. Sempre que me mexo, as saias farfalham, fazendo um ruído tão alto quanto o estalar do fogo, e todo mundo olha para mim. Sachi e Rory juntam as cabeças e cochicham atrás das mãos e simplesmente sei que estão falando de mim.

O que fiz de errado? Eu me sinto sufocada – por seus olhares, pela gola alta cheia de babados deste vestido. Meus dedos ficam mexendo nos botões, mas sou abrutalhada demais e um deles cai na minha mão. É cinza. Nem sequer combina. É por isso que estão rindo de mim?

Aquele botão... por algum motivo ele me é familiar.

Eu me esforço para retomar a consciência, sem ar, arfando. O botão cinza. Estava embaixo das tábuas do assoalho com o diário da Mãe.

Pulo da cama. A luz que entra pelas janelas é fraca e aguada; o céu cinzento está rajado com o mais tênue dos tons cor-de-rosa. Só faz umas poucas horas que fui dormir. Abro a porta bem devagarzinho e ando descalça e de camisola pelo corredor. Ao meu redor, a casa está em silêncio.

O botão continua ali onde o deixei, na gaveta direita da escrivaninha da Mãe. Pequeno, simples, nada impressionante.

Eu o peso na palma da mão. Agora que sei o que estou procurando, consigo sentir a magia nele, pulsando de um jeito forte e firme, como as batidas de um coração. Será que isso significa que a minha magia agora é mais forte do que a da Mãe?

– *Acclaro.*

O botão se revela um bilhete, dobrado duas vezes e selado com cera.

A Mãe usou seu melhor papel de carta azul. A caligrafia não é aquele rabisco obscuro e frenético do fim de seu diário. Isto foi escrito anteriormente, de maneira deliberada. Ponderada.

Por que ela não me entregou antes?

Minhas mãos tremem quando começo a ler.

Minha queridíssima Cate,
Se encontrou isto é porque não estou mais aqui. Já leu meu diário? Se não, vai encontrá-lo por perto. Deve começar por ele.
Eu não sei como lhe dizer isso... Não sou tão corajosa quanto você, minha querida menina, mas você precisa saber. Precisa saber e fazer tudo o que estiver ao seu alcance para se proteger.
Se Tess for bruxa, então é bem provável que vocês três sejam as irmãs da última profecia do oráculo. A profecia diz que uma das irmãs será a bruxa mais poderosa a nascer em séculos – tão poderosa que poderá causar o ressurgimento das Filhas de Perséfone ou, se cair nas mãos da Fraternidade, suscitar um segundo Terror. Mas apenas duas delas sobreviverão para ver o século XX... porque uma das irmãs vai matar outra.
Meu coração se despedaça ao pensar isso. Não posso imaginar tal coisa. Todas as irmãs têm suas discussões bobas e seus ciúmes, mas já vi como você e suas irmãs se amam. No entanto, sua madrinha passou anos pesquisando os oráculos, e não encontrou falácias. As profecias dos oráculos de Perséfone sempre se realizam.
Você precisa encontrar um modo de impedir isso, Cate.

Eu paro de ler, apesar de haver mais.

Volto e releio as palavras de minha mãe, certa de que entendi mal.

Não, ela afirma com bastante clareza: *uma das irmãs vai matar outra.*

Então as irmãs da profecia não podem ser eu, Maura e Tess. Talvez eu até tenha vontade de dar uns tapas nelas de vez em quando, em Maura principalmente, mas eu jamais faria mal a elas. Nunca.

Continuo lendo.

> Se Tess manifestou magia, imagino que as Irmãs estejam prestando muita atenção em vocês. A magia mental é um dom raro. Se descobrirem que você o possui, vão querer que se junte à luta delas contra a Fraternidade. Elas podem lhe oferecer muitas coisas, entre elas proteção e educação. Mas não pensam em indivíduos, apenas no legado da magia.
>
> Eu não me arrependo de muitas coisas na vida, Cate, mas usei magia mental a pedido das Irmãs quando estava na escola delas e não acredito que tenha sido justificado nem certo. Usei de novo para fugir daquela vida e nunca me perdoei. É errado entrar na mente dos outros sem o seu consentimento. Tentei incutir em você a crença de que isso só deve ser usado sob circunstâncias desesperadoras. As Irmãs fariam com que usássemos esse dom de maneira deliberada para retomar o poder das bruxas. Os objetivos delas são louváveis, mas seus métodos podem ser questionáveis.
>
> Eu não gostaria que você fosse forçada a entrar em uma guerra que não escolheu, mas, com os seus dons,

temo que seja inevitável.
Tome cuidado, Cate. Faça uma escolha prudente. Proteja suas irmãs.
Com amor, sempre,
Mãe

Quando termino de ler, estou toda encolhida no chão, com os joelhos colados no peito. A bile sobe à minha garganta e eu a forço a descer. Deixa minha boca seca e amarga.

Agora me lembro do aviso de Elena, de que irritar Maura era tentar o destino. Ela prometeu fazer todo o possível para nos manter em segurança. Mas o jeito como ela disse isso, com dúvida na voz... e a maneira como olhou para mim quando falou, com os olhos castanhos cheios de pena...

A voz apavorante de Brenna: *Você* é *capaz de impedir os acontecimentos. Mas não sem um sacrifício.*

A Mãe acreditava na profecia. Elena acredita nela. A Irmandade acredita nela.

Como irei impedir os acontecimentos?

capítulo

17

Volto à segurança do meu quarto, com a carta da Mãe amassada na mão. Abro as cortinas, me sento no antigo sofazinho de veludo dela e inspiro o cheiro muito fraco de água de rosas que ainda o permeia. Vejo o sol nascer, salmão e cor-de-rosa, por cima da colina. Ouço os cantos distintos dos pássaros e os sons da casa acordando ao meu redor. Penso nas minhas opções.

As Irmãs vão fazer o que for melhor para as Filhas de Perséfone, não o que for melhor para as irmãs Cahill. A carta da Mãe deixou isso muito claro, ainda que de maneira dolorosa. Mas como posso nos manter fora das garras delas?

Não quero que meninas por toda a Nova Inglaterra cresçam amedrontadas e impotentes. Mas minha prioridade maior é minha promessa à Mãe. Em primeiro lugar e antes de tudo, preciso manter minhas irmãs em segurança.

Quando desço para tomar o café da manhã, encontro Elena à espreita no hall de entrada. Ela me lança um grande sorriso.

– Eu estava à sua espera.

– Por quê? – questiono sem nenhuma elegância.

– Está na hora de me dizer a verdade. Você é capaz de fazer magia mental, Cate?

Luto contra o ímpeto de recuar. Em vez disso, eu me aprumo toda e me avulto sobre ela.

– Já disse que não sei.

Os olhos castanhos de Elena penetram nos meus.

– Não acredito em você.

Faço uma cara feia para ela.

– Está me chamando de mentirosa?

Ela evita a pergunta e fica brincando com um brinco de jade em forma de gota. O vestido dela é cor-de-rosa debruado de verde-menta.

– Acho que você está com medo. Não fui capaz de quebrar o seu encanto no jardim. E suas irmãs também não. Uma bruxa assim tão poderosa seria bem-vinda, e até celebrada, pelas Irmãs. Você é poderosa demais para desperdiçar seus talentos desse jeito.

– O que aconteceu no jardim foi um caso fortuito.

Evito seus olhos e encaro o espelho com a borda folheada a ouro em cima da mesinha do hall. Meu rosto está mais pálido que o normal, com enormes sombras roxas embaixo dos olhos.

– Foi mesmo? – Elena coloca a mão no meu braço e a pele lisa e morena dela contrasta com o azul gélido do meu vestido. – Sei que uma de vocês é capaz de fazer magia mental, Cate.

Eu me afasto sob o pretexto de arrumar o cabelo.

– Não sei como isso pode ser verdade.

– Seu pai tem lacunas muito interessantes na memória – afirma ela.

Fico paralisada. Como ela poderia saber disso?

– Minha mãe era capaz de fazer magia mental – retruco.

– Mas as lacunas são de *depois* da morte dela. Ele parece não ter nenhuma lembrança de a senhora Corbett sugerir que você fosse estudar na escola do convento das Irmãs – diz Elena. – Isso é engraçado. Quem teria usado magia tão obscura para manter vocês todas juntas?

A Sra. Corbett, aquela velha desprezível. Não sei por que estou surpresa. Devia me sentir agradecida por ela não ter nos entregado para os Irmãos.

– Tess devia ter o quê? Só uns 9 anos na época? Ou 10? Isso é pouca idade para a magia dela ter se manifestado. Assim, só sobram você e Maura, e, se Maura soubesse que é capaz de fazer magia mental, teria me contado. Então, voltamos a você. – O reflexo de Elena me olha do espelho. – Tenho uma obrigação com as Irmãs. Não acho que Maura seja quem elas desejam, mas se você não cooperar comigo, ouso dizer que ela vai me ajudar. Ela está ansiosa para ir a Nova Londres. Partiria hoje se eu sugerisse, principalmente se soubesse quantos segredos você guarda. Eu gosto muito de Maura – prossegue ela, devagar. Seus olhos cor de chocolate nunca abandonam os meus. – Não gostaria que nada de mal acontecesse a ela. Infelizmente, as pessoas responsáveis pela Irmandade têm algumas ideias bastante maquiavélicas. Não iriam prejudicá-la de maneira irreparável, mas não se importariam de usá-la como isca.

Eu me viro para trás com o coração batendo feito um tambor. Chega!

– Deixe Maura em paz. Sou eu. Sou eu que vocês querem.

Elena me observa.

– Vou precisar que prove. Não posso confiar em você, Cate. Acredito que poderia mentir para mim, mesmo agora.

Fecho as mãos.

– Você finge ser amiga dela, mas não se importa com a minha irmã. A única coisa com que se importa é a maldita Irmandade.

A mão de Elena dispara para o alto, como se ela estivesse tentada a me dar um tapa.

– Não sou *eu* que a estou colocando em perigo. É você. Se simplesmente cooperasse...

Minhas unhas cravam meias luas no centro das palmas das minhas mãos.

– O que quer que eu faça?

O sorriso de Elena é como o de uma cobra, cheio de triunfo.

– Pode começar com um encontro comigo hoje à tarde para uma aula de magia mental. Às duas e meia, no roseiral.

– Duas e meia – concordo, enquanto a amaldiçoo. – E se eu provar que sou capaz, vai deixar Maura e Tess fora disso?

– Até onde estiver sob meu controle, sim – garante ela, astuta como sempre. – Se você provar que é a irmã da profecia, se concordar em entrar para a Irmandade e desempenhar o seu papel na profecia, vamos mantê-las em segurança para você.

Não é exatamente uma promessa, mas é melhor do que nada.

– Tudo bem – digo, irritada.

Que escolha eu tenho?

Digo à Sra. O'Hare que não vou tomar café da manhã. Não vou suportar ver a expressão presunçosa no rosto de Elena – não sem jogar a louça nela. Pego uma maçã da cozinha no caminho até a porta dos fundos. Ao meu redor, o ar de outono é ameno e revigorante. Folhas caídas cobrem o caminho e se amassam sob as minhas botas.

Paro ao lado de uma floreira com rosas brancas bem cheias. A terra ali precisa de limpeza. Presto atenção para ver se escuto o som de marteladas no gazebo, mas acho que ainda é muito cedo para Finn estar lá. Meus ombros desabam. Talvez seja melhor assim.

Abrir mão dele seria um sacrifício imenso – será que foi isso que Brenna previu? É muito mais do que qualquer coisa que a Mãe tenha me pedido. Sei que a vida com ele também exigiria sacrifícios: aprender a cozinhar, a costurar, me virar com vestidos remendados várias vezes. Mas, se eu pudesse ficar com ele, morar no apartamento apertado dos Belastra seria o céu. Eu ainda poderia ver minhas irmãs, ainda poderia praticar magia com Sachi e Rory, ainda poderia visitar o meu jardim quando precisasse fugir da cidade e de suas línguas fofoqueiras.

Nova Londres fica muito longe.

Mas se isso servisse para manter as minhas irmãs em segurança, o que eu quero pode já não ter importância.

Eu me ajoelho, agarro o caule de uma erva daninha teimosa e puxo. Cinco minutos depois, há uma pilha ao meu lado. O canteiro está com uma aparência muito melhor, e eu me sinto bem mais calma. Dou uma olhada no próximo canteiro: rosas cor de vinho na frente da fonte de cupido que estão começando a dar novos botões. Elas também estão precisando de um pouco de atenção. Eu me arrasto até lá, cantarolando, e aliso o solo revirado.

Uma sombra cai sobre mim.

– Está roubando meu emprego embaixo do meu nariz?

Meu coração bate mais forte ao som de sua voz.

– Pode ajudar se quiser.

Finn se ajoelha ao meu lado, mantendo uma distância segura. Estamos totalmente à vista da janela da cozinha.

– Você não se importa de ter companhia?

Sorrio para ele, enfeitiçada. Por seus lábios de cereja, suas sardas e seus olhos castanhos calorosos.

– Não se for a sua.

– Você adora isto, não é mesmo? – pergunta ele, e faz um gesto para as flores. – Não só do resultado bonito, mas do trabalho.

– Adoro, sim. – A Sra. O'Hare sempre me aborrece a respeito disso. Nunca me lembro de usar luvas e ela fica dizendo que vou machucar as mãos e ficar com as unhas cheias de terra. Pessoalmente, não vejo como um pouco de terra pode fazer mal a alguém. – Fico satisfeita de deixar as coisas melhores do que estavam antes. E não gosto de ficar trancada dentro de casa.

– Percebi. – Ele passa o polegar na minha bochecha. – Você é linda, sabia? Fui relapso por não lhe dizer isso com mais frequência. Como uma Pomona moderna. Ou uma Vênus. Ela foi a deusa da jardinagem e da fertilidade antes de se tornar a deusa do amor.

Ele fixa o olhar no meu por um momento – o suficiente para me deixar corada e arrepiada –, então começa a soltar o mato que foi crescendo ao redor das rosas. Eu me balanço sobre os calcanhares e fico observando os dedos dele se mexerem, separando as folhas com delicadeza.

Ele é tão tentador... Quando estou com ele, tenho vontade de esquecer tudo sobre profecias, obrigações e irmãs. Quero ser uma garota normal apaixonada.

Mudo de lugar e vou me sentar na beirada da fonte. Passo a mão na água fria atrás de mim.

– O que você adora fazer? – pergunto.

– Perdão?

Ele deixa a cabeça pender de lado e fica olhando para mim como se fosse um periquito.

– Eu cuido do jardim. Tess cozinha. Maura... – Maura sonha em fugir. Balanço a cabeça e me recuso a seguir esse caminho. – Se você não tivesse que trabalhar aqui nem na livraria, como passaria seu tempo?

Ele para um minuto para pensar.

– Ia ficar trancado em casa, provavelmente. Antes de meu pai morrer, eu tinha planos de ir para a universidade. Não há muito mercado para estudiosos

independentes hoje em dia, mas eu gostaria de fazer minhas próprias traduções dos mitos. Orfeu e Eurídice é um dos meus preferidos. Baucis e Filêmon. Todos os feitos de Apolo.

Conheço essas histórias; são as que Tess está estudando com o Pai.

– Bom... você ainda pode fazer as suas traduções, não é? – indago, e tiro uma folha solta da fonte.

– Eu tento. É difícil achar tempo.

– Sinto muito – digo, ao me lembrar de que não sou a única que sofreu uma perda. – Sobre o seu pai. Deve ter sido terrível.

– Foi muito repentino. Não sei se isso foi melhor ou pior. A Mãe tem sido inabalável, mas sei que é mais difícil para ela. Tento ajudar como posso.

– Tenho certeza de que você ajuda imensamente.

Finn passa a mão pelo cabelo, já desgrenhado. Será que ele chega a se dar ao trabalho de penteá-lo de manhã?

– Talvez. Eu gostaria de poder ajudar mais.

Sinto uma vontade enorme de protegê-lo. Tenho preocupações suficientes, eu sei, mas de algum modo também quero assumir as dele.

– Quero saber o que o preocupa – continuo. – Quero conhecer *você*. Tudo. A sua flor preferida. As suas comidas preferidas. O seu livro preferido.

Finn sorri.

– Há muito tempo para isso.

Não há! Não tenho nenhum tempo de sobra. Uma vez que Elena confirme que sou capaz de fazer magia mental, será que vai esperar minha cerimônia de intenção? Será que poderei vê-lo outra vez antes de ser despachada para Nova Londres?

A tristeza me invade. Eu me inclino para a frente e arranco mais mato. Um galho de roseira se quebra sob minhas mãos descuidadas. Eu o arranco e jogo para o outro lado do jardim.

– Cate? Eu disse alguma coisa errada?

Finn se levanta e fica em pé perto de mim, cheio de incerteza.

– Não. Não é você – respondo.

Um músculo repuxa a minha pálpebra. Levo a mão ao rosto e a aperto.

Talvez a Irmandade não seja tão ruim assim. Elas vão nos proteger dos Irmãos; não vão nos mandar para a prisão nem para o hospício. Querem ajudar garotas como nós. Será que realmente posso culpá-las por serem implacáveis? Eu faria qualquer coisa para proteger Maura e Tess, mesmo que isso magoasse outras pessoas. As Irmãs pensam da mesma maneira, só que o escopo delas é muito maior.

Talvez eu pudesse perdoar seus métodos se não tivessem a mira exatamente na

minha família.

Se não estivessem dispostas a prejudicar Maura para me forçar a um futuro que eu não desejo.

O futuro que eu desejo está parado à minha frente, com a testa franzida e os olhos cheios de preocupação.

– O que foi, então? Diga para mim – insiste ele.

– Não posso.

Volto a me levantar.

– Se tem algo que a deixa infeliz, diga para mim. Por favor.

Olho para ele: olho de verdade, além das sardas, do cabelo desgrenhado e dos beijos magníficos. Finn é um homem inteligente e capaz, criado por uma mãe inteligente e capaz. Ele gosta de mim como eu sou – não apenas como a menina risonha que pegava peixinhos com as mãos e subia em árvores, mas a garota teimosa e estourada que posso ser nos meus piores dias. Acho que ele continuaria gostando de mim, me amando, mesmo que soubesse sobre a minha magia.

Mas e se ele soubesse que fiz magia com ele? Fico olhando para o caminho calçado com pedras sob as minhas botas. É imperdoável.

Eu não o mereço.

Tiro a terra dos joelhos do meu vestido azul-claro.

– Eu devia entrar. Não estou sendo uma boa companhia hoje.

Ele observa confuso enquanto me afasto, e não posso culpá-lo. Estou na metade do caminho quando ele vem atrás de mim.

– Lírios, eu acho. E uma boa torta de maçã. E *As metamorfoses*.

Não consigo segurar o sorriso da minha resposta.

– Rosas vermelhas, morangos e *Contos do pirata LeFevre*!

A Sra. O'Hare me dá bronca quando entro na cozinha.

– Senhorita Cate! Lave essas mãos antes de tocar em qualquer coisa. E tire as botas para não espalhar lama por todo meu chão. Esteve brincando na terra de novo, pelo que vejo.

– Estava cuidando do jardim – corrijo, solto as fivelas das botas e as descalço. – As rosas precisavam de mim.

– Achei que tínhamos contratado o jovem Finn Belastra para cuidar das rosas.

– Ele anda ocupado. – Eu me debruço por cima da pia para esconder meu rubor e lavo as mãos com sabão. – Com o gazebo.

Ela pigarreia e tira uma sujeira da minha bochecha.

– Parece um moleque de rua. Pode ter ares refinados agora, mas continua sendo a garotinha que gosta de chapinhar em poças de lama, não é mesmo?

– Acho que sim.

Dou um abraço carinhoso nela. Ela tem cheiro de torrada com manteiga – este é seu lanche de meio da manhã desde que a conheço.

Ela bufa, mas sorri. Então pergunta:

– E por que isso?

– Por você ser você. Por sempre estar aqui para nos ajudar – digo, e ela cora de satisfação.

Ela está envelhecendo; sempre teve cabelo grisalho e rugas. Às vezes, quando chove, seu joelho esquerdo reclama, e ela puxa uma cadeira para perto do fogão da cozinha e passa o dia costurando. Mas não demonstra mais nenhum outro sinal de estar desacelerando o ritmo, o que é uma coisa boa, pois não sei o que faríamos sem ela. Tess vai precisar dela mais do que nunca se eu for embora.

Maura enfia a cabeça na cozinha. Está com um vestido de dia simples, cor de creme com uma faixa vermelha, e o cabelo está preso em uma trança ruiva comprida que lhe cai pelas costas. Ela parece muito nova.

– Excelente – diz ela, mas seu sorriso tem um toque de nervosismo. – Eu queria falar com você, Cate. É importante. Pode subir?

Eu a sigo até seu quarto, com o temor se esgueirando sobre mim como uma sombra. Maura fecha a porta atrás de nós e me faz sentar no banco à janela.

– Sei que você não vai gostar, por isso vou falar logo. Vou escrever ao Pai hoje à tarde. Tomei uma decisão. Vou me juntar às Irmãs.

Ela não pode fazer isso. Não sem saber sobre a profecia e o que ela envolve. Mordo o lábio, dividida entre o que minha irmã precisa saber e o que minha mãe me pediu que fizesse.

– Maura, você ainda tem um ano inteiro para declarar sua intenção!

Maura se vira e faz um gesto para que eu refaça o laço da cintura dela.

– Por que esperar?

– Por que está com tanta pressa? Está assim tão ansiosa para abandonar a sua família?

– Vou ter uma nova família. Dezenas de irmãs – declara Maura, radiante.

Sinto uma pontada no coração. Dou um puxão forte no nó.

– Você já tem irmãs.

– Eu sei. Não quis dizer... – Maura se admira no espelho, então se vira para mim. – Sei que andamos discutindo mais do que o normal, mas vou sentir sua falta, Cate.

– Mas, mesmo assim, você iria nos abandonar sem pensar duas vezes, assim, sem mais nem menos? – pergunto, e estalo os dedos.

– Não. – Maura se senta ao meu lado e empurra as cortinas amarelas. Ela olha para a entrada cheia de buracos e para os bordos vermelhos. – Pensei duas, três, quatro vezes. A Mãe não nos ensinou metade do que devia, e nós não treinamos

o suficiente. Estou atrasada para minha idade. Mas a magia faz parte do nosso legado. Quero aprender mais sobre isso.

– Você não pode ir! – insisto. – O Pai não vai permitir.

Maura revira os olhos. Ela pode convencê-lo, e nós duas sabemos disso.

– O Pai pode se surpreender com meu fervor religioso repentino, mas não vai se opor. Vai apreciar a maneira como elas são estudiosas e caridosas.

– Vou contar a ele – ameaço, me levantando. – Vou contar a ele o que elas são de verdade.

– Você não se arriscaria. O Pai é rebelde em relação aos livros dele, eu reconheço. Mas se ele descobrir que todas as suas filhas são bruxas, teria uma síncope. Talvez a saúde dele não suporte o choque.

Eu me imagino batendo na porta do escritório do Pai. Sentando-me em uma de suas cadeiras de couro. Inclinando-me para a frente, abrindo a boca e dizendo a ele que a Mãe era bruxa. Que Tess, Maura e eu somos bruxas também. E então... o quê? O que ele diria? A Mãe o amava, mas ela obviamente não achava que ele pudesse lidar com isso.

– Você não pode me deter. É melhor aceitar minha decisão. Vou escrever para você. Não vou poder dizer muita coisa, para o caso de as cartas serem interceptadas. Mas você pode me visitar se quiser. Espero que me visite. Quem sabe, depois de ver que estou feliz por lá... – A voz de Maura vai sumindo, ela se levanta e pega minhas mãos. – Eu *vou* sentir a sua falta.

Maura tem razão. Não posso detê-la; ela não vai escutar nada que eu tenha a dizer. A única solução é contorná-la, e isso significa fazer um acordo com Elena.

– Também vou sentir a sua falta. Desesperadamente – digo com sinceridade.

Maura me envolve em um abraço apertado.

– Obrigada. Eu não achava... Fico tão feliz por você ter decidido me dar apoio. Você é a *melhor* irmã do mundo, Cate. De verdade, é mesmo.

– De nada – murmuro, e me sinto uma traidora.

Uma hora inteira depois, irrompo na livraria Belastras. Marianne está empoleirada em sua banqueta atrás do balcão com os óculos de leitura no nariz arrebitado. Ela os empurra para cima com o indicador. O gesto lembra tanto Finn que parte meu coração.

– Tem algum cliente? – pergunto.

Ela balança a cabeça e põe o livro de lado.

– Não, mas...

– Encontrei isto aqui – interrompo, e tiro a carta amassada do bolso. – A Mãe deixou para mim. O resto da profecia... diz que apenas duas irmãs vão viver para ver o século XX... porque uma delas vai matar outra. A Mãe quer que eu

encontre uma maneira de impedir que isso aconteça. Ela acha que há uma guerra por vir e que por causa do meu *dom* vou estar no centro de tudo. Não sei como posso impedir. As Irmãs já estão ameaçando Maura para me aliciar. Elas são implacáveis. Sabia disso? – Vou pisando firme até o balcão e jogo a carta na frente dela. – Porque, devo dizer, acho que é uma falta de consideração da parte dela não ter me contado antes de morrer e me deixado com toda essa responsabilidade!

Estou berrando, por isso não me surpreendo quando os olhos castanhos de Marianne se arregalam. Só que... ela não está olhando para mim. Está olhando para além de mim.

Engulo em seco. Tenho a sensação desconfortável de que alguém está atrás de mim, no labirinto de fileiras de estantes de livros. E se não é um cliente...

Eu me viro devagar.

É Finn, com o rosto branco feito papel.

– Você... Cate. O que está dizendo?

Meu estômago vem parar na boca.

Ele não devia estar aqui. Não devia descobrir assim.

O momento se estende entre nós, interminável.

Não posso mais mentir para ele.

– Eu sou uma bruxa.

capítulo

18

Ele parece... o quê? Decepcionado? É impossível ler seus olhos por trás dos óculos. A única dica é o franzido de sua testa, aquela ruga entre as sobrancelhas.

– Você não me contou – diz ele.

– Não.

– Por quê?

Como posso explicar? Ele acha que sou corajosa e forte, e eu não sou. Nem a metade do que gostaria de ser. Às vezes, fico cheia de medo e de incerteza. Neste momento, sou uma coleção inteira de emoções: desespero, raiva e muito, muito ressentimento por ser a responsável por consertar tudo. Se eu reconhecesse isso, como ele se sentiria sobre mim então?

Não quero abrir mão dele. Mas dizer a ele como me sinto, como ele passou a ser importante para mim em poucas semanas...

Não sei bem se tenho coragem suficiente para isso.

– Achei que talvez você tivesse adivinhado – digo com a voz fraca. – Quando vim ver o registro.

– Achei que fosse alguma das suas irmãs, talvez...

– Todas as três. E não somos um tipo normal de bruxa. Estamos envolvidas em uma profecia. Você... Imagino que já tenha ouvido falar disso.

Ele dá de ombros.

– Você estava berrando.

Olho para Marianne, que nos observa com a curiosidade nitidamente estampada no rosto. Fico imaginando quanto ela deduziu.

– Não sei mais o que fazer. – Minha voz sai baixa e derrotada. – Vão me forçar a ir para Nova Londres. A profecia diz que uma de nós vai ser a chave ou para um segundo Terror ou para a retomada do poder pelas bruxas. Acham que sou eu, e a Irmandade... Na verdade, elas são todas bruxas, e eu vou ter que ir embora de Chatham para sempre e...

Minha voz falha. Engulo lágrimas e enterro o rosto nas mãos. Respiro pesadamente (inspiro, expiro, inspiro, expiro), lutando para retomar o controle.

Alguém põe a mão no meu ombro e me vira. Espio por entre os dedos e Finn está olhando para mim com os olhos cheios de compaixão. Compaixão e... algo mais, algo que me faz sentir que ele não iria se incomodar se eu chorasse, nem se eu urrasse e começasse a atirar coisas para todos os lados. Que ele não gostará menos de mim. Ele me puxa para seus braços, bem na frente da mãe.

Ele é mais corajoso do que eu.

Fungo no algodão cinza e grosseiro de sua camisa.

– Não quero perder você, mas também não quero perder minhas irmãs.

– Eu sei.

Ele massageia minhas costas. Eu me aperto contra o peito dele e fecho os olhos, sentindo-me forte contra o mundo.

A mãe dele tosse.

– Finn? Posso conversar com Cate um momento?

As mãos de Finn deslizam pelas minhas costas. Fico imaginando se ele reluta tanto em me largar quanto eu.

– Claro que sim. – Ele se afasta e mal olha para Marianne. – Vou subir.

Nós duas esperamos até ele fechar a porta do apartamento. Marianne me olha por cima dos óculos e eu me sinto como uma menininha de escola desobediente que não fez a lição. Agora deve ser óbvio que existe algo entre Finn e eu. Ela tem sido tão bondosa... e agora vai me odiar.

– Desculpe-me – digo.

Eu me sinto sensível, uma ferida aberta.

Marianne coloca os óculos no balcão e dá uma olhada em mim.

– Por quê?

– Não é possível que você queira o seu filho envolvido em tudo isso.

– Bom, realmente complica um pouco as coisas, mas não escolhemos quem amamos.

– Ah... ele... quer dizer... ele não... – gaguejo.

– Ele pode não ter dito as palavras, mas conheço o meu filho. Vi o jeito como ele olhava para você.

– Como?

Eu me odeio por ter que interrogá-la sobre isso.

– Como se ele fosse capaz de matar por você.

Penso na pistola amarrada na panturrilha de Finn, em como ele falou de fazer o que fosse preciso para manter Clara e sua mãe em segurança. Na hora isso me intrigou, porque não era a conversa de um filho de livreiro tímido. Agora isso me apavora. Os homens não são castigados com tanta severidade quanto as mulheres, mas, por se erguer contra a Fraternidade ou por ofensas sérias como assassinato existem os navios-prisão.

– Sou capaz de me cuidar sozinha. De nós três. Já cometi erros, eu sei, mas minhas irmãs são mais importantes para mim do que qualquer outra coisa no mundo. Eu faria *qualquer coisa* por elas.

– Você é uma mulher impressionante, Cate. – Marianne sorri para mim. – Você é forte e capaz e...

– Capaz? – Dou risada, mas ela não contém nenhuma alegria. – Acho que não. Tenho feito tudo errado. Estou tão irritada com a Mãe... Sei que é horrível, porque ela morreu e não pode se defender, mas ela guardava segredos demais, maldição! – Bato o punho fechado no balcão. A dor dispara por todo o meu antebraço. – Ela pediu que eu tomasse conta delas e então me deu uma rasteira!

Marianne segura meu punho antes que eu possa dar outro soco no balcão.

– Anna era minha amiga, mas ela exigiu muito de você, Cate. Pediu demais. Manter tudo em segredo do seu pai, das suas irmãs, de todo mundo... Eu me admiro por isso não ter arruinado você.

– Não. Sou capaz de fazer isso. Tenho que ser.

Eu me afasto pisando firme e fico olhando pela vitrine para a rua. Para os nossos vizinhos que passam pela rua cuidando de seus afazeres, alheios à minha dor.

– Mas você não precisa fazer isso sozinha – retruca Marianne com a voz suave. – Parte de ser forte é saber quando pedir ajuda, quando compartilhar as coisas em vez de guardar para si.

Respiro fundo. Tinta, pergaminho e poeira. Solto o ar.

Ela está certa. Não sei o que fazer. Não quero ser o peão das Irmãs. Foi por isso que vim aqui.

– Você me ajuda? – pergunto baixinho. – Por favor?

Marianne sorri mais uma vez.

– Você ama o meu filho, Cate? Quer se casar com ele?

Faço que sim com a cabeça.

– Então vamos ver se encontramos um jeito.

Ela dá tapinhas na outra banqueta e eu subo nela.

– Maura quer entrar para a Irmandade. Elena diz que vão prejudicá-la para me obrigar a ir para lá. É a minha liberdade pela dela... O que mais posso fazer? Vão manter as duas, ela e Tess, em segurança se eu entrar na linha.

Marianne franze a testa.

– E como você sabe que elas iriam cumprir sua parte do acordo? – indaga. – Podem voltar atrás da próxima vez que você se recusar a fazer algo que elas pedirem. A Irmandade encara a insubordinação da mesma maneira que os Irmãos, Cate. Por que você acha que permitiram que os Irmãos prendessem Zara?

– Elas poderiam ter salvado Zara?

A dor toma conta do rosto de Marianne.

– Poderiam. Mas ela fazia críticas dentro da Irmandade. Não concordava com alguns de seus métodos e deixava isso bem claro. Foi por isso que abandonou o convento para se tornar governanta. Isso lhe deu um pouco de liberdade e

permitiu que morasse mais perto de Anna. Não acho que as Irmãs vissem com bons olhos o fato de que duas de suas bruxas mais poderosas se recusassem a defender sua causa.

– Reconheço o valor do que elas estão tentando fazer. Mas não quero entregar meu poder a elas. – Balanço a cabeça e aninho a mão dolorida no peito. – Também não quero entregar minhas irmãs.

– E se casar com Finn é *mesmo* o que você quer? Não é apenas um último recurso contra as Irmãs?

Olho nos olhos dela sem hesitar.

– Nunca tive tanta certeza de alguma coisa.

Marianne assente e aperta a ponte do nariz, como se estivesse com dor de cabeça.

– Pode pedir a ele que desça, então? Tenho uma ideia, mas acho que nós duas vamos ter que convencê-lo juntas.

Subo a escada até o apartamento e entro. A sala deles é apertada, mas aconchegante, com um fogo aceso na lareira. Há crisântemos em um vaso de vidro na mesinha lateral, um cesto de meias para serem cerzidas ao lado da cadeira e livros empilhados por todos os lados. O cheiro suculento de rosbife vem da cozinha e faz meu estômago roncar.

Finn está deitado no sofá, olhando para o chão, e não para o livro em suas mãos. Ele se levanta de um pulo quando eu entro.

– Posso ver o seu livro? – peço.

Ele o entrega para mim. Uma coleção de ensaios.

A magia me puxa, estimulada pelo meu nervosismo.

– *Commuto* – enuncio, e o livro desaparece, substituído por um buquê de crisântemos dourados. – Eu sou uma bruxa. Estou cansada de ter vergonha da maneira como nasci: bruxa e mulher. Fiz o melhor que pude, seja isso uma bênção ou uma maldição.

Ergo os olhos até os dele. Apesar das garantias de Marianne, continuo esperando medo. Raiva. Em vez disso, ele pega os crisântemos de minha mão, observa-os de todos os ângulos e então solta um assobio baixo.

– Isso é impressionante. *Você* é impressionante. Nunca tinha visto... Apesar de os Irmãos falarem tanto de magia, eu nunca tinha visto.

– Eu... sou capaz de fazer mais coisas – digo, hesitante. Concentro-me na xícara de chá na mesinha lateral. – *Agito!*

A xícara flutua pela sala até as minhas mãos.

– Pelo Senhor – sussurra Finn. – O que mais?

– Magia mental. Mas só usei para manter minhas irmãs em segurança. – Olho para seu rosto sardento e sorridente. Contarei tudo, menos o que fiz com ele. E

se pudermos encontrar uma maneira para que isso dê certo, vou passar a vida compensando o que fiz. – Você... Isso o amedronta?

– Não. Eu confio em você, Cate.

Ele me toma nos braços, firme e gentil ao mesmo tempo.

– Eu queria ter contado antes. Há algumas semanas, quando você me mostrou aquele registro e falou sobre como protegeria sua mãe e Clara, eu quis contar tudo para você. Eu... fico feliz por você saber.

Finn sorri.

– Eu também. Amo você... tudo em você. Sua teimosia, sua irritação, sua bruxaria e sua coragem.

Dou risada em meio às lágrimas que brotam nos meus olhos.

– Você ama minha teimosia?

– E a sua risada. E seu queixinho pontudo. E seu cabelo lindo – declara ele, e coloca uma mecha solta atrás da minha orelha.

– Meu cabelo não é lindo. O de Maura... – Eu paro. Preciso aprender a aceitar elogios sem me comparar às minhas irmãs. – Amo você também. Quero me casar com você.

Finn se afasta.

– Também quero. Mais do que qualquer outra coisa. Mas não vejo como. Eu faria tudo que pudesse para proteger você, mas vai chamar mais atenção dos Irmãos. E as pessoas vão falar. Você iria se casar com uma pessoa abaixo do seu nível social.

– Não diga isso! Eu teria orgulho de fazer parte da sua família. Você não faz ideia... Sua mãe tem sido muito bondosa comigo. Mais bondosa do que mereço.

Finn prende minha boca em um beijo longo e estonteante, e meus braços se enlaçam em volta de seu pescoço.

– Imagino que não esteja preocupada com minha virtude se a mandou aqui para cima sozinha.

– Não. Na verdade... – Levo um segundo para recuperar o fôlego e ponho as mãos na cintura dele. – Sua mãe quer falar conosco lá embaixo. Ela disse que tem uma ideia.

Na livraria, Marianne está sentada atrás do balcão, com os olhos vermelhos. Ela diz a Finn que não precisa se preocupar.

– É o fim de um sonho e o início de outro – diz ela, e torce o anel de rubi no dedo.

Finn e eu estamos parados no meio da loja, com uma fileira de estantes nos escondendo de quem passe na rua e possa olhar através da vitrine. Ele segura minha mão e estreita os olhos para ela.

– Não está na hora de falar em charadas, Mãe.

Ela sorri.

– Este é o último dia de funcionamento da livraria Belastras. Até que duramos bastante, mas acho que chegou a hora de fechar as portas.

– O quê? Não. – Finn larga a minha mão e avança. – Não pode tomar essa decisão sem conversar comigo.

– Tecnicamente, querido, posso. Sou a proprietária – argumenta Marianne, mantendo o tom de voz leve.

– Por que agora? O que isso tem a ver... – O rosto de Finn aos poucos vai mostrando a compreensão. – Você não pode estar falando sério.

– Tão sério quanto um cemitério – garante Marianne, que levanta e dá tapinhas no ombro dele. – Você pode fazer o que quiser, mas não pode mais ser empregado como livreiro.

– Não estou entendendo nada – admito, sentindo-me perdida.

Finn passa a mão pelo cabelo desgrenhado.

– Ela quer que eu me junte aos Irmãos. – Ele se vira de novo para mim e se apoia no balcão. – O Irmão Ishida veio aqui ontem à noite me convidar para ser membro. Ele adoçou a oferta com um emprego na escola de ensino fundamental, como professor de latim. O antigo cargo do seu pai. O posto será meu se eu entrar para o conselho no lugar do Irmão Elliott.

– Não. – Balanço a cabeça. – É que... Você ama a livraria, vocês dois a amam. Não podem abrir mão dela por mim.

– A livraria já está fora da equação – Marianne nos lembra. – Além do mais, Clara e eu ficaríamos bem mais seguras se Finn fosse membro da Fraternidade. Já estou velha demais para ser mandada para a prisão, e parece que os Irmãos não vão desistir tão cedo. Se Finn fosse severo o suficiente para deixar a mãe sem trabalho... Nossa, mas esse é exatamente o tipo de homem que eles procuram. E jamais iriam suspeitar que a esposa dele pudesse ser bruxa.

– Ela tem razão – diz Finn. – Eu teria dinheiro para ter uma esposa com o salário de professor. Não seria nada grandioso, mas...

– Não me incomodo com isso – interrompo. – Eu só... não quero que você deteste a si mesmo por causa disso. É demais. Você teria que prender garotas como eu. Levá-las para longe da família e trancafiá-las em Harwood. Elas raramente são bruxas de verdade, Finn. E mesmo que sejam, não é certo. Você sabe disso.

Finn toma minha mão na dele.

– Eu não iria ficar contente com isso, Cate. Aliás, eu odiaria. Mas se for para manter você em segurança... – A voz dele fica embargada. – Você seria capaz de se sacrificar pelas suas irmãs. Deixe que eu faça isso por você. Por nós.

Mordo o lábio. É pedir demais. Eu devia recusar a proposta dele.

Devia, mas não vou.

– O que vai impedi-los de me despachar para Nova Londres amanhã? Uma vez que Elena confirmar que sou capaz de fazer magia mental, não acho que ela vá permitir que eu permaneça na cidade por mais dois meses – observo.

– Os Irmãos consideram a cerimônia de intenção uma coisa muito séria – argumenta Marianne. – É um compromisso perante o Senhor, quase tão importante quanto os votos de casamento. É raro, mas, de vez em quando, as moças ficam um tanto inquietas e pedem permissão especial para adiantar sua cerimônia de intenção. Os Irmãos estão tão acostumados com as moças que adiam a questão até o último minuto que ficam mais do que contentes em atender o pedido. – Ela me lança um sorriso tristonho e determinado. – Você pode anunciar seu noivado com Finn mais cedo. Que tal... amanhã?

– E se eu for tão importante quanto as Irmãs dizem, elas não vão querer correr o risco de chamar atenção para mim com o rompimento de uma intenção. – Eu me volto para Finn e examino os olhos dele. – Tem certeza?

Finn se inclina mais para perto e encosta a testa na minha. Meu campo de visão é todo engolido por ele.

– Tenho.

Fecho os olhos por um minuto e me consolo com a força dele. Então me volto para sua mãe.

– Marianne?

– Tudo que qualquer mãe quer para os filhos é que eles sejam felizes. Aliás... – Ela tira o anel de rubi do dedo. – Talvez isso deva pertencer a você agora. Foi meu anel de noivado com Richard.

– Não posso... – protesto.

Mas Finn o pega, colocando-o na palma da mão. Ele me olha nos olhos, e sua expressão é uma carta de amor por si só. Quando fala, sua voz é rouca.

– Quer se casar comigo, Cate?

Fico imóvel, a pergunta paira no ar. Nunca me senti mais aceita – pela garota que eu sou, não pela garota que quero ser –, nunca me senti mais amada e *respeitada* do que neste momento. É uma escolha, e eu devo fazê-la.

– Quero – digo, sem fôlego.

Finn coloca o anel simples de ouro no meu dedo anular. Eu viro a mão e o rubi brilha com a luz do sol. Ele se inclina e roça os lábios nos meus, selando a promessa.

– Mal posso esperar para que você seja minha esposa.

– Cate Belastra. – Experimento o nome e, apesar da solenidade do momento, apesar de saber como isso custará caro para ele, não posso deixar de sorrir. – Catherine Anna Belas...

Sou interrompida por um berro. Ele parece nunca acabar, fazendo os pelos do meu braço se arrepiarem.

Finn corre até a janela e olha para a rua. Quando volta, seus olhos estão cheios de dor.

– Os guardas estão efetuando mais uma prisão – anuncia ele.

A mulher grita mais uma vez. Então é interrompida por um baque surdo.

Marianne fica pálida.

– Quem é? – pergunta ela.

O rosto de Finn se franze. Em breve, ele será cúmplice nisso.

– Brenna Elliott – informa.

Meu coração se aperta.

– Preciso ver – digo.

Marianne abre a porta de supetão e sai. Ela para nos degraus de entrada e se agarra com força à grade de ferro.

Do outro lado da rua, Brenna está toda encolhida nas pedras do calçamento. Por baixo da capa, a barra de seu vestido amarelo está suja de lama. Há uma marca de mão branca em sua bochecha vermelha, coberta de lágrimas. Enquanto observo, dois dos guardas corpulentos dos Irmãos avançam em direção a ela. Ela recua desequilibrada, de quatro, e cai na sarjeta.

Uma multidão se reúne.

– Bruxa! Bruxa!

Os gritos se elevam. Alguns são estridentes e excitados só por diversão, outros são graves e cheios de ódio. Um menino joga uma pedra nela. A pontaria dele é certeira: acerta na testa. O sangue escorre por seu rosto.

Um dos guardas a agarra com brutalidade pelo braço. Brenna grita. Seu cabelo castanho todo embaraçado cai no rosto ensanguentado. O homem lhe dá outro tapa e ela fica em silêncio.

Os guardas a levantam, um de cada lado. Ela treme como uma árvore no meio de uma tempestade.

O Irmão Ishida dá um passo adiante.

– Esta garota é louca. Será levada de volta ao Hospício de Harwood imediatamente.

Brenna balança, gemendo para si mesma como um animal ferido.

– Não! – Rory corre pela rua, resplandecente em um vestido vermelho. Ela nem teve tempo de vestir a capa. – Brenna!

Sachi dispara para a frente e puxa Rory de volta para o meio da multidão.

O Irmão Ishida se volta para o grupo reunido na rua.

– A senhorita Elliott acredita ser capaz de enxergar o futuro. Que pretensão é esta, uma mulher fraca achar que pode fazer o trabalho do Senhor? A pedido de

seu avô, permitimos que ela retornasse à família. Esperávamos que pudesse se curar, mas nossa tolerância não foi recompensada. É para o bem da nossa comunidade que enviamos esta alma dilacerada de volta.

Dou meia-volta e entro de novo na livraria. Não aguento mais assistir àquilo.

Finn me segue e fecha a porta atrás de nós. Ele me puxa para trás da primeira fileira de estantes e me abraça. Meus olhos estão secos, mas tremo pelo horror do que acabou de acontecer.

– Você está segura – diz ele, vez após outra, e acaricia minhas costas. – Você está segura. Nunca vou permitir que façam isso com você.

Não sei bem qual de nós dois ele deseja reconfortar.

Já passa muito das duas quando deixo a livraria. Vou me atrasar para meu encontro com Elena. Peço desculpas a John por fazê-lo esperar com a carruagem e, a caminho de casa, repasso o plano que Marianne e eu traçamos. Vou explicar a apreensão de Brenna, dizer como foi horrível. Não vai ser difícil mostrar minha aflição. Vou alegar que estou aborrecida demais para ter aula de magia hoje. Por mais leal que Elena seja à Irmandade, ela não pode querer que uma bruxa amedrontada e sem concentração cause a maior confusão em sua memória. Vou lhe prometer que amanhã, depois da igreja, eu irei cooperar.

Até lá, já vou ter anunciado meu noivado com Finn, o mais novo candidato a se juntar aos Irmãos, e será tarde demais para ela me forçar a me juntar à Irmandade.

Depois que eu acalmar Elena, falarei com Maura e Tess. Vou lhes contar sobre a profecia, mostrar o diário e a carta da Mãe. Ficarão furiosas comigo por não ter contado antes, mas perante os avisos de cautela da Mãe, elas vão entender. Vão ter que entender. Talvez Maura não acredite em mim, mas vai escutar a Mãe. Ela vai ver que as Irmãs não estão preocupadas com o que é melhor para nós, que precisamos ficar juntas, aqui em Chatham, e cuidar uma da outra.

Vou falar de Finn por último. Espero que fiquem felizes por mim.

Sinto uma grande onda de conforto quando a carruagem chega à entrada. A casa continua lá: branca, com seu telhado triangular, rodeada por bordos que vão perdendo a pele de verão. Meu lar. Tenho vontade de pegar punhados de terra e beijá-la. No final das contas, não vou ter que ir embora. Pelo menos não irei longe.

Corro para o roseiral, pronta para dar minhas desculpas a Elena.

Só que ela não está lá.

Porcaria. Corro para dentro de casa. A sala está vazia. Tess está lendo no escritório do Pai. No andar de cima, o quarto de Elena está vazio. Na única vez que realmente desejo me dar ao trabalho, ela não está a vista.

Aborrecida, abro a porta de Maura de supetão, sem bater.

– Maura, você viu...?

Paro, embasbacada. Maura e Elena estão sentadas, bem juntinhas, no banco de madeira à janela. As saias delas se derramam umas sobre as outras, as de Elena cor-de-rosa e as de Maura, cor de creme, em uma espuma de renda e seda.

Maura está com a mão na curva da bochecha de Elena. Seus lábios estão nos lábios de Elena.

capítulo

19

– Maura. Preciso falar com você – falo, quase sem ar, e recuo aos tropeções para o corredor.

Eu me recolho ao meu quarto, tentando encontrar sentido no que acabo de ver: minha irmã beijando a governanta. Beijando com os olhos fechados, inclinada para ela como um girassol faminto.

Nunca imaginei... mas Elena é tudo que Maura quer ser: culta e inteligente, bonita e poderosa. Ela deu atenção a Maura, incentivou-a, escutou o que minha irmã tinha a dizer e lhe deu muito valor quando ninguém mais faria isso.

Quando coloco as coisas dessa forma, não sei como não enxerguei antes.

Largo o corpo na poltrona, com a cabeça entre as mãos. Ah, isso vai complicar as coisas. E Maura... Será que o interesse dela em beijar garotas se restringe a Elena? É só uma paixãozinha juvenil ou será algo mais? Penso em todos os seus protestos relativos ao casamento e me sinto culpada. Ela está certa; vem tentando me dizer algo e eu não tenho escutado.

Maura entra no meu quarto. Suas bochechas estão coradas, mas sua boca de cereja está virada para cima nos cantos. Ela parece feliz. Levemente envergonhada, mas feliz. Fecha a porta e para em cima do tapete de flores que peguei dos aposentos da Mãe.

– Há quanto tempo isso está acontecendo? – pergunto.

Preciso saber quão comprometida ela está.

As mãos de Maura se agitam como passarinhos nervosos.

– Foi só agora... Esta foi a primeira vez... mas eu queria tanto... Eu sou louca por ela, Cate.

– Ah, Maura. Por que não me contou?

Eu me recosto na poltrona, lembrando-me das garotas do registro, aquelas que foram pegas se beijando nos campos de mirtilos.

– Eu tentei! Eu lhe disse como ela era maravilhosa e inteligente, mas você nem quis saber. Você não escuta o que eu digo, Cate. Elena escuta.

Detesto ter que dizer isto, detesto magoá-la, mas ela tem que saber.

– Porque ela quer algo de você.

Maura fica de queixo caído.

– Você realmente me despreza tanto assim... – Ela engole em seco. – A ponto de achar que não sou capaz de saber se os sentimentos dela são genuínos? Você acha que sou tão terrível que ninguém pode me amar?

– Claro que não! Alguém *vai* amar você um dia e vai ser grandioso, e ele será alguém de sorte. Ou ela... – eu me corrijo. – Mas não é Elena.

– Como você sabe quais são os sentimentos dela? Sei que não é... convencional, mas temos passado muito tempo juntas. Nunca fomos como pupila e aluna; ficamos amigas desde o início, e agora...

– Ela foi mandada aqui para nos *espionar*. Isso não é paranoia, é a verdade. Eu tinha um encontro marcado com ela hoje à tarde para uma aula de magia e me atrasei. A Irmandade quer que eu me junte a elas e vão usar você para chegar a mim. Elena me disse isso, Maura, diretamente. Elas prejudicariam você se achassem que ia servir para me fazer entrar na linha.

– Mentirosa! – Os olhos de Maura se apertam em fendas de safira. – Ela jamais iria me magoar.

– Iria sim. – Solto um suspiro. – Não é o que ela quer, mas sua lealdade em primeiro lugar é com a Irmandade.

– Não acredito em você – retruca Maura. – Além do mais, por que iam querer *você*?

Eu me encolho com o tom de desprezo na voz dela.

– Encontrei o diário da Mãe. Ela escreveu sobre uma profecia que foi feita antes de o Grande Templo sucumbir. Diz que, antes de o século XX chegar, haverá três irmãs e uma delas será a bruxa mais poderosa a nascer em séculos. A Irmandade acha que *nós* podemos ser essas irmãs. Elas querem colocar as mãos em nós antes que os Irmãos nos descubram. É por *isso* que Elena está aqui.

Maura fica andando no meu quarto sem parar, de um lado para outro, enquanto falo, entre a cama e a janela.

– E por que você acha que é você? Poderia muito bem ser eu. Ou Tess.

Balanço a cabeça em negação.

– A profecia disse que a mais poderosa é capaz de fazer magia mental. E eu... Bom, eu sou. Desde pequena.

Maura fica parada e uma de suas mãos dispara até a boca.

– Você já usou isso em mim?

– Não! Claro que não! – Olho feio para ela. – Só usei uma vez. Para impedir que o Pai me mandasse estudar fora. Elena... Ela quer fazer com que eu me junte às Irmãs para que possam me usar contra a Fraternidade. – Enfio a mão no bolso e toco no anel de rubi escondido ali. – A causa delas é importante, Maura. Acredito nisso. Mas não é tão importante para mim quanto você e Tess. Não é certo usarem você para me forçar.

Maura balança a cabeça, sua trança ruiva chicoteia para lá e para cá. Um sorrisinho brinca em seus lábios.

– Você está errada. Ela não está me usando para chegar a você.

– Não estou inventando. Acha mesmo que eu teria tanto trabalho só para impedir você de ficar com a governanta? – Jogo as mãos para cima, exasperada. – Pode ler o diário da Mãe se quiser.

Faço menção de ir até a cômoda, onde escondi o diário da Mãe com magia, mas Maura me detém.

– Não preciso ver. Mesmo que essa profecia seja verdade, sei o que sinto, e isso também é verdade. Não me importo com o que as Irmãs possam fazer comigo. Quero voltar para Nova Londres com Elena. Estou apaixonada por ela, Cate, e sou correspondida. Ela ainda não disse, mas...

A raiva ferve dentro de mim.

– Ela está manipulando você, Maura. É o que tem feito desde o início! Vou demiti-la agora mesmo.

– Não pode fazer isso! – grita Maura, e se coloca entre mim e a porta.

Eu me apoio no poste de madeira da cama, de repente exausta. Não tenho energia para mais uma discussão com Maura. Detesto brigar com ela, detesto a distância que se colocou entre nós desde que Elena chegou... desde antes disso, para ser honesta. É fácil culpar Elena, mas faz meses que estamos nos engalfinhando.

Sou tomada por uma onda de compaixão. Maura é tão solitária, tão entediada que sua mente se entorpece. Ela não quer se casar. Ela merece ir para um lugar onde possa usar seus talentos, um lugar a que ela pertença. Se isso for junto às Irmãs, então que seja. Eu devia permitir que ela fosse sem fazer alarde.

Empurro as cortinas para o lado e fico olhando pela janela. Enxergo o roseiral daqui, a arnica e as sempre-vivas formando um quadrado perfeito e protetor ao redor das roseiras cor-de-rosa, vermelho e cor de creme. Ao redor do banco onde aprendi a fazer magia, aos pés da minha mãe e de Atenas.

Levo a mão à têmpora, piscando. Havia algo... O que eu estava pensando?

– Está tudo bem com você? – pergunta Maura.

Seus olhos preocupados estão fixos no meu rosto.

– Minha cabeça...

É uma sensação incomum. Como se houvesse algo repuxando. Não o meu cabelo, mas por dentro. É terrivelmente estranho.

Maura me abraça pelos ombros e me leva até a cama; ela alisa a colcha azul.

– Você parece cansada. Por que não tira uma soneca antes do jantar?

Minha mente parece confusa. Eu não estava brava com ela agora mesmo?

Não me lembro por quê; ela é muito doce comigo. Havia algo de errado, algo que eu tinha intenção de fazer, mas não consigo me lembrar...

Forço o repuxo na minha mente e ele se dissipa.

Igual a um encanto feito por uma bruxa que não fosse tão poderosa quanto eu.

Maura beijou Elena. Eu ia demiti-la, e então...

Não. Maura não faria isso.

Ergo os olhos para minha irmã, que continua com seus olhos de safira fixos em mim. A sensação volta exatamente agora – ela está tentando extrair minha memória.

– Como. Você. Ousa? – solto, irritada, e a empurro para longe. Ela cai em cima da minha penteadeira e derruba um vidrinho de água de lavanda. Ele rola da mesa e cai no chão, deixando o quarto todo perfumado. – Pare com isso. Sei o que está tentando fazer – repreendo com raiva.

Maura baixa o olhar. Ela recua na direção da porta.

– Eu só estava...

– Não se atreva a dar desculpas! Nunca usei magia contra você. Nunca!

Respiro fundo, tentando acalmar meu coração disparado. Tudo bem. Ainda consigo me lembrar. Não deu certo; ela não tem poder suficiente.

Mas e se *tivesse* funcionado? Eu me viro para Maura, enojada e furiosa. Nunca vou fazer isso com alguém que amo. Nunca mais.

– Elena sabe que você é capaz de fazer isso? – indago.

Será que Elena sempre nos jogou uma contra a outra, esperando para ver quem era a mais poderosa?

Maura assente.

– Ela mesma me ensinou. Ficou orgulhosa de mim por eu ter aprendido rápido. Mas... – A dúvida toma conta de seu rosto. – Não faz diferença. Não é por isso que ela gosta de mim, Cate.

Eu me dirijo à porta. Cada momento que Elena passa nesta casa é longo demais.

– Aonde você vai? – pergunta Maura, correndo atrás de mim e pegando meu cotovelo.

Arranco meu braço da mão dela.

– Não toque em mim.

Maura está chorando agora. As lágrimas se acumulam em seus olhos.

– Cate, a culpa não é dela. Fui eu quem fez isso.

– Você acha que isso melhora as coisas?

Maura salta à minha frente e barra meu caminho. Eu a empurro com força e ela cai contra a parede.

Empurro a porta do quarto de Elena sem bater. Ela está sentada em sua poltrona verde perto da lareira, com uma agulha que brilha em alguma costura que tem nas mãos.

– Quero você fora da minha casa. Agora – ordeno.

Minha voz é tão fria que nem a reconheço.

– Você não pode fazer isso! – retruca Maura, com as lágrimas enfim escorrendo livremente por seu rosto.

Fecho a porta – não há motivo para os criados escutarem esta discussão.

– Eu sou a dona da casa e posso fazer o que bem entender. Isso inclui demitir criadas que me desagradam. Senhorita Robichaud, não precisamos mais dos seus serviços.

Elena olha para mim e faz um cálculo silencioso da força da minha ordem. Olho com desprezo para ela. Será que vai tentar forçar minha mente também? Será que é capaz de fazer isso?

Maura passa por mim e se coloca ao lado de Elena.

– O Pai não vai gostar disto, Cate.

– Não é ele quem tem que morar aqui.

Maura coloca a mão nas costas da poltrona de Elena em um gesto de proteção. Empina o queixo para mim.

– Vou escrever a ele e dizer que precisa abreviar sua viagem – declara ela.

– Que bom – digo com frieza, e ponho as mãos na cintura. – Talvez ele possa fazer você recobrar o juízo. Ou você também está planejando enfeitiçá-lo?

– Você age como se eu estivesse fazendo algo além dos limites. Acabou de dizer que você mesma fez isso! – berra Maura.

Fico boquiaberta. Olho fixo para ela, incrédula, furiosa.

Elena finca a agulha na costura e a coloca de lado.

– Maura, você tentou forçar Cate? E não conseguiu?

– Tentei – responde Maura, cheia de incerteza. A dúvida em seus olhos vai crescendo. – Isso importa?

– Significa que Cate é a bruxa mais forte. É bastante extraordinário o fato de vocês duas serem capazes de fazer magia mental. Nunca ouvi falar nisso antes – diz Elena, sem fôlego. Ela caminha na minha direção, mas para a alguns passos de distância, na beira de sua cama com dossel, com os olhos cheios de cautela. – Sinto muito ter agido pelas suas costas e ensinado a sua irmã, Cate. Sei que você não acredita que nossas intenções sejam honrosas, mas...

– Honrosas? Você beijou a minha irmã! – solto, irritada.

A magia se ergue dentro de mim, estonteante. Eu adoraria fazer aquela agulha espetá-la. Estilhaçar todos os pequenos frascos de água perfumada em sua penteadeira. Mostrar exatamente quão poderosa eu sou. Fecho os olhos por um instante, juntando cada grama de autocontrole que possuo.

– O que está acontecendo? – quer saber Tess, que abre a porta um pouquinho, esgueirando-se por ela e a fechando atrás de si. – Por que todo mundo está gritando?

Aponto para Maura, que paira sobre a cadeira vazia de Elena.

– Diga a ela! Diga a ela o que você fez. E você. – Eu me viro para Elena. – Quero você fora desta casa. Agora.

– Você não pode simplesmente jogá-la na rua – diz Maura, e se apressa até seu lado.

Eu a ignoro, em uma batalha de olhares com Elena.

– Faça suas malas até o pôr do sol. John vai levá-la à estação de trem. Temos um pouco de dinheiro para emergências domésticas; deve ser suficiente para pagar sua viagem de volta a Nova Londres.

– Se você obrigá-la a ir embora, eu vou junto – ameaça Maura.

Eu me aprumo, mais alta do que todas as outras presentes.

– Não é Maura que você quer. Eu sou mais poderosa do que ela; já provei isso duas vezes. Juro que vou lutar até o fim, a não ser que lhe conte a verdade. Suas superioras na Irmandade podem não se incomodar com as táticas que você usa, mas eu me incomodo. Permitir que ela ache que você gosta dela não lhe será vantajoso se algum dia eu ocupar uma posição de poder.

Elena olha para mim durante um longo momento. Ela é uma mulher ambiciosa. Espero ter escolhido a ameaça certa, a que significa algo para ela.

Finalmente, ela se volta para Maura. Coloca a mão na manga com babados cor de creme da minha irmã.

– Maura – diz ela. – Creio que interpretou mal meus sentimentos.

Os olhos azuis de Maura se enchem de lágrimas.

– Não diga isso – implora ela, e pega a outra mão de Elena. – Não escute o que Cate diz. Por favor. Eu... Eu amo você!

Ao meu lado, Tess solta um assobiozinho de surpresa.

– Fico lisonjeada com sua consideração – continua Elena, e se afasta dela –, mas eu não a retribuo.

Maura estende a mão e então a deixa cair. A mesma mão que aninhou o rosto de Elena com tanta gentileza.

– Mas você me beijou! – argumenta Maura.

Elena balança a cabeça. Apesar de toda a confusão, ela continua parecendo uma boneca de porcelana, não tem nem um cacho fora do lugar.

– Você me surpreendeu. Foi um erro.

Maura olha além de Elena, para mim.

– Você tinha razão – diz ela cheia de raiva, e corre para fora do quarto. – Está feliz agora?

Nós três ficamos lá em silêncio. Do outro lado do corredor, a porta de Maura bate com tanta força que o chão treme.

– É possível que houvesse uma maneira melhor de lidar com isso – diz Elena. Ela abre o armário e pega sua valise. – Você pode me fazer ir embora, mas só

vão mandar outra pessoa. Vou dizer a elas o que descobri. Você não pode fingir que isso não está acontecendo, Cate. Vai ver que será mais fácil ir de boa vontade.

– E se eu não for?

Quero que Tess escute a resposta dela.

– As Irmãs prefeririam não ter que forçá-la. Mas, se for necessário, elas farão tudo que está em seu poder para convencê-la. E o poder delas é considerável. Não vão hesitar em usar Maura e Tess. – Elena junta suas coisas da penteadeira. – Sinto muito por dizer isso, Tess. Não é como eu queria que as coisas fossem.

– Mas você não vai detê-las, não é? Por isso não posso permitir que permaneça nesta casa. Arrume suas coisas e saia – ordeno, furiosa. – Tess, venha comigo.

Tess ficara recuada, encostada no papel de parede com estampa de tulipas, absorvendo tudo com seus olhinhos observadores de nuvem de tempestade. Ela me segue pelo corredor até o meu quarto. Escuto Maura soluçando atrás da porta de seu quarto e meu estômago se retorce.

Tess se senta na minha cama e fica balançando os pés calçados com sapatilhas.

– Você anda guardando segredos de nós. Conte tudo para mim – diz ela.

E eu conto.

Alguém bate à minha porta antes do jantar. Tess ainda está aqui, deitada de bruços no sofazinho, lendo o diário da Mãe com a testa franzida em concentração intensa.

– Senhorita Cate! – É a senhora O’Hare. Por que ela subiu a escada em vez de mandar Lily? – Tem visita para você. O Irmão Ishida está aqui.

Tess se senta ereta, com o medo estampado no rosto.

– Não é nada – digo. – Nós não fizemos nada.

A não ser que Sachi tenha contado ao pai dela. A não ser que Brenna tenha nos entregado. A não ser...

Não. O mais provável é que a segunda fase do plano dos Belastra esteja entrando em ação.

– Tente dizer a Maura que ele está aqui se ela abrir a porta – instruo Tess. – Não precisamos de mais uma cena.

Ajeito o cabelo no espelho e desço a escada até a sala de estar.

Um vento forte começou a soprar, fazendo folhas choverem no chão. Árvores batem contra as vidraças com seus dedos recém-desnudos. As cortinas se agitam na sala como fantasmas azuis malevolentes. Atravesso a sala e fecho a janela. O Irmão Ishida está em pé diante do fogo, de costas para mim.

Ele se vira e sorri.

– Boa noite, senhorita Cahill.

– Boa noite, senhor.

Só quando faz um gesto impaciente na direção do chão eu me dou conta do que ele está esperando. Eu me ajoelho na frente dele, usando as saias como almofada. É odioso fingir obediência a um homem de quem não gosto e a quem não respeito. Penso em como ele foi pai de Rory fora do casamento, como se deixou ser chantageado pela mãe dela, como expulsou a Sra. Clay da cidade quando ela se tornou um risco. Mal consigo segurar uma careta de nojo quando ele põe a mão na minha testa. Seus dedos são macios demais para um homem.

– Que o Senhor a abençoe e a mantenha assim por todos os dias de sua vida.

– Agradecida – balbucio.

Eu me levanto quando ele se senta em uma ponta do sofá cor de creme. Faz um gesto para que eu me sente a seu lado. É o que faço, deixando uma distância cuidadosa entre nós.

– Senhorita Cahill, como sabe, a sua cerimônia de intenção só está marcada para meados de dezembro. No entanto...

O nervosismo se agita dentro de mim.

– Sim, senhor?

– Finn Belastra veio falar comigo hoje, mais cedo. Como seu pai ainda vai passar algum tempo viajando a negócios, pediu a mim sua mão em casamento. Ele me garantiu que você já tinha concordado e que vocês dois estão ansiosos para anunciar o noivado. – O Irmão Ishida olha para mim com sua boca fina como um corte de faca. – Espero que não tenha se comprometido de nenhum modo que torne isso uma necessidade, senhorita Cahill.

Minha cabeça se ergue de supetão. Pelo Senhor, será que ele está sugerindo...? Deixo que o ultraje tome conta do meu rosto.

– Não, senhor. Certamente que não!

– Fico contente em saber disso, principalmente tendo em conta sua amizade com minha filha. Sachiko tem bom coração, mas não desejo que ela se relacione com garotas que não se igualem a ela em virtude ou obediência. Acredite ou não, eu me lembro de como é ser jovem. – O Irmão Ishida me examina detalhadamente com os olhos, demorando-se nos meus seios, e refreio a vontade de cruzar os braços sobre o peito. – Todos precisamos nos acautelar contra os sussurros de luxúria do demônio.

– Sim, senhor. Vou rezar para que o Senhor fortaleça meu coração cheio de pecado.

Eu me afasto alguns centímetros e cruzo as mãos no colo, em um gesto recatado.

– Estou disposto a adiantar sua cerimônia de intenção, como o senhor Belastra pediu – prossegue o Irmão Ishida. – Sei que seu pai o tem em alta conta. Há meses recomendou Finn para o cargo na nossa escola. Não imagino que ele possa fazer qualquer objeção.

– Não, senhor. Eu jamais sonharia em encontrar um marido que o Pai não fosse aprovar.

O sorriso do Irmão Ishida é escorregadio como uma cobra.

– Acredito que saiba que Finn aceitou nosso convite para se juntar à Fraternidade. Já tomou uma decisão muito prudente ao fechar a loja de sua família. Espero que você tenha sensibilidade para perceber a honra que é se casar com um membro da Fraternidade.

– Sim, senhor. – Sorrio. – Darei o melhor de mim para merecer isso.

– Assegure-se que sim, senhorita Cahill. Assegure-se que sim.

Um barulho vem do corredor. Os baques repetidos de John arrastando o baú de Elena escada abaixo.

– Cate tinha razão? Você nunca chegou a gostar de mim?

A voz de Maura é furiosa – e alta. Se ela não tem conhecimento de que o Irmão Ishida está aqui, só o Senhor sabe o que mais pode dizer a seguir.

– Que confusão é esta? – indaga o Irmão Ishida.

Sorrio, nervosa, torcendo para que a audição dele já não seja mais a mesma.

– Com licença. Parece que minhas irmãs estão tendo algum tipo de discussão.

A porta da frente se fecha e Maura chora. Sua voz está mais próxima agora, no hall de entrada.

Algo se despedaça contra o chão.

– Mas que diabo? – protesta o Irmão Ishida, em pé.

Corro, apavorada, até o hall. É tarde demais. A Sra. O’Hare e Lily estão à porta da sala de jantar. Lily está toda encolhida, com um braço erguido para proteger o rosto. A Sra. O’Hare desliza pela parede na direção de Maura, com a mão estendida.

Maura perdeu o controle de seus poderes.

De coração partido, quer quebrar tudo o que vê pela frente.

O vaso de cristal lapidado se despedaça, os estilhaços brilham sobre o assoalho de madeira. Rosas se espalham por todos os lados, tortas e feridas. Enquanto observo, o espelho do corredor sai voando do gancho e se estilhaça. O retrato dos pais do Pai que está pendurado na parede vai logo atrás. Um pedaço de vidro se crava na mão da Sra. O’Hare.

– Maura, querida – diz ela, e continua avançando devagar.

Fico imaginando há quanto tempo ela sabe.

Outro estilhaço, de vários centímetros de comprimento, passa voando pela

minha cabeça. Fico paralisada.

– Volte, senhora O'Hare. Ela não sabe o que está fazendo – aviso.

Maura está em pé perto da porta, com a cabeça jogada para trás, os braços abertos. Seus olhos azuis parecem impotentes, sem concentração. A mesa de mogno do hall se ergue e se lança contra a parede, vez após outra. As pernas se despedaçam.

A porta da frente abre de supetão, como se tivesse sido empurrada por uma mão invisível. Do lado de fora, os trovões ribombam. O céu está cheio de nuvens nervosas.

– Pelo Senhor! – exclama o Irmão Ishida de trás de mim.

Maura olha para ele. Para mim.

– Você... Você fez com que ela fosse embora – diz ela.

As cortinas da janela do hall se soltam e saem voando na minha direção. Piso no tecido para mantê-las presas, mas elas se enrolam nas minhas pernas como cobras. E então surgem cobras: reluzentes e sinuosas, sibilando, experimentando o ar com a língua bifurcada. Eu me forço a enxergar através da ilusão. Cortinas. São apenas cortinas. Forço o encanto e ele se rompe. As cortinas caem no chão, inofensivas.

– Pare com isso, Maura. Você tem que parar.

As mãos de Maura estão fechadas ao lado do corpo.

– Não consigo.

As cortinas voltam a se erguer. Agora não são mais cortinas, mas teias de aranha, grudentas e horrorosas, com aranhas pretas gordas. Solto um grito e levo as mãos ao rosto.

– Elas não são reais, Cate – declara Tess com calma, do alto da escada. – Você sabe disso.

Mas Lily, tola, berra até não poder mais e, atrás de mim, o Irmão Ishida balbucia orações. Não consigo me concentrar. Maura sabe que detesto aranhas e usa isso contra mim. Não posso fazer com que ela pare e...

– *Intransito* – ordena Tess.

As teias de aranha desaparecem. Maura está paralisada, com a boca parada em um "O" horrorizado. Seus olhos azuis estão assustados, cheios de súplica, e ela os foca em mim. Mesmo agora, depois de tudo o que fez, sinto uma pontada de compaixão.

Como Tess conhecia aquele feitiço? Parece que minhas irmãs estão cheias de surpresas.

A casa fica em silêncio durante um longo momento.

Então o Irmão Ishida dá um passo adiante. Seus olhos frios de mármore brilham. Ele aponta para Maura e depois para Tess.

– Bruxas!

capítulo

20

É disso que os pesadelos são feitos.

– Senhorita Maura Cahill! Senhorita Teresa Cahill! Ambas estão presas por crimes flagrantes de bruxaria – declara o Irmão Ishida. Ele se move para bloquear a porta aberta com sua capa preta comprida se arrastando pela água, suas botas esmagando o vidro quebrado. – Senhorita Belfiore, peça a meu cocheiro que entre.

Se ela contar para o cocheiro... vai ser mais uma testemunha...

– Lily, não. Não faça isso. Sempre fomos boas com você, não é? Por favor! – suplico, desesperada.

Mas Lily ergue as saias azuis e corre para fora.

Tess fica me olhando fixamente do alto da escada, com os olhos cinzentos frenéticos, aguardando instruções. Ela não sabe o que fazer. Eu não sei o que fazer.

– Será que devo... Maura? – diz ela em um gritinho estridente.

Faço que sim com a cabeça, e Tess lança um encanto, desta vez em silêncio, para reverter o feitiço *intransito*. Maura desaba no chão. A Sra. O'Hare, que está mais perto dela, abraça-a pela cintura e faz com que se levante.

– Consegue se controlar agora? – pergunto.

Maura assente. Ela tem um corte na bochecha e outro na palma da mão direita. A manga de seu vestido está rasgada, um ponto vermelho carmim vai crescendo logo acima do cotovelo. Ela balança de um lado para outro, pálida, enquanto olha para o estrago que causou, para as heranças de família despedaçadas no chão, para a mão da Sra. O'Hare, enrolada em seu avental empapado de sangue.

– Desculpe. Sinto muito mesmo! – grita ela.

– Tudo bem, querida – sussurra a Sra. O'Hare.

Maura enterra a cabeça no peito da Sra. O'Hare e ela acaricia seu cabelo.

Ela é mais capaz de perdoar do que eu.

O cocheiro entra pela porta; ele é alto, tem ombros largos, nariz fino e adunco e uma cicatriz serrilhada no queixo. Eu o reconheço – é um dos homens que prenderam Gabrielle Dolamore. Ele estava na rua com Brenna hoje à tarde.

– Cyrus! – vocifera o Irmão Ishida. – Vá até a cidade e reúna o conselho. Traga todos aqui imediatamente. Identifiquei duas bruxas nesta residência.

Os olhos de Cyrus nos examinam com nojo.

– Sim, senhor – diz ele, dando meia-volta e desaparecendo no crepúsculo.

O Irmão Ishida anda de um lado para outro em um círculo pequeno.

– Nem preciso de testemunhas. Vi a prova com meus próprios olhos. No entanto, é melhor ser detalhista. Senhorita Cahill, estava ciente da traição de suas irmãs? Já as viu cometer atos de bruxaria antes desta noite?

Estou em silêncio, olhando para meus dedos entrelaçados.

– Responda, menina! Tinha ciência de que suas irmãs são bruxas?

Continuo em silêncio.

Ele atravessa a sala e me dá um tapa no rosto. Com força suficiente para fazer minha cabeça ir para trás e me fazer cambalear até a parede.

– Cate! – berra Tess.

Coloco a mão na bochecha, que arde. Maura e eu já trocamos empurrões, já puxamos o cabelo uma da outra, mas ninguém nunca me bateu. A dor faz lágrimas brotarem nos meus olhos, mas as contenho. Não vou lhe dar a satisfação de chorar.

– Você não vai me ignorar – ameaça o Irmão Ishida, com os olhos escuros brilhando em seu rosto enrugado. – Sou mais velho e melhor do que você. Vai responder. *Agora*. Tinha ciência da bruxaria das suas irmãs?

– Não.

Baixo os olhos para o chão e mordo o lábio. Não vai ajudar nada se eu lhe disser o que penso dele.

Agora está chovendo. Os pingos batucam contra o telhado e um vento frio sopra pelo corredor, trazendo consigo o cheiro de folhas úmidas e de grama morta.

A Sra. O'Hare se desloca para a cozinha. O Irmão Ishida ergue a mão para detê-la.

– Onde pensa que vai?

– Vou buscar algumas bandagens e unguento para a senhorita Maura – responde ela.

– Não. Ninguém deve deixar esta sala até os guardas chegarem. – O Irmão Ishida se volta para Lily, que treme perto da porta, com seus olhos castanhos de vaca arregalados e ingênuos. – Senhorita Belfiore, já tinha presenciado mais algum acontecimento estranho aqui?

Lily hesita, e ele franze a testa.

– Senhorita Belfiore, a sua primeira obrigação é para com o Senhor. Precisamos eliminar a bruxaria em qualquer lugar que a encontremos para que não crie raízes e se espalhe pelo nosso país como veneno. Fale.

– Já vi coisas – sussurra Lily. Ela fixa os olhos nas botas dele. Uma mecha de cabelo castanho cai em seu rosto. – Coisas que não parecem naturais. Flores que se abrem fora de estação. Comida preta queimada com um sabor divino. Coisas

que estão ali em um minuto e, no seguinte, desaparecem.

Ah, não. Sempre tentei tomar cuidado para que os criados não vissem nada que não pudessem explicar. Ainda assim, nunca realmente acreditei que iriam depor contra nós. A Sra. O'Hare nos ama, e Lily... bom, ela é uma boa moça que frequenta a igreja, mas sempre foi muito tímida. Está conosco há anos, desde que a Mãe morreu.

– Obrigado, senhorita Belfiore. – O Irmão Ishida sorri. – Foi muito útil.

– Foi uma dedo-duro ingrata – protesta Maura.

– Silêncio, bruxa! – esbraveja o Irmão Ishida. – Senhorita Teresa, venha cá.

Tess desce a escada devagar. Ela mantém a cabeça altiva, mas está tremendo – igual a Arabella caminhando pela prancha. Para ao lado de Maura.

O Irmão Ishida lança um sorriso cruel para elas.

– Quando meus guardas chegarem, vão algemá-las. Os outros integrantes do conselho dos Irmãos vão me ajudar a dar uma busca nesta casa para encontrar provas contra vocês, apesar de não precisarmos de mais nada. Serão levadas para celas separadas e detidas para serem julgadas amanhã. Não deve haver dúvidas em relação à sua bruxaria. Serão sentenciadas ao navio-prisão ou ao hospício. Acredito que isso seja mais do que vocês merecem. Quando minha bisavó foi presa por bruxaria, foi enforcada na praça principal. Se dependesse de mim, eu iria ressuscitar as fogueiras.

A calma cheia de maldade em sua voz é apavorante, como se estivesse falando do tempo, não do assassinato das minhas irmãs.

As duas estão quietas.

– Vocês escutaram? Entendem o que merecem?

– Sim – sussurra Maura, olhando com ódio para o chão.

Tess ergue a cabeça. Ela olha primeiro para o Irmão Ishida e depois para Lily – olhares longos e detalhistas, como se estivesse gravando o rosto deles na memória.

– *Dedisco* – pronuncia ela.

Prendo a respiração. Um silêncio momentâneo vai crescendo e enche a sala. A chuva cai forte lá fora.

Então Lily balança a cabeça. Seus olhos ficam arregalados de surpresa quando olha para a bagunça no hall.

– O que aconteceu? – pergunta ela, arfando.

Lily não se lembra. O feitiço de Tess funcionou.

Eu me encho de temor.

Pensei que ser protagonista de uma profecia fosse a pior coisa possível. Mas a ideia de que talvez não seja eu, e sim Tess...

Isso me amedronta ainda mais.

– Foi uma tempestade terrível – diz Tess com cuidado. – O vento fez a porta abrir e entrou com tudo. Foi um horror. Parecia um tornado.

O Irmão Ishida agarra o pilar do corrimão da escada. Ele se segura nele em busca de apoio, respirando pesado.

– Está tudo bem, senhor? – pergunto, e tiro qualquer vestígio de hostilidade do rosto.

Precisamos fazer isso da maneira correta.

– Não estou me sentindo bem – responde, com a voz tão cinzenta quanto seu rosto.

– É compreensível, senhor. Foi apavorante. Vidro para todos os lados. Teve sorte de não se ferir.

– Graças ao Senhor – murmura ele.

– De fato. – Fico com os olhos fixos em seu rosto. – Posso acompanhá-lo até a porta? Obrigada por ter vindo até aqui nesta noite, senhor.

Ele me segue pelo terraço.

– De nada, senhorita Cahill. Eu vim aqui para... para...

Ele não se lembra. Ele não se lembra de nada! A magia de Tess funcionou.

As árvores se agitam lá no alto. Relâmpagos iluminam a entrada.

– O senhor me deu sua bênção para anunciar minha intenção antecipadamente. Amanhã de manhã durante o culto.

– Claro, claro. Faremos a cerimônia de costume. Acredito que não haja mais ninguém marcada para amanhã. E o seu pai aprova? – indaga ele.

– Ah, sim. O Pai está muito contente.

– Excelente. – Ele espia a entrada escurecida pela chuva. – Onde foi parar minha carruagem?

– Talvez seu cocheiro a tenha levado até o celeiro para esperar a tempestade passar – sugiro.

– Ah, lá vem ela – diz ele, e aponta para a carruagem que sacoleja pela entrada. Meu estômago se aperta, esperando outra fazer a curva a qualquer momento. E agora, o que faremos? Nós três não vamos ter poder suficiente para modificar a memória de todos os membros do conselho, mais os guardas extras. Ainda estaremos arruinadas.

Mas este veículo não tem o selo dourado dos Irmãos na lateral.

– Não é a minha – explica ele, bem quando ela para na frente do terraço.

Elena Robichaud salta quase antes de as rodas pararem de girar e suja de lama sua capa preta. Ela faz uma careta e se vira para a carruagem, estende o braço e ajuda a Sra. Corbett a se juntar a ela com cuidado. Elas chapinham até o terraço e ficam lá paradas, encolhidas na chuva.

– Irmão Ishida – cumprimenta a Sra. Corbett, e seu rosto se abre em um

sorriso. – Acabamos de passar pelo seu cocheiro caminhando pela estrada.

– Caminhando? – inquire o Irmão Ishida. – Mas por que diabos? Ele foi embora e me deixou plantado aqui. Onde está minha carruagem?

– Bem perto da cidade. Uma roda quebrou – explica a Sra. Corbett.

Há um brilho de satisfação estranho em seus olhos castanhos.

– Deve ter sido a tempestade. Os ventos estão muito fortes aqui – contribuo. – Tanto barulho... Deve ter sido um tornado. Senhora Corbett, acha que sua carruagem pode levar o Irmão Ishida de volta à cidade? Ele não está passando bem. Ou podemos pedir a John...

– Pode tomar minha carruagem emprestada, senhor. – A senhora Corbett interrompe minha tagarelice nervosa. – Fico aqui para me assegurar de que as meninas estão bem.

– Obrigado. Bom dia, senhorita Cahill – diz o Irmão Ishida, que dispensa as bênçãos de praxe e sai correndo pela chuva forte.

Elena treme em sua capa.

– Nós detivemos o cocheiro – conta ela, com os dentes batendo. – Gillian quebrou a roda e fiz com que ele se esquecesse de sua tarefa. O que aconteceu, Cate? O que vocês fizeram?

Nós?

Fico olhando para a cara de sapo da Sra. Corbett. Finalmente, cai a ficha. Fui muito estúpida por não ter percebido antes. Foi ela quem recomendou Elena. Ela que disse às Irmãs que éramos bruxas. Toda a intromissão dela desde que a Mãe morreu... Há quanto tempo está nos espionando?

Minha boca fica seca e preciso engolir várias vezes antes de conseguir falar.

– Você também é bruxa.

– E integrante da Irmandade, antes do meu casamento. Depois que meu marido morreu, voltei a oferecer meus serviços. Minhas duas filhas são inúteis. Fui enviada a Chatham especialmente para cuidar de vocês três, para garantir que não chamariam a atenção. Vocês poderiam ter facilitado as coisas. Mas que enorme confusão aprontaram! Ouvi dizer que causaram dificuldades para nossa querida Elena.

– O que aconteceu com seu rosto? – Elena me pergunta.

Passo a mão no inchaço causado pelo anel do Irmão Ishida, o anel de prata que todos os Irmãos usam na mão direita para demonstrar sua devoção ao Senhor.

– Impertinência.

Elena ergue as sobrancelhas e um sorrisinho repuxa em seus lábios.

– Não posso dizer que não merece. Vamos entrar. Está congelante aqui fora.

Do lado de dentro, Maura está sentada no degrau mais baixo só de camisola e

corselete, com a Sra. O’Hare a seu lado, passando unguento em sua bochecha. O braço direito e a palma da mão estão enrolados com faixas grossas de linho branco, onde caiu sobre o vidro quebrado. Atrás dela, Tess está refazendo a trança em seu cabelo.

– Pelos céus! – exclama a Sra. Corbett. – O que aconteceu aqui?

Maura se levanta desequilibrada, agarrando o vestido estragado junto ao peito, com dois pontos bem vermelhos nas bochechas.

– Foi a tempestade – responde Tess.

– Foi Maura – digo. Tess parece chocada; Maura, envergonhada. – Onde está Lily?

– Nós a mandamos para casa. Ela queria ficar e ajudar a arrumar a bagunça, mas achei que era melhor... – A voz da Sra. O’Hare vai sumindo, seu queixo trêmulo se firma, seus olhos azuis observam aguçados as duas recém-chegadas. – Eu não permitiria que nada acontecesse às minhas meninas, jamais. Sei a verdade desde que você começou a virar tudo de cabeça para baixo, Cate. Maura, venha para o seu quarto. Vamos acender a lareira e vou cuidar da sua mão. Talvez precise de pontos; está sangrando sem parar na bandagem.

– Espere – interrompe a Sra. Corbett. – Lily Belfiore testemunhou tudo isso com o Irmão Ishida?

– Sim – responde Tess, e segura a mão de Maura na sua. Maura olha para Elena com ódio. – Mas ela não se lembra de nada.

– Nem ele – informo. – Foi um trabalho bem completo.

– E qual de vocês desempenhou a magia neles? – indaga a Sra. Corbett, com olhos brilhantes famintos, examinando cada uma de nós três.

Dessa vez eu não hesito. Já desconfiam de mim. Não podem saber sobre Tess.

– Fui eu.

A Sra. Corbett e Elena trocam um olhar.

– Vamos para a sala. Temos diversos assuntos a discutir com você, senhorita Cate.

– Eu também vou – anuncia Tess, e começa a descer a escada.

– Acredito que esta conversa seja melhor em particular – diz a Sra. Corbett.

– Claro que sim – digo com suavidade. Não quero que Tess veja como estou com medo. Passo a mão em seu cabelo louro e macio. – Vá ajudar a senhora O’Hare com Maura.

Tess lança um olhar cheio de dúvidas para mim.

– Tudo bem.

Na sala, o fogo queima forte. A Sra. Corbett tira a capa e se acomoda no sofá, com Elena a seu lado. Ocupo a poltrona azul alta em frente a elas.

– Acredito que deva sua gratidão a Elena e talvez um pedido de desculpas –

começa a Sra. Corbett.

Cerro os dentes.

– Obrigada por deter o cocheiro. Estou muito agradecida pelo fato de que minhas irmãs não serão levadas para Harwood amanhã pela manhã.

A Sra. Corbett me olha feio.

– Não ouvi nenhum pedido de desculpa.

Cruzo as pernas na altura dos tornozelos e me recosto na poltrona.

– Não vou pedir desculpas. Essa confusão nunca teria acontecido se Elena não tivesse feito Maura pensar que tinha sentimentos por ela... Sentimentos de natureza romântica.

– Não – contesta a Sra. Corbett, com a voz aguda. – Essa confusão, como você chama, não teria acontecido se você simplesmente cooperasse conosco. Não haveria necessidade de Elena empregar uma tática repugnante. Você se mostrou obstinada a cada passo do caminho. Ela tem sido muito mais paciente com você do que eu seria se estivesse em seu lugar.

Fico em silêncio.

– Cate, sinto muito, de verdade – diz Elena. – Não me dei conta de que os sentimentos de Maura eram tão intensos. Percebi que ela estava perdendo o controle quando eu estava saindo. Por isso fui chamar a Irmã Gillian.

– Pelo que aconteceu hoje, ficou claro que Maura é instável – afirma a Sra. Corbett. – Ela representa um perigo para si mesma e, levando em conta o que sabe, para a Irmandade. Precisa receber cuidados, e de alguém que tenha poder suficiente para evitar mais acidentes.

Eu me agito na cadeira e me inclino para a frente, desesperada.

– Ela tem a mim. Posso cuidar dela. Vou ensiná-la a se controlar.

– Acredito que essa não seja uma boa ideia. Elena disse que já existe muita tensão entre vocês duas. Levando em conta a natureza da profecia, estamos ansiosas para que vocês duas se deem bem. Não queremos perder uma de vocês por enquanto.

Aliso as saias com a mão trêmula.

– Você não pode achar... Nós discutimos de vez em quando, como acontece entre irmãs. Mas Maura jamais me prejudicaria.

Não de propósito, uma voz impertinente sugere.

– Não podemos correr esse risco. Não se vocês forem as três irmãs. E, cada vez mais, parece que são. Não é nada fácil modificar mais de uma memória ao mesmo tempo. Isso é trabalho de uma bruxa muito poderosa, Cate. Se os irmãos descobrissem sobre vocês três, iriam se deleitar em transformá-las em exemplo. Talvez sirvam de pretexto para retomarem métodos antigos. Métodos terríveis.

Meus olhos recaem na lareira, nas chamas alaranjadas que dançam. Na

madeira que estala com o fogo. Nas brasas que brilham vermelhas por baixo.

Se dependesse de mim, eu iria ressuscitar as fogueiras.

– O que vocês iriam me obrigar a fazer? – pergunto.

Dou uma olhada no retrato de família acima da lareira, na Mãe com Tess aninhada em seus braços.

– Maura e Teresa têm que aprender a controlar sua magia. Precisam aprender o que são capazes de fazer sem a sua interferência. Elena se ofereceu para ficar e lhes ensinar.

– O quê? Não!

Eu me levanto de um salto, mas a Sra. Corbett faz um gesto com a mão e sou lançada de volta à cadeira, sem fôlego.

– Sente-se e escute – ordena ela. – Elena não vai comprometer sua irmã, de maneira nenhuma, se é essa a sua preocupação.

Respiro fundo, trêmula, sentindo culpa pelo que estou prestes a sugerir.

– As Irmãs... Maura quer se juntar às Irmãs. Deixem que ela vá. Ficarei aqui com Tess.

– O que Maura quer é irrelevante. Achamos que é melhor vocês duas ficarem separadas no momento, para sua própria proteção. Se você estiver com as Irmãs em Nova Londres, ela não poderá ir para lá. E simplesmente não existe outra opção para uma bruxa como você.

Escolho as palavras com cuidado.

– Recebi uma proposta de casamento. Quero aceitar.

– Receio que isso não seja possível. – A voz da Sra. Corbett é lisa como um espelho. – Seus dons não podem ser desperdiçados com um casamento. O lugar de uma bruxa do seu calibre é junto à Irmandade.

A raiva cresce dentro de mim, intensa e forte. Eu pertenço a *mim mesma*.

Agarro o braço de madeira da poltrona, as pontas dos meus dedos ficam brancas.

– E se eu não concordar? Vão me forçar?

A Sra. Corbett se inclina para a frente.

– Você não disse quem se propôs a se casar com você.

Não hesito. Elas não podem saber sobre Finn.

– Paul. Paul McLeod. Você me perguntou sobre ele durante o chá, não foi?

– E você não reagiu como uma garota apaixonada – desdenha a Sra. Corbett.

Elena se levanta. Ela caminha até a lareira e estende as mãos para esquentá-las.

– Vi você com o jardineiro – afirma ela, de costas para mim. – Finn Belastra, não é? Vocês dois pareciam se gostar muito, afinal, ele estava segurando a sua mão. E, desconfio, pela maneira como você mesma perdeu o controle da magia,

que fizeram um pouco mais do que apenas se dar as mãos.

– Não vamos modificar a sua mente, nem a das suas irmãs. Vocês são valiosas demais para isso – garante a Sra. Corbett. – Certamente preferiríamos que você viesse até nós de bom grado. Mas, se isso não acontecer, faremos tudo que pudermos para convencê-la. O que Finn acharia se a mãe dele fosse presa pelos Irmãos? Ou aquela irmãzinha dele?

– Mas elas não são bruxas.

Minha vontade é me levantar. Lutar contra elas com todas as minhas forças. Mas sei que elas só iriam me fazer sentar de novo. Estão determinadas a provar sua dominância. Ainda assim, preciso de todo o meu autocontrole para ficar lá sentada escutando.

– Elas não fizeram nada! – reclamo.

– Isso não terá importância para os Irmãos – cacareja a Sra. Corbett.

– E ainda temos a memória *dele*. Seria muito triste se a esquecesse – insinua Elena, virando-se de frente para mim, uma silhueta escura contra o fogo.

A Sra. Corbett fica de pé.

– A escolha é sua, Cate. O que vai ser?

capítulo

21

Sento-me espremida entre Tess e Elena no banco duro de madeira. O Irmão Ishida faz seu discurso monótono no púlpito. A qualquer momento, ele vai chamar o meu nome. Eu me sinto corada e pálida ao mesmo tempo e passo mal de tanta ansiedade.

Ao meu lado, Tess brinca com o colar, um pequeno pingente de ouro que a Mãe lhe deu quando fez 8 anos. No ano passado, quando o fecho quebrou, ela o perdeu no jardim e ficou inconsolável durante horas. Eu a ajudei a examinar a grama até encontrarmos. Acho que ela o usa quando precisa de um pouco de conforto extra.

A um assento de distância, Maura está sentada imóvel como uma estátua. Ela não me olhou nos olhos a manhã toda, mas não sei dizer se é por vergonha ou raiva. Não se deu ao trabalho de pentear o cabelo de modo a esconder o corte em sua bochecha e está usando um de seus vestidos velhos e fora de moda, em vez de um modelo novo. Ela nem queria ir à igreja, mas Elena não permitiu.

Fiquei de boca fechada quando Elena deu suas ordens, apesar de isso me irritar profundamente. Do mesmo modo que aconteceu ontem à noite, quando ela me disse para ficar longe das minhas irmãs até anunciar minha decisão. Argumentou que era para o bem delas, para impedir que fizessem uma tolice. Chorei até dormir, encharcando meu travesseiro de lágrimas. Então acordei antes do sol, de olhos secos e cheia de resolução.

– Senhorita Catherine Cahill – ruge o Irmão Ishida. – Venha até a frente declarar sua intenção perante o Senhor.

Sussurros de surpresa se espalham por todo o salão com as especulações dos meus vizinhos. Rostos se viram na minha direção. No banco à minha frente, Sachi torce o corpo para me encarar. Rory está ausente da igreja hoje.

– Já? Vai ser McLeod, no final das contas? – sussurra Sachi.

Tess puxa minha manga.

– O que você está fazendo, Cate?

Não respondo. Fico em pé, ajeito minha saia cor de vinho e caminho pelo corredor da igreja até a parte da frente. Fico de costas para os sussurros, de frente para o Irmão Ishida. Ele parece totalmente recuperado hoje, com o rosto sem rugas e sem preocupações. É estranho voltar a olhar em seus olhos, que queimam com o fervor de costume, mas sem nada do ódio amargo que ele exibiu na noite passada, e saber que não se lembra de absolutamente nada.

Graças ao Senhor ele não se lembra de nada. Graças a *Tess*.

– Senhorita Cahill, reconhece a seriedade desta cerimônia? Ela exige que assuma um compromisso com o caminho que escolheu aos olhos do Senhor e desta comunidade. Não é algo que deve ser feito de maneira leviana. Uma vez que tenha declarado sua intenção, a Fraternidade e todos os seus vizinhos vão lhe prometer apoio.

– Sim, senhor.

Ele se afasta para o lado. Eu subo e olho para o mar de rostos. Este é o único momento em que as mulheres têm o direito de subir ao púlpito.

Vista daqui, a congregação é enorme, centenas dos nossos vizinhos reunidos com suas roupas mais bonitas. Todos esperando com interesse pelo que tenho a dizer. É uma sensação perturbadora.

– Catherine Cahill, qual é a sua intenção?

Eu não hesito. Minha voz é alta, clara e perfeitamente cheia de confiança.

– Aos ouvidos do Senhor e de todos aqueles que testemunham minhas palavras, eu me ofereço à Irmandade.

Os sussurros explodem. Ninguém de Chatham entra para a Irmandade há anos, e suponho que eu não parecesse uma candidata muito provável. O Irmão Ishida titubeia por um momento, mas logo já está falando sobre o chamado nobre e honroso da Irmandade.

Mas as palavras dele parecem fracas e distantes, como se estivessem chegando até mim do fundo de um longo corredor mal iluminado. Está feito.

A parte seguinte é a mais difícil. Ergo os olhos para o fundo da igreja. Paul está sentado ao lado da mãe, lindo até com o coração partido. Vejo o rigor do maxilar quadrado, a maneira como ele se esforça para controlar as emoções. Minha escolha deve parecer incompreensível a ele. Mas não sou mais a menina solta e descuidada que chapinhava no lago ou caminhava por cima da cerca do chiqueiro. Nunca mais vou ser aquela Cate. É melhor que ele saiba disso agora.

Sachi está cochichando com Rose Collier por trás de seu leque cor-de-rosa; a pena azul de seu cabelo se agita furiosa.

Atrás dela, a indiferença de Maura desapareceu. Ela agarra o banco com as duas mãos, seus nós dos dedos estão brancos, os olhos azuis engolem seu rosto. Enquanto estou olhando, Tess chega mais perto dela. De algum modo, no último dia, o papel delas se inverteu; Maura se tornou frágil, e Tess, sua protetora.

Por último, e o mais horrível, Finn. Irmão Belastra, agora. Sentado pela primeira vez no banco da frente com os outros, vestido da cabeça aos pés de preto. Ele já se comprometeu com este caminho. A loja está fechada – vi o cartaz na porta quando nossa carruagem passou na frente. Ele passa a mão pelo cabelo desgrenhado, com os olhos de chocolate estupefatos. Não era isso que ele

esperava que eu fosse dizer.

Em um gesto inconsciente, levo os dedos ao inchaço na minha bochecha. O rosto de Finn se fecha e ele coloca a mão na bota em um gesto de reflexo. Balanço a cabeça negativamente de um jeito quase imperceptível. O que ele poderia fazer? Nada.

Não há nada que ninguém possa fazer. Eu escolhi isto.

– Catherine Cahill, as bênçãos da Fraternidade estão sobre você. Pode ir em paz para servir o Senhor – anuncia o Irmão Ishida.

Baixo a cabeça.

– Sinto-me agradecida.

O resto da congregação ecoa.

Nossos vizinhos se levantam e se espreguiçam. Alguns vêm na minha direção (incluindo Finn), mas Elena se adianta. Ela me puxa para o canto, separando-me dos curiosos, vestidos com suas melhores roupas.

– Está na hora de ir, Cate. A carruagem está esperando – avisa Elena.

Ela sorri e mostra seus dentes perfeitos, como se estivesse me enviando para um piquenique delicioso, e não para uma sentença de prisão que ela mesma criou.

Finn está muito perto.

– Posso falar com ele por cinco minutos? Para me despedir? – peço.

Eu me detesto pela evidência de anseio na voz.

– Não acho que seja prudente, não concorda? Por que prolongar o inevitável?

Não vou implorar. Não vou lhe dar essa satisfação.

– Posso ir para casa pegar algumas coisas, pelo menos?

– Suas irmãs podem dar conta disso para você. Vamos enviá-las em breve. Venha, Cate. Nada de delongas – diz ela, e vai seguindo para fora da igreja.

Finn coloca a mão no meu braço, pega no meu pulso com seus dedos quentes. Se eu permitisse, ele iria me puxar pelo meio da multidão para longe de tudo isso.

Mas não posso permitir. Não posso nem olhar para ele ou vou começar a chorar. Fico olhando para as sardas cor de canela que salpicam as costas de sua mão.

– Adeus – digo para o assoalho de madeira.

Enfio a mão no bolso e tiro de lá o anel de rubi de Marianne. Meu anel de noivado. Não posso ficar com ele, não seria justo. Ele deve estar livre para oferecê-lo a outra pessoa, apesar de esta ideia me fazer querer morrer. Coloco na mão dele e fecho seus dedos ao redor.

– Cate – chama ele, e o desespero em sua voz quase me desmancha. – Por quê?

– Vamos andando – ordena Elena.

Maura chega correndo, abrindo caminho pelo meio da multidão.

– Deixe-me ir no seu lugar. Por favor, Cate, não me deixe aqui com ela.

Há tanto que eu quero dizer... a Finn, às minhas irmãs. Mas não assim. Não com Elena e a Sra. Corbett escutando, pesando minhas palavras, procurando pontos sensíveis para atacar.

– Você vai ficar com Tess. Cuidem uma da outra – consigo dizer.

Encontro os olhos cinzentos de Tess e um pouco de compreensão passa entre nós. Ela faz um aceno com a cabeça, solene como uma promessa.

Eu sigo. Caminho pela igreja, saio pela porta larga e desço para o calçamento de pedras ladeado de crisântemos brancos. Sinto-me como se estivesse sendo arrastada para meu próprio enterro, com os enlutados em seu cortejo atrás de mim. Meu sorriso desaparece, mas mantenho a cabeça erguida.

Entro em uma carruagem preta fechada, adornada com o selo dourado das Irmãs. A Sra. Corbett se aperta ao meu lado. Ela vai me acompanhar na viagem até Nova Londres. Provavelmente para se assegurar de que não vou mudar de ideia e fugir. Ela bate na porta e o cocheiro faz os cavalos avançarem. Estamos a caminho.

– Você fez o que é certo, Cate – diz ela. – No final, vai ver que sim.

Mas já estou vendo. Para proteger as pessoas que amo, eu faria tudo de novo.

Só espero ser capaz de viver com as consequências.

agradecimentos

Este livro é um sonho que se tornou realidade, mas não teria existido sem a ajuda de muitas pessoas maravilhosas. Agradeço a todos que me acompanharam no caminho para a publicação e me deram ânimo, fosse on-line ou pessoalmente. Seu apoio significou muito para mim.

Obrigada a Jim McCarthy, meu agente incrível e paciente, por se arriscar por mim. Gosto de pensar em você como Yente, de *Um violinista do telhado*, unindo autores e editores, e você fez a melhor combinação que eu poderia querer.

Obrigada a Ari Lewin, meu excelente editor, por gostar da minha história. Por me desafiar e nunca deixar que eu me contentasse com algo que não fosse o meu melhor e por ser engraçado e generoso. A Paula Sadler pelas ideias geniais. A Elisabeth Wood pela linda capa. E ao restante da equipe da Putnam e da Penguin Young Readers: sou mais do que grata por seu trabalho duro e pela empolgação com as bruxas Cahill.

Obrigada a todos os autores que me inspiraram e me receberam nesta fantástica comunidade de jovens leitores. Aos Apocalypsies por serem um grupo de ajuda fabuloso e por compartilharem comigo essa jornada. Sinto-me honrada por estar em sua companhia e mal posso esperar para ler todos os seus livros! A Jacklyn Dolamore por gostar de minha versão preliminar e por responder todas as minhas perguntas de autora novata. Às minhas agentes-irmãs, Robin Talley e Caroline Richmond, que compartilharam o entusiasmo e a loucura e me deram um apoio extraordinário a cada passo. E a Kathleen Foucart Walker, a melhor parceira e crítica, por ler cada rascunho deste livro, trocando e-mails, fazendo perguntas inteligentes e sempre me dizendo que eu era capaz de fazer isto. Mal posso esperar até chegar a sua vez.

Obrigada ao Departamento de Teatro da Washington College, onde aprendi a apreciar a colaboração criativa. Vocês me ensinaram a fazer perguntas e dar feedback construtivo.

Obrigada ao pessoal da CUA Press por me ver crescer, ficar feliz por mim e ser tão compreensivo quando saí para seguir o meu sonho.

Obrigada a todos os amigos por demonstrarem interesse e investirem neste livro. A Anne Chan por suas ótimas fotos. A Liz Auclair e Laura Furr por me tirarem da toca e sempre perguntar como o livro estava indo, apesar de vocês duas terem coisas fantásticas acontecendo em sua vida. A Jill Coste por me distrair com lindos vestidos e receitas de *cupcake* quando eu precisava de um

tempo. E a Jenn Reeder por ser minha melhor amiga, leitora alfa e fã número 1: eu estaria perdida sem você e nossos encontros de terça à noite.

Agradeço à minha família por sempre me dar apoio. Um obrigada especial às minhas irmãs, Shannon Moore e Amber Emanuel, que me fazem rir e me deixam maluca. Sem vocês, acho que não teria sido capaz de escrever sobre o relacionamento de Cate com Tess e Maura de maneira tão convincente. E aos meus pais, Connie e Chris Moore e John Emanuel – obrigada por tudo, especialmente por me deixarem ficar dentro de casa lendo o dia todo, em vez de cortar a grama. Parece que valeu a pena. Acho que vocês sempre souberam que eu estava destinada a fazer isso, quando nem eu mesma sabia.

Por último, mas não menos importante, agradeço a Steve Spotswood, meu brilhante marido dramaturgo. Por ler tudo, me trazer chá, fazer brainstormings na varanda, preparar os melhores sanduíches, me fazer rir quando estou ansiosa e, acima de tudo, por acreditar em mim quando eu não acredito em mim mesma. Amo você.

sobre a autora

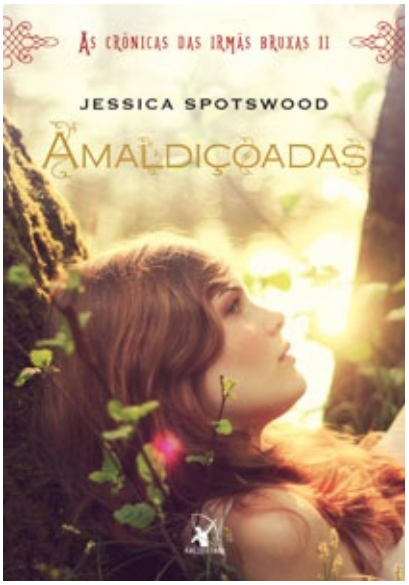


© Anne Chan

JESSICA SPOTSWOOD cresceu em uma cidade no interior da Pensilvânia, onde podia ser vista nadando, tocando clarineta, ensaiando para as peças da escola ou, principalmente, com o nariz enfiado nos livros. Escreve desde pequena, mas acabou se formando em artes cênicas. Mora em Washington com o marido dramaturgo e um gato chamado Monkey.

Visite seu site: www.jessicaspotswood.com

LEIA UM TRECHO DE



Amaldiçoadas

PRÓXIMO VOLUME DA SÉRIE
AS CRÔNICAS DAS IRMÃS BRUXAS

capítulo

1

Eu me sinto uma verdadeira fraude.

Estou com Alice Auclair e Mei Zhang em um corredor estreito de um prédio de apartamentos que fede a carne cozida e repolho. Estamos todas trajadas da mesma maneira: capas de lã preta por cima de vestidos austeros de veludo preto, com as pontas das botas pretas de salto aparecendo por baixo das saias que vão até o chão e o cabelo puxado para trás de modo simples e recatado. Este é o uniforme da Irmandade e, apesar de nenhuma de nós ser membro pleno por enquanto, estamos participando de uma missão beneficente das Irmãs. Carregamos cestas de pães e legumes produzidos no convento. Mantemos os olhos baixos e a voz controlada.

Ninguém pode desconfiar do que somos na realidade.

Alice bate à porta. Belos brincos de ônix balançam em suas orelhas em forma de concha. Até mesmo em uma missão para dar comida aos pobres ela encontra um jeito de exibir a posição de sua família. Um dia o orgulho dela será sua ruína.

Eu me delicio um pouco com essa ideia.

A Sra. Anderson abre a porta. Ela é viúva, tem 23 anos, cabelo louro num tom mais claro do que o meu e expressão sempre atarantada. Ela nos faz entrar, agitando as mãos como mariposas pálidas no lusco-fusco de novembro.

– Irmãs, muito obrigada por terem vindo – agradece.

– Não há necessidade de nos agradecer. Ajudar aos menos afortunados faz parte de nossa missão – afirma Alice, e faz uma careta para o apartamento apertado de dois cômodos.

– Sinto-me agradecida. – A Sra. Anderson aperta minha mão entre suas palmas gélidas. Ela ainda usa a aliança de ouro, apesar de o marido ter morrido há três meses. – O meu Frank era um bom provedor. Nós sempre pagávamos todas as contas. Não gosto de depender de caridade.

– Claro que não – digo.

Dou-lhe um sorriso um pouco torto ao me afastar. Tendo em vista nossa dissimulação, a gratidão dela faz com que eu estremeça.

– A sua sina tem sido muito dura. Logo vai se recuperar – Mei garante a ela.

A febre que acometeu toda a cidade em agosto levou o Sr. Anderson e o filho mais velho do casal, deixando a viúva responsável por sustentar as duas crianças que tinham sobrevivido.

– Não é nada fácil ser uma mulher só no mundo. Eu trabalharia mais horas na loja, se pudesse. – A Sra. Anderson coloca a jarra de leite na caixa de gelo. –

Mas agora está escurecendo cedo, e não gosto de voltar para casa sozinha.

– Não é seguro uma mulher ficar na rua à noite – comenta Mei.

Ela é baixinha e forte; precisa ficar na ponta dos pés para guardar um pote de geleia de maçã na prateleira ao lado dos legumes enlatados.

– Existem muitos estrangeiros nesta parte da cidade. A maioria nem sabe falar inglês direito. – O capuz de Alice cai para trás e revela o cabelo dourado que faz lindos cachos a partir de sua testa pálida. Olhando para ela, nunca daria para imaginar a víbora que é. – Como saber que tipo de gente eles são?

Mei fica corada. Os pais dela imigraram da Indochina antes de ela nascer, mas ainda falam chinês em casa. Ela é a única chinesa no convento e fica envergonhada com isso. Ouso dizer que Alice sabe muito bem disso; ela tem talento para cutucar a ferida das pessoas.

A antiga Cate Cahill teria repreendido Alice, mas a Irmã Catherine apenas ajuda Mei a tirar batatas-doces e abóboras das sacolas e dispô-las sobre a mesa de madeira. As Irmãs não podem se dar ao luxo de perder a paciência – pelo menos não fora dos muros do convento. Em público, precisamos ser um modelo de compostura.

Eu detesto estas visitas.

Não é que eu não tenha compaixão pelos pobres. Tenho compaixão de sobra. Só não consigo deixar de imaginar o que eles iriam pensar se soubessem a verdade.

As Irmãs posam como uma ordem de mulheres que dedicam a vida ao serviço de caridade para o Senhor. Nós entregamos comida para os pobres e cuidamos dos doentes. Essa é de fato a verdade, mas também é verdade que somos bruxas, todas nós, disfarçando-nos às vistas de todo mundo. Se as pessoas descobrissem o que somos na realidade, a gratidão delas iria se transformar em medo. Elas nos considerariam pecaminosas, malvadas e perigosas; e iriam nos trancar no hospício... ou coisa pior.

A culpa não é delas. É isso que os Irmãos pregam na igreja todo domingo. Poucos iriam se arriscar a ir contra eles, e essa gente pobre já tem menos do que a maioria.

Por mais gentil que possa parecer, a Sra. Anderson nos entregaria. Seria a obrigação dela, para proteger os filhos. Todos agiriam assim.

– Irmã Catherine! Você voltou!

Um menininho sai correndo do quarto com as mãos cheias de peças de um jogo e a boca suja da geleia de groselha que trouxemos na semana passada do celeiro da Irmã Sophia. Alice se desvia dos dedos melados dele.

– Bom dia, Henry – cumprimento.

Esta é minha terceira visita ao apartamento da família Anderson, e Henry e eu

nos tornamos amigos depressa. Acho que ele é solitário. Agora que a mãe sai para trabalhar, ele e a irmã menor ficam com uma vizinha idosa o dia inteiro. Não deve ser muito divertido.

– Henry, deixe a Irmã Catherine em paz – censura a mãe dele.

– Tudo bem. Ele não me incomoda.

Pego o último item da minha cesta, um pote de tomates vermelhos suculentos com as sementes flutuando no caldo. Quando me ajoelho, meus olhos passam por Henry e vão até os estrados cheios de palha. Na primeira vez que estivemos aqui, eles tinham uma cama de casal bonita de mogno, uma cama embutida combinando para Henry e um guarda-roupa, mas Lavinia teve que vender tudo. Agora sua linda colcha azul do enxoval está arranjada bem direitinho por cima do estrado e as roupas estão guardadas em caixas de papelão.

Henry se senta, espalha as peças de um jogo chamado jacks no chão e sorri mostrando os dentes que caíram. Perdi a prática, mas, quando criança, eu era craque nesse jogo. Uma lembrança passa pela minha mente: Paul McLeod agachado na minha frente, no caminho calçado com pedras do jardim da minha casa, o sol quente de verão batendo forte sobre nós, o cheiro de grama recém-cortada à nossa volta.

No passado, recordar o meu amigo de infância teria feito com que eu sorrisse... mas isso não acontece mais. Tratei Paul muito mal, e nunca vou poder pedir perdão.

E nem foi ele que mais magoei. Esses pensamentos martelavam em minha cabeça, incessantemente.

– Eu andei treinando – anuncia Henry, e puxa as mangas de camisa encardidas que terminam na metade de seus braços magricelas. – Cheguei a nove ontem. Aposto que agora ganho de você.

– Isso é o que nós vamos ver.

Eu me acomodo na frente dele enquanto Alice, Mei e a Sra. Anderson se apertam no sofá marrom manchado e desconfortável, com as mãos juntas e a cabeça baixa, rezando. Eu devia me juntar a elas, mas o meu relacionamento com o Senhor anda frágil nos últimos tempos. Minha saúde é boa e estou a salvo dos olhos enxeridos dos Irmãos, mas é difícil me sentir agradecida quando todas as pessoas que amo estão em casa, em Chatham, e eu estou aqui em Nova Londres, sozinha.

Sinto saudade das minhas irmãs. Sinto saudade de Finn. A solidão faz um buraco no meu estômago.

Henry e eu estamos no sete quando alguém bate na porta com fúria. Fico paralisada com aquele som e a bola de borracha vermelha passa pulando pelas minhas mãos estendidas.

O bebê se agita no berço de madeira. A Sra. Anderson se inclina sobre a menina por um instante em seu trajeto até a porta.

– Shhh, Eleni – diz ela, e a doçura em sua voz faz com que eu sinta saudade da minha mãe.

Ela abre a porta para um pesadelo de capas negras e rostos severos. Dois Irmãos a empurram para o lado e entram no apartamento.

Meu coração para de bater. O que nós fizemos? Como nos entregamos?

Alice e Mei já estão em pé. Eu me apresso para atravessar a sala e me postar ao lado delas, Henry corre para o lado da mãe.

Um Irmão baixo e careca com rosto comprido e olhos azuis penetrantes dá um passo adiante.

– Lavinia Anderson? Sou o Irmão O’Shea, do Conselho de Nova Londres. Este é o Irmão Helmsley – diz ele, e aponta para um homem enorme de barba ruiva. – Recebemos um relatório de impropriedade.

Então, não tem a ver conosco.

O alívio toma conta de mim, seguido bem de perto pela culpa. Lavinia Anderson é uma boa mulher, uma boa mãe, gentil e trabalhadora. Não merece ser importunada pelos Irmãos.

Lavinia leva a mão fechada à boca e sua aliança brilha ao sol da tarde que vai se esvaindo.

– Não fiz nada de impróprio, senhor.

– Isso nós é que vamos decidir, não é? – declara O’Shea.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett *Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim,*
Cilada e *Fique comigo,* de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young *A farsa, A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich *Água para elefantes,* de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios,
Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião,
Uma curva na estrada, O casamento e *À primeira vista,*
de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo;*
A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e
Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss *A passagem* e *Os doze*, de Justin Cronin *A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11

Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Agradecimentos
Sobre a autora
Leia um trecho do próximo volume da série
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro